

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

VERLAN VALLE GASPAR NETO

NA *PEGAÇÃO*:

Encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora

Niterói – Rio de Janeiro

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

VERLAN VALLE GASPAR NETO

NA *PEGAÇÃO*:

Encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia.

Niterói – Rio de Janeiro

2008

Professor Orientador – Dr. Ovídio de Abreu Filho

Universidade Federal Fluminense

Professora Dr^a Tânia Stolze Lima

Universidade Federal Fluminense

Professor Dr. Hélio Raymundo. S. Silva

Fundação Oswaldo Cruz/ Viva Rio

Professora Dr^a Gláucia Oliveira da Silva (suplente)

Universidade Federal Fluminense

Professor Dr. Marcio Goldman (suplente)

Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Museu nacional

GASPAR NETO, Verlan Valle. 2008. **Na *pegação***: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

RESUMO

Esta dissertação é o relato etnográfico dos modos pelos quais alguns espaços de uso coletivo em Juiz de Fora, Minas Gerais, eram apropriados de forma relativamente clandestina por indivíduos do sexo masculino, para a realização de encontros homoeróticos, e reconhecidos por eles como pontos de *pegação*. Por extensão, pretende ser também um relato das práticas peculiares a cada um deles e das motivações que levavam os homens a frequentá-los. Nestas instaurações de verdadeiros blocos espaços-temporais de *pegação* (relações eróticas rápidas e anônimas), destacam-se o uso de técnicas corporais tanto para a obtenção de parceiros sexuais quanto para despiste, e de mecanismos de manutenção ordenada de seu funcionamento. Para a realização destes objetivos, foram levados em conta os diferentes tipos de sociabilidade engendrados em locais como banheiros e parques públicos, um cinema pornô e a sauna de um clube particular, salientando-se o coeficiente de anonimato exigido por cada um deles.

Palavras-chave: Antropologia Urbana, Espaço Urbano; Homoerotismo Masculino; Condições Sociais

GASPAR NETO, Verlan Valle. 2008. **Na *pegação***: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

ABSTRACT

This dissertation is the ethnographic report of the manners for which some spaces of collective use in Juiz de Fora, Minas Gerais, was appropriate in way relatively clandestine for male individuals, for the accomplishment of encounters homoerotic, and recognized by them as *pegação* points. For extension, it intends to be also a report of the peculiar practices to each one of them and of the motivations that took the men to frequent them. In these instaurations of true space-temporary blocks of *pegação* (fast and anonymous erotic relationships), they stand out the use of corporal techniques as much for the sexual partners obtaining as for mislead, and of mechanisms of ordered maintenance of his operation. For the achievement of these objectives, they were taken into account the different sociability types engendered at places as bathrooms and public parks, a porn movies and the sauna of a private club, being pointed out the anonymity coefficient demanded by each one of them.

Keywords: Urban Anthropology, Urban Space; Masculine Homoerotism; Social Conditions

AGRADECIMENTOS

É uma imensa satisfação, para mim, reconhecer que a concretização deste trabalho só foi possível mediante a colaboração de muitas pessoas, cada qual contribuindo dentro de suas possibilidades. Serei sempre grato ao meu amigo Salvador pelo empenho em me auxiliar quando de minha inscrição para a prova do concurso de Mestrado em Antropologia na UFF, remetendo-me toda a bibliografia necessária para estudar mesmo sem me conhecer pessoalmente. Não seria exagero afirmar que eu não conseguiria pleitear uma vaga sem a sua ajuda.

Lembrar-me-ei sempre de todo o auxílio e empenho de meu orientador, professor Ovídio de Abreu Filho. Sua atuação ao longo destes dois últimos anos extrapolou a esfera da orientação puramente acadêmica, auxiliando-me de forma gratuita e benevolente em questões mais particulares, como quando adoeci. Admiro-o pela rica inteligência de que é dotado e pela retidão de seu caráter. Para mim, ser seu orientando foi uma verdadeira honra em todos os sentidos, motivo pelo qual espero não tê-lo desapontado com minhas limitações.

Remeto carinho especial à professora Gláucia Silva, que desde que nos conhecemos não tem hesitado em me ajudar e incentivar nos meus projetos acadêmicos e pessoais, muitos deles desbaratados. Agradeço ao professor Marco Antonio da Silva Mello pelas sugestões bibliográficas, muitas das quais foram cruciais para a realização deste trabalho; aos professores Tânia Stolze Lima e Hélio Silva por sua presteza em participar de meu exame de qualificação, oportunidade na qual fizeram observações pertinentes ao meu projeto, e pelo aceite do convite para comporem a banca de defesa desta dissertação. Meu muito obrigado à professora Simoni Lahud Guedes e à Ilma por toda a assistência deferida a mim no que se refere às questões burocráticas, sobretudo, por ocasião de minha indicação para a Bolsa Aluno Nota 10, da FAPERJ.

Guardarei junto a mim o sentimento de gratidão à professora Ana Paula de Paula Loures de Oliveira pelas oportunidades que me foram dadas desde a graduação. Seu incentivo tem feito com que eu não esmoreça diante das dificuldades. Por extensão, meu obrigado a toda a equipe do MAEA/UFJF, nas figuras de José Carlos (Chouchou), Luciane e todos os seus estagiários e ex-estagiários com os quais tive oportunidade de trabalhar.

Todo o meu respeito e gratidão aos entrevistados que se dispuseram a expor para mim, por vezes, aspectos mui íntimos de suas vidas. Sem seu auxílio este trabalho não existiria.

No âmbito familiar, o amor e o carinho fizeram toda a diferença. Agradeço à minha amada mãe (Selma Fofinha) e ao Amoreba, aqui no Rio, pela paciência em suportar minhas esquisitices. Em Juiz de Fora à minha avó, ao meu pai Paulo e à minha mãe mineira, Sônia. O desenrolar da vida fez com que o número de irmãos se tornasse grande. Remeto-lhes meus agradecimentos por ordem de velhice: Marco Aurélio, Márcio, Joseane, Cláudia, Marcelo, Carlos Roberto, Paula e Junior.

Alguns amigos importantes estão longe na distância, mas bastante próximos no apreço que lhes devoto. Agradecimentos perenes a Daniel e Juliana, Corina e Pedro, Rafael e Ludmila, Giselle e Sabrina, Dani, Luiz Fernando. Na emergência da urgência constante, Aline, a minha Esponja. Aqui no Rio, aos amigos do curso de Mestrado: Ana, Bia, Bonnie, Bruner, Cláudio, Érika, Felipe, Fernanda, Leandro e Márcio. À minha “familhinha” de Icaraí não poderia deixar de agradecer a acolhida carinhosa em seus lares e corações: Júlia, Esclarecida, Tomás, Eliane, Érico. Ao Jocih, presença mais recente, eu agradeço o acabamento dado aos meus toscos croquis.

Sou grato à FAPERJ pelo subsídio financeiro através da concessão da Bolsa Aluno Nota 10 ao longo dos últimos 12 meses.

Rememoro aqui ainda uma perda da mais alta significância que sofri ao longo do percurso. Subsistirá em mim por tanto quanto me houver vida a lembrança mais que carinhosa de minha Tia Ormir. Seu “menino” chegou lá.

It's always the quiet ones who are stranger than fiction

Roland Orzabal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
A escolha do tema	12
O projeto inicial de pesquisa: teoria <i>versus</i> campo.....	15
Novos direcionamentos, novas formulações: o que foi feito desde então?	17
Metodologia utilizada e estruturação da dissertação	21
As condições do trabalho de campo: dificuldades e facilidades	23
Resultados obtidos	26
1 - SOBRE A APROPRIAÇÃO “INDEVIDA” DE ESPAÇOS DE USO COLETIVO E A CONSTITUIÇÃO DE BLOCOS ESPAÇOS-TEMPORAIS	30
A descoberta.....	30
Algumas considerações sobre a ocupação de espaços de uso coletivo.....	34
A constituição dos blocos espaços-temporais de <i>pegação</i>	43
O que seriam os blocos de espaço-tempo.....	44
Semelhanças e diferenças entre os diversos pontos de <i>pegação</i>	47
Resumo das semelhanças e diferenças entre os diversos pontos de <i>pegação</i>	51
Breve comentário sobre a descoberta dos <i>pontos de pegação</i>	52
2 - OS BANHEIROS	56
Informações preliminares.....	56
Percorrendo alguns banheiros	61
O banheiro da Biblioteca Municipal Murilo Mendes.....	61
O banheiro do Mercado Municipal.....	64
3 - CINE SÃO LUIZ.....	72
Dados históricos e caracterização geral	72
Pegando uma sessão – a visita que abarca visitas.....	78
Entrando no cinema	78

No escurinho do cinema	80
Dando uma volta pelo banheiro	83
Conversando com Césio	86
Saindo do cinema	89
Algum complemento	90
4 - OS PARQUES	95
Caracterização geral dos parques.....	95
Parque do Museu Mariano Procópio.....	95
Parque da Lajinha	96
Mapeando os territórios de <i>pegação</i> nos parques	97
Parque do Museu Mariano Procópio.....	97
O Parque da Lajinha.....	101
A <i>pegação</i> nos parques: aproximações bem e mal sucedidas	104
Despistando Rutênio	106
“Me pegando” com Germânio.....	110
Sobre encontros repetidos e a manutenção do anonimato	115
Um Adendo — Deu no jornal: na “ <i>pegação</i> tem prostituição”	118
5 - A SAUNA DO CLUBE SALAMANDRA	131
Para começar: sauna <i>versus</i> sauna	131
O espaço físico geral	132
A sala do massagista e as massagens	133
As saunas	134
O quarto de descanso.....	135
Os freqüentadores da <i>pegação</i>	135
A <i>pegação</i> que é orgia	138
Um dia de sauna	139
Algumas considerações sobre a orgia na sauna	144

6 - A ORGANIZAÇÃO DA TRANSGRESSÃO.....	146
O porquê da noção de transgressão.....	146
Um ânus é penetrado no cinema	151
Uma cortina de camisinhas no quarto de descanso.....	154
A <i>pegação</i> que desafia.....	156
7 - DE MOTIVAÇÕES E ESSÊNCIAS.....	161
Introdução	161
Essencialismo <i>versus</i> Construtivismo	163
Motivações para a <i>pegação</i> 1: relações multifatoriais.....	170
Motivações para a <i>pegação</i> 2: a essência que determina	178
Cátodo.....	183
Ânodo	186
CONCLUSÃO.....	196
Último minuto: o “inusitado” e algumas possibilidades investigativas em Juiz de Fora.....	196
Últimas considerações.....	204
REFERÊNCIAS	206
APÊNDICE - PLANILHA DE DADOS GERAIS DOS ENTREVISTADOS	212
ANEXO - LEI ROSA	213

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, que talvez pudesse ser tomada como um trabalho de morfologia social, aqui rememorando Marcel Mauss (1974), tem como objetivo geral apresentar um relato etnográfico daquilo que observei, entre os anos de 2003 e 2007, em alguns espaços de uso coletivo em Juiz de Fora, Minas Gerais, apropriados de forma relativamente clandestina por indivíduos do sexo masculino para a realização de encontros homoeróticos e reconhecidos por eles como pontos de *pegação*. Este termo, *pegação*, é utilizado muito comumente no *universo gay* para designar interações sexuais rápidas e anônimas entre homens, tais como, voyeurismo, exibicionismo, masturbação mútua ou não, felação e penetração oral¹. Geralmente, ela é proferida como possuindo uma conotação pejorativa, associada a homens promíscuos que trocam de parceiros sexuais muito facilmente. A expressão *mundo da pegação*, termo “nativo”, por extensão, diz respeito a todo esse universo subterrâneo no qual as interações sexuais e eróticas se dão, sobretudo, em locais de acesso público, os chamados *pontos de pegação*, como alguns banheiros e parques públicos, entre outros mais. Os locais etnografados neste trabalho foram alguns banheiros masculinos da área central de Juiz de Fora, o cinema pornô Cine São Luís, os parques Museu Mariano Procópio e Ecológico da Lajinha, e a sauna do Clube Salamandra (nome fictício) que, embora não esgotem todo o circuito de *pegação* em Juiz de Fora, na época da pesquisa eram os mais procurados.

Por extensão, este trabalho pretende ser também um relato das práticas eróticas e sexuais peculiares a cada um dos ambientes retratados e uma tentativa de compreensão de seu funcionamento, bem como das motivações que levavam os homens a freqüentá-los. Sua sistematização teve início no período em que eu ainda estava na graduação, quando então cursava Ciências Sociais na Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Em meio a tantos interesses temáticos (religiões afro-brasileiras, teoria arqueológica, e questões educacionais), pesquisar os espaços de homossociabilidade de Juiz de Fora se mostrou, na época, aquele mais próximo da linha de pesquisa do meu então orientador, professor Otávio Bonet, especialista em Antropologia da saúde. Num momento posterior, por ocasião de meu ingresso no curso de Mestrado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense –

¹ A *pegação* também pode ser entendida como uma simples paquera, manifestada num bar, numa boate ou mesmo na fila de um banco através da troca de olhares, beijos e abraços, mas ainda assim a conotação pejorativa é muito mais usual.

UFF, eu dei continuidade ao projeto de pesquisar tais ambientes, mas algumas alterações foram acopladas a ele, de modo que o trabalho concluído que hoje se apresenta está um tanto quanto distante das minhas proposições iniciais. Ao longo desta introdução procurei explicitar em termos gerais os caminhos que percorri até chegar ao presente momento.

A escolha do tema

Desde que ingressei no curso de Ciências Sociais, a Antropologia vem se revestindo para mim como uma das vertentes mais interessantes do pensamento científico ocidental. Seu desenvolvimento ao longo do último século vem lhe assegurando uma posição ímpar na constelação de disciplinas emergentes do século XIX. A idéia de que a Antropologia se ocupa do homem em todas as suas dimensões, aqui evocando o alcance máximo de sua significação (“Ciência do Homem”), do biológico ao cultural, sempre me fez pensar que ela poderia fornecer informações pertinentes para todo e qualquer tema ao qual se lançasse em investigação, mantendo relações com as mais distintas instâncias do conhecimento. Por isso, conforme fui cursando as disciplinas ao longo da graduação, eu pude notar que os temas abordados pelos antropólogos eram os mais variados e que, deste modo, talvez o mais difícil não fosse achar o que estudar, e sim, o que escolher dentre tantas possibilidades.

Aos poucos fui solidificando meus interesses. Alguns fortemente influenciados pelas minhas relações com certos autores e professores, outros, nascidos de minhas inquietudes pessoais. Seja como for, já perto de concluir a graduação, eu tinha como possíveis eixos investigativos pelo menos quatro temas igualmente sedutores para mim. O primeiro deles era o campo das religiões afro-brasileiras, mas ele logo se mostrou inviável quando cursei as disciplinas de Antropologia da religião. Naqueles semestres eu havia me dado conta de que jamais poderia me enveredar por tal caminho enquanto não repensasse meu posicionamento agressivo em relação a certas instituições religiosas, como aquelas de tradição cristã. Procurei levar a sério uma frase de Geertz que eu havia lido em um de seus textos. Para me tornar antropólogo, era preciso antes reconhecer os preconceitos que me confortavam. E é o que tenho procurado fazer desde então.

O segundo tema a chamar fortemente minha atenção foi o da teoria arqueológica. Enquanto estagiário do Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da Universidade Federal de Juiz de Fora (MAEA/UFJF), pude ter acesso a uma outra dimensão da Antropologia que até então eu ignorava: o fato de que grande parte da teoria arqueológica está pautada em pressupostos antropológicos. Mais do que qualquer pesquisa empírica, a teoria arqueológica se mostrava para mim uma possibilidade e tanta para o exercício intelectual. Mas a constatação de que no Brasil, no campo da Arqueologia, o espaço reservado para trabalhos teóricos ainda era mínimo, mesmo com a recente e relativa influência do Pós-Processualismo, fez com que eu esmorecesse nas minhas ambições. O melhor seria mesmo não me separar da Antropologia.

Cursar as disciplinas pedagógicas na Faculdade de Educação também se revelou tentador para mim. A leitura de alguns dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), cuja contribuição da Antropologia era mais que visível, fez-me titubear entre pesquisar ou não os aspectos culturais concernentes ao universo escolar brasileiro. Com efeito, nada me impediria de estudar tal tema a partir da Antropologia, mas a impossibilidade de ser orientado por um antropólogo (na época o Departamento de Ciências Sociais da UFJF não possuía professores de Antropologia efetivos) me fez recuar. Sem contar que, embora desanimado com a situação do meu departamento, eu nutria ainda a expectativa de ver aberta uma vaga para a contratação de um antropólogo efetivo. E ela veio aos 43 minutos do segundo tempo.

A contratação de um professor efetivo para a cadeira de Antropologia na UFJF revigorou meu entusiasmo. Logo que tomou posse, procurei o recém contratado professor para lhe solicitar orientação. Nesta época eu já vinha me lançando por iniciativa própria à observação de alguns espaços apresentados nesta dissertação, freqüentando-os esporadicamente e conversando, dentro do possível, com seus freqüentadores, mas não tinha ainda qualquer conhecimento da produção antropológica sobre sexualidade. Eu vinha realizando tais investigações em decorrência de um acontecimento singular que me ocorrera há algum tempo, o qual eu menciono na introdução do primeiro capítulo. Expus então para ele os meus temas de interesse, e ele foi preciso ao afirmar que dentre todos aqueles por mim apontados, o referente aos espaços de homossociabilidade era o que mais se aproximava da sua linha de pesquisa, Antropologia da saúde, ou, pelo menos, uma Antropologia urbana. Con-

vencido de que esta era a minha única oportunidade, decidi-me por levar adiante as investigações que vinha fazendo voluntariamente.

Mas este é apenas o aspecto acadêmico da coisa. Muitas pessoas poderiam me questionar se por detrás de minha escolha não se esconde certa inquietude de ordem mais pessoal. Eu responderia que sim, e por uma boa e simples razão: se nos interessamos por este ou aquele objeto, por este ou aquele tema, é porque ele nos toca de algum modo, seja por sua relevância mais imediata (no caso das Ciências Sociais, por sua significância sociológica), ou mais recôndita (simpatia ou mesmo antipatia para com ele). Um entomologista pode pesquisar borboletas por considerá-las extremamente belas, ou as baratas por considerá-las suficientemente perniciosas para a saúde da espécie humana. Um antropólogo pode estudar tribos indígenas porque se solidariza com as formas de resistência e sobrevivência destes grupos, ou pode estudar os partidos políticos na expectativa de denunciar as incoerências de seus representantes tendo por base a crença na democracia. Ora, eu diria que o campo da sexualidade, mais especificamente os modos de sociabilidade homoerótica, despertou o meu interesse tanto por razões de ordem íntima e pessoal, cuja explicitação escapa aos propósitos desse trabalho, quanto por sua capacidade de permitir orbitar em torno de si muito mais dissensos do que consensos.

Experiências pessoais de toda sorte vinham me mostrando, desde minha adolescência, que a sexualidade era um aspecto quase central na definição e identificação de sujeitos, assim como outros aspectos como a cor da pele e o status social. Não foram poucas as vezes em que presenciei, nas mais diversas *rodas* sociais, conversas nas quais determinadas pessoas eram reduzidas aos aspectos mais íntimos de sua existência. Havia mesmo uma vontade incontornável de saber sobre elas tendo por base suas condutas sexuais, tal qual Foucault assinalara muito bem em *História da Sexualidade I* (1988). Neste sentido, eu também partilhava, em parte, desta vontade de saber. Acreditava que, na sexualidade, eu encontraria respostas definitivas sobre o porquê de as pessoas serem como eram, ao menos em alguns de seus aspectos. Por isso meu interesse pela temática e, mais especificamente, pela questão da atração erótica envolvendo pessoas do mesmo sexo. Pois mais do que quaisquer outros tipos de modalidades relacionais, as interações homoeróticas sempre foram vistas, em nossa sociedade, como algo um tanto quanto fora do lugar.

Chego, aqui, portanto, à motivação principal que me levou, num primeiro momento, a me interessar pelas relações eróticas entre pessoas do mesmo sexo. Achava que havia algo de especial, de idiossincrásico, na sua ocorrência. Leia-se, com isso, que havia uma forte tendência, de minha parte, em desconfiar que alguma raiz natural, primordial, seja lá o que fosse, existia por detrás das supostas escolhas que as pessoas faziam em termos de sexo. Com o passar do tempo, e a partir das leituras de pesquisas antropológicas sobre o assunto, fui me convencendo repetidamente que as coisas não eram tão pontuais como eu gostaria que fossem. Sorte a minha, porque se a escolha deste tema como alvo de pesquisa se ancorava na minha necessidade pessoal de descobrir alguma verdade sobre as pessoas a partir do sexo, num momento posterior ela se mostrou muitíssimo interessante enquanto possibilitadora do exercício de investigação antropológica em seus termos práticos. E quando me decidi definitivamente pela averiguação dos espaços de homossociabilidade, pude perceber por experiência própria a relevância sociológica do fenômeno, já que a sexualidade dos sujeitos com os quais eu conversava era apenas uma, dentre tantas outras dimensões que os compunham, interligando várias delas das mais diversas formas.

Quanto ao recorte etnográfico propriamente dito, os locais procurados por alguns sujeitos para *pegação*, sua escolha ficará mais clara na medida em que eu expuser as razões que me levaram a fazê-lo, tendo em vista as possibilidades práticas de investimento no trabalho de campo e as alterações teóricas pelas quais o projeto inicial passou e que acabaram por incidir sobre as primeiras. Começo, portanto, fazendo uma resumida apresentação deste projeto inicial, mostrando como, uma vez abandonada a busca pessoal pela verdade do sexo, eu me enveredei por um posicionamento teórico construtivista um tanto quanto radical para, num terceiro momento, ater-me mais enfaticamente aos aspectos etnográficos do meu objeto de estudo.

O projeto inicial de pesquisa: teoria *versus* campo

A partir de uma ampla e variada leitura de referenciais teóricos sobre o campo da sexualidade em geral e da “homossexualidade” em particular, o objetivo que se apresentou como principal no início de construção deste trabalho, outrora intitulado *Homossexualidade Masculina: Um estudo Etnográfico dos Espaços de Homossociabilidade em Juiz de Fora* era o de se contrapor, de forma efetiva, aos pressupostos médicos, psicológicos e biológi-

cos que prescrevem um caráter essencialista para o fenômeno. A contrapartida empírica deste intento seria, através de uma etnografia dos espaços de homossociabilidade no município de Juiz de Fora, mostrar o quão inverificáveis eram tais postulados essencializadores, já que o universo a ser retratado apontava por si só para uma diversidade que extrapolava qualquer tentativa de reducionismo orgânico e/ou psicológico.

Ora, mas se o universo a ser pesquisado mostrava por si mesmo algumas das limitações dos postulados médicos, psicológicos e biológicos, por que então direcionar a pesquisa para a evidência de algo já evidenciado? Esta foi uma questão apresentada pela banca examinadora de meu projeto por ocasião da qualificação e que, de certa forma, abriu-me os horizontes para a inconsistência (em parte, é verdade), deste objetivo geral. Por que, ao invés de me aprofundar teoricamente de modo a dialogar com os propositores de outras áreas eu não investia mais na etnografia propriamente dita?

Estes apontamentos, e outros mais, levaram-me a rever os meus objetivos iniciais e a ponderar sobre o real alcance daquilo a que eu vinha me lançando. Além de quê, “cego” pelas leituras que havia feito desde a graduação, eu ainda não havia atentado para outras dimensões que o trabalho de campo poderia me mostrar. Mergulhar na etnografia e aproveitar o que ela vinha me ofertando em termos de arranjos, incoerências, dificuldades, questionamentos e respostas, fez-me perceber que um trabalho qualitativo em Ciências Sociais deve permitir, acima de tudo, que a vida insurja mesmo se para desafiar nossas proposições prévias, muitas vezes respaldadas em orientações teóricas muito bem estabelecidas. Não se trata de negar a importância da formação teórica que antecede à ida ao campo, ou mesmo o rigor metodológico na formulação de hipóteses, mesmo porque, o olhar no campo é domesticado teoricamente, ou seja, nossa bagagem intelectual direciona nossa atenção para aquilo que previamente nos interessa (Oliveira, 2000). Mas também não é menos verdade que a etnografia é uma oportunidade ímpar tanto para vivenciarmos a teoria aprendida como para formularmos novas proposições intelectuais (Peirano, 2008).

Foi com base nas conversas com meu orientador e a partir do exame de qualificação no mestrado que eu me dei conta de que meu propósito inicial era, a todo o custo, fazer valer no plano empírico aquilo que mais me apetecia no plano teórico. Assim, pude perceber que a pesquisa possuía um potencial outro a ser explorado. Conseqüentemente, foram realizadas algumas alterações, e o plano empírico tomou nova importância, passando a constituir

o eixo principal da pesquisa. Ver-se-á, nos próximos tópicos, como, após um movimento inicial de questionamento dos objetivos centrais do projeto, a pesquisa tomou outros rumos e de como ela se encontra hoje, em sua realização final na forma de uma dissertação de mestrado.

Novos direcionamentos, novas formulações: o que foi feito desde então?

A primeira alteração realizada foi a anulação da pretensão de erigir toda uma discussão teórica em torno da sexualidade em geral, e da “homossexualidade” em particular. Sendo o caráter fluido e plástico das sexualidades mais do que evidenciado em diversos trabalhos², o interessante talvez fosse justamente explorar este caráter por meio de uma etnografia que retratasse as configurações de sociabilidade de determinados “grupos” a partir de sua investida em locais específicos para o exercício de seus sentimentos e preferências sexuais, ou seja, possibilitar aos sujeitos falarem sobre o uso que faziam de determinados espaços ao mesmo tempo em que uma observação flutuante³ permitiria a compreensão de outras particularidades caras à interação entre os personagens retratados e os seus referidos usos dos espaços.

Mas esta nova perspectiva abria outro problema: se não se tratava mais de provar a diversidade de um determinado universo (o dos sujeitos masculinos que interagem eroticamente com outros homens), o que, de fato, retratar, em termos empíricos? Qual deveria ser o alcance etnográfico do projeto já questionado? Ora, uma das soluções colocadas pela banca de qualificação foi a de eu me ater única e exclusivamente a um dos conjuntos de espaços de homossociabilidade do município⁴. Deste modo, eu não só escaparia do risco de me

² E aí não me refiro apenas aos estudos antropológicos, pois até mesmo na área das ciências naturais tem havido certo movimento de revisão dos postulados que procuram encontrar, a todo e qualquer custo, uma razão biológica (genética, hormonal, neuronal, química, etc.) e psicológica (estruturas mentais com base na fisiologia sexual) única para o fenômeno da sexualidade. É cada vez mais comum em trabalhos nestas áreas à recorrência às considerações das ciências humanas (sobretudo da Antropologia) sobre o fenômeno.

³ PÉTONNET, Colette. 1982. L'observation flottante. L'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*, Vol. 22, n. 4. pp. 37-47. Neste artigo, a autora procura, através da idéia de *observação flutuante*, demonstrar que é possível fazer boa etnografia sem se ater a informantes privilegiados, ao mesmo tempo em que se atenta para a riqueza de informações passíveis de serem obtidas por meio de conversas informais não direcionadas e um olhar mais acurado para as práticas das pessoas.

⁴ Minha pretensão inicial era, com base nas leituras teóricas, comparar os locais reconhecidamente *gays* da cidade (bares, boates, cafés) com aqueles não assim reconhecidos, mas que eram constantemente procurados para encontros homoeróticos – os pontos clandestinos (banheiros e parques públicos, terrenos baldios, etc.).

enveredar por um projeto extremamente cansativo do ponto de vista exploratório, como poderia evidenciar com maior profundidade a vivacidade de um deles. Optei então por me lançar ao que comumente, no plano empírico, é conhecido por *mundo da pegação*.

Apesar de já ter realizado trabalho de campo tanto nos locais reconhecidamente *gays* como naqueles visitados para encontros clandestinos, ao contrário do que se poderia imaginar, eu vinha experimentando um acesso muito mais facilitado, em termos de captação de dados por meio de conversas e/ou entrevistas, junto aos freqüentadores dos *pontos de pegação*. Apesar das condições extremamente delicadas enfrentadas por eles para se manterem no anonimato em suas incursões em tais ambientes, eles eram muito mais receptivos às minhas indagações. Já nos outros locais, além da dificuldade de conseguir alguém para conversar no meio de uma noite, nas vezes em que conseguia ouvia muito mais conselhos sobre o quê e como pesquisar do que necessariamente informações sobre as vidas dos freqüentadores. Sem contar que, dos trabalhos etnográficos que eu havia lido até então, eram poucos os que tinham se dedicado profunda e exclusivamente aos locais mais subterrâneos dos circuitos de interação homoerótica⁵.

Uma vez revistas as pretensões teóricas iniciais e o universo a ser efetivamente pesquisado, ao longo do percurso do trabalho algumas outras alterações também foram se configurando. Aquela que considero a mais importante de todas é a que diz respeito de eu, finalmente, ter concedido ao plano etnográfico o valor devidamente merecido. Não posso negar que minhas pretensões teóricas iniciais estavam associadas, de forma mais ou menos direta, às minhas preferências pelas discussões mais abstratas e que, sendo assim, a execução do trabalho de campo se me configurava apenas como o lado “chato”, embora necessário, para a confirmação de minhas hipóteses teóricas. Ao longo das investidas no campo fui tomando gosto pelo “estar lá” de que tanto falam os antropólogos e que, na materialização de um livro, ou um simples relato que seja, aproxima-nos de realidades que muitas vezes ignoramos, quer elas estejam além mar quer estejam ao nosso lado (DaMatta, 1978; Velho, 1981; Peirano, 1999). Não sei se aprendi a fazer etnografia, mas acredito que esta mesma etnografia me permitiu enriquecer meu trabalho de modo a não fazer dele um repositório de reflexões teóricas com o pretexto de forçar os dados a falar o que eu queria ouvir. Havia

⁵ Uma etnografia bastante interessante e que retrata, ao menos parcialmente, ambientes similares ao que eu estudei, é a de Horacio Sívori (2005), realizada na Argentina na década de 1990. Um dos capítulos deste trabalho é dedicado à sociabilidade homoerótica em espaços públicos da cidade de Rosario, o chamado *yiro*, cujas características guardam similitudes com a *pegação* em Juiz de Fora.

mais na realidade que eu observei ao longo dos anos, e é esta realidade, ainda que reescrita a partir de mim mesmo enquanto pesquisador, que pretendi pôr no papel enquanto exercício de compreensão da alteridade⁶.

Por fim e não menos importante, porque me sou dado às elucubrações abstratas, as leituras de alguns dos platôs de Deleuze e Guattari sugeridas por meu orientador lançaram luzes interessantes sobre os aspectos que eu poderia abordar na minha pesquisa, principalmente no que se refere aos processos de ocupação de determinados espaços por parte dos sujeitos investigados (movimentos de territorialização e reterritorialização). Além de quê, outros conceitos interessantes desenvolvidos por esses dois autores (a idéia de segmentaridade, por exemplo) me permitiram vislumbrar aspectos concernentes às estratégias de classificação executadas pelos sujeitos para a identificação de si mesmos e daqueles com os quais interagem (ou não).

Ainda na esteira das reordenações teóricas, a leitura de *A Inocência e o Vício: Estudos Sobre o Homoerotismo* (1992), de Jurandir Freire Costa, fez com que eu voltasse atrás no uso indiscriminado do termo “homossexualidade” para me referir ao meu universo de pesquisa. E isso se deu da seguinte forma.

O que ficou em jogo a partir da leitura deste livro foi o meu próprio objeto de pesquisa. Seria ele, literalmente, a “homossexualidade masculina”? Ora, o alcance, no que diz respeito a este termo, pretendia apenas se contrapor aos propósitos essencialistas por meio de um trabalho que comprovaria a sua heterogeneidade e o seu caráter sociológico, legitimando-o enquanto objeto passível de escrutínio antropológico. Mas tal intento, com base no uso indiscriminado do termo “homossexualidade” para identificar a identidade de todo e qualquer sujeito que interagisse afetiva e sexualmente com alguém de seu mesmo sexo, guardava em si mesmo uma contradição: aquilo que eu pretendia negar (a essência de um pretendo comportamento sexual homossexual radicada na biologia) estava sendo posto de forma essencializada. Com efeito, e como assinala Costa na obra citada, o termo “homossexualidade”, em função de sua ligação com todo um arsenal teórico médico do século XIX, embuti em si um caráter essencializado, de modo que exprime na sua grafia (e no seu intento semântico) uma única forma de sexualidade entre todos aqueles que experimentam

⁶ Uma realidade reescrita no sentido em que Clifford Geertz (1989) compreende o exercício etnográfico: uma descrição que fazemos a partir de leituras pré-existentes, ou seja, o texto antropológico é sempre um texto de pelo menos segunda ou terceira mão.

algum tipo de expectativa erótica e sentimental para com pessoas do mesmo sexo. Logo, havia uma incompatibilidade entre este termo essencializador (“homossexualidade”), a minha pretensão em negar qualquer essência aos comportamentos daqueles que se relacionam sexual e afetivamente com pessoas do mesmo sexo, e a própria diversidade apresentada pelo campo empírico. Optei, portanto, por fazer uso do termo “homoerotismo” (aqui entre aspas apenas para lhe destacar), defendido por Costa, de modo a alcançar com maior efetividade a diversidade de fatores objetivos e subjetivos que permeavam o universo da *pegação* em Juiz de Fora entre homens que se relacionam sexual e emotivamente com outros homens e, ao mesmo tempo, ultrapassar as limitações de um estudo estipulador de identidades estanques⁷.

Há ainda outras alterações que foram incorporadas ao projeto inicial, mas creio que ao longo da leitura do trabalho, muitas delas serão apresentadas de modo a esclarecer determinados pontos. Portanto, passo nas próximas páginas para uma breve apresentação da estrutura da dissertação e da metodologia empregada na arrecimação dos dados.

⁷ Costa (1992) apresenta sua preferência pelo termo homoerotismo como devida a três razões: teórica, histórica e ética. **Razão teórica:** “(...) Homoerotismo é uma noção mais flexível e que descreve melhor a pluralidade das práticas ou desejos dos homens *same-sex oriented*. (...) Primeiro, porque exclui toda e qualquer alusão a doença, desvio, anormalidade, perversão, etc., que acabaram por fazer parte do sentido da palavra ‘homossexual’. (...) Segundo, porque nega a idéia de que existe algo como ‘uma substância homossexual’ orgânica ou psíquica comum a todos os homens com tendências homoeróticas. Terceiro, enfim, porque o termo não possui a forma substantiva que indica identidade, como no caso do ‘homossexualismo’ de onde derivou o substantivo ‘homossexual’ (pp. 22-23). **Razão histórica:** “Sempre que a palavra é usada evoca-se, querendo ou não, o contexto da crença preconceituosa que até hoje faz parecer natural dividir os homens em ‘homossexuais’ e ‘heterossexuais’” (p. 24). **Razão ética:** A razão ética para o emprego do termo “homoerotismo” ao invés dos termos “homossexualidade” e “homossexual” (além de “homossexualismo”), por parte deste autor, está vinculada, penso eu, à razão anterior. É que a manutenção destes termos serviria de amarra aos preconceitos que persistem no tempo e que foram historicamente construídos. Mesmo que não haja uma vinculação tácita aos pressupostos preconceituosos, para Costa, ainda assim haveria um vínculo inconsciente e que, portanto, reproduziria tais formulações. Eu, de minha parte, confesso que optei pelo termo homoerotismo com base apenas nas duas primeiras razões apontadas por este autor, não vendo qualquer problema ético na utilização do termo “homossexual”, exceto em situações de clara alusão preconceituosa. De todo modo, sempre que possível, ao ter de fazer uso dos termos “homossexualidade” e “homossexual”, lancei mão de aspas para dar a entender que, em termos teóricos, não creio ser possível identificar na esfera do desejo sexual indivíduos puramente orientados para essa ou aquela preferência, ainda mais se levados em conta os múltiplos modos pelos quais os sujeitos se identificavam em termos de suas preferências sexuais. Algo, aliás, com o qual me deparei por todo o tempo em que fiz pesquisa de campo.

Metodologia utilizada e estruturação da dissertação

A metodologia empregada no desenvolvimento desta pesquisa consistiu na utilização dos pressupostos e ferramentas acumulados pela prática antropológica ao longo de um século. Neste caso, a pesquisa de campo através de observação participante foi essencial, principalmente por se tratar de um trabalho marcadamente qualitativo e de alcance micro-sociológico. Foram consideradas informações advindas de conversas informais e entrevistas, de consultas a documentos históricos, jornais e revistas, e da própria observação dos locais e das modalidades de relações que neles emergiam.

Procurei não me circunscrever apenas aos freqüentadores dos espaços (aqueles que faziam *pegação*), convidando pessoas de “fora” (funcionários dos estabelecimentos, alguns conhecidos *gays* ou não) a participar da pesquisa. Neste sentido, para interlocução, alternei conversas informais com entrevistas em profundidade, utilizando para registro anotações em cadernos de campo (aqui se objetivando o máximo de fidelidade possível na transcrição dos relatos e observações) e gravações de áudio. No total foram 17 entrevistas em profundidade registradas e algumas dezenas de conversas informais cujos interlocutores, por motivos os mais variados, optaram por ter suas falas citadas apenas indiretamente, desejo este prontamente atendido.

Boa parte do material que edifica este trabalho está pautada nas minhas observações diretas em determinados espaços, com especial destaque para os banheiros públicos. Por se tratarem de locais onde o grosso das interações entre os homens se dava muitas vezes sem qualquer emissão de palavras, quase sempre de forma rápida e por isso mesmo anônima, vi-me obrigado a lançar mão de outras estratégias de investigação, muitas vezes apelando para sentidos outros que não a fala e a audição. Observar atentamente o que os homens faziam e como eles se comunicavam por outros meios que não a fala foi crucial para eu poder penetrar no *mundo da pegação*, já que a linguagem em uso entre eles era uma linguagem eminentemente corporal. Compreender o que significavam aqueles gestos nos seus aspectos mais moleculares, saber fazer uso deles nos locais e ocasiões apropriados para talvez num segundo momento chegar a alguns deles de modo a entrevistá-los, foi um desafio e tanto, pois em ambientes como os banheiros, e mesmo nos parques públicos e no cinema pornô, muitas vezes o máximo que eu poderia realizar era uma etnografia do silêncio, cujo problema maior seria, posteriormente, fazer materializar com palavras no papel os

significados de tudo aquilo que eu aprendera sem ter trocado uma palavra sequer com alguém. Em meu trabalho de campo, eu fui claramente desafiado a falar sobre o não dito, dizer o “indizível”.

O período envolvido na produção desta pesquisa, ao menos em termos de incursão mais sistematizada ao campo, pode ser aquele compreendido entre os anos de 2004 e 2007, englobando-se aí o período voltado para o bacharelado na graduação. Considerando-se apenas o período de Mestrado concedido para trabalho de campo, as estadias mais demoradas foram realizadas ao longo de quase todo o ano de 2007, quando permaneci por mais de 9 meses em Juiz de Fora⁸.

Apesar de ter visitado um amplo espectro de locais procurados para *pegação* na cidade, optei por realizar um recorte estratégico de modo a contemplar aqueles mais significativos para a pesquisa, e, também, com melhores condições para o desenvolvimento da mesma. Centrei-me, portanto, nos banheiros públicos (e mesmo assim naqueles mais procurados para *pegação*), em dois parques da cidade, no único cinema pornô do município e em uma sauna de um clube particular. As razões caras a cada uma dessas escolhas foram explicitadas ao longo da etnografia. Somei ainda a este recorte algumas referências, mesmo que superficiais, a locais usados como *pontos de pegação* em outros municípios que tive oportunidade de visitar no interior de Minas Gerais e no Rio de Janeiro, como forma de enriquecimento comparativo.

No que se refere à estruturação da dissertação, esta foi dividida em duas partes. Na primeira encontram-se cinco capítulos, sendo o primeiro deles de natureza mais reflexiva e abstrata. Os demais, etnográficos (embora não menos reflexivos), procuram evidenciar os modos pelos quais os espaços pesquisados se constituíam em *pontos de pegação*, enfatizando os usos de determinadas técnicas e estratégias para tal. Já a segunda parte computa apenas dois capítulos, complementares aos primeiros e referentes a dois problemas levantados pela etnografia: o funcionamento ordenado dos espaços etnografados, no capítulo 6, e as motivações por detrás das idas dos sujeitos a estes ambientes, levando-se em conta sua percepção sobre o desejo homoerótico experimentado (capítulo 7).

⁸ É importante ressaltar que até o início de 2006 eu residia na cidade *lôcus* da pesquisa, e que mesmo antes da minha decisão de fazer o bacharelado sobre este tema eu já vinha me lançando a visitas esporádicas a estes locais por conta própria desde 2003.

As condições do trabalho de campo: dificuldades e facilidades

Não me interessei por criar um capítulo à parte sobre as condições do trabalho de campo. Acredito que muitas dos dilemas surgidos ao longo não só do planejamento do projeto, mas na própria execução da pesquisa, em seus termos teóricos e empíricos, foram contempladas em alguns tópicos predecessores e ao longo da etnografia. Por hora, gostaria apenas de destacar alguns pontos de ordem mais geral, e que considero significativos, para ilustrar certos aspectos concernentes à minha experiência particular enquanto pesquisador.

Em se tratando das dificuldades enfrentadas, posso adiantar que por várias vezes fui acometido por sentimentos que me fizeram refletir sobre o quão ilusória pode ser a idéia de um pleno domínio sobre as condições de pesquisa, ainda mais numa etnografia. É sempre possível ter a sensação de que as coisas tomam rumo próprio e alheio aos nossos desejos e objetivos mais imediatos, ou a de que estamos no caminho errado. Acredito que esta é uma dimensão da qual não podemos escapar e, por certo, acaba por nos fazer companhia até mesmo quando o trabalho parece muito bem encaminhado.

Um trabalho etnográfico pode tomar os contornos de uma negociação na qual nem sempre o antropólogo detém o privilégio de estabelecer as regras e os limites para cada parte envolvida (observador/observado, aqui na falta de uma expressão relacional melhor). Neste sentido, tive a ousadia de me posicionar de forma bastante clara nos relatos etnográficos não para passar a idéia de uma autoridade etnográfica (Clifford, 1998), daquele que esteve lá e que, portanto, sabe do que está falando, mas para fazer transparecer que esta pesquisa foi feita por onde ela foi possível (Silva, 1993). Em muitos casos não bastava apenas olhar, ouvir e anotar. Era preciso participar, mesmo de modo limitado e sem perder minha condição de pesquisador, de algumas experiências vividas por meus interlocutores. Era necessário que eu me transformasse num outro. Mas não em um outro que é o outro observado, e sim, um outro como qualquer coisa de intermédio, capaz de articular minhas pretensões investigativas e as exigências práticas para sua execução. E não vejo problema algum em tê-lo feito.

A despeito de tais considerações, rememoro aqui Foote-White (1980: 82), que ao relatar suas experiências de campo em Cornerville, em dado momento, reconheceu a sapiência de seu principal informante (e amigo), Doc, quando este lhe disse que não se lançasse com insistência a fazer perguntas muito diretas (*quem, o que, quando, onde, por que*) aos seus

moradores. Segundo Doc, na medida em que Foote-White se integrasse de modo natural ao bairro, ele obteria as respostas que queria sem ter de fazer entrevistas. E foi o que lhe ocorreu: “Descobri que ele estava certo. Na medida em que sentei e ouvi, obtive respostas para perguntas que nem teria feito se tivesse obtendo informações somente através de entrevistas”. Pude experimentar esta sensação de modo especial pelo menos em duas ocasiões. Na minha primeira visita à sauna do Clube Salamandra, o informante que me levava até lá, Molibdênio, pediu que eu me apresentasse aos demais freqüentadores como seu amigo, e não como pesquisador. Deu certo. Já nas minhas visitas a uma danceteria recém inaugurada na cidade, na qual havia apresentações de rapazes nus, passei por sérias dificuldades, justo pela minha insistência em me colocar como um “investigador”. A não observância dos conselhos e das informações de outro informante, Tungstênio, acabou por me levar à exposição desnecessária num ambiente relativamente perigoso e a insistir, através de perguntas intimidadoras junto aos freqüentadores, numa suposição equivocada sobre o funcionamento do estabelecimento, assunto sobre o qual ele já havia me alertado para o fato de eu apenas observar.

No plano propriamente prático, algumas das dificuldades enfrentadas já eram esperadas, como o acesso a determinados lugares, a interação com os sujeitos e os riscos de, muitas vezes, eu me encontrar em locais relativamente perigosos. Sendo assim, se em alguns *pontos de pegação* eu pude me sentir a vontade para realizar observações sem ter que necessariamente me expor aos inconvenientes de ser visto como um potencial parceiro sexual, em outros as coisas já não foram assim tão fáceis. E isto se deve a uma verificação bastante simples: lugares diferentes tinham lógicas de funcionamento diferentes. O que me isentava de participação em alguns, quase que me obrigava a ser um participante em outros.

Também passei por embaraços bastante sérios apenas pelo fato de estar no lugar errado na hora errada. Visitei locais em que havia clara circulação de drogas ilícitas mesclado a transgressões legais (suspeita de presença de menores em ambientes privados a eles proibidos), entre outras coisas mais. Por vezes me vi exposto a inconvenientes que me causaram graves aborrecimentos, como quando, em um dos parques, eu fui agarrado por trás por um homem que, dizendo-se enciumado por me ver circulando pelo mesmo espaço que ele, a propósito de investir sobre seu namorado (que eu nunca vi), acabou por aproximar uma navalha de meu pescoço. Noutros momentos, acredito que por pura falta de sorte, ocorrências mais brandas me fizeram desejar, com ímpetos de raiva, não voltar a determinados

espaços. Certa feita, tendo me aborrecido com as incisivas investidas de um freqüentador do Parque da Lajinha, na tentativa de me afastar dele o mais depressa possível, cortei profundamente um dos pés numa raiz. Noutro episódio, o convite para assistir a uma *transa* anal nas áreas mais escondidas deste mesmo parque, por parte de três indivíduos, proporcionou-me inúmeros arranhões causados por acúleos e a queda num barranco enlameado. Após uma das minhas visitas a um cinema pornô no centro do Rio de Janeiro, oportunidade na qual permaneci sentado em suas poltronas por várias horas, fui acometido por uma sarna (escabiose) que me consumiu em coceiras por quase um mês. Tais contrariedades me faziam pensar, ao menos momentaneamente, que suas ocorrências estavam intimamente relacionadas à especificidade dos locais de minha pesquisa. Eram, enfim, ossos do ofício.

Realizar entrevistas também não foi nada fácil, pois nem sempre esta se mostrou a melhor estratégia para a obtenção de dados em determinados locais. Aos poucos me convenci de que, para efeito mesmo da compreensão das lógicas de interação entre os sujeitos e de funcionamento dos espaços, uma observação mais astuta seria muito mais prodigiosa do que uma conversa gravada em caderneta de campo ou em aparelho de MP3. Outrossim, fui muito assediado e confesso que, por vezes, isto me causou bastante irritação. Não pelo fato em si de ser *cantado*, mas pela impossibilidade, muitas vezes, de levar a pesquisa adiante num dado dia. Não foram poucas às vezes nas quais eu, ao invés de informações objetivas, recebi investidas as mais diversas, voltando para casa com a sensação de que minha aparência valia mais do que todo o meu esforço de aproximação para estabelecer um diálogo com os freqüentadores daqueles espaços.

Por outro lado, não posso negar também que me beneficiei dessa mesma moeda, apenas com o lado invertido, na obtenção das informações de que eu precisava. Se o campo me impunha a necessidade de fazer uso de estratégias outras que não o mero convite para uma conversa ou entrevista, nada mais jeitoso do que me adequar a ele. Nas negociações entre mim e meus interlocutores, nada ingênuos, diga-se de passagem, tive que fazer dos jogos de sedução a mim dirigidos oportunidades para o desenvolvimento da pesquisa. Vários dos homens com quem conversei ou entrevistei nutriam a esperança de que, em algum momento de nossos encontros, eu cederia às suas cantadas, mesmo depois de eu reiteradas vezes lhes assinalar claramente que, de minha parte, não havia qualquer inclinação para tal. De todo modo, ser desejado por alguns dos homens com os quais entabulei contato foi, em determinados momentos, um agente facilitador para que eu obtivesse informações bastante

preciosas. Com o passar do tempo fui me convencendo cada vez mais de que o mundo do trabalho de campo não é o mundo das flores, mas que é a partir das adversidades e de determinadas negociações que podem ser delineadas saídas para problemas colocados até mesmo pela própria pesquisa.

Resultados obtidos

Se inicialmente, na composição do projeto de qualificação, eu já havia apresentado a diversidade cara aos espaços de homossociabilidade, aos seus respectivos frequentadores e às práticas por eles efetuadas com base nas suas interações com outros frequentadores e com os próprios locais frequentados, os resultados obtidos desde a incisiva investida em campo mostraram-se caminhar neste sentido. Observe-se, não obstante, que não se trata mais de utilizar a riqueza proporcionada pela diversidade do campo para comprovar o já comprovado: que o universo do homoerotismo masculino é diverso porque não se ancora numa raiz biológica que determina comportamentos. Isto estava dado por si só. O que obtive com o abandono desta perspectiva ultrapassa tal corolário.

Em termos gerais, a partir do trabalho de campo obtive informações pertinentes aos processos de constituição dos espaços públicos em territórios de *pegação*. Ver-se-á ao longo de toda a etnografia, com destaque para os capítulos componentes da primeira parte, que tal constituição não se confunde pura e simplesmente com um uso indevido do espaço público, mas resulta de uma efetiva criação de blocos espaços-temporais que procuram reorientar, à sua maneira, as coordenadas do tipo público-privado. Por ser excessivamente conforme as classificações dominantes e aos lugares comuns das opiniões, a idéia de uso indevido impede a apreensão de uma inventividade que se materializa na elaboração de territórios existenciais de durações variáveis. No primeiro capítulo, chamo a atenção para o fato de que, com isso, pode-se correr o risco de se perder de vista processos complexos que mobilizam códigos, emitem signos, elaboram registros cifrados que possibilitam a coexistência, num mesmo espaço físico (um banheiro público, por exemplo) de territórios diferenciados: o banheiro é procurado por alguns para a satisfação de suas necessidades fisiológicas (urinar, defecar), mas também é buscado por outros para interações homoeróticas. Estas interações, muitas vezes levadas a cabo sem que os que não fazem *pegação* as percebam (o que é bastante interessante), funcionam através de códigos e estratégias tanto de

insinuação (para quem também está procurando a *pegação*) quanto de despiste (para os que estão alheios a este universo). Verdadeiras técnicas corporais na acepção de Marcel Mauss (2003) empregadas de modo bastante organizado e relacionadas a um maior ou menor grau de anonimato exigido nas interações, de acordo com cada tipo de espaço⁹.

Mas não eram apenas os processos constitutivos de blocos espaços-temporais de *pegação* que obedeciam a determinadas diretrizes — o emprego certo das técnicas certas nos locais certos. Uma vez instituídos os territórios para as interações, sua continuidade e funcionamento tinham por base um princípio ordenador que acabava por lhes conferir certa organização. Tratava-se da organização da transgressão, idéia tomada de empréstimo de Georges Bataille (1980) e que eu procurei descrever no capítulo 6, na segunda parte desta dissertação. Por meio de três exemplos etnográficos rápidos, procurei demonstrar que a *pegação* em Juiz de Fora, longe de se constituir num emaranhado de ações e intenções desconexas (uma anarquia sexual generalizada), fazia operar em seu interior princípios de ordenação tanto espacial quanto funcional dos pontos freqüentados e dos freqüentadores, estabelecendo limites e alcances para cada tipo de prática em função de recortes mais ou menos instituídos.

Tratado no último capítulo, outro aspecto contemplado, e este a partir das falas de alguns dos homens com os quais tive oportunidade de conversar em campo, diz respeito ao modo pelo qual eles refletiam sobre sua sexualidade, sobre sua ‘identidade sexual’. Muitas vezes, tal preocupação estava aliada à idéia de que, para o bem ou para o mal, suas inclinações homoeróticas eram devidas a uma base essencial, no sentido de que haveria uma verdade última que respondesse pela sua atração por pessoas do mesmo sexo. Este é um dado interessante porque, em certa medida, relaciona-se com as alterações que o projeto sofreu desde sua proposição inicial. A questão da “identidade” e do desejo, no campo da sexualidade, deixou de ser uma formulação por mim proposta em termos teóricos para aparecer no plano empírico como um problema recorrente entre os entrevistados. Quer isto dizer que hou-

⁹ Em seu estudo sobre as técnicas corporais, Marcel Mauss procurou chamar a atenção para o fato de que muitos dos gestos, atitudes, posturas, etc., empregados pelas pessoas têm sua razão de ser num aprendizado junto à sociedade. Ao andar, comer, marchar, entre outras coisas mais, as pessoas não estariam explicitando reflexos espontâneos de seu corpo (biologia) ou de seu espírito (psicologia), mas sim, técnicas aprendidas e condicionadas socialmente. Sendo assim, as técnicas variariam de acordo com “as sociedades, com a educação, as conveniências e os modos, os prestígios” (p. 404). As técnicas corporais (o uso do corpo em dadas ocasiões para dadas finalidades) seriam as primeiras as quais os homens têm acesso, pois, segundo ele, é o corpo o primeiro e o mais natural dos instrumentos a ser utilizado nas relações sociais.

ve uma mudança de estatuto da questão — ela se colocava a partir do campo, da realidade. Não se tratava mais de problematizar, a partir de um confronto entre os saberes da Antropologia e da Biologia, quem detém a “verdade” sobre o assunto, mas de me sensibilizar para um tema extremamente recorrente nas falas dos indivíduos.

Sob tal perspectiva, pude notar que esta suposta base a que eles se referiam eram problematizadas de diferentes formas, invocando para a sua existência as mais diversas razões. E aqui esta base não se configurava apenas por meio da biologia e da psicologia do indivíduo, ou de uma “natureza humana”, mas também, por exemplo, na transcendência. O desejo sexual por pessoas do mesmo sexo poderia ser um dom ou uma maldição, um benefício concedido pela natureza ou uma falha dela mesma, e por aí segue. Sendo assim, era muito comum ouvir no campo expressões como “Sou assim porque Deus quis”, ou então, “tem uma coisa por dentro que leva a gente a fazer essas coisas”. Vê-se, portanto, que se por um lado a procura por essa base essencial de se ser o que se é poderia servir de auxílio para se responder de forma positiva às condenações sociais vigentes, ela também poderia estar associada a um sentimento de angústia e impotência frente os desmandos que esta mesma “verdade última” dispunha sobre a vontade do indivíduo.

Aliada a esse tipo de reflexão (que não era a de todos, obviamente, pois havia aqueles que problematizavam sua sexualidade por outros caminhos que não a busca por uma base essencial), estava também a dimensão emocional, voltada para as expectativas de encontrar alguém com quem se pudesse partilhar toda uma vida. Trata-se de buscar o igual, aquele que partilha dos mesmos desejos e aflições. Poder-se-ia indagar que este tipo de procura não é privilégio daqueles que experimentam desejos sexuais e eróticos por pessoas do mesmo sexo. Em parte isto é verdade, mas no caso do meu universo de pesquisa, o caráter particular reside justamente no fato de que tais sentimentos e reflexões quase sempre não eram dissociados, pelos sujeitos, dos questionamentos que eles faziam de sua própria sexualidade. Logo, se o sujeito precisava, por vezes, encontrar uma solução definitiva para os conflitos que o assaltavam no que toca às suas preferências sexuais, também se fazia imperativo, em alguns deles, problematizar a sensação de vazio que o universo da *pegação* proporcionava: a ausência de um namorado, ou de um parceiro fixo que não fosse reduzido apenas à interação sexual. Este dado aparece claramente em frases como “*Ainda vou encontrar o meu príncipe encantado*”, entre outras.

Estes são, portanto, os principais pontos que pretendi explorar na dissertação como um todo com base em minhas observações de campo nos últimos anos e que, de algum modo, espero ter contemplado, mesmo superficialmente, nesta introdução.

CAPÍTULO 1

SOBRE A APROPRIAÇÃO “INDEVIDA” DE ESPAÇOS DE USO COLETIVO E A CONSTITUIÇÃO DE BLOCOS ESPAÇOS-TEMPORAIS

A descoberta

O ano é 2002. Por essa época, eu ainda trabalhava como auxiliar administrativo num escritório de despachantes de documentos para veículos automotores no bairro de Santa Terezi-nha, em Juiz de Fora. Invariavelmente, uma das minhas funções era fazer os chamados “trabalhos de rua”, que consistiam em ir a bancos, outros escritórios e empresas, cartórios e demais órgãos jurídicos, além de ter de acompanhar os clientes ao posto de vistoria da Polícia Civil, que ficava na rodoviária.

Em função destas atividades, não era incomum que eu tivesse, muitas vezes, que passar grande parte de meu expediente percorrendo as ruas do centro da cidade, tentando maximizar da melhor forma possível o pouco tempo de que dispunha para efetuá-las (as filas dos cartórios e dos bancos eram geralmente enormes) de modo a conseguir ir a todos os lugares nos quais tivesse um problema a resolver.

Neste corre-corre quase que diário, também não foram poucas às vezes em que tive de almoçar na região central da cidade e, a bem da verdade, eu mesmo procurava coadunar os horários dos compromissos a serem cumpridos com o tempo que me era de direito reservado para a refeição e o descanso. Como no contrato com meu patrão estivesse prevista uma hora e meia de almoço, eu almoçava em algum restaurante da Rua Santa Rita e logo em seguida me encaminhava para a Biblioteca Municipal Murilo Mendes, situada na Praça Antônio Carlos, no final da Avenida Getúlio Vargas. Ali, eu podia utilizar o banheiro aberto ao público para escovar os dentes e urinar. Por conseguinte, podia também usar o tempo que me fosse restante para estudar para a faculdade ou simplesmente apreciar a seção de literatura da Biblioteca.

Pois bem, num dia de extremo calor eu havia me demorado por demais num dos cartórios, e como tivesse bebido bastante água, não fica difícil imaginar que a vontade de ir ao banheiro se tornou imperativa. Assim que saí do cartório eu fui diretamente à Biblioteca, pois na tempestade dos acontecimentos, o primeiro lugar com banheiro público que me veio à cabeça foi este. Mas qual não foi a minha surpresa ao entrar no recinto e constatar (para o

meu desespero urinário) que o banheiro estava fechado por causa de um entupimento num dos vasos sanitários. Literalmente “surtei”, mas para meu alívio, o funcionário da recepção me indicou o banheiro do mercado ao lado que, segundo ele, também era público e gratuito.

Não pestanejei e para lá me dirigi, entrando pela primeira vez no Mercado Municipal. Com mais algumas informações consegui avistar, ao final de um dos corredores laterais, a entrada do banheiro, que fica de frente para o estacionamento. Ainda que a bexiga me exigisse toda a atenção, não pude deixar de notar que, recostado à pilastra bem defronte o banheiro, encontrava-se um homem que, aparentemente, estava ali por estar.

O banheiro era incrivelmente mais sujo do que o da Biblioteca. Ao se entrar nele, podiam-se divisar os mictórios (em número de 2) de um lado e as cabines (em número de 4), com suas respectivas portas e privadas, do outro. O local estava praticamente vazio. Não havia ninguém nos mictórios e com exceção da última porta, todas estavam abertas. Eu me dirigi imediatamente para a penúltima cabine, e já com a porta fechada a ferrolho, pude pôr para fora o que por dentro me revolia.

Expressões de duplo sentido a parte, o que se passou comigo nos momentos ulteriores foi algo de que, até então, eu jamais houvera suspeitado a existência. Eu ainda urinava quando um rapaz moreno subiu na fina parede que dividia as nossas cabines e, num instante, pulou no cubículo em que me encontrava. A princípio fiquei sem saber o que fazer: terminar de urinar ou tomar outra atitude? O que significava aquilo? Quem era aquele sujeito? E o que ele pretendia ao pular justo para dentro de onde eu estava? Interromper o ato fisiológico era impossível e a primeira coisa que me passou pela cabeça é que se tratava de um assalto. Minha pasta estava repleta de documentos importantes, cheques e uma quantia considerável de dinheiro vivo para a realização de pagamentos de taxas burocráticas. Não me custou imaginar que eu fora seguido desde o cartório e que, agora, encerrado num banheiro público imundo, eu me tornara presa fácil para um delito qualquer.

É óbvio que a clareza com que estas reflexões aparecem aqui no texto não se fizeram manifestar no momento do ocorrido. O medo de ser assaltado impunha-me limitações quanto ao raciocínio mais imediato e só muito depois de me ver longe do desembaraço é que pude voltar a refletir sobre o que comigo se passara. O rapaz dentro da cabine não me assaltou, e sequer tentou fazê-lo. Alheio à pasta que pendia em minhas costas, o que lhe interessava

era outra coisa. Ele não falava e quando dei por mim, uma de suas mãos procurava o meu pênis enquanto a outra passeava pelo meu pescoço. Assim que percebi seus movimentos e que logo findei o ato de urinar, pus-me a resistir às suas investidas, e enquanto eu me esforçava por guardar meu órgão sexual na calça, ele se esforçava ainda mais por deixá-lo amostra na tentativa de me masturbar¹⁰. Consegui me desvencilhar dele e assim que abri a porta, para outra surpresa ainda maior, deparei-me com o homem que estava recostado na pilastra do lado de fora, minutos antes, com o pênis ereto à mostra no mictório enquanto se masturbava.

Aturdido com o que se passava, eu logo saí do banheiro e, para meu espanto, ao olhar para trás, notei que os dois vinham atrás de mim. Eu me dirigi então para o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas¹¹ de modo a despistá-los, o que não foi possível. Enquanto eu passeava por uma das galerias, os dois me faziam sinais a partir de um corredor que, como vim a constatar, dava acesso ao banheiro daquele centro, também aberto ao público. Num misto de curiosidade e apreensão, eu fui até eles. Aquele que havia pulado em minha cabine falou: “*Vamos lá cara, aqui é seguro. Ninguém aparece aqui.*” Não sei dizer que tipo de expressão meu rosto repassava para os meus interlocutores, mas acredito que, para eles, estava claro que, o que me assustava, não era o clima homoerótico proposto por eles, mas o risco oferecido pelo local, justo por se tratar de um espaço aberto ao público, onde poderia aparecer qualquer um, sem contar os próprios seguranças da casa. Em parte eles tinham razão e como eu os seguisse até o interior do banheiro, foi como se descortinasse para mim uma realidade paralela aquela a que eu até então estava habituado. Os espaços que tinham a sua utilização prescrita pela ordem para um determinado fim (banheiro para a satisfação de necessidades fisiológicas) eram também apropriados de uma forma diferente, com ou-

¹⁰ Não obstante a “cruza” de tal cena é preciso ressaltar que a atmosfera ali presente em nada pode ser comparada a um ato de violência sexual. Entendo a atitude do rapaz (que anos depois viria a ser um de meus informantes) menos como agressiva do que como uma tentativa de interação homoerótica entre pares (e sobre isto me deterei mais a frente) e que, salvo as devidas proporções, pois este pode ser considerado um caso extremo, ocorre em espaços públicos procurados para *pegação*, sobretudo, os banheiros masculinos.

¹¹ O Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, a Biblioteca Municipal Murilo Mendes e o Mercado Municipal fazem parte do complexo arquitetônico da Praça Antônio Carlos, onde antes ficava a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas (Figura 1, página 69).

tras finalidades. Eu estava diante de um processo de desterritorialização, tal qual previsto por Deleuze & Guattari¹² (1996).

Uma vez lá dentro, os rapazes não se demoraram a expor seus pênis e a se masturbar enquanto me sugeriam, com gestos, que eu fizesse o mesmo. Observei toda a cena por alguns instantes e como o medo de ser pego fosse muito maior do que a curiosidade que me arrebatara, larguei os dois para trás e tomei o caminho de volta para o calçadão da Rua Halfeld, ainda que as imagens do que presenciara há pouco se me inscrevessem decididamente na mente. Somente no ano seguinte eu voltaria a ter contato, desta vez por iniciativa própria, com tais espaços, já pensando num possível tema para o bacharelado.

A longa descrição a qual me lancei no início deste capítulo tem um propósito bastante claro: dar a entender, a partir da experiência empírica (mesmo que ela seja anterior ao trabalho de campo sistematizado desenvolvido nos últimos anos), como, muitas vezes, nos é imperceptível como um mesmo espaço físico pode ser apropriado de diversas formas em função dos interesses daqueles que os utilizam. Não se trata, evidentemente, de pôr em questão aqui a maior ou menor validade deste ou daquele tipo de apropriação de um espaço. Este trabalho não pretende ser uma cartografia física e moral do uso “indevido” de determinados ambientes no espaço urbano. Tampouco, procura exacerbar certo “exotismo” que a pudicícia intenta, das mais diversas formas, atribuir a aqueles que não se enquadram em seus preceitos de ordenamento, como se a simples prescrição de regras para o uso de um determinado local abarcasse toda a diversidade (e riqueza) dos sentidos que os atores atribuem a eles a partir de suas experiências particulares e das relações destas com o mundo circundante.

Neste primeiro capítulo, o que se pretende é demonstrar que, alhures a qualquer tentativa de reducionismo moral e utilitarista dos ambientes no espaço urbano, viceja, paralelamente às prescrições ordenadoras, todo um mundo que, no caso específico da *pegação*, apropria-se deles de modo “transgressor” até, mas que pode ser apreciado, sob o ponto de vista sociológico, como uma possibilidade, dentre tantas outras, de usos e ocupações dos espa-

¹²Em seu estudo sobre os michês de São Paulo, Perlongher (1985: 173) percebeu que estes personagens tanto desterritorializavam os espaços nos quais desenvolviam suas atividades como eram eles mesmos seres desterritorializados, “sujeitos que saem de identidades personológicas familiares, institucionais, etc., rígidas, para entrar em ‘linhas de fuga’ da ordem social”.

ços¹³. Sendo assim, passo agora para algumas considerações de cunho reflexivo, a respeito das possibilidades da vida cotidiana (Mello & Vogel, 1985) em se tratando desses usos e apropriações, de modo a demonstrar, posteriormente, a partir de uma breve discussão e de experiências etnográficas em diferentes lugares do município de Juiz de Fora, como eram constituídos blocos espaços-temporais de *pegação* paralelos a outros usos sobre um mesmo plano físico.

Algumas considerações sobre a ocupação de espaços de uso coletivo

Tema de extrema relevância quando pensamos em uma Antropologia urbana ou nas “sociedades complexas”, a apropriação de espaços de uso coletivo em grandes centros pode ser compreendida como uma das dimensões nas quais se vêem refletidos conflitos e estratégias inerentes a este tipo de universo. Ao se reconhecer que a diversidade é um componente essencial da cidade, o exame acurado dos códigos culturais e subjetivos que orientam a utilização de determinados espaços pode revelar cenários muitas vezes surpreendentes para os mais desavisados. Sobretudo, se pensarmos nas políticas públicas de urbanização, ações no mais das vezes verticalizadas e que imputam à população regras e limites que ignoram o dinamismo que lhe é característico.

Ainda que os processos de planejamento urbano não sejam o tema desta pesquisa, um interessante mapeamento destas e de algumas outras questões pertinentes à utilização de espaços coletivos no meio urbano pode ser apreciado no trabalho desenvolvido por Marco Antônio da Silva Mello e Arno Vogel, sob a coordenação de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, quando de sua etnografia num bairro periférico do Rio de Janeiro. Resultante de um projeto desenvolvido pela equipe multidisciplinar do Centro de Pesquisas Urbanas do Insti-

¹³ Uso a expressão “transgressor” aqui no mesmo sentido assinalado por Bataille (1980) quando de seu estudo sobre o erotismo em geral, por entender que o uso de determinados espaços públicos para a *pegação* não pode ser dissociado do próprio fato de que, em se tratando de um homoerotismo, este último é também, em certa medida, visto por muitos como uma transgressão. Sendo assim, temos aqui uma dupla transgressão: transgressão de um desejo erótico que escapa às prescrições sociais da heteronormalidade, da monogamia e da circunscrição à intimidade, e transgressão, em consonância com a anterior, do uso prescrito pela ordem para determinados espaços públicos. Pollak (1990) chega a falar que a auto-affirmação homossexual pressupõe uma dupla transgressão: transgressão da ordem estabelecida e de si mesmo. Poderíamos considerar ainda a *pegação* como uma tentativa de instauração de linhas de fuga (Deleuze & Guattari, 1996) que, por motivos os mais diversos, podem não se concretizar. Isto porque enquanto uma linha de fuga procura se desvincular ao máximo das normas prescritas e se conectar a outras para instaurar novas possibilidades existenciais, a transgressão guarda com as imposições normativas ainda uma relação bastante estreita, ultrapassando-as e complementando-as ao mesmo tempo.

tuto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM) em fins dos anos 1970, *Quando a Rua Vira Casa* (1985) procurava trazer para o plano das teorias de planejamento urbanístico as possibilidades da vida cotidiana. Deste modo, punha-se em xeque postulados que ignoram a complexa dinâmica inerente ao meio urbano, numa clara proposta crítica à separação entre abstração teórica e realidade concreta presente na moderna arquitetura.

De toda a riqueza etnográfica e reflexiva que perpassa a obra acima citada, retive uma estratégia aparentemente simples, mas de grande valia, apontada por seus idealizadores, para a pesquisa por mim desenvolvida. Tratava-se de fazer, em campo, duas questões básicas: de quem é o espaço e o que é possível fazer com ele? Penso que se nos esforçarmos um mínimo que seja para respondê-las de maneira crítica e honesta, logo notaremos que cada uma delas pressupõe não apenas uma resposta, mas várias. Foi o que ocorreu quando as transporte para o meu objeto de pesquisa, os *pontos de pegação* de Juiz de Fora. Ao tentar responder a estas duas indagações a partir do que eu observara no trabalho de campo, cheguei a alguns veredictos que, se num primeiro momento, não esgotavam toda a fortuna prevista pela realidade empírica (e acredito que jamais chegarão a esgotá-la, pois há sempre algo que se nos escapa, apesar de todo e qualquer empenho), ao menos eles me possibilitavam algumas orientações sobre como conferir inteligibilidade aos dados.

Para a primeira pergunta, por se tratar de espaços de uso coletivo, com o acréscimo de, em sua grande maioria, os pontos procurados para *pegação* também serem espaços de acesso público e gratuito, era fato que não se poderia falar de um “dono” dos mesmos. Desta forma, eu jamais poderia enquadrar os freqüentadores dos pontos de *pegação* em um único tipo social, etário ou de qualquer outra natureza que não aquela básica fundamentada no sexo masculino¹⁴, mesmo se pensarmos nos parques, abertos, obviamente, a ambos os sexos. No máximo, apenas apontar tendências¹⁵.

¹⁴ Ao longo de toda a pesquisa não presenciei e nem recebi informações que indicassem a presença de mulheres nos lugares etnografados.

¹⁵ Homens mais velhos e casados na sauna do Salamandra e no Cine São Luiz. Nos demais espaços, uma pluralidade de idades (de menores a idosos), de estados civis (solteiros, solteiros namorando, casados, amancebados), de ocupações (camelô, pedinte, médico, estudante, professor universitário, padre, empresário, enfermeiro, etc.) e de auto-atribuições identitárias com base nas preferências sexuais (“bissexuais” que só saem com homens, “homossexuais” que *transam* com mulheres, “homossexuais” que não são gays, “heterossexuais” que gostam de homens, etc.).

Este tipo de observação é interessante porque nos leva a reconhecer e a operar com uma diferença importante entre as noções de espaço físico e espaço social, embora um não exista sem o outro (Mauss, 1974). Magnani (2002), por exemplo, ao explicitar seu conceito de *pedaço*, assinala que este pode ser entendido como o resultado de uma junção da dimensão física (território) com a dimensão social, esta última abarcando fatores como o público freqüentador, as práticas estabelecidas e as redes de sociabilidade que se desenvolvem por sobre um mesmo espaço físico. Sendo assim, no *pedaço*, as pessoas se reconhecem através de suas intenções e interesses, por meio de orientações semelhantes.¹⁶

A noção de *mancha* no espaço urbano, igualmente desenvolvida por esse mesmo autor, também preconiza uma junção entre as dimensões física e social. Mas diferentemente daquele, aqui emergem possibilidades não previstas de encontros e interações. O indivíduo sabe que tipo de pessoas e que tipos de serviços poderá encontrar numa *mancha*, mas não necessariamente quais. Salvo o aspecto do anonimato presente nos pontos de *pegação*, esta proposição em muito se assemelha ao que vislumbrei ao longo de minha pesquisa: ao procurar alguns espaços e desterritorializá-los com vistas à *pegação*, os indivíduos possuíam uma idéia geral do que lá encontrariam em termos de possíveis parceiros e interações, mas sem qualquer especificidade dos termos. O inesperado e o desconhecido faziam parte da própria constituição dos blocos espaços-temporais de *pegação* — podia-se topar com qualquer um, inclusive com alguém não interessado. Do mesmo modo, ir atrás de uma *chupeta* (termo “nativo” para felação) num parque ou banheiro, por exemplo, não significava concretizá-la. Poder-se-ia ficar apenas numa mera masturbação ou ir mais além, chegando-se ao coito anal. Tudo dependeria das condições para a apropriação, sempre circunstanciais.¹⁷

Sobre as possibilidades de uso dos espaços, quer fossem os de natureza pública, como os banheiros e os parques, ou privada, como a sauna e o cinema pornô, responder à segunda pergunta me levou a considerar duas frentes de observações. A primeira delas corresponde diretamente ao aspecto geral daquilo que é prescrito para um determinado lugar dentro da ordenação do universo urbano em contraposição com suas reais formas de utilização. Notei

¹⁶ É importante assinalar que o *pedaço* nos termos propostos por Magnani é um espaço intermediário entre a casa e a rua, e que se constitui num ambiente para o qual acorrem os indivíduos que buscam interações com seus iguais.

¹⁷ A despeito do poder explicativo do conceito de *mancha* desenvolvido por Magnani, optei por não fazer uso deste termo por preferir manter a aproximação não só com a idéia de blocos espaços-temporais aqui formulada, mas também, com a denominação *pontos de pegação*, bastante usada pelos freqüentadores desses espaços.

que, em certa medida, podiam-se fazer muito mais coisas num lugar do que supunha a vã certeza do poder público ordenador, das classes dirigentes e até mesmo dos donos e funcionários dos estabelecimentos, embora eles mesmos não ignorassem de todo a existência desses usos “inapropriados”. Se os debates acerca do Parque da Lajinha enfatizavam a necessidade de educar a população local sobre a importância de observar as “reais” finalidades daquele espaço, isso não impedia que suas várias regiões internas continuassem a ser utilizadas para encontros homoeróticos, despachos de oferendas religiosas, pesca e nado no lago e até mesmo uso de drogas ilícitas. Mais do que um reduto ecológico a ser respeitado, como desejavam as autoridades, o parque podia ser usado de diferentes formas, pelos mais diversos atores, o que, invariavelmente, acabava por gerar conflitos episódicos¹⁸. E eram estas diferentes formas de utilização do parque, não as prescritas pelo poder público, que incomodavam os funcionários, como se depreende na seguinte fala:

“Eles não sabem que isto aqui não é uma coisa a Deus dará. Isso aqui é de todo mundo e se a Prefeitura não fizer um trabalho sério de conscientização das pessoas elas vão continuar usando isso aqui de modo errado. E eu não posso ficar exigindo dos serventes que eles façam coisas que não querem e nem podem, como recolher todas aquelas camisinhas usadas e esses despachos aí, porque eles têm medo. Não vão botar a mão. Com isso, quem perde é a natureza” (Hélio, estagiário do Parque da Lajinha).

A segunda frente de reflexão sobre as possibilidades de uso de tais espaços me levou a perceber que a sua “apropriação indevida” não significava, necessariamente, um uso desordenado ou a Deus dará, como se costuma falar corriqueiramente¹⁹. Aos poucos, quanto mais eu penetrava no submundo da *pegação*, mais eu me dava conta de que, para que as

¹⁸ Um dos principais problemas apontados pelos funcionários do Parque da Lajinha era a insistência com que as pessoas continuavam a nadar no lago. Não foram poucas às vezes em que presenciei ali a visita de carros da polícia militar e do corpo de bombeiros nos finais de semana para, ao menos momentaneamente, impedir tal situação. Eles obrigavam os meninos a sair do lago, mas estes, assim que os policiais e bombeiros se retiravam, voltavam às suas brincadeiras. A despeito do risco real de as crianças se afogarem ou serem tragadas pelo sumidouro próximo de onde mergulhavam, o que estava também em jogo era o uso “errôneo” daquele espaço. Do mesmo modo, acompanhei um intenso debate entre o movimento negro da cidade e algumas autoridades locais no ano de 2005, por ocasião da I Conferência Municipal de Promoção da Igualdade Racial, sobre as possibilidades de, finalmente, o Parque da Lajinha ser reconhecido como “despachódromo”, ou seja, local específico na cidade para a colocação de oferendas das religiões de matriz africana.

¹⁹ Este será o assunto do capítulo 6.

interações homoeróticas ocorressem nos locais onde elas se davam, era necessário que os frequentadores observassem uma série de regras de etiqueta. Estas regras diziam respeito não só às interações entre os sujeitos propriamente (se a *transa* vai “rolar” ou não, quem vai ser o ativo ou o passivo no coito — as estratégias de constituição das interações e dos blocos espaços-temporais de *pegação*), mas também, e não menos importante, ao modo não-oficial de utilização de um parque público, de um banheiro ou mesmo da sala de exibição de um cinema pornô. Sendo assim, em certo momento ficou claro para mim que não se tratava simplesmente de se entrar num banheiro e ir logo exibindo o pênis. Ou então, que pelo fato de se estar num cinema pornô com grande movimentação sexual tanto na tela quanto nas poltronas seria possível fazer de tudo ali. Ao mesmo tempo em que as experiências conferiam sentidos múltiplos a estes espaços, elas também se submetiam, até certo ponto, a alguns preceitos de ordenação responsáveis por suas possibilidades de ocorrência. Logo, os locais pesquisados também podiam ser mais ou menos diferenciados entre si. A transgressão existia como contrapartida das limitações, mas não era alheia a qualquer tipo de regra, como se nos momentos de constituição dos blocos espaços-temporais de *pegação* tivéssemos um coeficiente anárquico regendo as interações. As prescrições sobre os usos “adequados” dos espaços eram suspensos temporariamente, mas no lugar destas, outras eram invocadas para conferir organização à transgressão²⁰.

Para alguns talvez pareça um tanto quanto forçoso encarar sob o mesmo prisma as estratégias de transformação de determinados espaços em pontos de *pegação* e aquelas empregadas por moradores de um determinado bairro, por exemplo, para a apropriação de áreas de uso coletivo com fins de lazer, como retratado nas etnografias de Mello & Vogel (1985) e na de Magnani (1984). Poder-se-ia mesmo supor que no caso da *pegação*, ao contrário de algumas outras formas de apropriação de espaços de uso coletivo (o uso de um terreno baldio como campinho de futebol, por exemplo), há um componente “belicoso” que a caracteriza não só como inadequada, mas imbuída de atributos tais como “perversa”, “indecorosa” e até mesmo “criminosa”. A *pegação* transforma a sauna de um simples clube familiar num “antro de perversões”, “contamina” os espaços públicos e de uso coletivo com

²⁰ Em seu estudo sobre o erotismo, Bataille (1980) assinala que as transgressões indefinidas são excepcionais. Na maior parte das vezes o que se tem são proibições transgredidas sob regras previstas. Sendo assim, pode-se considerar que há uma alternância entre a proibição e a transgressão que passa por determinados regulamentos. Sendo o objeto proibido, a proibição faz dele um objeto de desejo, mas que deve ser consumido mediante determinados preceitos.

atos obscenos, ameaçando não só a boa funcionalidade dos lugares, mas também o decoro e a honradez das pessoas de bem. É como certa vez me disse a mãe de uma amiga a despeito de ter tomado ciência de que o banheiro da Biblioteca Municipal servia de palco para *pegação* entre meninos:

“Isso é um escândalo Verlan, porque expõe nossas famílias a todas essas perversões que eu nem sei por que existem. A prefeitura deveria tomar uma atitude definitiva contra esse quadro de degradação da biblioteca. Eu, sinceramente, não posso imaginar como você pode se dedicar a frequentar tais ambientes e ainda sim achar tudo normal. Juro que não entendo”.

Se eu não fui proibido de manter a amizade com minha amiga por conta de minha pesquisa, também não poderia deixar de reconhecer que a emissão de juízo de sua mãe não era uma voz destoante dentre tantas outras quando descobriam a existência destas zonas morais ou, para ser mais preciso “zonas de imoralidade”. Em verdade, não foram poucas às vezes nas quais ouvi até mesmo de colegas assumidamente gays quando expus o que estava estudando, que a minha pesquisa deveria servir de informativo para que as autoridades finalmente acabassem com a “imoralidade” reinante nestes espaços²¹. Com frequência, para muitos, a utilização de espaços de uso coletivo para *pegação* se apresentava como a manifestação de um impulso desordenado de perversidade que não respeita os limites da moral e da decência. A fala de um rapaz que me informou não gostar de *pegação* ilustra bem o discurso discriminatório que pode ser encontrado mesmo no seio de grupos marginalizados. Para ele, particularmente, não existem maiores diferenças entre os que fazem e os que não fazem *pegação*, mas como tudo é uma questão de pose, de estabelecimento de limites que prescrevem o que é aceitável ou não dentro do universo *gay*, as pessoas, façam *pegação* ou não (assim como ele), acabam sendo enquadradas em estereótipos:

²¹ Em seu trabalho com os travestis da Lapa, no Rio de Janeiro, Hélio Silva (1993) mostrou que estes personagens, mesmo construindo suas identidades sob o escrutínio do preconceito, eram eles mesmos extremamente preconceituosos. Deste modo, um jovem travesti anônimo não aceitava homens que beijassem homens, Lucrecia não gostava de gays, Poliane reclamava do fato de só lhe chamarem de “paraíba” no bar da Emília, e um outro travesti negro tinha aversão por pessoas de sua cor.

“A pessoa vai no Muzik com intenção de fazer [pegação] e depois sai de lá e pode ir muito bem pra galeria do Cine Teatro Central pra fazer as mesmas coisas. Só né... Na escuridão. Ninguém vendo. É tudo uma questão de pose. Na frente é de um jeito por trás é outra, ou seja, é uma obscuridade dentro da obscuridade. O próprio gay cria a sua visão, o seu padrão de ações corretas, como eu posso dizer isso, sua cultura, aí é aquele tabu. Tem um tabu dentro da própria homossexualidade, como deve ser correto e o que é errado, e ali mesmo ele tem a ambigüidade né. (...) É engraçado como o próprio meio [gay] é muito preconceituoso. Porque aí passa uma bichinha e vê o Molibdênio olhando e fala: ‘Ah! Lá: finge que é bofe, mas deve dar mais do que eu’. Não é assim que acontece? Ou então, ‘trepas mais do que eu’, ou seja, por que tem que ter preconceito, né? E daí? Cada um é do jeito que é. Eu tenho muito problema com isso, porque eu sou muito liberal. Mas.. Acho que eu não preciso dar na pinta pra isso. Eu tive problemas, porque eu não me aceitava. Ah! Porque você é incubado, é enrustido, cursando Engenharia... Porque você é machão. Então, eu não podia ser desse jeito. E foi muito difícil e-les me aceitarem” (Cádmio, 23 anos).

Mas não nos enganemos, pois tais emissões de juízo, ao partirem da sociedade inclusiva, podem ter como substrato o próprio preconceito contra as sexualidades periféricas, aqui na acepção de Foucault (1988). É o caráter “marginal” daqueles que fazem *pegação*, bem como de sua “sexualidade invertida, desregrada²²”, que confere a estes espaços, quando utilizados para a satisfação de desejos “escusos”, o sentido de “escandalosos”, “imorais” e ameaçadores. “Patologia” duplamente reforçada: como se não bastasse o desejo por pessoas do mesmo sexo, ainda assim este desejo é saciado em ambientes nada convenientes para tal. Continuamos, em certo grau, vivendo sob um ideal médico da passagem do século XIX para o século passado que identificava o indivíduo “desviante” a partir de uma perspectiva que distinguia, sob o ponto de vista médico, o “doente” do “saudável”²³.

²² Se no meio gay o homoerotismo em si não é alvo de preconceito, a promiscuidade o é, e é vista por alguns, como condição disruptiva do ideal de uma “homossexualidade saudável” baseada nos preceitos do amor romântico e conforme a monogamia “heterossexual”. Pollak (1985) assinalou que com a emergência de uma maior permissividade social quanto às práticas homoeróticas, aqueles que as praticam têm como maior problema tentar conciliar o acesso facilitado a inúmeros parceiros sexuais com um ideal sentimental de relacionamentos estáveis, estes últimos característicos no “meio heterossexual”.

²³ A Antropologia há muito vem questionando e relativizando a idéia de comportamentos e sujeitos “desviantes”. Por ocasião da organização de um compêndio sobre o assunto, *Desvio e Divergência: Uma Crítica da Patologia Social* (1977), Gilberto Velho dá um parecer que me parece pertinente: “O ‘desviante’, dentro da minha perspectiva, é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma ‘leitura’ divergente” (p. 27). O indivíduo nunca é “desviante” por si só, por algo que lhe é inato. Seu “desvio” é antes o resultado das sanções que a própria sociedade imputa sobre aquilo que ela mesma considera fora do perfil “médio” de aceitação, muitas vezes associando variações com deformações, confundindo o incomum com o patológico. No que se refere às orientações sexuais propriamente ditas, a Antropologia, assim como alguns representantes da Biologia e da Psicologia num momento mais recente, condenam a idéia de sexualidades “normais” e

Esta pequena digressão a qual me lancei teve o intuito claro de chamar a atenção para o fato de que as apropriações de espaços de uso coletivo para *pegação* homoerótica não poderiam ser tomadas como representativas de um desvio qualquer que seja. Isto empobreceria em demasia o entendimento de suas lógicas de funcionamento e serviria apenas aos propósitos de uma circunscrição do objeto analisado aos ditames da moral e dos valores dominantes, como eu já afirmei neste capítulo.

A apropriação de espaços de uso coletivo para encontros homoeróticos não é um fenômeno recente. James N. Green, em seu fabuloso *Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX* (2000), bem como em outra obra, em parceria com Ronald Polito *Frescos Trópicos* (2006), relata a existência de vários pontos nos centros das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, já em fins do século XIX, procurados com esta finalidade. Perspectivas diacrônicas em diferentes trabalhos (Perlongher, 1987; Silva, 2005) também acabaram por promover algum recuo no tempo com o intuito de traçar os percursos históricos, políticos e sociais dos grupos que se dispuseram estudar²⁴. Em todos estes casos, o que fica claro é que as condições de existência das redes de sociabilidade dos sujeitos com inclinações homoeróticas, e as ocupações que eles faziam de determinados espaços, não poderiam ser encontradas apenas nos seus desejos mais íntimos. Elas eram dadas numa conjunção entre estes mesmos desejos e as experiências particulares articuladas nos mais diversos planos com a vida social²⁵.

Alexandre Fleming Câmara Vale, em sua etnografia de um cinema pornô na cidade de Fortaleza, Ceará, em fins da década passada, assinalou a importância de se fazer uma comparação crítica entre as concepções que a sociedade inclusiva costuma ter sobre os espaços de encontros homoeróticos (no caso de seu trabalho, o Cine Jangada) e a realidade de vida daqueles que os freqüentam. Segundo ele, a sociedade inclusiva de Fortaleza costumava fazer uso de categorias que naturalizavam os freqüentadores do cinema, enxergando-os

“anormais”. Sobre o assunto, ver, por exemplo, e respectivamente para cada área, Piscitelli et al (2004); Herculano-Houzel, (2006); e Costa (1992).

²⁴ A etnografia de José Fábio Barbosa da Silva, recentemente lançada, foi originalmente confeccionada em fins da década de 1950, e propunha um olhar alternativo para o “problema do homossexualismo”, que até então vinha sendo discutido nos centros acadêmicos sob preceitos médicos e biológicos que o encaravam como uma patologia. Este trabalho, ao retratar os “homossexuais” como pertencentes a um grupo minoritário, acabou por enfatizar o seu caráter sociológico, prenunciando muito do que hoje encontramos nos trabalhos antropológicos sobre o assunto.

²⁵ Esta mesma orientação investigativa pode ser encontrada no trabalho de Dora Carmem Guimarães (2004), *O Homossexual Visto Por Entendidos*, realizado na década de 1970.

como maníacos sexuais, anormais, degredados, etc. Para o autor, era preciso acrescentar a esta perspectiva um dado da mais alta importância: se por um lado o fechamento do Cine Jangada deixava saudades de seus tempos áureos, quando ainda exibia filmes “normais”, também não poderia ser ignorado que este fato acarretou em toda uma orfandade de seus freqüentadores dos tempos pornográficos. O cinema era ponto de visita não apenas de “insaciáveis do sexo”, mas de uma gama de grupos e indivíduos marginalizados (entre eles os travestis) por esta mesma sociedade e que ali encontravam abrigo e uma oportunidade de sustento. A sociabilidade encontrada naquele cinema ia muito mais além do exercício de uma “homossexualidade” reprimida:

Locus de uma maneira de distribuir o jogo dos poderes e prazeres, o Jangada consistia numa região que, pela alta saturação sexual que comportava, dava visibilidade às formas de uma sexualidade não conjugal, não heterossexual, lugar de uma “sexualidade plástica”, ou seja, independente da obrigatoriedade de reprodução (Vale, 2000: 19-20).

Retornando ao meu universo da *pegação* em Juiz de Fora, o caráter sociológico atribuído não só à sua existência, mas aos mecanismos que o mantinham e/ou mantém em operação, a despeito do fechamento de alguns de seus pontos, pode ser apreciado na articulação entre os diferentes domínios pelos quais os atores que o freqüentam e/ou freqüentavam percorrem. A ida a um cinema pornô, ou a um parque, ambientes nos quais as chances de uma interação homoerótica são bastante grandes, poderia estar orientada por um movimento conjunto de saciedade de um desejo sexual²⁶ e de fuga de determinados aparelhos de captura (Deleuze & Guattari, 1995). O aparelho pode ser o Estado, a religião, a família ou mesmo o próprio universo *gay*, que ao longo de seu desenvolvimento histórico e político, em algumas de suas vertentes, vem tecendo orientações de afirmação da “homossexualidade” a partir de enquadramentos numa “cultura gay” idealizada. Sobre este último aspecto, o depoimento de um freqüentador do Parque da Lajinha é bastante ilustrativo:

²⁶ Perguntei a Césio: “Por que vem aqui?” Ele me respondeu na lata: “Tensão ora essa! Até parece que você não sabe!” Com uma resposta destas e a tranquilidade com que ela foi proferida, eu tenho que reconsiderar minha idéia inicial de que é apenas o caráter “marginal” da “homossexualidade” que leva os indivíduos a freqüentar os pontos de *pegação*, como se o desejo por transar em ambientes clandestinos não fosse possível (trecho de diário de campo redigido no ano passado).

“Eu gosto de homens, gosto de transar com homens. É um desejo meu e que eu tenho desde criança. Gosto dos homens mais velhos e não me importo se eles são casados ou não. Eu venho aqui pra poder dar vazão a este meu desejo, mas se você quiser saber sobre outros motivos, eu posso te dizer que venho aqui também porque acho que é uma maneira de eu fugir. Eu fujo da minha família, que não sabe das minhas preferências e nem poderia saber. Eles não entenderiam. Não me apoiariam. Mas também não estou interessado em ficar frequentando boates e daí posar de gay, que é uma coisa que eu não me considero. Eu sou uma forma particular de vida, e no meio gay eles querem que a gente se enquadre num certo padrão. Eu não me enquadro. Esse tipo de estilo não me seduz. Sou mais ficar por aqui, procurando homens de verdade”(Paládio, 35 anos).

Como vimos até agora, a constituição dos pontos de *pegação* passa pelos mais diversos aspectos, e envolve desde o plano subjetivo dos sujeitos que deles fazem uso até os fatores de ordem mais objetiva que acabam por influenciar na ordenação do espaço urbano, tanto no que se refere ao controle efetivo de suas dependências quanto nas possibilidades, ainda que à sua revelia, de uso destes mesmos espaços de formas não previstas.

No próximo tópico retomo as considerações sobre os modos pelos quais determinados espaços se transformavam em territórios de *pegação* (blocos de espaços-tempo) e, por extensão, nos capítulos subseqüentes, articulo-as com alguns dados etnográficos pertinentes.

A constituição dos blocos espaços-temporais de *pegação*

Sobre o plano de ocupação “indevida” dos espaços de uso coletivo eram estabelecidas variadas combinações de reflexões objetivas e subjetivas. Cálculos eram realizados e o local utilizado para *pegação* podia ser procurado, como vimos há pouco, por diferentes motivos. Daí a minha dificuldade em estabelecer padrões de identificação tanto dos sujeitos que percorriam este universo como os motivos que os levavam até lá. Para cada similitude encontrada surgiam pelos menos outros dois ou três motivos discrepantes que desafiavam a minha capacidade de ordenar as informações. Isso só fazia reforçar a já quase aceitação de que era melhor deixar os fatos falarem por si mesmos, pelo menos, no que se referia às experiências dos sujeitos.

É evidente que tal postura não implicava no aceite de uma sedução pela desordem. Se qualquer princípio de ordenação, por mais rudimentar que ele seja, é preferível ao caos,

como assevera Lévi-Strauss (1997), era preciso que, ao menos, eu tornasse inteligíveis os princípios básicos de transformação de um determinado espaço de uso coletivo num *ponto de pegação*. Ao mesmo tempo, também se fazia imperativo que eu apresentasse tais espaços de modo a traçar tanto aquilo que os unia quanto o que os diferenciava mais imediatamente a partir das experiências.

O que seriam os blocos de espaço-tempo

Sobre o primeiro problema, é possível colocar, ainda que de modo simplificado, o que entendo por constituição de blocos de espaços-tempo: trata-se de reconhecer que determinadas práticas realizadas num determinado local acabam por alterar, pelo menos momentaneamente, a natureza mesma deste espaço (tanto em seus aspectos físicos e sociais) e dos sujeitos que nele se encontram. Tudo ao mesmo tempo. Este é um ponto factível se nos basearmos na idéia de que em termos de ordenamento urbano há espaços pré-codificados para uma conduta e outros não. Se pensarmos num banheiro público como o do Mercado Municipal, ou mesmo como o da rodoviária do bairro de Campo Grande (Rio de Janeiro), por exemplo, haveremos de notar que um homem que se movimenta de uma forma específica, emitindo signos particulares ao modo de interação que procura (homoerótica), acaba por constituir um território outro dentro do banheiro, quer seja correspondido ou não. O banheiro deixa de ser um simples banheiro para se constituir também, porque os usos não são necessariamente excludentes, num *banheiro de pegação*.

A espacialidade deve ser entendida como uma coordenada das diversas experiências realizadas num espaço geométrico. Diferentes experiências proporcionam diferentes espacialidades. Deste modo, o bloco é espacial porque as experiências de *pegação* operam transformações nos locais onde elas ocorrem. Processo de desterritorialização que transforma um espaço estriado num espaço liso (Deleuze & Guattari, 1996). A cabine não é mais o espaço por excelência para a defecação; o fundo do parque não é mais o espaço por excelência para os passeios ecológicos; o quarto de repouso da sauna não é mais o *locus* específico para o descanso pós-massagem. Todos esses espaços estão pré-codificados para tal, mas pelo simples movimento de um ou mais homens, num dado momento, passam a abarcar outras possibilidades de uso. São instauradas, a partir das experiências, novas espacialidades. Onde minutos antes um homem defecava dois outros, num momento posterior, têm relações sexuais. Ou, como várias vezes eu observei num dos banheiros da rodoviária

Novo Rio por meio do piso extremamente encerado, do meu lado esquerdo um homem poderia estar urinando, enquanto do outro, dois outros trocavam carícias genitais.

Que se não imagine que o espaço, em sua totalidade, transforma-se num *ponto de pegação*. Não se trata de uma desterritorialização total²⁷, caso em que não sairíamos de um espaço estriado para um espaço liso, mas antes, permaneceríamos num mesmo espaço estriado caracterizado por outra função única: a *pegação*. A idéia de constituição de blocos é justamente mostrar que a apropriação de determinados espaços de uso coletivo com vistas à *pegação* prevê apenas uma ocupação, se assim pudermos nos referir, parcial de todo o ambiente físico. Por isso podemos falar de concomitância. Não era o cinema todo que virava um *ponto de pegação*, mas determinadas filas de poltronas e o banheiro. Do mesmo modo, não era a sauna em si que virava uma sauna gay, mas antes, apenas uma pequena sala “escondida” no segundo andar do prédio que a abriga. No caso dos parques, os blocos de espaço abarcavam pelo menos duas áreas: aquela na qual acontecia o flerte e aquela na qual a interação sexual ocorria efetivamente.

O bloco é também temporal, e o tempo pode ser encarado sob duas perspectivas. Uma delas diz respeito ao aspecto cronológico da coisa. Este, evidentemente, faz parte da composição dos blocos de espaço-tempo de *pegação*, visto que as interações homoeróticas nos ambientes retratados são episódicas, ainda que passíveis de ocorrer em qualquer horário de funcionamento dos mesmos, podendo-se, por vezes, assinalar alguns picos de aglutinação, tal qual ocorria no banheiro do Mercado Municipal antes da implantação das roletas de cobrança²⁸. Mas este é apenas o tempo abstrato e quantitativo, sobre o qual lançamos nossos ideais de organização com base numa espacialidade. Há ainda o que se poderia consi-

²⁷ De todos os *pontos de pegação* homoerótica que tive a oportunidade de visitar em várias cidades por onde passei, destacando-se os banheiros públicos masculinos, o único que quase se aproximaria de uma conversão total é o da rodoviária do bairro de Campo Grande, na cidade do Rio de Janeiro. Neste banheiro, sobre o qual faço um pequeno relato de modo a ilustrar como tais ambientes funcionam de modo mais ou menos ordenado, era muito comum que todas as cabines, além de todo o espaço do mictório, ficassem por muito tempo completamente tomados por homens em interações homoeróticas as mais diversas. Nestes picos de saturação sexual, aqueles que não partilhassem de tais práticas viam-se obrigados a se retirar do recinto, muitas vezes sob pena de sofrer ameaças verbais.

²⁸ Esse pico ocorria entre 17 e 19 horas. As interações eram em sua grande maioria fugazes e a constituição do bloco temporal tinha como princípio de duração física o tempo de permanência das interações, que podia variar de poucos segundos (uma simples olhadela através do espelho do lavatório) até a alguns minutos (como quando ocorriam as *transas* nas trilhas dos parques) ou mesmo algumas horas em horários determinados (tal qual ocorria na sala de descanso da sauna). Mais uma vez aqui é preciso reconhecer o caráter relativo da constituição do bloco temporal, ou da dimensão temporal na constituição do bloco de espaço-tempo: enquanto um homem urina outro goza.

derar como um tempo concreto e qualitativo, ou tempo real, tal qual proposto por Bergson (1996).

É que o tempo é também o tempo da experiência, das modificações que são operadas tanto no mundo exterior como na vida psíquica dos sujeitos. O tempo cronológico existe enquanto artifício de nossa inteligência para conferir um sentido aparentemente temporal aos fenômenos que analisamos, mas que só pode ser organizado dentro de uma espacialidade. No plano interior dos sujeitos, as experiências dizem respeito a uma ordem estritamente temporal, porque elas só podem ser apreendidas em termos de suas durações (intensidades). Este tempo real de que nos fala Bergson é contínuo, não pode ser quantificado, e não dissocia os acontecimentos exteriores (físicos) das experiências interiores. Por isso é possível considerar que as transformações operadas pelos sujeitos nos *pontos de pegação* não estão dissociadas das transformações experimentadas por esses mesmos sujeitos em suas práticas. Influência mútua que só pode ser expressa, do ponto de vista interior, em termos de intensidades experimentadas e vivenciadas, e nunca em termos de sua cronometragem.

A idéia de bloco espaço-temporal pretende exprimir isso: que há uma correlação entre a apropriação dos espaços e a duração da experiência nos sujeitos, e que esta duração da experiência não pode ser reduzida a um caráter quantitativo, visto que ela só se manifesta em termos qualitativos. O tempo-espaço quantitativo das apropriações e das práticas forma um bloco com o tempo qualitativo da percepção e da experiência interiores ao sujeito.²⁹

Não obstante cada componente desta constituição espaço-temporal, talvez possa parecer confuso, ou até mesmo inconsistente, a idéia de concomitância de experiências diferenciadas num mesmo espaço e num mesmo momento. Como se conjugariam, assim, os usos permitidos e os não permitidos? Ora, esses blocos espaços-temporais eram constituídos, tomando-se por base o objeto de investigação desta pesquisa, por meio das relações homoeróticas. Eram elas as responsáveis pela constituição destes universos paralelos ou de todo um submundo, aqui fazendo uso de um termo “nativo”, em ambientes não necessariamente criados para elas. Mas estas mesmas relações não eram dadas num quadro desprovido de orientações. A demarcação dos territórios de *pegação* pressupunha um conjunto de estratégias que era operado por meio da utilização de signos e códigos, toda uma linguagem em-

²⁹ A proposta de Bergson é que consideremos os acontecimentos físicos e psíquicos em si mesmos. Só assim poderemos chegar ao tempo real. Este tempo real possui propriedades fundamentais (ou aspectos da duração) que estão em constante interação: sucessão, continuidade, mudança, memória e criação. Para um aprofundamento nesta questão, ver Bergson (1996), Rosseti (2001), Santos (2003) e Coelho (2007).

blemática que dava tanto a tônica da transformação do espaço num ponto de *pegação* quanto ordenava o seu funcionamento. Pode-se imaginar, por conseguinte, no cenário que descrevi no início deste capítulo, que em algum momento eu acionei ao mesmo tempo em que tomava conhecimento de sua existência, um signo, ou código, que me “capacitava” a interagir com aqueles dois rapazes³⁰. Quando anos mais tarde eu e um deles conversávamos sobre o nosso primeiro encontro, ele me disse que o que o levou a pular em minha cabine, além de certo acesso de loucura, fora o fato de eu ter inspecionado primeiro o banheiro, antes de me dirigir à cabine. Ao escolher aquela colada à última, já ocupada, tudo indicava, pelo menos num primeiro momento, que eu estava procurando “alguma coisa”³¹. Mesmo porque, por debaixo da porta, a posição de seus pés voltados para o vaso sanitário indicava que ele estava em pé e, se não estivesse urinando, talvez estivesse se masturbando³². Em certa medida, mesmo sem saber, eu havia me movimentado no interior do banheiro de um modo a dar a entender a aqueles outros dois que eu partilhava de seus interesses. O desfecho de uma interação não concretizada (ainda que eu considere o fato de ter ido vê-los se masturbar no banheiro do Espaço Cultural Bernardo Mascarenhas como uma relação homoerótica) resultou, em grande parte, da não observância, por parte de meu informante, de determinadas estratégias para a confirmação de que eu poderia, talvez, ser alguém também interessado. Como tática confirmatória, ele deveria ter me esperado acabar de urinar para ver se eu permaneceria por mais tempo na cabine em atividade “suspeita”.

Similitudes e diferenças entre os diversos pontos de pegação

Retornando ao problema da apresentação dos locais procurados para *pegação* com base naquilo que eles possuíam de comum e de diferencial, teço alguns comentários.

³⁰ Não ignoro, contudo, a possibilidade de haver erros de comunicação no uso dos códigos e das estratégias e que podem acarretar num desfecho nem sempre aprazível para aquele que inicia o contato. Por isso, suponho-me, estas estratégias acabam por possuir um caráter liminar, pois ao mesmo tempo em que elas devem ser capazes de atrair o interesse daqueles que também orientam sua ida ao ponto de *pegação* com o intuito de realizar relações homoeróticas, elas também devem funcionar como despiste para aqueles que não partilham estes mesmos interesses.

³¹ A expressão “procurando alguma coisa” denota entre os freqüentadores dos espaços etnografados, que o indivíduo pode estar interessado em interações homoeróticas.

³² Uma descrição detalhada desse tipo de situação será dada quando eu falar especificamente dos modos pelos quais os banheiros se transformavam em banheiros de *pegação*.

Sobre os aspectos de aproximação: Todos os cinco espaços aqui etnografados têm em comum o fato de não serem, *a priori*, espaços voltados especificamente para o público homoerótico masculino, mesmo em se considerando o cinema pornô. No caso deste último, seria precipitado de minha parte fazer supor que todos os seus freqüentadores eram homens interessados em homens. Se por um lado a grande maioria deles freqüentava o Cine São Luiz pela facilidade em se conseguir relações deste gênero, por outro havia aqueles que, nada mais nada menos, o faziam com a simples intenção de apreciar o filme em exibição, muitas vezes permanecendo sozinhos e alheios à movimentação da sala de exibição. Eram os “heteros” que, segundo informações coletadas no próprio local, entravam e saíam do cinema sem realizar qualquer tipo de interação com os demais indivíduos. Além de que, os filmes todos que ali assisti exibiam histórias envolvendo personagens de sexos diferentes, e dentre os homens com os quais conversei, nenhum mencionou a exibição de filmes envolvendo sexo entre homens ou entre mulheres, ou mesmo mesclando as duas possibilidades. Sendo assim, não faria o menor sentido considerar o Cine São Luiz como um cinema pornô gay. Já no caso dos demais espaços, os banheiros e parques públicos e a sauna do Salamandra Clube, eles jamais poderiam ser considerados como pertencentes ao circuito de ambientes voltados para o público GLS (ou GLBTS)³³ disponível na cidade justo pelo seu caráter implícito, e não explícito, ao contrário daqueles. Os bares, cafés e boates, bem como uma sauna, voltadas para o público gay possuíam bastante visibilidade quanto ao tipo de público que os freqüentava, o que não se verificava nos espaços que pesquisei.³⁴

Outro aspecto que aproxima todos esses espaços de *pegação* é a posição que eles ocupam dentro do que poderíamos considerar, muito grosseiramente, na ausência de um termo melhor, de “circuito gay juizforano”. Se a visibilidade dos encontros homoeróticos perante a sociedade inclusiva nestes locais é relativamente baixa, o mesmo não pode ser dito quando se leva em conta os freqüentadores dos estabelecimentos gays. Muita gente do “meio” sabe de sua existência, e pelos motivos os mais variados, vêem tais locais como de baixo calão,

³³ Siglas que significam, respectivamente: “Gays, Lésbicas e Simpatizantes” e “Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros (ou Transexuais) e Simpatizantes”.

³⁴ Não quero com isso dizer que a existência de *pegação* em determinados espaços de uso coletivo da cidade fosse de todo desconhecida da sociedade inclusiva. Excetuando-se a sauna, todos os outros locais aqui etnografados ou foram fechados (como o Cine São Luiz), ou passaram por medidas de controle que, de um modo ora silencioso (roletas nos banheiros) ora declarado (implantação de seguranças no Parque do Museu Mariano Procópio), acabaram senão por erradicar, ao menos por diminuir a incidência dessas manifestações “escusas” em tais espaços.

frequêntado por “gente promíscua” e que, em certa medida, em nada contribui para a melhoria da visibilidade dos “homossexuais” perante a sociedade dita “heterossexual”.

Os pontos de *pegação*, durante o período de desenvolvimento de minha pesquisa, eram marginalizados dentro do próprio universo gay de Juiz de Fora (e acredito que isso não seja diferente em outras cidades), como eu já mostrei, o que envolve uma série de fatores que incluem desde preferências estéticas (os padrões de beleza e juventude exacerbados, de um modo geral, pela nossa sociedade e em particular, na homocultura) até o posicionamento político militante. Para muitos, trata-se de um submundo, aquele da promiscuidade, dos homens incapazes de conter os seus instintos, da livre circulação de doenças sexualmente transmissíveis e de pessoas “velhas, feias e pobres”, daqueles que não se enquadram no padrão estabelecido dentro de um submundo mais amplo, o dos homens que se interessam por homens. Uma verdadeira segmentaridade circular que obedece a um princípio de concentricidade, na qual todos os centros ressoam um olho comum, ou um ponto de acumulação (Deleuze & Guattari, 1996). O olho da sociedade inclusiva recai sobre o universo *gay* mais amplo e faz dele juízos endurecidos, essencializadores. Por seu turno, este mesmo universo *gay* mais amplo faz ressoar o olhar inquiridor sobre o *mundo da pegação*. É a nossa segmentação moderna e dura. (idem) ³⁵.

Em resumo, portanto, podemos aproximar os espaços etnografados a partir das seguintes características gerais: eles não eram publicamente reconhecidos como GLS ou GLBTS e ocupavam uma posição marginal dentro do conjunto de ambientes frequêntados por aqueles que circulam pelo circuito *gay* juizforano ³⁶.

Sobre os aspectos de diferenciação: O primeiro ponto a ser considerado é a natureza jurídica dos espaços apropriados para *pegação*. Em um lado estão os banheiros e os parques públicos, enquanto, do outro, temos dois estabelecimentos privados: o Cine São Luiz e a

³⁵ Deleuze & Guattari (1996) colocam que tudo em nossas vidas é segmentarizado: binariamente (homem e mulher, hetero e homossexual), circularmente (casa, bairro, cidade) e linearmente (família, escola, exército, etc.). Ao contrário do que se poderia imaginar, nossa sociedade moderna, dotada de um Estado centralizado, é tão segmentária quanto as ditas “sociedades primitivas” retratadas pelos etnólogos. O que ocorre no nosso caso é que, segundo eles, “não há oposição entre central e segmentário. O sistema político moderno é um todo global, unificado e unificante, mas porque implica um conjunto de subsistemas justapostos, imbricados, ordenados, de modo que a análise das decisões revela toda espécie de compartimentações e de processos parciais que não se prolongam uns nos outros sem defasagens ou deslocamentos” (Idem: 85).

³⁶ As razões que me levaram a abandonar a comparação entre o “mundo” e o “submundo *gay*” de Juiz de Fora foram evidenciadas na introdução desta dissertação.

sauna do Salamandra Clube. Este é um item que deve ser considerado, pois a cobrança de entrada nos estabelecimentos privados, ainda que barata, servia de triagem dos frequentadores. Se no Parque da Lajinha eu cheguei a presenciar cenas de sexo envolvendo homens bem apessoados e andarilhos, o mesmo não poderia ser observado na sauna do Salamandra, por exemplo. Não que muitos dos frequentadores dos locais públicos não fossem também aos locais pagos, e vice-versa, mas a contrapartida de uma cobrança, mesmo a mais irrisória, operava uma distinção mínima entre aqueles que podiam e aqueles que não podiam pagar, ou mesmo entre aqueles que podiam pagar, mas não diariamente³⁷.

Um segundo aspecto de diferenciação diz respeito ao maior ou menor grau de anonimato envolvido nas interações homoeróticas. Nos ambientes nos quais a exigência de uma maior rapidez na ocorrência das interações era imperiosa, as chances de dois homens fazerem uso da discursividade oral ficavam bastante reduzidas, embora não inexistentes. O contato com o outro passava muito mais pelo corpo do que pela palavra. Eram os gestos que indicavam o caminho a ser trilhado, e não a troca vocalizada de palavras sedutoras. Essa era uma característica marcante dos banheiros públicos, dada a natureza “perigosa” que estes apresentavam. A qualquer momento a interação poderia ser descoberta e pôr a segurança do anonimato em perigo (um policial ou segurança que aparecessem, ou mesmo alguém que não curtisse *pegação* e que, diante de um comportamento suspeito, denunciasse o fato para outrem)³⁸.

No cinema pornô havia ainda uma superioridade dos gestos sobre as palavras nas interações entre os sujeitos, embora isso não excluísse a possibilidade de a discursividade oral se instalar, sobretudo, quando “se pegava o mesmo cara” duas ou três vezes, ou ao final do ato sexual. Os contatos iniciais em sua maioria continuavam regidos pelos olhares, pelas técnicas corporais, mas a negociação posterior poderia algumas vezes levar ao estabelecimento de um diálogo mínimo entre as partes envolvidas. Já no caso dos parques públicos era possível identificar uma mescla entre as duas estratégias: a discursividade oral e o uso gestual do corpo. Se os contatos iniciais nesses ambientes quase sempre eram precedidos

³⁷ À época da pesquisa, os preços cobrados para entrar no Cine São Luiz e na sauna eram, respectivamente, R\$5,00 e R\$10,00. No cinema, os estudantes com carteirinha da União Nacional dos Estudantes - UNE, pagavam meia-entrada. Quando da implantação de roletas de cobrança nos banheiros do Mercado Municipal e dos shoppings da cidade, a média de preços girava entre R\$0,50 e R\$1,00.

³⁸ Várias vezes eu presenciei a suspensão temporária das interações homoeróticas nos banheiros públicos em decorrência de um maior ou menor fluxo de transeuntes no interior destes espaços.

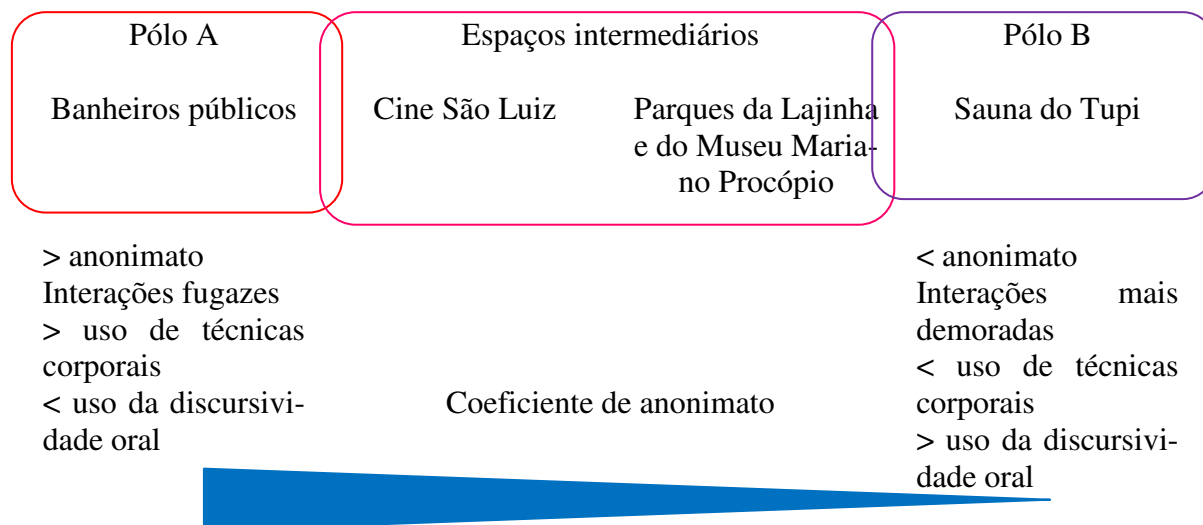
por um conjunto de frases evasivas, que deveriam demonstrar um interesse desinteressado de ambas as partes, as chances de um diálogo posterior ao encontro eram maiores e, com isso, algumas vezes era possível que o anonimato cedesse lugar a uma identificação indireta. O nome quase nunca era revelado, e se o era, provavelmente poderia ser falso, mas observei casos nos quais a idade, estado civil e mesmo a ocupação profissional eram relatados. De todo modo, tanto nos parques públicos quanto no Cine São Luiz o anonimato ainda se mostrava bastante presente nas interações.

Num pólo que poderíamos considerar como estando oposto ao dos banheiros públicos se encontra a sauna do Salamandra. A apropriação para *pegação* de uma das salas de descanso no segundo pavimento do prédio onde ela funciona, uma vez por semana entre o final da tarde e o início da noite, era realizada por homens que se conheciam para além daquele espaço. Tratava-se de um grupo de amigos, em sua maioria casados ou comprometidos, que se reuniam semanalmente para realizar o que eles mesmos chamavam de orgia. Ali, naquela sauna, a discursividade oral era muito maior do que o emprego dos gestos e o anonimato não era uma condição exigida para a participação dos encontros, característica esta que voltarei a explorar no capítulo 5.

Resumo das similitudes e diferenças entre os diversos pontos de pegação

Que não se tenha a idéia de que, a partir da caracterização sumária que eu fiz destes cinco espaços, apontando aquilo que lhes diferencia (o maior ou menor anonimato baseado na natureza das estratégias de interação), sobretudo nos pólos extremos, haja algo de mutuamente excludente. Não se trata de fixar para cada um deles uma essência de funcionamento, o que não corresponderia à sua realidade e deixaria escapar o quanto há de imprevisibilidade em suas apropriações. Imagino apenas que podemos pensar em uma maior ou menor tendência tanto nos banheiros quanto na sauna — maior anonimato e menor discursividade oral nos primeiros, menor anonimato e maior discursividade nesta última. Acredito que esta tenha sido uma forma razoável de organizá-los sem incorrer no erro de ignorar as peculiaridades de cada um.

O diagrama abaixo mostra de maneira sucinta os critérios utilizados para diferenciar os pontos de *pegação* etnografados e ordenar a sua apresentação nesta dissertação.



O maior anonimato no pólo onde se encontram os banheiros é inversamente proporcional ao maior uso da discursividade oral na sauna, valendo o raciocínio inverso. De um pólo ao outro há uma gradativa sobreposição da preferência pela discursividade oral sobre as técnicas corporais para a iniciação das interações.

Breve comentário sobre a descoberta dos *pontos de pegação*

A experiência que tive no banheiro do Mercado Municipal, relatada no princípio deste capítulo, descortinou para mim a existência de todo um universo de *pegação* em Juiz de Fora. Desde então, eu fui paulatinamente me inteirando dos diversos espaços nos quais as relações homoeróticas clandestinas aconteciam, o que me levou a identificar um conjunto mais ou menos amplo de espaços apropriados “indevidamente” para a ocorrência destas relações. Ainda que jamais tivesse ouvido falar na perspectiva de uma observação flutuante, muito das observações que empreendi antes mesmo de delinear minhas pretensões acadêmicas haviam me capacitado a reconhecer, de forma bastante rápida e eficaz, as engrenagens que tornavam possível as interações entre os sujeitos e a própria existência destes blocos espaços-temporais de *pegação*, ao menos em suas dimensões mais objetivas. Aos poucos fui despertando para os aspectos caros a este tipo de sociabilidade, e aqui o sentido sociológico atribuído por Marcel Mauss (2003) às técnicas corporais faz agora todo o sentido para mim: era necessário aprender o que os gestos e olhares queriam dizer, como me comportar nestes espaços, de que modo utilizar as frases certas nas interações onde o uso da palavra era invocado e assim por diante. Talvez, para os apreciadores de uma Antropologia pós-moderna, possa parecer uma falácia o que vou escrever agora, mas grande parte de mim acabou por se tornar um “nativo” dos pontos de *pegação*, ou, como bem me disse

certa vez um frequentador assíduo destes ambientes, eu havia me tornado uma “*vassourinha de banheiro exemplar*”³⁹.

Os primeiros espaços que eu passei a frequentar com certa insistência foram os banheiros públicos da cidade que, naquela época (2003), ainda não exibiam as roletas de cobrança que hoje os caracterizam. Aos poucos, com o adestramento do olhar, fui descobrindo que não só o banheiro do Mercado Municipal era procurado para pegações, mas também, os banheiros de alguns shoppings e supermercados, além da Biblioteca Municipal Murilo Mendes e até mesmo da Biblioteca Central na Universidade Federal de Juiz de Fora — UFJF, aonde eu estudava. Em quase todos eles era possível notar uma circulação mais intensa de homens e rapazes nuns do que em outros, e uma gama considerável de recados homoeróticos disponível nas portas de suas cabines⁴⁰.

Com este mesmo olhar adestrado e por intermédio de alguns informantes eu descobri, por conseguinte, a existência de *pegação* também no Parque do Museu Mariano Procópio, situado no bairro de mesmo nome. Uma vez lá inserido, acabei por ser informado de que este mesmo tipo de coisa acontecia num parque relativamente próximo à minha casa — o Parque da Lajinha, situado no bairro Teixeiras —, do qual eu sequer sabia a existência.

A descoberta do Cine São Luiz se deu por acaso, quando, ainda trabalhando no escritório de despachantes, ao atravessar a Praça da Estação rumo ao prédio da MRS Logística, deparei-me com um amplo cinema no qual era possível ver cartazes de filmes eróticos. Por curiosidade, em meu horário de almoço daquele dia, acabei por entrar no estabelecimento, e se a qualidade do filme em exibição me causou extrema sonolência, o mesmo não pode ser dito da cena que presenciei quando fui ao banheiro urinar. Um pouco de tempo mais adian-

³⁹ “Vassourinha de banheiro” é um termo designativo, pelo menos em Juiz de Fora, utilizado para classificar o sujeito que, apesar de se manter no anonimato, “está em todas”, ou seja, vive circulando pelos banheiros em busca de “alguma coisa”, alguma interação homoerótica fugaz e clandestina.

⁴⁰ Em geral, tais recados apresentam expressões de cunho pornográfico e podem ser de dois tipos: simples mensagens eróticas, ou então, classificados que mesclam procura e oferta de prazeres, como pode se depreender a partir dos seguintes exemplos registrados em voz e fotografia nos banheiros do Instituto de Ciências Humanas da UFJF e do Mercado Municipal, respectivamente — “*Dar o cu é gostoso. Quando o pau entra no cu a pica fica dura. Ai ai ai que delícia*”; “*Quero come cu de homem casado. Deixe telefone. Sou discreto e tarado* (abaixo se encontram alguns números)”; “*Adoro chupa um pau bem duro. Antonio. XXXX-XXXX* (nº de tel. Celular)”. Eu mesmo fiz uso deste artifício duas vezes a fim de verificar sua eficácia. Deixei um recado numa das cabines do banheiro da Biblioteca Central da UFJF com um endereço de e-mail e acabei por conhecer um aluno do curso de Química da Universidade. Noutra proposta, escrevi que lá estaria num dado dia e horário. Apareci no horário combinado e quase obtive um informante.

te, o Cine São Luiz entraria conjuntamente com os banheiros e os parques para o rol dos pontos de *pegação* por mim visitados.

Já a utilização da sauna do Salamandra Clube com fins de *pegação* só foi por mim descoberta ano passado, quando um de meus informantes relatou suas incursões semanais neste estabelecimento. Foi através dele que eu acabei por visitar o local e, mediante as suas características particulares, destoantes sensivelmente de tudo o que eu havia visto até então (um local de *pegação* que prescindia do anonimato), acabei por incluí-la neste trabalho.

Com o tempo, passei a procurar por pontos de *pegação* em qualquer lugar que eu visitasse. Assim como alguns de meus amigos arqueólogos no Museu de Arqueologia e Etnologia Americana da UFJF eram argutos em identificar pontos de concentração de vestígios arqueológicos apenas com um rápido olhar sobre uma determinada área possivelmente ocupada por populações indígenas no pretérito, eu mesmo acabei por adquirir tal capacidade no que se refere ao meu objeto de pesquisa. É que, instituídos na clandestinidade, estes espaços apresentam uma atmosfera de movimentação particular que, para os que partilham dos signos e códigos que os regem, fica mais ou menos fácil identificar. Faço este comentário não só baseado numa pretensa “larga experiência” de “caçador” de pontos de *pegação*, mas também, no quase total desconhecimento, por parte de muitas pessoas que eu conheço, deste tipo de sociabilidade em espaços que eles mesmos freqüentam. Fornecerei um rápido exemplo sobre isso. Apenas após uma franca explanação sobre a existência e o funcionamento de tais apropriações é que um amigo meu, utilizador habitual dos banheiros da rodoviária Novo Rio aqui na cidade, acabou por reparar na movimentação “suspeita” de certos homens tanto nos mictórios quanto nas cabines. Até chegar o dia em que, um tanto quanto envergonhado, confidenciou-me que, ao fazer uso do piso encerado para ver o que se passava na cabine ao lado da sua enquanto defecava, acabou por se deparar com um homem que se masturbava em pé enquanto o apreciava sentado na privada. A partir de então, disse-me ele, “*passei a sondar todas as possibilidades dentro desses lugares. E venho descobrindo cada coisa*”!⁴¹

⁴¹ Outra maneira de identificá-los é notar a existência de alguns vestígios bastante peculiares: concentração de camisinhas usadas; acúmulo de lenços ou pedaços de papel sujos de esperma (eles adquirem uma coloração amarelada bem característica em determinados pontos, tal qual ocorre no caso das secreções nasais); cheiro de “porra”; manchas amareladas e/ou esbranquiçadas escorridas de cima para baixo em portas e cantos de paredes (até mesmo em janelas); presença dos classificados pornográficos, etc. Isto vale mais para os locais que viram pontos assíduos, pois há, logicamente, espaços que sofrem apenas apropriações eventuais.

Sendo deste modo, só aqui na cidade do Rio de Janeiro, sem recorrer a qualquer informante acabei por descobrir vários pontos de *pegação*: os banheiros da rodoviária Novo Rio, do Terminal Rodoviário Menezes Cortes (Castelo), da rodoviária do bairro Campo Grande (e que usarei como exemplo nesta dissertação), determinadas trilhas do Arpoador e mais recentemente um dos finais da praia de Icaraí, em Niterói, entre tantos outros lugares. Não quero com isso afirmar que me tornei um *expert* em pontos de *pegação*, uma autoridade no assunto. O intento ilustrativo aqui é outro. É dar a entender que, a partir de um conhecimento mais ou menos tácito dos códigos e dos mecanismos de funcionamento das *pegações* em locais de uso coletivo, e de sua aprendizagem, é possível reconhecer, num mesmo plano físico onde muitos vêem apenas uma possibilidade de apropriação ou uso, ocorrerem outras mais, quase sempre ancoradas em determinadas práticas.⁴² Às vezes uma breve discurrida de olhar sobre a movimentação das pessoas num banheiro ou num parque, o olhar flutuante de que nos fala Péttonet (1982), pode revelar realidades sociológicas inimagináveis para outrem. E não se trata apenas do olhar treinado do antropólogo, mas de qualquer um que saia em busca daquilo que mais lhe apraz. Ou então, assim como eu, que tenha, por obra do acaso, se deparado com tal circunstância. Anterior ao meu olhar de etnógrafo foi o meu olhar de rapaz curioso, a partir de um marco zero, que me abriu as portas da percepção para o mundo da *pegação* em Juiz de Fora e em outros lugares. E, com certeza, ele em muito contribuiu para a sistematização de boa parte do que presenciei desde então.

Passo, portanto, a seguir, à descrição etnográfica propriamente dita de cada um dos ambientes a que me propus estudar, de modo a discorrer sobre os fatores que promoviam a sua transformação em blocos de espaço-tempo de *pegação*. A ordem apresentada segue aquela sugerida pela tabela disposta na página 52 deste capítulo, iniciando-se nos ambientes com maior coeficiente de anonimato nas interações, os banheiros, e deixando por último, em razão de sua peculiaridade, a sauna do clube Salamandra.

⁴² É evidente que uma movimentação menos dissimulada por parte dos homens pode chamar a atenção mesmo dos mais desatentos. Não é por menos que muitas pessoas desconfiavam de que havia *pegação* no banheiro do Mercado Municipal, mas jamais poderiam supor que o mesmo ocorresse, por exemplo, no banheiro da Biblioteca Central da UFJF.

CAPÍTULO 2

OS BANHEIROS

Informações preliminares

Na época em que descobri a ocorrência de *pegação* no banheiro do Mercado Municipal, o espectro de espaços similares àquele era bastante amplo. Por meio da identificação de sinais característicos, eu pude ir conhecendo e reconhecendo territórios de interação homoerótica em muitos outros sanitários distribuídos pelo município. Apenas no centro da cidade, havia como opção dois banheiros no já citado mercado, um na Biblioteca Municipal Muri-lo Mendes, dois no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, dois no Santa Cruz Shopping, um no Mister Shopping, um no Brás Shopping e um no supermercado Bretas da Avenida Benjamin Constant. Um pouco mais afastados, era possível computar ainda os banheiros do supermercado Bahamas nos bairros de Manoel Honório e do Alto dos Passos (este último aberto 24 horas por dia), do mercado Carrefour, ao final da Avenida Rio Branco, da rodoviária municipal e da biblioteca central da UFJF. Vê-se, portanto, que o leque de opções abarcava nada mais do que 15 banheiros procurados para *pegação* ⁴³!

À exuberância destes números deve ser acrescentado o comentário de que nem todos eram procurados com a mesma intensidade. A despeito de todos eles terem gravados em suas portas verdadeiros classificados pornográficos, o que por si só já denunciaria seu possível uso com fins homoeróticos, ainda assim é possível identificar alguns como principais pontos. Aqueles que mais “bombavam” em Juiz de Fora eram os do Shopping Santa Cruz, do Brás Shopping e o banheiro térreo do Mercado Municipal. Este último, para se ter uma idéia, nos horários de pico, entre 17 e 19 horas, podia abarcar um contingente de uns 10 a 15 homens em seu interior, todos envolvidos em algum tipo de interação homoerótica. Credito em parte à localização dos demais, bem como à centralidade dos mais procurados,

⁴³ Acrescento aqui, a título de complementação, a utilização esporádica de banheiros de algumas lanchonetes e de prédios comerciais no centro da cidade. Mas diante da dificuldade de acesso a esses lugares, e dos constantes riscos que uma visita continuada poderia proporcionar, não foi possível ir mais além do que a constatação do uso de tais locais para encontros furtivos. Alguns informantes me relataram inconvenientes pelos quais passaram ao serem flagrados fazendo sexo nas escadas de alguns edifícios.

esta discrepância no fluxo de procura, mas é preciso salientar também o maior ou menor controle dos estabelecimentos sobre os mesmos⁴⁴.

Outro dado importante no que concerne aos banheiros públicos de Juiz de Fora é que muitos deles hoje se encontram providos de roletas de cobrança em sua entrada, algo bastante diferente de quando iniciei minhas incursões. Nesses últimos 5 anos, paulatina e sucessivamente, os banheiros do Brás Shopping, do Mister Shopping, do Santa Cruz Shopping e por fim do Mercado Municipal, passaram por reformas e por uma conseqüente implantação de um sistema de cobrança de ingresso para a sua utilização. Não posso afirmar com ampla certeza, exceto pelo caso do Mercado Municipal, que esta medida está diretamente relacionada a uma tentativa de contenção do fluxo de *pegação* nestes espaços. Acredito que sim, pelo menos de uma forma silenciosa. Mas também este me parece ser mais um movimento que tomou vulto em grande parte dos estabelecimentos comerciais pelos quais tive oportunidade de passar em diferentes cidades, tanto de Minas Gerais quanto aqui do Estado do Rio de Janeiro, dando como razão para a cobrança a impossibilidade de ofertar aos usuários um serviço de qualidade no modelo gratuito. Seja como for, no caso de Juiz de Fora, se esta medida não elidiu por completo a apropriação dos banheiros públicos para *pegação*, ao menos conseguiu reduzir drasticamente a sua procura para tal. Ela permanece, mas agora com cuidados maiores ainda.

Após a implantação das roletas, bem como de outras medidas em outros espaços que também eram apropriados para fins de *pegação*⁴⁵, o cenário da sociabilidade homoerótica *underground* do município tomou outros rumos. Não é mais possível presenciar, como ocorria há alguns anos, sobretudo nos finais da tarde, o grande fluxo de homens que outrora conferiam um sentido outro aos banheiros que não o da mera prescrição fisiológica. Acompanhando este mesmo decréscimo nos fluxos de desterritorialização, em contrapartida, estratégias foram criadas por alguns “pegadores” para a implantação de novas redes de sociabilidade em alguns dos banheiros mais afastados. O advento do Orkut, por exemplo, sítio eletrônico de relacionamentos na internet, facilitou tais contatos, agilizando as medi-

⁴⁴ Apesar de situado no interior de uma grande área comercial, os banheiros do Santa Cruz Shopping eram menos vigiados do que o banheiro do Bahamas do Manoel Honório, por exemplo, ainda que este último ficasse praticamente fora do estabelecimento. Dos que menos sofriam investidas por parte de seguranças ou funcionários, o banheiro do Mercado Municipal poderia ser considerado como o mais tranqüilo para a *pegação*.

⁴⁵ Eu me deterei nelas quando falar sobre o Parque da Lajinha e o Parque do Museu Mariano Procópio.

das de procura ao mesmo tempo em que pôde manter o status anônimo de seus usuários. Neste sentido, foi criada uma comunidade denominada “Banheiros de JF”, através da qual é possível acompanhar as negociações entre os seus membros para encontros em banheiros mais afastados. Estes indivíduos funcionam como verdadeiros olheiros dos banheiros públicos da cidade, fornecendo informações acerca do grau de visibilidade e de vigilância dos mesmos. Nos meses em que acompanhei seus fóruns, notei que os alvos principais de procura passaram a ser os banheiros da rodoviária, do Bahamas 24 horas e do Carrefour.

Os sujeitos que tomavam parte nas *pegações* acabavam por formar, no meu entender, uma rede de sociabilidade pautada em encontros episódicos mais ou menos anônimos, mas que, apesar de toda a pluralidade que lhe era característica (pluralidade de homens, intenções, práticas), guardavam ao menos um denominador comum: o interesse sexual por pessoas do mesmo sexo. Se aproximarmos este denominador comum da idéia de grupo minoritário tal qual proposto por Silva (2005)⁴⁶, esta reconfiguração da geografia e dos fluxos de apropriação dos banheiros públicos de Juiz de Fora após o advento das roletas de cobrança parece se encaixar no raciocínio empreendido por Deleuze & Guattari (1995) quando caracterizam o majoritário, a minoria e o minoritário.

Para os autores, maioria e minoria se opõem tanto quantitativamente quanto qualitativamente. A maioria pode ser entendida como demonstração ou conteúdo de um padrão, e expressa sempre um estado de poder e dominação. Já a minoria pode ser compreendida como um subsistema ou como estando fora do sistema. O minoritário, por seu turno, presente na minoria, é um poder transformador capaz de realizar mudanças nos conteúdos do padrão. Tem-se, deste modo, que o majoritário (padrão), representado por um sistema homogêneo e constante, deve ser compreendido como um ninguém na medida em que é o minoritário, dotado de um devir potencial criado e criativo, que está sempre a provocar

⁴⁶ Para este autor, a idéia de grupo minoritário não se alia necessariamente a uma concepção estatística da coisa, ou seja, as minorias não devem ser entendidas em termos numéricos. “O importante aspecto é que, por vários fatores, o grupo é levado a se considerar [e ser considerado] diferente do grupo majoritário” (Silva, 2005: 58). Não digo com isso que os indivíduos de minha pesquisa se considerassem pertencentes a um grupo específico (uma associação ou algo do tipo, os “homens da pegação”), mas a partir do partilhamento de interesses comuns (a busca pela *pegação* e até mesmo a negação de uma identidade *gay*), é possível reconhecer uma unidade mínima — muitos deles enfatizavam tanto o seu caráter marginal quanto os aspectos positivos e negativos desta posição. Neste sentido, a análise de um grupo (ou rede) minoritário deve estar atenta não apenas à posição que este ocupa na ordem social em função de determinadas categorias, mas também aos “padrões de comportamento que eles desenvolvem e a imagem que possuem de si mesmo e dos outros” (Idem: 59). Em se tratando do homoerotismo masculino, a proposição deste autor é bastante pertinente: o conjunto de indivíduos *homossexuais* pode ser considerado um grupo minoritário porque sua marca distintiva perante a sociedade inclusiva reside na preferência por parceiros do mesmo sexo, preferência esta muitas vezes discriminada por esta mesma sociedade.

devires, muitas vezes de modo imperceptível, nele. A maioria é ninguém porque apreendida num padrão analítico abstrato, enquanto o minoritário é todo mundo, é o devir de todo o mundo. Só existe devir no minoritário porque é ele quem coloca o majoritário para entrar em transformação. Isso tudo em vários planos, como demonstra a seguinte passagem:

Certamente as minorias são estados que podem ser definidos objetivamente, estados de língua, de etnia, de sexo, com suas territorialidades de gueto; mas devem ser consideradas também como germes, cristais de devir, que só valem enquanto detonadores de movimentos incontrolláveis e de desterritorialização da média ou da maioria (Deleuze & Guattari, 1995: 53).

Por isso é que o devir minoritário é que é a criação, mas não por conta de uma busca pelo majoritário, e sim, pelo constante exercício de romper com os limites representativos do poder majoritário. Muitos dos homens que entrevistei não se incomodavam com o fato de a sociedade inclusiva ver o homoerotismo com certa ressalva, e não tinham por interesse freqüentar os bares e as boates *gays* da cidade, mesmo se tivessem oportunidade para isso, como no caso dos casados. Apesar de alguns deles se considerarem pertencentes a uma minoria dentro da minoria, assunto sobre o qual já fiz referência, não lhes interessava se constituir num grupo específico, orientado por um padrão abstrato que os ordenasse dentro de uma estrutura categorial rígida.⁴⁷ As palavras de um de meus informantes sintetizam bem esta idéia. Quando eu perguntei a ele se os motivos que o levavam a freqüentar os pontos de *pegação* eram devidos única e exclusivamente ao fato de ele ser casado ou também porque fugia dos preconceitos, ele me deu a seguinte resposta:

“Com certeza que eu venho aqui porque sou casado e também não quero a minha vida exposta por aí. Mas isso não quer dizer que eu também tenha vontade de assumir alguma coisa. “Como assim”? — perguntei. Eu não sou gay cara, eu não tenho necessidade de ficar por aí espalhando o que eu sinto e o que eu faço com os outros. Acho que cada um tem seu cada um” (Germânio: médico, 26 anos).

Quando lhe perguntei então se tinha vontade de freqüentar ambientes reconhecidamente GLS, como os cafés e as boates da cidade, se já o tinha feito ou se o fazia, ele acrescentou:

⁴⁷ Tentar se esquivar de uma estrutura categorial rígida não significava, necessariamente, no caso da *pegação* em Juiz de Fora, que os sujeitos não fizessem uso de suas expressões e conceitos ordenadores para se referir a outrem, como se depreende em muito de suas falas, ou que, subjetivamente, sentissem-se imunes aos conteúdos de poder e dominação (ver capítulo 7).

“Não, nunca tive vontade não, sinceramente. Ir nesses lugares pra quê? Pra ficar colocando roupa colorida e dançar ouvindo Madonna? Isso é coisa de viadinho que adora dançar ouvindo Madonna, que só ouve Madonna. Eu detesto Madonna, e detesto esse jeitinho gay com que os caras dançam as músicas dela. Não faz o meu tipo. Acho que o cara pode ser o que ele quiser, mas não acho que eles sejam homens. Também acho que eles vivem num gueto, porque só ouvem música gay, só têm amigos gays, só usam roupas gays e só vão nesses lugares gays. Não preciso me reduzir a isso. Ser enquadrado. Posso encontrar um cara legal sem ter que ficar circulando por esse ambiente. Uma vez até pensei em ir ao Muzik, mas quando passei na porta vi que não era a minha. Sem contar que sou casado né! Nunca vou levantar bandeira da minha sexualidade”.

Acredito que as palavras de Germânio expressam, em parte, as expectativas de Deleuze & Guattari quanto ao potencial derribador das minorias. Vários dos homens imersos no universo da *pegação*, no exercício de seu homoerotismo e de sua autonomia, concorriam para este aspecto muitas vezes redutível ao si mesmo por si mesmo (*“sou por que sou”*). Se por um lado as tentativas de formar linhas de fuga se configuram em consonância com a segmentaridade molar (o mesmo Germânio que defende sua independência é o mesmo que opera com categorias duais, o homem *versus* o “viado”), por outro lado e concomitantemente, elas se constituem num fluxo de *quanta*, dimensão molecular que concede à minoria o seu caráter de variação contínua (Germânio não quer ser enquadrado em nenhum perfil categórico). E é este último aspecto que interessa aos autores de *Mil Platôs*:

Sem dúvida não é utilizando uma língua menor como dialeto, produzindo regionalismo ou gueto que nos tornamos revolucionários; é utilizando muitos dos elementos de minoria, conectando-os, conjugando-os, que inventamos um devir específico autônomo, imprevisto (Deleuze & Guattari, 1996: 53).

Como se verá ao longo das descrições, muito dos esforços empreendidos pelos sujeitos para fazerem de si mesmos e dos espaços que freqüentavam linhas de fuga plenas tal qual proposto por Deleuze & Guattari, — os devires autônomos e imprevistos —, acabava por resultar em transgressões (nos moldes assinalados por Bataille) expressas por meio de preceitos muitas vezes emprestados das proposições classificatórias da própria sociedade inclusiva.

A despeito da presença das roletas nos banheiros de acesso público, ainda assim é possível traçar um apanhado mais ou menos inteligível das dinâmicas inerentes à transformação destes espaços em territórios de *pegação*, ressaltando, dentro do possível, os passos milimétricos que os homens que os freqüentavam com interesses homoeróticos percorriam até conseguir a realização deste intento. Nas próximas linhas, esboçarei tal quadro a partir do que por muitas vezes observei em vários banheiros. Para efeitos de economia proposicional, tomarei como casos exemplares os banheiros da Biblioteca Municipal Murilo Mendes e do andar térreo do Mercado Municipal, visto que os dois se articulavam de forma complementar dentro da sociabilidade homoerótica clandestina levada a cabo em suas dependências. Imagino que a redução etnográfica a estes dois banheiros não incorrerá em prejuízo para a compreensão de um quadro mais geral que pode ser vislumbrado em muitos outros sanitários de mesma natureza.

Percorrendo alguns banheiros

O banheiro da Biblioteca Municipal Murilo Mendes

O Mercado Municipal e a Biblioteca Murilo Mendes estão edificadas no conjunto arquitetônico da Praça Antônio Carlos, centro de Juiz de Fora, e são prédios vizinhos⁴⁸. A Biblioteca consiste numa edificação de 5 pavimentos que abriga vários setores de consulta e empréstimo bibliotecário, além de uma ala infantil, de um setor de memória para a consulta de jornais antigos e a administração. O banheiro está localizado no andar térreo, no corredor que dá acesso às rampas de subida para os pavimentos superiores. As interações ali não eram as “mais rentáveis”, se assim pudermos nos referir em termos “nativos”, pois o trânsito de estudantes era demasiado grande e volta e meia um funcionário ou outro inspecionava o local. Mesmo assim, isso não impedia que determinadas práticas homoeróticas tomassem lugar em seu interior. O banheiro abriga duas pias colocadas numa parede na qual também se tem um grande espelho, dois mictórios ao lado destas e, ao fundo, duas cabines

⁴⁸ Este conjunto arquitetônico, onde antes funcionava a Companhia Têxtil Bernardo Mascarenhas, inaugurada no ano de 1888, foi tombado pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora em 1993, e hoje abriga, além dos espaços etnografados, o Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, o Procon e a Secretaria Municipal de Educação, totalizando 10.450 m² de área construída e não construída. Para maiores informações históricas, ver o *Guia dos Bens Tombados de Juiz de Fora*, lançado em 2002 pela Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora.

contendo vasos sanitários, sendo uma delas preparada para a recepção de deficientes físicos.

Este banheiro servia de triagem para os encontros que se consumiriam naquele do Mercado Municipal, isso porque, dada a grande visibilidade que possui, ele propiciaria apenas as interações mais rápidas, como o voyeurismo, o exibicionismo e a masturbação (recíproca ou não). As estratégias de apropriação eram bastante simples, embora razoavelmente calculadas. Quando alguém entrava neste banheiro com a intenção de fazer *pegação*, devia estar atento ao movimento nos mictórios (uma estadia mais demorada poderia indicar a espera por alguma coisa) e na cabine simples, cuja porta possui dois orifícios pelos quais um possível interessado que estivesse em seu interior poderia vislumbrar todo o espaço exterior. Pênis eretos ou em meia-bomba⁴⁹ seriam indicativos fortes de que aqueles que os exibiam estavam ali por uma razão outra que não escovar os dentes, por exemplo. A contrapartida de toda essa encenação seria o olhar disfarçado para os que estivessem se exibindo. Era possível se demorar em frente ao espelho, enquanto se avaliava as reais possibilidades da efetivação do encontro. Em outros casos, quando se estava certo de que a pessoa no interior da cabine estava interessada, uma das técnicas mais empregadas para corresponder à sua investida era amarrar os sapatos repetidas vezes, já que isso legitimaria uma maior permanência no recinto ao mesmo tempo em que, dentro do possível, permitiria vislumbrar o sujeito por debaixo da abertura da porta.

Todo este quadro poderia ser delineado na presença ou não de outros usuários não interessados em *pegação*. Quando na presença destes, os sinais emitidos se tornavam mais sutis, e as *técnicas de legitimação da permanência demorada*⁵⁰ no recinto deveriam ser as mais

⁴⁹ O pênis em meia-bomba (ou borrachudo) consiste num estado, muitas vezes proposital, entre a ereção definitiva e o estado oposto. Aqui mais uma vez é possível invocar a sabedoria de Marcel Mauss (2003), pois a exibição do órgão neste estado é mais do que a manifestação de um atributo fisiológico (o processo de ereção), ela é uma técnica corporal da qual muitos homens faziam uso tanto para chamar a atenção dos interessados como para facilitar o despiste caso ocorresse um imprevisto (guardar um pênis em meia-bomba na calça é mais fácil e rápido do que fazê-lo em estado ereto). Do mesmo modo, nos contatos iniciais nunca é aconselhável que a calça esteja aberta por completo. É preferível fazer uso apenas da abertura proporcionada pelo zíper ou velcro pelos mesmos motivos apontados para o uso do pênis em meia-bomba.

⁵⁰ Chamo de “técnicas de legitimação da permanência demorada” aquelas empregadas nos banheiros, ou mesmo em outros espaços similares, por homens atrás de *pegação* para dar a entender ao seu alvo (ou alvos) que está interessado ao mesmo tempo em que despista a atenção dos usuários não interessados. Elas podem ser, entre outras, conforme observei em diversos sanitários, a escovação dos dentes, a lavagem continuada das mãos, o ajuste das vestes e dos calçados (amarrar os cadarços), pentear os cabelos. Todas elas são efetuadas em conjunto com mexidas sutis nos órgãos sexuais, mordidelas nos lábios, olhares furtivos, todas técnicas de demonstração de desejo.

“naturais” possíveis, a fim de aguardar que o ambiente voltasse ao seu estado propiciador das interações⁵¹. No caso do banheiro masculino da Biblioteca Murilo Mendes, todas estas sutilezas apareciam com maior ou menor intensidade, e os freqüentadores eram os mais variados, indo desde os próprios estudantes⁵² a homens de idade bastante avançada. Jamais pude conversar com alguém ali dentro, mas creio que a riqueza das interações ali realizadas por intermédio de técnicas corporais, mantidas no anonimato e na rapidez das exigências, não pode ser obnubilada pelo simples fato de os personagens não dizerem a que vinham ao banheiro. Com base nos relatos recolhidos em outros espaços, pressuponho que os motivos de orientação para a procura de interações homoeróticas nos banheiros públicos não estejam distantes daqueles envolvidos, senão na escolha de um espaço específico, pelo menos na busca por interações sexuais desta natureza. A frase de um de meus informantes pode servir de pista: *“vou a estes lugares por causa do pronto atendimento”*. Tudo é muito rápido e, para conferirmos um tom mais descontraído à etnografia, realmente não há nada melhor do que facilidades que possam se encaixar na correria do dia-a-dia.

Eu havia dito que o banheiro da Biblioteca não acolhia as interações “mais rentáveis”, e que ele servia de triagem para as interações a serem desenvolvidas no banheiro do Mercado Municipal ao lado. Isto é verdade, pois em inúmeras vezes observei contatos iniciados no sanitário da Biblioteca e que logo em seguida se transferiram para o banheiro do mercado. Mesmo com a implantação de uma roleta de cobrança em sua entrada e a presença de uma cobradora, este último ainda atraía a visitação tanto daqueles provindos da Biblioteca, quanto de interessados diretos, agora bem mais cuidadosos em suas incursões para não chamar a atenção. Em se tratando da transferência em si, ela se dava da seguinte maneira: os homens saíam separados do banheiro da biblioteca para não levantar suspeitas e faziam todo o percurso até o destino da mesma maneira, já que teriam de atravessar boa parte do

⁵¹ As interações nos banheiros eram muito rápidas, fugazes. Tudo deveria ser milimetricamente calculado sem que qualquer palavra, ou o mínimo que fosse, pudesse ser emitido. Tratava-se de administrar, em muitos casos, poucas chances. Dois homens se reconhecem por meio da emissão de sinais conhecidos por ambos, mas o banheiro está ocupado por outros usuários não interessados. É preciso então que eles lancem mão de estratégias de legitimação da permanência demorada e de despiste. Uma vez instaurada a ocasião propiciadora, os dois, mais que depressa, lançam-se à interação lado a lado no mictório ou dentro de uma cabine. Uma nova situação de perigo pode se instalar, e aí, mais uma vez, é preciso paciência para que, mesmo que consumada a interação (o gozo de um ou ambos), eles possam desfazer a conjunção e sair do banheiro sem deixar sinal do que fizeram lá dentro.

⁵² Cheguei a “flagrar” um estudante uniformizado que, dentro do banheiro, masturbava outro rapaz e que, ao dali sair, foi ao encontro de sua possível namorada e a beijou ardentemente.

mercado⁵³. Uma vez instalados, dependendo das condições, eles dariam continuidade à interação, dessa vez com grandes chances de que a masturbação ou mesmo o coito anal fossem praticados (este último sempre no interior das cabines).

O banheiro do Mercado Municipal

O Mercado Municipal é um prédio dotado de dois pavimentos. No andar térreo se encontram os *boxes* referentes à venda de legumes, frutas e hortaliças em geral, artesanato, produtos caseiros (ou da roça, como costumeiramente chamamos em Minas Gerais), itens de empórios (queijos, vinhos, condimentos, grãos, etc.) e algumas lanchonetes. No andar superior, hoje bastante vazio, estão as lojas de pronta entrega da indústria têxtil local, que oferece roupas a preço de custo. O prédio possui várias entradas, sendo vazado por grandes portas que ficam voltadas para a Praça Antonio Carlos, para o estacionamento no lado oposto, e para a Rua Paulo de Frontin, que desemboca na Praça da Estação. São duas as escadas que ligam os pavimentos: uma do lado voltado para a Praça Antonio Carlos e outra no lado em que fica o estacionamento. O banheiro térreo fica exatamente de frente para o estacionamento, e colado à escada que dá acesso ao segundo piso.

Quando eu descobri este banheiro, o fluxo de homens que para lá acorriam, ainda mais no final da tarde, era muito grande. Poder-se-ia mesmo falar num processo quase que ininterrupto de desterritorialização do mesmo, pois desprovido de roletas e de vigias, a movimentação ali ficava bastante facilitada. Sem contar que os funcionários do Mercado Municipal não faziam uso dele, tendo, no segundo andar, um banheiro de uso privativo para eles.

Extremamente procurado para *pegação*, o banheiro do Mercado Municipal possuía uma vantagem sobre os demais. A escada que dá acesso ao segundo andar, e que fica colado a ele, possui, no intermédio entre os dois níveis, uma sacada da qual se pode observar com facilidade a entrada do sanitário. Até mais ou menos o ano de 2005, época na qual a roleta de cobrança foi implantada, esta sacada funcionava como uma espécie de torre de vigia. Era a partir dela que se podia, previamente, dar início ao processo de transformação do banheiro num bloco espaço-temporal de *pegação*. Isso porque geralmente quem ali se po-

⁵³ Nestes casos, uma conversa mínima poderia surgir geralmente voltada para as possibilidades de pagamento da taxa de utilização e para a escolha de quem iria entrar primeiro (também uma técnica de despiste). Na época em que não havia cobrança, a transferência era realizada muitas vezes sem que qualquer um dos envolvidos proferisse alguma palavra.

sicionava era reconhecido pelos demais interessados como estando no aguardo de uma possível interação. Logo, um homem que viesse ou do estacionamento ou de dentro mesmo do mercado em direção ao banheiro, ao olhar para cima e ser correspondido nesse olhar, sabia que poderia se demorar um pouco mais lá dentro até que o outro descesse. Do mesmo modo, mas no sentido inverso, um homem que estivesse na sacada, pela demora com que o “suspeito” embaixo levasse para sair do banheiro, poderia ir até lá para confirmar suas suspeitas. Quando a *pegação* se generalizava, era comum que pelo menos um homem ali se posicionasse. Assim, ele poderia transmitir para outro que estivesse vigiando a entrada, a aproximação de alguma ameaça à sociabilidade em curso. Este último, por seu turno, fazia transmitir aos demais sujeitos a necessidade da suspensão, ao menos temporária, da *pegação*. Uma verdadeira sinalização em cascata.⁵⁴

Até agora eu relatei o fato de que o banheiro do Mercado Municipal servia (e ainda hoje serve, mesmo em menor grau) de repositório para a finalização das interações iniciadas no banheiro da biblioteca. Mas como qualquer outro “banheiro de *pegação*”, ele também era procurado como primeira opção de escolha, justo pelas características facilitadoras que já demonstrei. Nas próximas linhas, procuro fornecer ao leitor mais um conjunto de estratégias utilizadas pelos indivíduos tanto para a identificação de um possível parceiro como para o estabelecimento de uma desterritorialização que acabará por transformar temporariamente um recinto de uso aparentemente único em um espaço misto no qual coexistem diferentes práticas.

Uma das coisas mais difíceis de descrever, por fazer parte de um repertório de estratégias que exploram outras faculdades cognitivas que não a fala e a troca de olhares, é a capacidade que se adquire, quando se está imerso no universo da *pegação*, de perceber que a pessoa dentro da cabine de um banheiro, mesmo fechada, pode ser um potencial parceiro para interações homoeróticas. A primeira observação a ser feita diz respeito à altura em que se

⁵⁴ De novo aqui os gestos pesam mais do que as palavras. A transmissão da mensagem, iniciada com o homem que estivesse na sacada, era feita através de gestos e olhares reconhecidos pelos demais como sinais de alerta. Tudo é muito rápido. O homem na sacada faz um “psiu” para aquele que está embaixo, na porta, ao mesmo tempo em que se afasta da mureta, dando a entender que a atividade deve ser suspensa. O homem a postos na porta bate com a mão algumas vezes na parede interna do banheiro ao mesmo tempo em que se dirige para o estacionamento. Dentro do banheiro, ao soar da espalmada na parede, o cenário se desfaz. As portas das cabines nas quais ocorria sexo oral se fecham. Quem está dentro não sai, e quem está fora se dirige para a pia a fim de disfarçar. Os que se masturbavam nos mictórios lá permanecem, mas se viram para o canto ou então encobrem o pênis ereto com uma das mãos enquanto o força para baixo, fingindo urinar. Alguns outros saem do banheiro, e se em uma cabine há dois homens, um deles se agacha sobre o vaso enquanto o outro, mesmo em pé, abaixa a cabeça para não ser notado por cima da porta, isso tudo para que, no vão entre a porta e o chão não apareça mais do que um par de calçados.

localiza a cabine ocupada. Quanto mais ao fundo (ou distanciada) do banheiro, maiores as chances de ali “ter alguma coisa”. Um segundo aspecto a ser analisado, caso a porta não vá até o chão, é se o sujeito está de pé ou sentado, se está virado para a porta, para o vaso sanitário ou mesmo para um dos lados da cabine. Perceber que um homem está de pé através da posição de seus pés, aumenta ainda mais a possibilidade de ele estar ali também aguardando uma oportunidade. Muito tempo de pé, mas voltado para a porta, pressupõe um forte indício de que ele está a manipular seu pênis, ou observando o movimento por alguma fresta ou mesmo por cima da porta. De pé, mas voltado para o vaso sanitário, tanto pode estar urinando quanto se masturbando. Neste último caso entra em cena um segundo recurso analítico: a audição.

A audição é fundamental nos processos de constituição dos blocos de espaço-tempo de *pegação* nos banheiros. A partir de um exercício cuidadoso de acuidade sonora, pode-se saber o que a pessoa está fazendo dentro da cabine. Instalar-se no espaço logo ao lado é crucial para levar a estratégia adiante. Isso porque quanto mais o sujeito ao lado se demorar sem fazer qualquer barulho característico dos atos de urinar e defecar, maiores são as chances de ele estar se excitando. E pode parecer incrível, mas é muitas vezes possível ouvir o ruído do movimento de masturbação do homem ao lado, que pode se fazer acompanhar pelo tilintar de um cinto ou mesmo dos botões da calça.

Como se pode notar, o que temos é um aglomerado de estratégias investigativas, porque não, que, ao constatar determinado conjunto de arranjos, é capaz de fornecer um quadro mais ou menos coeso das reais chances de emergir uma *pegação* no banheiro. Em termos coloquiais, poderíamos dizer que se o indivíduo está numa cabine mais ou menos isolada, de pé, sem emitir ruídos característicos dos atos fisiológicos por um período razoável de tempo, as chances de ele estar atrás de *pegação* são consideráveis. Ainda mais se, no próprio submundo das relações homoeróticas em espaços de uso coletivo, o tal banheiro for conhecido como um ponto forte de *pegação*, como era o caso dos banheiros do Shopping Santa Cruz, do banheiro do Mercado Municipal, e o do Bahamas 24 horas.

A aproximação é sempre cuidadosa. Nos banheiros em que as divisórias entre as cabines não chegam até o chão, há toda uma técnica de agachamento para ver se na cabine ao lado o sujeito está excitado ou não. Confesso que tal elasticidade é de causar inveja, ainda mais se considerarmos que muitos homens conseguem “chupar” e ser “chupados” através desses

vãos. Caso não se disponha de tamanha flexibilidade corporal, o jogo de cena com um dos pés pode às vezes surtir efeito. Atravessa-se o vão com o pé (este é um sinal claro de procura por *pegação* para quem o conhece, é claro), e se o vizinho fizer o mesmo, o terreno está preparado. Alguns homens mais ousados, ou corajosos, sobem nas privadas e sem que o vizinho perceba, observam-no atentamente, sem levantar suspeitas. Esta técnica pode ser utilizada também quando as divisórias são inteiriças⁵⁵.

É quase infinda a inventividade empregada na constituição de interações homoeróticas nos banheiros públicos. À estas últimas estratégias podemos somar aquelas que eu descrevi quando me referi ao banheiro da Biblioteca Municipal. Acredito, sem medo, que todas elas são passíveis de ser mais ou menos observadas em muitos dos banheiros procurados para *pegação*, salvo as diferenças minuciosas pertinentes a cada um, evidentemente. De todo modo, os exemplos aqui utilizados, ainda que focados em apenas dois banheiros, podem ser extrapolados para todos aqueles elencados na página 55. Eles revelavam, em suas características minuciosas, de que modos eram operados os processos de constituição de blocos espaços-temporais de *pegação*, através do emprego de técnicas corporais para a sedução e da utilização dos recursos materiais disponíveis nestes mesmos espaços para que a coisa toda funcionasse.

Espero que tenha ficado claro também que o anonimato é uma característica marcante da sociabilidade aqui retratada. Ele está diretamente relacionado à natureza instável dos banheiros públicos que, por sua vez, ressoa na velocidade com que as interações devem ser desenvolvidas. É como quando eu perguntei a um informante, em nossa primeira entrevista, como funcionariam os encontros nos banheiros, uma vez que quase não há troca de palavras nestes lugares. Como ele fazia para se aproximar de outros homens?

⁵⁵ A sondagem entre cabines poderia se valer de estratégias as mais diversas, de acordo com as possibilidades. No Mercado Municipal, cujas divisórias (feitas de cimento) não chegavam até o chão, ainda assim foram feitos buracos nelas para observação. No banheiro gratuito da rodoviária Novo Rio, Rio de Janeiro, o reflexo do chão encerado servia de canal aproximativo. Num shopping no subúrbio carioca, foram feitos verdadeiros rombos nas divisórias (feitas de eucatex), através dos quais era possível vislumbrar até duas ou três cabines consecutivas. Por estarem na altura média do posicionamento dos pênis, pelo diâmetro, desconfio que fossem usados também para a realização de sexo oral. Na rodoviária da cidade de Conselheiro Lafayette, Minas Gerais, um homem me observou por debaixo da divisória por intermédio de um caco de espelho. Quando voltei ao banheiro, fui até a cabine onde ele estivera, e, para minha surpresa, o artefato estava mal escondido atrás da caixa de descarga. Encontrei a mesma situação em mais duas cabines. Já na rodoviária de Campo Grande, Rio de Janeiro, e na rodoviária de Juiz de Fora, os homens subiam nas privadas, já que era possível sempre encontrá-las com marcas de pés nas bordas.

“No banheiro não há trocas de palavras. Você nunca sabe o nome do cara. Já entrei em banheiro, chubei o cara e saí sem dar uma palavra. O cara te olha de um jeito que você sabe, sente alguma coisa no ar. Ele faz aquele movimento (mexe no pau por cima da calça pra me mostrar) e aí você vai seguindo o instinto. Não é preciso muito. Um homossexual sabe quando o outro é mesmo sem nunca o ter visto na vida. São mil palavras num olhar” (Molibdênio, 32 anos).

Pollak (1985: 60) assinalava, já na década de 1980, que nos locais livres de toda e qualquer pressão externa, as relações homoeróticas (ele usa o termo homossexuais) responderiam a duas regras de funcionamento: a sinalização exata dos desejos sexuais e o anonimato:

O silêncio é uma regra de honra nos espaços, eles próprios anônimos (parques, saunas, sanitários) e delimitados, especializados, em função de suas possibilidades de isolamento (a dois ou em grupos) e de menores riscos (riscos de serem surpreendidos por policiais ou por vagabundos). Muitas vezes, o nome sussurrado após o ato é a única comunicação verbal antes que os parceiros se separem.

Nota-se, portanto, que tudo deve ser consumado em poucos minutos, e a rapidez dos gestos em muito ultrapassa a lentidão das palavras. Economia dos riscos e maximização do prazer sem ser necessariamente identificado⁵⁶.

⁵⁶ Claro que os sujeitos mais assíduos poderiam se reconhecer em tais ambientes, algo do tipo: “Sabe aquele cara ali, vem aqui sempre e já o vi em outros banheiros”. Mas o anonimato não se contrapõe à visibilidade adquirida com a assiduidade, ele se assenta num outro fator, característico dos grandes centros urbanos: “eu vejo fulano por aqui todos os dias, mas não faço a mínima idéia de quem seja e do que faça”.



Figura 1. Mapa do complexo arquitetônico da Praça Antonio Carlos (Fonte: Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora)



Figura 2. Entrada do banheiro do Mercado Municipal (Foto: Verlan Neto)

BANHEIRO DO MERCADO MUNICIPAL

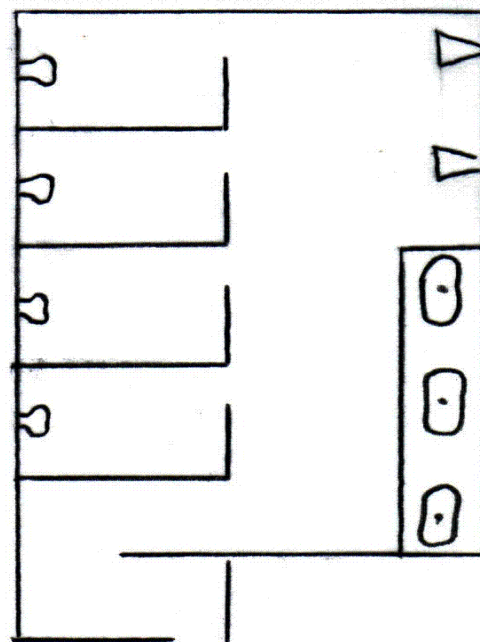


Figura 3. Esboço do interior do banheiro do Mercado Municipal

BANHEIRO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

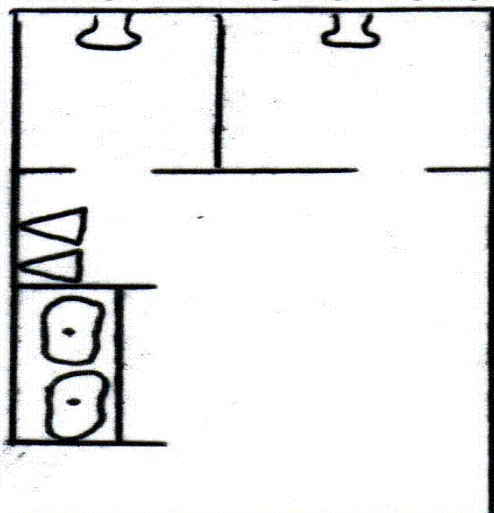


Figura 4. Esboço do interior do banheiro da Biblioteca Municipal

BANHEIRO DE CAMPO GRANDE

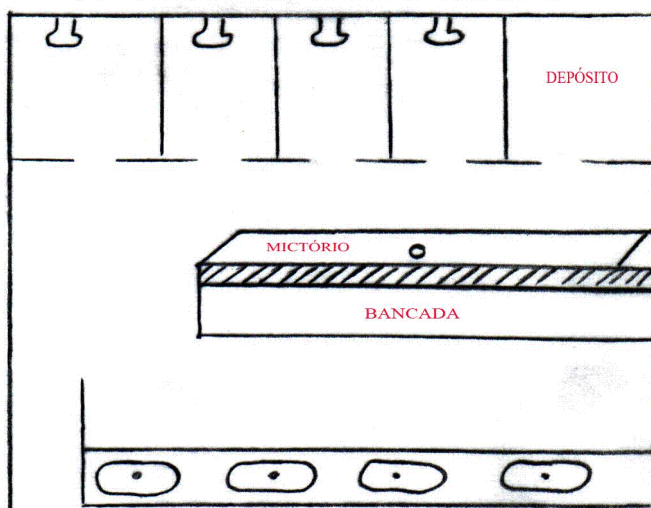


Figura 5. Esboço do interior do banheiro de Campo Grande (Rio de Janeiro)



Figura 6. Interior do banheiro do Mercado Municipal. Obs. Um dos mictórios foi arrancado (Foto: Verlan Neto)



Figura 7. Interior do banheiro da Biblioteca Municipal (Foto: Verlan Neto)



Figura 8. Visão do interior do banheiro do Mercado Municipal a partir de uma das cabines (Foto: Verlan Neto)



Figura 9. Detalhe da porta de uma das cabines do banheiro do Mercado Municipal. Destaque para um dos recados e para o orifício utilizado na observação dos mictórios. (Foto: Verlan Neto)

CAPÍTULO 3

CINE SÃO LUIZ

Dados históricos e caracterização geral

O Cine São Luiz, situado na parte baixa da Rua Halfeld, em frente à Praça da Estação, era o único cinema a exhibir filmes pornográficos em Juiz de Fora. A construção do complexo arquitetônico que o abrigava em conjunto com um hotel (no andar superior, mas com entrada independente) e um estabelecimento comercial parece datar do segundo quartel do século passado, funcionando inicialmente como clube e teatro para, posteriormente, a partir da segunda metade dos anos 1950, servir de cinema⁵⁷. O prédio foi tombado pelo município em 1999 e as obras para a sua transformação em estacionamento, iniciadas em julho do ano passado, foram embargadas pela Secretaria de Política Urbana — SPU da prefeitura, o que gerou alguns conflitos entre o referido órgão público e a empresa proprietária, Companhia Franco-Brasileira, com sede no Rio de Janeiro e possuidora de outros cinemas pornográficos nesta mesma cidade.

De acordo com o Senhor Xenônio, 89 anos, funcionário aposentado da companhia proprietária do cinema, o Cine São Luiz existia desde 1958, e foi um dos principais cinemas da cidade até meados dos anos 1980, quando então passou a exhibir filmes pornográficos⁵⁸. Conforme ele me informou, somente cidades com um mínimo de 400 mil habitantes podem ter cinemas pornô, e como Juiz de Fora tivesse chegado a esse patamar e contasse com muitas salas de exibição, a transformação do Cine São Luiz não chamou muito a atenção.

“Juiz de Fora tinha 15 cinemas, muitos aqui no Centro. Deixaram esse aqui como pornô porque era mais afastado. Por isso, quando esse aqui virou pornô, ninguém reclamou”.

⁵⁷ Não empreendi uma profunda caracterização histórica do Cine São Luiz em função de dois motivos principais. O primeiro deles diz respeito à natureza particular do meu trabalho, que não se dispunha a estudar um único ambiente. O segundo foi a própria dificuldade em obter informações documentais sobre o referido cinema. Grande parte das informações aqui repassadas tem como fonte a entrevista que realizei com um ex-funcionário do estabelecimento no ano passado, um mês antes dele ser fechado.

⁵⁸ No processo de tombamento 04462 de 1997, em poder da Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora, consta que o Cine São Luiz foi adquirido pela Companhia Franco-Brasileira no ano de 1976.

As primeiras películas pornográficas a serem exibidas na casa eram francesas, e chegavam em rolos de filme 35 mm. Estes, de fato, perduraram até bem pouco tempo atrás, quando o antigo sistema de exibição foi trocado por um vídeo cassete, como eu pude constatar. Quando entrei no Cine São Luiz pela primeira vez, no ano de 2003, os filmes me pareceram bem antigos, não só pela qualidade da imagem, mas também pelo visual. Se as atrizes não apresentavam silhuetas muito distantes do padrão privilegiado atualmente, o mesmo não poderia ser dito dos homens. Os atores exibiam corpos extremamente peludos e longe das massas de músculos que encontramos hoje. Sem contar os bigodões, que dispensam comentários.

Lembro que numa conversa com a irmã de Seu Xenônio já há alguns anos, gerente da casa até seu fechamento, ela havia se queixado da qualidade dos filmes ali exibidos. Foi surpreendente o modo pelo qual ela colocou as coisas: *“Lá dentro só tem porcarias, nada que preste”*. “Ela está falando dos homens lá dentro”, pensei. Que nada, estava se referindo aos filmes mesmo.

“Os meninos vêm aqui e ficam vendo essas porcarias, esses filmes velhos e estragados. Tem que modernizar isso aqui, botar filmes novos, com novas histórias”.

Seja como for, a troca do projetor pelo videocassete melhorou substancialmente a qualidade da exibição, ainda que o tamanho da imagem tenha diminuído drasticamente (cerca de um terço do que era). *“Agora é videocassete. Não se fabrica mais filmes pornô em 35 mm. Os filmes estavam muito ruins, e agora passamos filmes normais [nacionais] e dos EUA. A empresa está estudando também aumentar a imagem”*, relatou-me o Senhor Xenônio.

Perguntei a ele sobre a programação, se era o cinema que adquiria as fitas e passava como bem entendesse.

“Não senhor, não é deste modo que funciona”, ele me explicou. “Tem toda uma programação pré-determinada e a gente obedece. A empresa faz a programação e daí passa pela censura. A gente tem que seguir o

que a programação manda e o que a censura decide”. (...) Filme pornô é tudo igual, não é mesmo? Só que agora eles mostram tudo, nem tem mais censura nesse sentido. O filme começa e o sexo já vai acontecendo, e vai assim até o fim, sem parar”.

Por dia eram exibidos dois filmes, e cada um passava duas vezes, resultando num total de quatro sessões. Uma vez por mês o cinema era obrigado a exibir um filme nacional, algo com o qual o funcionário aposentado concordava. Para ele, deveriam ser mostrados mais filmes nacionais e, inclusive, de orientação homoerótica. *“Por que não? Tem que passar ué. Não tenho nada contra. Tem que atender a todos os gostos”.* Indagado sobre a exibição de filmes homoeróticos no Cine São Luiz, ele me disse que lá já haviam sido exibidos alguns. Eu, ao longo de todos esses anos, jamais tive a oportunidade de vislumbrar pelo menos um.

O Cine São Luiz possuía 448 lugares, divididos em duas alas de 28 filas com 8 poltronas cada, e se encontrava aberto ao público das 14h às 20h30m. O visitante podia entrar na primeira sessão e permanecer no cinema até a exibição do último horário, sem pagar nada a mais por isso. Os intervalos entre as sessões eram aqueles necessários para rebobinar a fita. Eram seis funcionários que trabalhavam ali: uma bilheteira, um porteiro, um zelador, um gerente e um operador. O sexto funcionário era o próprio Senhor Xenônio, que estava ali apenas para cobrir as folgas da irmã, já que o cinema funcionava ininterruptamente de segunda a segunda.

Na parte mais interessante para o desenvolvimento deste trabalho, aquela referente ao público que freqüentava o espaço, o ex-funcionário me asseverou que nos primeiros tempos de exibição de filmes pornográficos, o Cine São Luiz angariava mais espectadores do que nos últimos tempos. Contudo, isso não significava, necessariamente, que o estabelecimento estivesse mal das pernas, caminhando em direção ao fechamento por motivo de falência, situação esta experimentada por alguns outros cinemas da cidade, que vinham inexoravelmente *“trabalhando no vermelho”*.⁵⁹ A média de visitantes, segundo ele, era de umas 50, 60 pessoas por dia.

⁵⁹ Juiz de Fora contabiliza hoje, sem contar o Cine São Luiz, 9 salas de exibição, das quais 7 estão concentradas em shoppings (cinco no Alameda, bairro Alto dos Passos; duas no Santa Cruz, centro da cidade). As outras duas, situadas no Espaço Cultural Unibanco Palace, em pleno calçadão da Rua Halfeld, e conhecidas pela exibição de filmes *Cult*, tiveram seu fechamento anunciado no início deste ano, ao mesmo tempo em que

“Claro que no início do mês, quando o pessoal recebe, dá mais. Mas lá pros dias 10, 15 do mês o número cai, ficando nesse patamar que eu te falei. Tem muita gente que vem aqui todos os dias”.

Seu Xenônio me informou ainda que não havia uma sessão que enchesse mais, pois o fluxo de visitação era bem distribuído ao longo do dia. Realmente, eu já ficara lá as quatro sessões inteiras por várias vezes e nunca observei um “pico” de presenças neste ou naquele horário, mesmo se considerarmos o período de saída do trabalho (entre 17 e 19 horas) como o mais importante de todos, já que os homens saíam de seus labores e no caminho para casa passariam ali para se “divertir” ou “aliviar a tensão”.

O Cine São Luiz era enorme, como se pode constatar pelo número de poltronas que comportava. Com uma entrada bastante ampla, composta por seis portas, algumas com vidros transparentes, era possível observar, da Praça da Estação, os vários pôsteres de filmes pornôs antigos dispostos pelas paredes do hall de entrada e em alguns cavaletes de madeira. Este hall, também de proporções muito amplas, comportava uma pequena bilheteria logo em sua entrada, uma espécie de canteiro central de bancos que dividia verticalmente a sala em duas bandas, a roleta e a urna para o recolhimento do ingresso, e a sala, no lado direito, da gerência. Ao fundo, no alto de uma pequena escada, via-se o acesso para a sala de exibição, composto de uma espécie de parede almofadada com duas aberturas laterais. Ainda no fundo, mas nos cantos extremos, vislumbravam-se as entradas para os dois banheiros, estando o feminino desativado (onde ficava o bebedouro) e o masculino localizado do lado direito, bem em frente à entrada para a sala administrativa.

Ao se atravessar o acesso à sala de exibição, deparava-se com uma espécie de segundo hall mais ou menos amplo e que ficava dividido da platéia por uma amurada baixa que se estendia atrás das duas fileiras de assentos, dispondo-se assim de três passagens para as mesmas: uma no centro e duas nas laterais, como numa igreja. A luminosidade experimentada no saguão de entrada cedia lugar a um estado de penumbra desconfortante nos primeiros momentos, entrecortada pelos clarões advindos da tela lá ao fundo e das brechas nas

a inauguração de um grandioso shopping na Avenida Independência está cada vez mais próxima. Nos últimos anos, outras quatro salas no centro foram fechadas: os Cines Star 1 e 2, o Cine Excelsior e o Cine Veneza. Para um histórico, ainda que localizado, das transformações sofridas pelas salas de exibição ao longo do século passado, ver Vale (2000).

laterais do teto. Uma vez acostumado o olhar, ali da amurada era possível ter uma visão panorâmica de toda a extensão da sala, e conforme se ia adentrando nela, o nível de penumbra ia decaindo, até se chegar às primeiras fileiras, bem mais iluminadas e que, por isso mesmo, eram as menos procuradas pelos freqüentadores. Ao final da sala, tinha-se um palco de tamanho razoável com a imensa tela sobre ele ⁶⁰.

O banheiro masculino contabilizava, a partir da posição de quem entrasse, três mictórios do lado esquerdo e duas pias do lado oposto, em cuja parede ficava um espelho antigo. Ao fundo, duas cabines assiduamente utilizadas para o coito anal. O aspecto geral do banheiro era muito ruim. Assim como na sala de exibição, o cheiro de “porra envelhecida” misturada a mofo e suor era marcante. Nos azulejos, já encardidos pelo tempo, manchas amarelo-esbranquiçadas denunciavam o constante hábito dos freqüentadores ejacularem nas paredes. O interior das cabines não era menos perturbador. Constantemente inundados por uma mistura de água, urina e sêmem, suas privadas eram inutilizáveis, estando repletas de preservativos usados. Nas paredes e nas portas, recados pornográficos e mais manchas provocadas pelos “gozos clandestinos” conferiam ao ambiente o retoque decorativo característico de tantos outros banheiros “marginais”.

O fechamento do Cine São Luiz em meados do ano passado não teve a repercussão que eu, particularmente, esperava que tivesse. Mesmo servindo de espaço para a exibição de filmes pornográficos há duas décadas ou mais na cidade, seu fechamento repentino chamou a atenção mais pelo fato de mais um prédio histórico da cidade estar prestes a virar outro estacionamento do que pela natureza de sua atividade. Foram apenas duas chamadas de capa no principal jornal impresso da cidade, que enfatizavam o golpe desferido contra os esforços de revitalização cultural da Praça da Estação através da recuperação de seus prédios históricos. Nos textos jornalísticos, nenhuma menção aos filmes pornográficos e ao público que os assistia. A importância do estabelecimento estava na sua fachada arquitetônica e nos seus tempos áureos:

Cine São Luiz: Só Fachada — Juiz de Fora perde um cinema que fez história nas décadas de 1960 e 1970 no momento em que os esforços estão voltados para revitalizar a Praça Doutor João Penido [Praça da Estação] e transformá-la em um centro de entretenimento e cultura. O Cine São Luiz, que há mais de 50 anos é espaço para projeções na cidade, deverá ser

⁶⁰ No final deste capítulo encontra-se uma reprodução da planta do Cine São Luiz (Figura 10, p. 93).

transformado em estacionamento. (...) Não há mais público nem funcionários do extinto cinema. Pela sala, que foi uma das mais importantes nas décadas de 60 e 70, quando era palco para o lançamento das películas antes de chegarem nas outras salas de exibição, restam apenas entulhos, madeiras quebradas e muita poeira⁶¹.

Um verdadeiro silêncio sobre os últimos 20 anos, exceto pela manifestação de alguns leitores através de cartas que lamentavam o ocorrido. A perda era devida ao prédio histórico, e não ao espaço “decadente”.

Durante décadas, o Cine São Luiz foi sinônimo de filme pornográfico de última categoria. Neste local, há alguns anos, foi palco até de espetáculos, ao vivo, de sexo explícito. Agora que está sendo fechado e destinado para outros fins, aparecem os intelectuais da cidade para defendê-lo! Por que não se mobilizaram antes para que o referido espaço fosse melhor aproveitado?⁶²

Como profetizava Nostradamus, que, no final dos tempos, os dias, meses e anos iriam parecer passar mais rapidamente, fato corroborado pela atual onda do descartável, estamos vendo que até edificações, que se julgavam duradouras e autênticos patrimônios de uma cidade, estão sucumbindo à insensatez, como ocorre agora com o Cine São Luiz. Tive a felicidade de estar presente na inauguração do cinema, no final dos anos 50, com a exibição do filme “Rebelião no presídio”, sucesso da época. Está certo que o Cine São Luiz, talvez pela localização (à época uma região degradada do Centro de JF), passou por momentos nada saudosos dos filmes “pornô”, porém, nada lhe rouba a condição histórica, que deve ser preservada pela sua importância.⁶³

Restaria saber, caso o cinema não tivesse sido desmantelado para a construção de um estacionamento, como o poder público, a imprensa e mesmo a sociedade juizforana se posicionariam perante o fato de que a revitalização da referida praça talvez tivesse que ser realizada com seu cinema pornô em funcionamento.

⁶¹ *Jornal Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 10.07.2007.

⁶² *Jornal Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 12.07.2007.

⁶³ *Idem*.

Pegando uma sessão – a visita que abarca visitas

Nesta seção, proponho uma apresentação da sociabilidade observada ao longo destes anos no Cine São Luiz através de uma estratégia que me parece interessante. O texto etnográfico foi estruturado como se fosse o relato de um dia de visita ao espaço, de modo que, em seu conteúdo, fossem contemplados os aspectos mais gerais e interessantes de tudo o que eu pude observar desde a primeira vez que o visitei até o último dia em que lá estive, pouco mais de um mês antes de seu fechamento. De forma proposital, posicionei-me claramente na narrativa com a intenção de fazer transparecer minha condição dual de observador e “frequentador”, utilizando-me de minhas experiências pessoais e dos cenários que vislumbrei para fazer chegar até o leitor não apenas as impressões que tive e as elucubrações que realizei em cima delas, mas também, como em muitos casos o meu posicionamento no ambiente se articulava com as condições da pesquisa. Procurei fazer evidenciar ainda, no eixo diacrônico, que esta visita que abarca visitas se deu num tempo mais recente, de modo que, sempre que necessário, fosse-me possível recorrer ao “passado” para fazer conexões com o “presente”⁶⁴. Sentemo-nos, portanto, senhores, pois o espetáculo vai começar.

Entrando no cinema

Hoje deixei para ir ao Cine São Luiz mais ao final da tarde, de modo a observar melhor as estratégias que os homens usam para adentrar o espaço, afinal, com uma entrada tão ampla como aquela, chega a ser constrangedor, até mesmo para mim, imaginar que enquanto aguardo o bilhete e o troco bem ali na porta, as pessoas sentadas nos bancos dispostos bem em frente, na praça, ficam me olhando. Além de quê, indo nesta faixa de horário, eu poderia encontrar o cinema já em pleno vapor, com alguns homens circulando da sala de exibição para o banheiro masculino e vice-versa.

Cheguei à Praça da Estação por volta das cinco e meia da tarde, trazendo já na mão desde o calçadão da Halfeld, minha carteira de identidade estudantil e o dinheiro para a aquisição

⁶⁴ Espero que o leitor não tome esta minha narrativa como uma invenção, mas sim, como um exercício de tornar inteligível ao mesmo tempo em que conciso, o acúmulo de informações recolhidas nos últimos anos, muitas delas ainda impregnadas nos meus sentidos. Acredito que tal intento não incorrerá em prejuízo para o conhecimento da sociabilidade particular do Cine São Luiz. A idéia de uma visita que abarca visitas é, na verdade, uma grande mixagem de dados, impressões e raciocínios, tudo junto numa única faixa e, portanto, não menos verossímil.

da meia-entrada (R\$2,50). Isso sempre agiliza na hora de entrar e, com isso, não fico a mercê dos olhares externos ao cinema. Sentei-me em um dos bancos e nele permaneci por uns 15 minutos. Neste ínterim, ingressaram no cinema quatro homens: um mais jovem, dois senhores e um na faixa dos quarenta anos. O mais jovial deles fez exatamente como eu costumo fazer: descendo a Rua Halfeld, executou um movimento brusco para dentro do cinema e apresentou para a bilheteira o dinheiro em quantia exata, pois não houve troco, já amassado por uma das mãos. Um dos senhores e o outro homem estavam sentados em outros bancos nesta mesma praça. De modo disfarçado, cada um ao seu tempo, levantou-se e rumou para a bilheteria, ambos com as cabeças baixas. Por fim, o segundo senhor veio da direção da passagem de nível, e com um guarda-chuva em punho, demonstrou não estar muito preocupado com o interesse alheio. Vai ver tem ele razão, pois além de mim, não sei se haveria mais alguém interessado em tentar reconhecer os freqüentadores do Cine São Luiz. Seja como for, conforme eu venho observando já há algum tempo, a preservação da identidade deve ser trabalhada dos momentos iniciais (ingresso no espaço) até a saída, quando as portas já estão fechadas.

No saguão de entrada, o cenário habitual. Sentada na bilheteria, a funcionária responsável pelo setor lia sua Bíblia. Sentada ao lado do zelador, um homem já bastante velho e de ar atoleimado, a gerente rezava seu terço em voz baixa enquanto olhava para a rua. Aos fundos, vários homens subiam e desciam as escadas de acesso à sala de exibição, ora rumo ao banheiro masculino, ora rumo ao bebedouro no lado oposto. Eu me levantei e rapidamente me dirigi à bilheteria. Ao exibir minha carteira de estudante para a funcionária, esta me olhou com um ar de quem pensa: “ao invés de estudando está aí, procurando safadezas”. Peguei meu ingresso e me dirigi para a roleta. Cumprimentei a gerente e o funcionário e numa marcha decidida me encaminhei diretamente para a sala de exibição, sem olhar para trás. Subido o pequeno lance de escadas, eu estava a poucos passos de submergir num ambiente onde a quase ausência de luz abrigava a luminosidade de toda uma sociabilidade transgressora, mas nem por isso, menos ordenada em seu funcionamento.

Quando se atravessa uma das passagens que dão acesso à sala de exibição do Cine São Luiz, tem-se a impressão de estar num outro mundo, onde, temporariamente livres das prescrições sociais imputadas pela sociedade inclusiva, quer manifestas no meio familiar, no trabalho, nas escolas, nas ruas, nas leis, nos círculos de amizade e até mesmo nos relacionamentos conjugais, muitos dos homens que ali estão podem flexibilizar a si mesmos. *A busca pelo prazer da carne entre iguais* pode até não ser o motivo último de todos estarem ali, mas se não quisermos ser tragados por uma vã ingenuidade, acabaremos por reconhecer, sem remorsos e sem moralismos de última hora, que ela, facilitada pela natureza do ambiente, faz-se concretizar em tantas poltronas e cantos escuros quanto estiverem dois ou mais homens uns interessados nos outros⁶⁶. Não se trata de seguir os passos de André Gide em *Córidon*, mas de pôr num plano além das sombras, o que em grande parte é fruto deste excesso de luz que por vezes nos cega, como sabiamente nos advertiu José Saramago em *Ensaio Sobre a Cegueira* (1995).

Ainda com um pouco de incômodo nos olhos por causa da mudança de ambiente, aos poucos fui tomando conhecimento da movimentação no seio da sala de exibição. Recostado na parede almofadada e fumando um cigarro, estava o senhor que há pouco eu vira entrar com o guarda-chuva. Espalhados de pé pelas paredes laterais do hall, homens de diferentes aspectos físicos se dividiam em diferentes atividades. Uns olhavam atentamente para o filme em exibição, outros movimentavam as cabeças de modo a gerir com os olhares a movimentação entre e nas poltronas, enquanto outros ainda, mais a vontade, tinham seus pênis amostra. Nada de casais por enquanto.

Atravessei o hall e, como sempre fiz, debrucei-me sobre a amurada, de modo a sondar o terreno antes de me enveredar pelos corredores. Contabilizei um pouco mais de 30 homens. Na tela, um filme que para mim não tinha qualquer importância exibia em close a

⁶⁵ Alusão à etnografia de Alexandre Vale.

⁶⁶ Que se não tome esta assertiva como enquadramento essencialista do foro íntimo dos homens que observei e entrevistei, subentendendo uma pulsão libidinosa imperiosa que os arrastaria até as poltronas do cinema. Se *a busca* (ou desejo) *pelo prazer da carne entre iguais* é um dado em si mesmo que talvez não nos caiba esquadrinhar seja em que termos forem (psíquicos, genéticos, hormonais e até mesmo culturais), as possibilidades e os meios pelos quais ela se manifesta, quase sempre numa relação de resistência e afronta às limitações sócio-culturais que lhe são imputadas, tem mais do que legitimadas as razões para o seu escrutínio. Ela se faz operar no plano relacional dos homens!

penetração vaginal de uma jovem loira por um espadaúdo rapaz moreno. Diante da cena, lembrei-me de uma passagem da etnografia empreendida por Vale (2000: 77-78) ⁶⁷:

A exibição em *close* das genitálias em ação e a ejaculação masculina fora do orifício vaginal feita “para a câmera” (...) são o que confere ao filme pornográfico a evidência material da verdade, o “realismo” do esperma e dos ruídos e gemidos de prazer, daquilo que, apesar de estar no terreno do ficcional, da fantasia das imagens, está acontecendo “de verdade”. Numa sala de exibição pornô, essas imagens podem encontrar o realismo da plateia.

Em parte, a constatação de Vale é válida para o Cine São Luiz, pois que algumas modalidades sexuais tomam lugar nos corredores e assentos da sala de exibição, enquanto outras só se concretizam nas cabines do banheiro. A movimentação hoje esteve intensa, frenética, com muitos homens dando voltas pela sala. Nas poltronas, uns praticando o *hábito solitário* enquanto outros, já acompanhados, nas fileiras mais ao meio, “chupavam” ou se deixavam “chupar”. Não poderia deixar de mencionar, é claro, aqueles que, mesmo sentados, provavelmente tinham suas “antenas de captação” ligadas, virando-se para todos os lados em busca de um simples cruzar de olhares, encontro revelador não só de uma simpatia repentina, mas também, de um possível contato sexual.

A paquera na sala de exibição do Cine São Luiz prescinde de algumas das estratégias engendradas nos banheiros públicos. As técnicas corporais se sobressaem em relação à discursividade oral, mas diferentemente de lá, onde quase todas as interações se iniciam e têm seu término sem que um som seja emitido, exceto aquele dos gemidos entre os mais corajosos, aqui uma conversa rápida, ainda que limitada pela imposição do anonimato, pode aparecer ao término das relações ou quando dois homens se envolvem pela segunda ou terceira vez. Ao se circular pela sala de exibição, não é necessário lançar mão das *técnicas de legitimação da permanência demorada* para seduzir ou despistar alguém. Tudo está

⁶⁷ No Cine São Luiz, os filmes exibidos diariamente não correspondiam necessariamente aos cartazes expostos nas paredes do saguão de entrada ou mesmo nos cavaletes próximos à porta. Com o advento do videocassete, para saber o título de algum filme, era necessário estar atento aos seus créditos iniciais, o que, confesso, jamais o fiz com a devida atenção. Na entrevista que me concedeu em julho do ano passado, o Senhor Xenônio me reportou a existência de um catálogo de sua autoria (ele era apaixonado por cinema) com os cartões dos filmes exibidos até recentemente pelo Cine São Luiz, o que em muito contribuiria para a constatação exata de sua transformação em cinema pornô. Contudo, como ele houvesse doado o referido catálogo à Faculdade de Comunicação da UFJF, a greve enfrentada pela Universidade acabou por impedir meu acesso a ele.

implícito de modo bastante explicitado. Claro que um sujeito com inclinações homoeróticas pode assediar outro homem que, em sua “solidão”, esteja ali única e exclusivamente para assistir o filme. Destarte tal possibilidade de engano, aqui as liberdades são maiores — quem vai ao Cine São Luiz sabe o que vai encontrar lá dentro. Por isso, jamais presenciei ou tive notícias de algum ato agressivo por parte de quem quer que fosse dentro do cinema. Não gostar da “coisa” não significa estar isento de tomar cantadas⁶⁸.

O objetivo, portanto, da circulação entre as poltronas, pelos corredores, é menos dizer por meio de gestos que se gosta de homem do que encontrar um parceiro com determinado perfil. Não é preciso aqui toda uma engrenagem para fazer saber que determinadas partes da sala podem ser transformadas em territórios de *pegação*. Elas já o são, embora não devêssem ser⁶⁹. O são porque a atmosfera exalada (e não encontro meio melhor de me expressar) permite a todos saber que a *pegação* ali é possível, mas o espaço não é menos construído por esse simples fato. Trata-se, apenas, de outra forma que não aquela engendrada nos banheiros de constituir blocos espaços-temporais de *pegação*.

A constituição destes territórios, que tornam o cinema um espaço misto dividido em áreas em que nada acontece⁷⁰ (o saguão da entrada, o palco), outras nas quais poucas coisas podem acontecer (o hall anterior aos assentos, os assentos localizados até o meio da sala, os corredores e os mictórios do banheiro), e outras ainda em que tudo é permitido (as cabines sanitárias), tem por base esta própria divisão e seu ordenamento. Não há ameaça imediata à sua existência, mesmo que fugaz, como nos banheiros. Por isso, os sujeitos que se lançam

⁶⁸ Alguns dos homens com quem conversei ao longo de minhas estadias no Cine São Luiz acreditavam na possibilidade de o indivíduo estar ali realmente por conta do filme, não tendo interesse por pessoas do mesmo sexo. Já para a grande maioria, tudo não passava de fachada. Ou o sujeito não se agradara de alguém disponível, ou então estava a mentir para si mesmo quanto às suas inclinações homoeróticas. Neste caso, mais cedo ou mais tarde ele se deixaria envolver por algum sedutor. Várias vezes, ao tocar neste assunto, ouvi a seguinte frase: “Amor de pica onde bate fica”.

⁶⁹ Como veremos no capítulo 6, havia uma relação paradoxal entre os frequentadores e os funcionários no que concerne ao uso da sala de exibição para fins de *pegação*. Por um lado, o Senhor Xenônio foi categórico ao me afirmar que não era permitido fazer sexo nas dependências do cinema, e que, de fato, isto não ocorria. Mas uma simples medida como a colocação de um biombo em frente à porta do banheiro dava a entender justo o contrário. Por outro lado, os frequentadores, numa espécie de acordo não declarado, interagiam sob determinadas regras, promovendo zoneamentos da sala de exibição e estipulando localizações para as diferentes modalidades sexuais (coito anal só no banheiro). Com isso, procuravam colaborar com o “desconhecimento” dos funcionários de modo a não obrigá-los a tomar medidas drásticas. Em suma: os funcionários fingiam não ter ciência da *pegação* e os frequentadores fingiam não fazê-la mesmo sabendo que os funcionários sabiam de tudo o que eles faziam, embora insistissem em fingir que não sabiam. Esta *diplomacia do fingimento* também apareceu na sauna do clube Salamandra.

⁷⁰ Em termos de modalidades sexuais: masturbação, felação e penetração anal.

à paquera no Cine São Luiz podem concentrar seus esforços apenas na captação dos parceiros, desde que observem tais preceitos, pois os locais aonde as interações se darão já estão mais ou menos evidenciados, dados e construídos ao mesmo tempo.

Do lugar onde eu estava, acompanhei um homem subir pelo corredor lateral direito, atravessar o hall e descer novamente, desta vez, pelo lado oposto. Ele se deteve na quarta pilastra, donde divisei que, na fileira correspondente, estava sentado outro sujeito que eu não podia muito bem distinguir. Mais que rapidamente desci pelo corredor central e me sentei no meio de uma fileira duas posições atrás de meus alvos, de modo a enxergar melhor o que se passava⁷¹. O que estava de pé na coluna olhava alternadamente para o filme e para o homem sentado (um senhor). Este, ainda que eu não pudesse ver mais claramente, estava com o pênis amostra. O jogo de olhares permaneceu por mais alguns instantes, quando o senhor fez sinal com a cabeça consentindo ao outro que se sentasse ao seu lado. Tudo foi muito rápido. Mal acabara de se sentar, o que estivera de pé pôs-se a “chupar” o outro que, dada a posição tomada por seu parceiro, percorria-lhe as costas com as mãos até chegar à entrada das nádegas, forçando a passagem por debaixo do tecido da calça. Imediatamente este rechaçou o movimento com uma de suas mãos livres. Sinal de que, ou não queria se expor ali, ou não gostava de ser penetrado, mesmo por um dedo. Esperei que gozassem e me levantei. Caso estivessem interessados em relação com penetração anal, dirigir-se-iam para o banheiro. Na fileira imediatamente atrás de mim um homem se masturbava enquanto me olhava de forma desejosa. Voltei para o hall e daí alguns instantes o filme terminou. Seguiu-se a campainha de aviso e as luzes foram acesas. As atividades foram suspensas e, como vampiros, os homens procuraram lugares mais escondidos da luminosidade para se sentar. Era preciso aguardar o início da próxima sessão para que as paqueras e as interações pudessem ser retomadas.

Dando uma volta pelo banheiro

Assim como alguns outros homens, eu aproveitei o interregno para ir ao bebedouro beber um pouco de água e, por conseguinte, seguir para o banheiro. Lá, enquanto houver gente, a movimentação não cessa.

⁷¹ Esta é uma estratégia de aproximação utilizada pelos adeptos do voyeurismo, por aqueles que têm dificuldades de encontrar um parceiro (sobretudo se parecerem “*estar com o bichinho*” – ser portador do HIV) e por aqueles que gostam de interações envolvendo três ou mais parceiros.

Dispostos na entrada porque protegidos pelo biombo que a encobre, dois homens observavam simultaneamente o interior do banheiro e a movimentação na escada de acesso à sala de exibição. A luz pode revelar detalhes que a penumbra não deixa antever. Entrei de cabeça baixa. Os dois primeiros mictórios estavam ocupados. A cabine direita também, ocupação denunciada pela presença de uma camisa pendurada na porta de forma a tapar a portinhola e que quer dizer “Não perturbe”! Um senhor que penteava os bigodes em frente ao espelho me olhou de alto a baixo. Neste momento um rapaz entrou no banheiro e se pôs ao lado dele em frente ao espelho. Ergueu a camisa de modo a parecer concertá-la no corpo e em seguida se dirigiu para o terceiro mictório, bem colado à cabine esquerda. Pôs o pênis para fora e olhou para o lado. Os outros dois homens demonstraram interesse em saber se ele estava excitado ou não. Ali não é preciso usar a técnica do pênis meia-bomba. Ou se está excitado ou se não está.

“Lá no cinema é o seguinte cara: ou você tá afim ou não tá. Ou você dá conta do recado e fica de pau duro ou não fica. Se um cara se exhibe de pau mole, ou é porque ele acabou de gozar, ou é porque o ambiente tá com velho demais ou é porque ele é brocha. Você pode ver, eu sempre ando de pau duro por lá. É o meu cartão de visitas” (Ródio: 50 anos).

Enquanto eu observava o jogo de sedução, um dos homens que estava na porta atravessou o banheiro e se alocou no interior da cabine desocupada, donde passou a encarar a mim e ao rapaz incisivamente. Pôs seu pênis para fora e enquanto o friccionava com as mãos fez sinal com a cabeça para que o rapaz fosse para junto dele. O senhor em frente ao espelho esboçou um ar de descontentamento. Já um dos homens nos mictórios fez sinal com uma das mãos para que o rapaz entrasse na cabine. Explico a cena.

Muitas vezes, a paquera envolve mais de um pretendente e mais de um paquerador. Na sala de exibição, alguém que esteja sentado pode receber olhares desejosos de tantos quantos passem por ele, o mesmo ocorrendo no sentido inverso. No hall, assim como no banheiro, poderíamos falar de uma teia de insinuações. Num dado nível, todos procuram por todos, pois é preciso maximizar as oportunidades de, ao menos, um pretendente se interessar. Ao mesmo tempo, esta estratégia escaneadora (eu olho para muitos antes de me acertar com apenas um) serve para selecionar, ou, para usarmos uma expressão nativa que brinca com o sagrado, “separar o joio do trigo”. Confesso que tanto no cinema, quanto nos parques, eu

me sentia uma espécie de trigo. Minha aparência jovem e, por que não, “atraente”, do tipo que “não precisa estar ali para conseguir alguém”, permitiu-me muitas e muitas vezes permanecer nesses locais por longos períodos para observação sem que eu tivesse que necessariamente me envolver com alguém. Eu podia simplesmente tomar parte nos jogos de sedução e mesmo assim ficar sozinho até encontrar alguém do meu agrado⁷².

No caso da cena do banheiro, essa teia de insinuações, ou de olhares insinuantes, pode gerar “conflitos” ou pequenas disputas. Quando alguém é desejado por mais de uma pessoa, é comum que ele seja assediado de forma mais incisiva para que se decida mais rapidamente. Tudo começa com uma série de gestos entre os pretendentes que dão a entender que estão em disputa. Pode ser que um deles, por exemplo, percebendo que o pretendido vai resvalar para o lado do oponente, entre na cabine desocupada para “empatar a foda”. Ao mesmo tempo, ele pode se exibir de forma mais “agressiva” ainda, mostrando, muitas vezes na frente dos demais observadores, do que ele é capaz⁷³. O pretendido fica no meio de uma guerrilha semiológica: acenos de cabeça tentam despertar seu veredicto. Verdadeiro cabo de guerras. Por vezes, um pretendente mais afoito parte para o ataque frontal e procura bolinar o alvo de seu desejo, procurando-o masturbar. Neste ponto, o pretendido deixa tal situação continuar, dando a entender ao outro que ele perdeu a vez, ou então, rechaça prontamente o assédio, dirigindo-se para a outra parte. Possibilidades reduzidas, se levarmos em conta ainda outros possíveis desfechos: todos os envolvidos podem parar na cabine, ou então o pretendido simplesmente não fica com ninguém.

A demora do rapaz em tomar alguma decisão me permitiu observar muitos dos aspectos que redigi acima. Quando o senhor ameaçou vir em sua direção ele guardou rapidamente o órgão sexual na calça e se dirigiu para a saída do banheiro, sem olhar para trás. Resolvi

⁷² Sobre sua inserção no universo da prostituição viril em São Paulo, Perlongher (1987) optou por “fazer” o que os próprios michês faziam: *trottoir*, o que não quer dizer que o referido autor se prostituísse.

⁷³ Esta exibição mais “agressiva” pode se dar de diferentes maneiras. O sujeito, ao invés de expor o pênis apenas através da braguilha, desce mais a calça ou bermuda para expor todo o órgão genital em ereção. Por extensão, ele faz gestos que acentuem os seus atrativos (o comprimento e a espessura do órgão, por exemplo) enquanto se masturba de forma frenética. Todos esses movimentos podem vir acompanhados do levantar da camisa para exibir os mamilos, da introdução de alguns dedos na boca (indicação de que ele faz sexo oral ativo), da emissão de gemidos em tom desproporcional. Há ainda uma última cartada e da mais alta importância: as nádegas são exibidas para dar a entender que com ele vai haver sexo anal. Todos estes gestos, os quais nós poderíamos tomar como técnicas corporais na acepção defendida por Marcel Mauss (2003), são sociais tanto no que diz respeito às mensagens que pretendem emitir, quanto às propriedades de seu uso. Eles não são usados a todo e qualquer momento, mas apenas em situações e territórios de *pegação* específicos dentro do cinema (no banheiro e em situações de disputa), o que denota seu caráter aprendido: aonde, como e quando usar (também observei algo parecido nos parques etnografados).

segui-lo, pois pelo tempo transcorrido, a última sessão já devia ter iniciado. Faltava-me, ainda, alguma coisa.

Conversando com Césio

Ao retornar para a sala de exibição, a primeira pessoa com quem cruzei no hall foi Césio: bem mais baixo do que eu, branco, olhos verdes, gordo, cabelos loiros e aparentando ter uns 40 anos. Enquanto eu ainda percorria a sala para reconhecimento ele ficou me observando de longe. Percebendo isso, sentei-me próximo da segunda pilastra no lado esquerdo do cinema, deixando propositalmente vazia a primeira cadeira daquela fileira, ao meu lado. Não tardou para que ele viesse para próximo de mim, recostando-se de pé na coluna enquanto volta e meia me lançava olhares. Notei que acariciava o pênis provavelmente rijo por cima da calça, dando a entender que estava “afim de alguma coisa”.

Deixei que transcorressem pelo menos cinco minutos até fazer o sinal consentindo que ele se sentasse ao meu lado. Com movimentos vagarosos ele o fez e ao se instalar na cadeira perguntou no meu ouvido se eu estava procurando diversão. Disse-lhe que estava ali de bobeira, apreciando a movimentação da sala já quase vazia. Ele tentou lançar sua mão furtivamente sobre a minha perna esquerda, ao que me esquivei lhe dizendo que estava mais para bater papo. Silêncio!

Silêncio porque geralmente bater papo não é algo que ocorre num ambiente como este, como eu já o disse. Não num primeiro momento, no qual os olhares e as expressões corporais dizem muito mais do que palavras. Ele insistiu mais uma vez, ao que permiti que percorresse o meu tórax e os meus braços com as mãos. Interrompi-lhe os movimentos quando chegou à minha calça, dizendo-lhe que não estava afim. Ele então hesitou e ameaçou se levantar. Não o fez por um momento e num último lapso de ousadia pôs o pênis para fora e começou a se masturbar lentamente enquanto me olhava. Consenti que o fizesse e assim foi até que ele ejaculou sobre si mesmo. Rapidamente após tal fato ele se levantou, provavelmente para ir ao banheiro se limpar.

Logo em seguida eu também me levantei e me dirigi para a entrada da sala, pois sabia que, caso voltasse do banheiro, Césio talvez permitisse certo diálogo entre nós. Na maior parte das vezes é deste modo que ocorre. As interações envolvendo discursividade oral no cinema quase sempre só aparecem após o ato sexual, se houver abertura de ambos os lados, ou

então quando se “pega” a mesma pessoa pela segunda ou terceira vez. Afora isto, um bate-papo inicial quase nunca é possível, principalmente no primeiro encontro.

Tive sorte. Césio, como eu imaginei, retornou do banheiro ainda com as mãos molhadas e se dirigiu para o lugar onde eu estava, e como não podia deixar de ser, o início da conversa foi como todos os outros: “*E aí, vem sempre aqui?*”. Respondi-lhe que não e a seguir, transcrevo o que pude reter de nossa rápida interação.

Segundo ele, o que o levava, assim como muitos outros homens, ao Cine São Luiz, era o tédio, algo que ele achava perfeitamente normal. Não se sentia incomodado pelo fato de estar ali em busca de parceiros do mesmo sexo⁷⁴. Césio me contou ser solteiro e morar com a mãe em Benfica, bairro afastado da área central da cidade, e que é muito difícil aparecer por ali. De certo modo, gosta de ir ao cinema de vez em quando porque até se diverte. Acha que no Cine São Luiz há uma variedade de pessoas que não se encontra em outros lugares.

“Aqui às vezes dá uma gente esquisita. A maioria que vem aqui é homem casado. Tudo casado. Eu fico pensando que vai ser engraçado no dia que alguém topa com alguém da família aqui, como um filho, por exemplo. Mas você se diverte, é engraçado”.

Lembrei da fala de outro informante meu, quando de nossa conversa no Parque da Lajinha. Eu ia citando os nomes de alguns pontos de *pegação* de Juiz de Fora e ele emitia suas opiniões. Sobre o Cine São Luiz, ele afirmou:

“O cinema pornô? Lá é bom. Lá dá sim [pegação]. Sempre que posso vou. Quer dizer, de vez em quando. Lá dá de tudo: garoto novinho, homem, véio. Não dá pra dizer assim uma idade certa que frequenta lá. Vai todas as idades. Mas uma coisa é certa: lá dá muito cara casado. Muito mesmo. Isso tem demais lá. E lá também é tranquilo, dá pra fazer sem medo, porque tem a sala e o banheiro. De lá eu gosto bastante” (Berílio: 43 anos).

⁷⁴ Voltarei à questão das motivações no capítulo 7.

Numa dada altura da conversa, Césio me apontou um rapaz (aparentemente com uns 30 anos) que passou na nossa frente: *“Tá vendo aquele ali? É pedreiro e mora lá no meu bairro. É casado e tem três filhos. Não sei o nome. Freqüenta aqui e a sauna gay”*. De fato, esta afirmação já havia sido me passada por outro informante quando de nossa conversa, que me asseverou que esse pedreiro ia ao Cine São Luiz diariamente, em especial, para realizar felação em homens bem mais velhos que ele, uma espécie de fetiche. Pude presenciar isso hoje mesmo quando o vi no canto direito “chupando” um velho com aproximadamente 60 anos.

Perguntei a Césio se ele tinha alguma idéia do porque de as pessoas freqüentarem este tipo de ambiente. Para ele, são duas as razões explicativas. A primeira é o próprio tesão, a vontade de transar, de extravasar, de dar uma. E ali no Cine São Luiz, fazer isso não é nem um pouco difícil. *“As pessoas vêm aqui para transar, não é para ver o filme não, que é de homem com mulher”*. A outra explicação é o anonimato, porque ali ninguém precisa se expor, dizer o nome, o que é muito importante não só para os que buscam privacidade, mas também, e sobretudo, para aqueles que são casados. *“Aqui ninguém precisa saber o nome de ninguém. Aqui você vem e transa. Nada mais!”*

É impossível negar, considerando-se não apenas as falas dos freqüentadores, mas a minha própria observação flutuante (muitos indivíduos exibiam alianças na mão esquerda), o grande contingente de homens casados que iam ao São Luiz. A partir da coleção de algumas informações, percebi que as motivações que os levavam a ambientes como este não diferiam muito daquelas relatadas pelos solteiros, excetuando-se, logicamente a condição de estarem casados. Daí a importância do anonimato: manter sob sigilo seus movimentos transgressores.

Voltando ao nosso informante de hoje, Césio chegou a ficar noivo por dois anos, mas faltando seis meses para o casamento abandonou tudo. Considera-se bissexual e diz não ter preferências por homens ou mulheres, mas ultimamente tem saído apenas com homens. Acha que é uma tendência interior sua. Não vê qualquer problema no fato de homens casados irem ali à busca de relações sexuais com outros homens: *“Isso é o que mais tem aqui”*. Não freqüenta boates GLS (*“Só fui uma vez na vida”*) e não vê necessidade de se assumir como gay. Ele também chegou a me dar algumas pistas de como funcionam outros pontos de encontro em Juiz de Fora, como o Parque da Lajinha, o Museu Mariano Procópio e a

sauna gay no centro da cidade. Em termos de locais públicos, segundo ele, a tendência é a coisa ficar cada vez mais difícil para os encontros.

“Antigamente no shopping [Santa Cruz Shopping] e no Mercado Municipal dava pra circular pelos banheiros direto. Agora é tudo pago e com gente vigiando. No Parque da Lajinha agora você tem que se identificar com a identidade e dizer o que vai fazer. O cara vai contigo onde você for. No Museu Mariano Procópio a polícia está ferrenha. A polícia vai fechar com tudo. Agora o único lugar com liberdade assim é aqui mesmo. Só aqui”.

Por este momento a nossa conversa teve de ser interrompida, pois Césio viu que estava atrasado para um compromisso (podia ser uma desculpa para não falar mais). Mas ele ficou tão entusiasmado em conversar comigo e participar da pesquisa que acabou por deixar o número do telefone de sua casa, embora tenha me pedido para jamais ter sua identidade exposta. Prometi-lhe que o faria e como insistiu tanto, permiti que me beijasse o rosto antes de sair apressado pela porta do cinema.

Saindo do cinema

Após a saída de Césio, ainda permaneci por uns 40 minutos no Cine São Luiz, ora sentado nas poltronas (é sempre necessário averiguar se elas estão meladas ou não antes de se sentar), na amurada divisória, ou revezando estadias entre o hall da sala de exibição e o banheiro, quase sempre observando cenas e atitudes conhecidas. Com o andar das horas, a tendência é o cinema ir esvaziando e, aos poucos, os homens deixarem o espaço de modo a não saírem em conjunto. Cansado, decidi-me por tomar o rumo da saída.

Assim como adentrar, sair do Cine São Luiz exige estratégias de despiste. Como a partir de um dado horário (por volta das 19h 40min) a entrada é fechada, a única via de escape para a rua passa a ser uma única porta, de proporções normais, no lado esquerdo de quem está no saguão de entrada. Como ela fica comumente fechada, o que demanda um maior tempo para sair, os indivíduos evitam a formação de grupos. Alguns ficam atrás do biombo na entrada do banheiro, outros permanecem no hall da sala de exibição até que surja uma oportunidade de sair sozinhos.

A ação deve ser rápida. Quando notei que ninguém ia, desci as escadas (a esta altura os funcionários já estão reunidos na sala da administração), percorri o saguão de entrada e atravessei a porta o mais rápido possível. Como todos os outros, eu tomei a rua de cabeça baixa e sem olhar pros lados — este artifício gera uma sensação confortável de que, mesmo sendo observado, você “não” o está — subi a Rua Halfeld em direção ao calçadão. Uma vez no ponto de ônibus, percebi a presença de um homem que também estava no cinema. Nossos olhares se trocaram, mas como reza a boa cartilha da manutenção do anonimato, como que num acordo não declarado de respeito mútuo, a interação não passou disso. E mesmo que nos encontremos no calçadão amanhã, em pleno dia, a coisa será da mesma forma. Sabemos um do outro, mas fingiremos não saber até o dia em que nos encontraremos novamente em outra sessão.

Algum complemento

Razões de ordem pessoal não me permitiram averiguar, como no caso dos banheiros, o que se sucedeu com os freqüentadores do Cine São Luiz após o seu fechamento. Migraram para outros pontos? Passaram a se expor mais em visitas aos parques públicos da cidade? O que teriam eles a dizer sobre o fechamento do cinema? Seria possível traçar um histórico do período “obscuro” do referido estabelecimento, mostrando para a sociedade inclusiva, e mesmo para os freqüentadores do universo gay de Juiz de Fora, a riqueza da inventividade destes homens, que fazem parte do memorial do cinema agora extinto? Talvez sim, talvez não. Seja como for, Tungstênio (38 anos), um dos mais assíduos freqüentadores do espaço, deu-me algumas pistas incertas:

“O pior é que fechou lá [Cine São Luiz] e policiou o Parque da Lajinha e acabou todos os lugares. Só tem boate agora. (...) Mas quando o Cine São Luiz fechou, nossa senhora, as bichas ficaram até loucas de raiva. Mas é isso o que eu falo: ‘tudo se adéqua, né’? Eles fecham uma porta mas você pode saber que as bichas vão abrir uma janela noutra lugar. Você anda pelas ruas de madrugada a pegação que é. Agora, o Cine São Luiz desestruturou as bichas mais velhas, porque os mais novos ainda vão em boate. Eu realmente não sei aonde elas estão indo agora”.

O Cine São Luiz foi o espaço que mais me encantou nestes meus anos de circulação pela pegação. Quando nele, eu procurava me comportar como um possível espectador, menos

dos filmes exibidos, é verdade, do que das cenas da vida real. Ali a vida também era de verdade, não menos verdadeira do que os gemidos emitidos atrás das portas de casais monogâmicos e “heterossexuais”. Não falo da verdade do sexo (tão sonhada por nossa sociedade racional e moderna desde fins do século XIX, como nos mostrou Foucault (1988) em seu primeiro volume da *História da Sexualidade*), mas das várias verdades de todos os homens com os quais interagi e conversei ali dentro.

“Não conheço as pessoas com quem transei, mas também não é isto o que me importa. Ali dentro [Cine São Luiz] eu sou outro, e dependendo do lugar aonde eu estiver, serei outros ainda. Um homem nunca é só uma coisa. É uma pretensão achar que só porque um cara é casado e pai de família ele não poderá fugir de um estereótipo qualquer — o pai de família. Existem papéis e existem papéis. A Filosofia me mostrou que eu não preciso ser uma coisa só”(Telúrio, 23 anos).

Se não realizei muitas entrevistas de profundidade com seus frequentadores, aprendi de outros modos a entender como a sociabilidade engendrada por eles estava longe de ser uma transgressão desordenada das várias regras que procuram normatizar os desejos sexuais. Havia no funcionamento daquele espaço toda uma ordenação quase pontual dos modos pelos quais os homens deveriam interagir, reinventadas ao seu modo, com limites e possibilidades bastante delineados (ver capítulo 6).

Um dado também curioso é que, diferentemente do Cine Jangada de Vale (2000), e do que eu encontrara nos cinemas pornô no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Cine São Luiz não havia a presença nem de garotos de programa e nem de travestis, de modo que aqui não seria possível falar de um ambiente de prostituição. Nas vezes em que lá estive não pude presenciar qualquer interação envolvendo pagamento por supostas prestações de serviço, mesmo quando apareciam rapazes relativamente jovens e de boa aparência, invariavelmente assediados pelos homens mais idosos.

De um modo geral, não presenciei aberrações, como suporiam alguns. Presenciei variações sobre um mesmo tema. Como se verá em alguns depoimentos dispostos no capítulo 7, ter desejos por homens e frequentar pontos de *pegação* não se reduzia a um exercício de libertinagem. Indo mais além, estas experiências comportavam processos de desterritorialização e reterritorialização, o que por vezes poderia desencadear linhas de fuga, de modo a mobilizar os pensamentos e os corpos. Verdadeiras tentativas de se escapar de determinados

aparelhos de captura, muitas vezes pensados como impressos em seus próprios corpos e espíritos.

PLANTA DO CINE SÃO LUIS

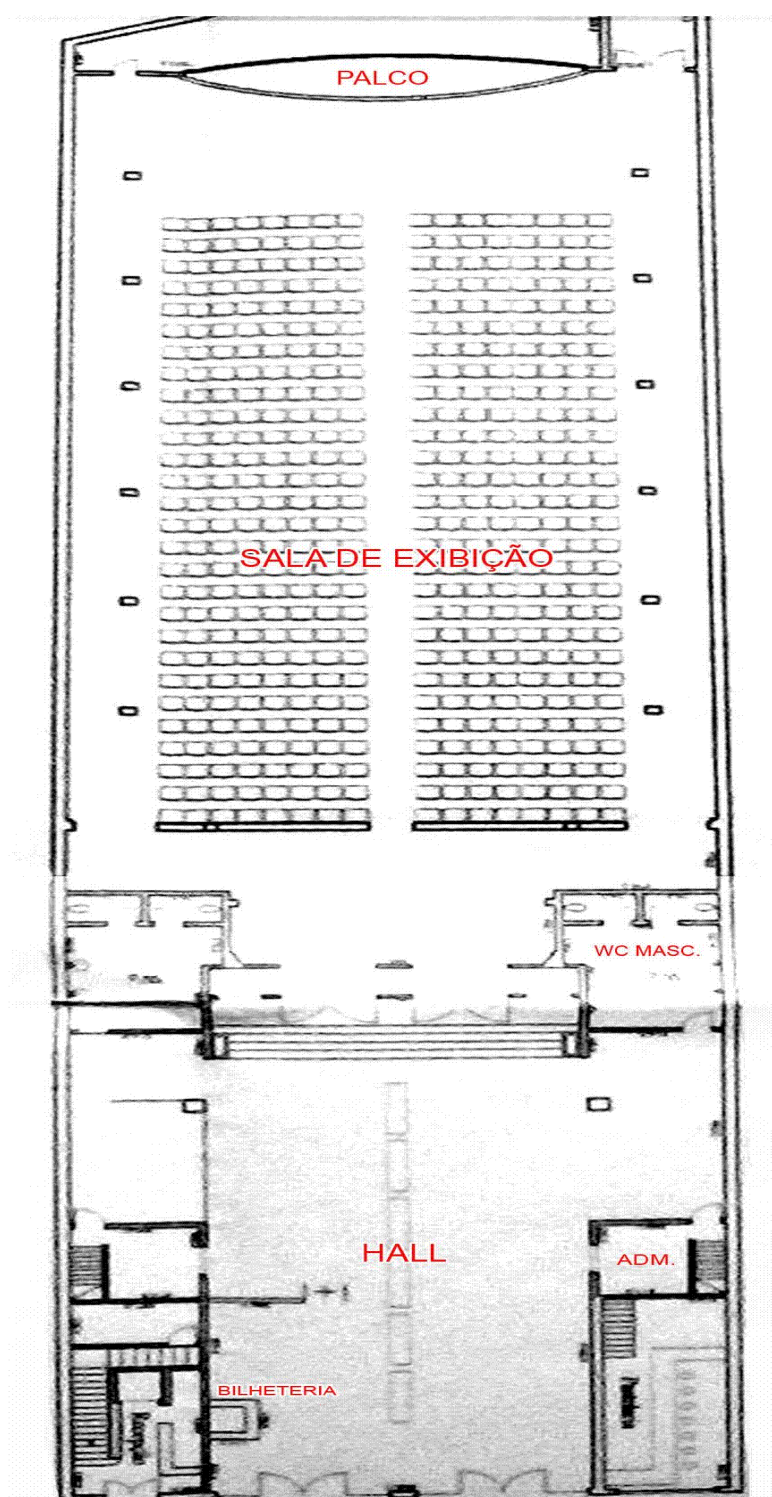


Figura 10. Planta do Cine São Luiz (Fonte: Divisão de Patrimônio Cultural da Prefeitura de Juiz de Fora)



Figura 11. Fachada do Cine São Luiz (Foto: Verlan Neto)



Figura 12. Praça da Estação vista a partir do Cine São Luiz (foto: Verlan Neto)

CAPÍTULO 4

OS PARQUES

Neste capítulo são dois os espaços considerados: Parque do Museu Mariano Procópio, no bairro de mesmo nome, e o Parque Ecológico da Lajinha, situado no bairro Teixeiras. Optei por reuni-los num único corpo textual porque em ambos, no que concerne às estratégias de aproximação (paquera) entre os sujeitos, havia uma mescla entre o uso de gestos e da discursividade oral, o que denota, em certa medida, uma aproximação maior entre os envolvidos do que aquelas observadas nos banheiros e no Cine São Luiz.

Caracterização geral dos parques

Parque do Museu Mariano Procópio

O Parque do Museu Mariano Procópio, com mais de 84 mil metros quadrados, é considerado um dos principais marcos histórico-culturais de Juiz de Fora. Nele se encontra o museu de mesmo nome, que tem sua origem no castelo edificado em 1861, para a residência de Mariano Procópio quando da implantação da Companhia União Indústria naquela localidade. O complexo arquitetônico, que abarca a Villa original (e que abrigou a família real quando de sua passagem por Juiz de Fora em fins do século retrasado) e o anexo construído por Alfredo Ferreira Lage para guardar suas coleções, contém hoje o segundo maior acervo histórico do período imperial do Brasil, ficando atrás apenas do Museu Imperial de Petrópolis. Todo o complexo, incluindo o parque e as edificações, foi doado ao município em 1936.

É possível acessar o parque por duas entradas. Uma está localizada na Rua Mariano Procópio, em frente à antiga estação ferroviária e que hoje abriga um dos postos da Polícia Militar. A partir dela é possível ver o lago com suas ilhotas repletas de macacos, os jardins, o parquinho e o mini zoológico. A outra entrada está localizada na Rua D. Pedro II, a partir da qual se divisa a estrada principal de paralelepípedos que leva ao museu e algumas das trilhas que entrecortam a parte mais alta do terreno. Nesta porção do parque é que costumavam se concentrar as procuras por *pegação*, com os homens circulando pelas trilhas ou

mesmo permanecendo parados, em “atitude suspeita”, logo nas imediações do portão de entrada⁷⁵. Explicarei tal distribuição melhor mais a frente.

Por ocasião de um escândalo jornalístico em 2005, que asseverava a existência de prostituição masculina e abuso sexual de menores nas dependências do parque, a segurança no local foi reforçada. Posteriormente, o museu teve que ser fechado para a realização de obras de revitalização de seu complexo arquitetônico, de seu acervo, e do próprio parque.

Parque da Lajinha

O Parque Ecológico da Lajinha tem sua origem numa fazenda de mesmo nome desapropriada pela Prefeitura de Juiz de Fora em 1978, e está situado no bairro Teixeiras, entrada da cidade. Com uma área de aproximadamente 880.000 metros quadrados, ele congrega em seu interior extensas regiões de mata nativa (Mata Atlântica), um lago, cachoeiras, jardins, trilhas para passeio e espécies faunísticas de diferentes tipos, como artrópodes, répteis, peixes, aves e mamíferos de pequeno e médio porte⁷⁶. Constam como equipamentos para visitação e/ou contemplação um coreto, dois bondes antigos e o Centro de Educação Ambiental — Cedam.

Por ser a única área verde de médio porte de Juiz de Fora, o parque está passando por um processo de estudos e análises para a implantação de um Plano de Manejo desenvolvido por uma parceria entre a prefeitura e o Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID. Deste modo, espera-se que o Parque da Lajinha passe à condição de Unidade de Conservação apta a ser incluída no Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza — SNUC, podendo ser aproveitado como espaço de lazer, educação ambiental e pesquisa científica.⁷⁷

Algumas medidas previstas pelo Plano de Manejo começaram a ser implantadas entre o final de 2006 e o início de 2007. Ao redor de todo o parque, na parte interior, foi erigida uma cerca de concreto e arame farpado que só é interrompida no portão central, constantemente vigiado. Carros, motos, bicicletas e animais não entram mais. Também não há

⁷⁵ Consultar o croqui na página 128 Figura 13), no final deste capítulo. As trilhas pintadas de amarelo correspondem aos principais territórios de *pegação* dentro do parque.

⁷⁶ Fonte: sítio eletrônico da Prefeitura de Juiz de Fora. Visitado em 14.08.2007.

⁷⁷ Idem.

presença de vendedores ambulantes e nem resquícios de oferendas religiosas. No lago, o acesso ao píer foi fechado, e a plataforma de madeira a partir da qual os meninos mergulhavam foi arrancada, sobrando apenas os tocos de sustentação. Nada de pescas. No que toca à segurança, até o final da pesquisa de campo, o Parque da Lajinha contava com três sentinelas da CJF (uma empresa particular) durante a semana, e dois guardas (um da CJF e outro de uma segunda empresa) nos finais de semana⁷⁸.

O parque faz divisa com o Clube Atlético Banco do Brasil e sua entrada está localizada na Avenida Deusdedit Salgado, via de ligação direta com a BR 040, que dá acesso à cidade. Uma vez atravessado o portão, é possível vislumbrar alguns pontos. No lado direito mais acima se encontram o Cedam, o estacionamento, uma quadra de futebol, um banheiro desativado e um “bicão”⁷⁹. Do lado esquerdo, encontram-se um jardim com o coreto e os bondes. Olhando-se diretamente para frente vê-se o lago.

O lago é circundado por dois caminhos principais que se encontram ao fundo do parque, onde estão localizadas, nos cantos esquerdo e direito, as cachoeiras que lhe fornecem a água que represa. É lá, nesta região mais distante, entre uma cachoeira e outra, que se localizam as pequenas trilhas utilizadas para *pegação*. Por serem encontradas num plano superior e protegidas por uma vasta vegetação, elas eram procuradas pelos homens com interesses homoeróticos, já que seu posicionamento estratégico, além de servir de abrigo, possibilitava-lhes vislumbrar quase toda a extensão do parque⁸⁰.

Mapeando os territórios de *pegação* nos parques

Parque do Museu Mariano Procópio

Como eu havia sugerido, nos espaços de uso coletivo que eram tomados para *pegação* em Juiz de Fora, não havia uma conversão total dos mesmos, mas sim, uma constituição de

⁷⁸ O policiamento no local significou uma queda substantiva na frequência dos encontros sexuais, mas não os eliminou por completo, sobretudo, nos finais de semana, cujo afluxo de pessoas é maior. Além do mais, o contingente policial é insuficiente para cobrir toda a área.

⁷⁹ O “bicão” é um cano improvisado colocado numa queda d’água para direcioná-la. Ali, muitas pessoas tomam banho para se refrescar nos dias de calor e quando há jogos de futebol.

⁸⁰ No final deste capítulo (p. 129), encontra-se um croqui no qual estão dispostas as principais referências espaciais descritas no corpo textual. Assim como no caso do Parque do Museu Mariano Procópio, as trilhas em amarelo indicam o território de *pegação* no interior do parque.

blocos espaços-temporais que se organizavam a partir de determinadas estratégias efetuadas por alguns de seus frequentadores para tal. Desta forma, em se tratando dos parques, havia um verdadeiro recorte das áreas utilizadas para determinados tipos de interação. As investidas e os olhares iniciais eram levados a cabo nas imediações mais visíveis, operando-se um verdadeiro mecanismo de triagem capaz de identificar (e atrair) os interessados em relações homoeróticas. As relações sexuais propriamente ditas eram efetuadas numa espécie de *continuum* espacial. A masturbação, o voyeurismo, o exibicionismo e o sexo oral se davam mais em regiões de alcance médio em relação às outras dependências dos parques, enquanto o sexo anal era comumente realizado nas regiões mais recônditas, recobertas por densa vegetação e muito longe dos olhares curiosos.

No parque do Museu Mariano Procópio, o acesso a partir da Rua D. Pedro II e as áreas próximas, entrecortadas por pequenas trilhas, eram os pontos principais de *pegação*. Ao se entrar no parque através dele, era possível ver, logo no lado direito, uma entrada mais ou menos ampla que desembocava numa clareira protegida por um barranco. A partir desta clareira era possível seguir por uma trilha que acabava por levar a uma espécie de beco muito comprido entre o muro voltado para a Avenida Brasil e o barranco. No chão, inúmeros preservativos usados, garrafas e latas de bebida, além de pedaços de papel higiênico sujos de sêmem faziam parte do panorama.

No lado direito, entre uma rua de paralelepípedos e o muro divisor com o quartel, uma pequena zona de mata (o parque é todo arborizado) a qual podia ser acessada de diversos pontos era procurada para encontros sexuais. Assim como o outro lado, ela também possuía vestígios materiais que tornavam possível sua identificação como território de *pegação*.

Os homens interessados em *pegação* ora circulavam pelas trilhas principais mais a frente desta entrada, ora ficavam parados bem ali, no acesso à clareira. Estes eram pontos estratégicos a partir dos quais era possível se posicionar tanto como um sedutor quanto como um frequentador “comum” do parque. Atitudes “suspeitas”, como olhar mais de uma vez para um mesmo lugar e para um mesmo homem, para alguém que partilhasse desses mesmos códigos, poderiam ser interpretados como sinais alusivos a uma busca que ia muito além da simples apreciação da paisagem.

Com o passar do tempo, acabei por identificar esses zoneamentos gradativos que tinham por base a natureza das relações empreendidas entre os sujeitos. As localizações mais visí-

veis, como na entrada da Rua D. Pedro II e nas trilhas principais, eram tomadas como espaços destinados às primeiras interações (cruzamento de olhares, emprego de gestos e técnicas de atração/despiste, conversas e toques iniciais — a paquera). Na clareira, assim como nas imediações medianas da pequena floresta, ou até mesmo em algumas outras trilhas, ocorriam o voyeurismo (e o exibicionismo), a masturbação e o sexo oral. O beco próximo ao muro da Avenida Brasil e a área de mata mais próxima ao muro do quartel eram procurados para o sexo anal, com muitas vezes os sujeitos se despindo por completo para sua execução.

Acredito que estes zoneamentos, também recorrentes no Parque da Lajinha, estavam relacionados a duas coisas. Uma delas diz respeito às exigências de cada tipo de interação em termos de sua duração e de exposição pessoal (do corpo, em especial). A outra se refere a um princípio de ordenamento que, mesmo em se tratando do exercício de práticas sexuais e eróticas em ambiente público, ainda assim lhe atribuía, ao menos em menor grau e não de forma rígida, espacializações do tipo mais velado/menos velado. Explico-me.

A respeito do primeiro ponto, há de se notar que cada modalidade de interação abarca um conjunto de exigências em termos de suas intensidades. Por exemplo, a simples troca de olhares, e que pressupõe tanto um artifício de conquista quanto de despiste, pode ser realizada numa fração de segundos e não necessariamente exigir uma exposição maior do sedutor. Por isso é que a paquera nesses moldes, e poderíamos estender o raciocínio para todas as formas existentes, pode ocorrer seja num parque ermo, seja em pleno calçadão da Rua Halfeld ou no elevador de um edifício. Fazendo uma aproximação com a própria natureza do ato, tudo pode acontecer num piscar de olhos. Já o sexo anal, por seu turno, não só exige um tempo maior de duração (ainda que ele se consuma em poucos minutos) quanto uma exposição maior dos envolvidos — o tempo das preliminares, o tempo para se retirar a roupa e, posteriormente, vesti-la, o tempo para se obter a melhor posição para a penetração e para gozar. O grau de exposição dos sujeitos se mistura à exigência cronológica. Tudo isso, ainda que não possamos reduzir a *pegação* a uma pura e simples economia racional dos usos dos prazeres, não pode ser ignorado. A exposição envolvida nos diferentes tipos de interação e o tempo que cada uma exige fazia com que os locais para sua execução fossem procurados de modo a manter, sob proteção, mais ou menos longe da visão pública e indesejada, os sujeitos envolvidos. Em boa medida, o que se queria era não ser pego com as calças nas mãos! Pelo menos por aqueles que não partilhassem os mesmos interesses, o

que certamente acabaria por ocasionar sérios problemas. Logo, havia certa proporcionalidade entre as localizações mais ou menos escondidas e as exigências de cada um dos tipos de interações. Quanto mais expositiva a relação, e quanto mais tempo ela demandasse, mais afastado seria o local exato procurado para a sua execução.⁸¹

O segundo ponto, longe de parecer uma contradição com os pressupostos gerais desta dissertação, em verdade, apresenta um paradoxo que, para mim, é parte constitutiva dos próprios princípios de apropriação dos espaços de uso coletivo para *pegação* em Juiz de Fora, sobretudo, naqueles etnografados até aqui. Se num plano mais geral tal constituição não se confunde realmente com um uso “indevido” do espaço público, resultando numa efetiva criação de blocos espaços-temporais pouco conformes à dicotomia do tipo público-privado (o parque público passa a ser palco também para interações de cunho privado, como o sexo), ainda assim, essa “ruptura” não é total. No seio deste uso “indevido”, a idéia do que podia ter maior ou menor visibilidade acabava por reaparecer, era parte constitutiva do próprio processo de desterritorialização. Ao menos no caso da *pegação*. Ao relativizar as prescrições dominantes, os sujeitos também reinventavam noções do que deveria ser realizado de modo mais velado ou não com base em orientações próprias e mais ou menos comuns. Neste sentido, as interações iniciais poderiam ter maior visibilidade (permissivo a possíveis observações alheias), enquanto a masturbação e a felação, e o sexo anal, seriam modalidades intermediárias e “veladas”, respectivamente. Daí os zoneamentos, que poderiam ser tomados como fluxos moleculares (Deleuze & Guattari, 1996), e que tinham como norte não só os pontos aludidos no parágrafo anterior, mas também, classificações, ainda que muitas vezes não explicitadas, das modalidades de interação.⁸²

Em resumo, os sujeitos, ao tomar alguns espaços de uso coletivo para *pegação*, acabavam por extrair-lhes, num primeiro momento, do sistema categorial rígido público-privado,

⁸¹ No Parque da Lajinha, por exemplo, já era possível encontrar sujeitos realizando masturbação e sexo oral nas trilhas mais imediatas àquela beirando o lago. Para acompanhar as cenas de sexo anal, quando convidado, eu tinha que caminhar até as regiões de mata mais fechada.

⁸² Na verdade, todo fenômeno molar apresenta um fluxo molecular que se lhe escapa. “No entanto, o inverso é também verdadeiro: as fugas e os movimentos moleculares não seriam nada se não repassassem pelas organizações molares e não remanejassem seus segmentos, suas distribuições binárias de sexos, de classes, de partidos” (Deleuze & Guattari, 1996: 95). Em seu trabalho no Bairro do Catumbi, no Rio de Janeiro, Mello e Vogel (1985) mostraram que a apropriação dos espaços de uso coletivo por parte dos moradores envolvia o seguinte esquema relacional: um sistema de valores, que ia do público ao privado; um sistema de espaços, que ia da casa à rua; e um sistema de atividades que incidia sobre os outros dois e acabava por dinamizá-los e relativizá-los, ainda que as categorias molares estivessem presentes.

conferindo-lhes outras atribuições de utilização e outros sentidos. Mas, no plano interno e imediato do funcionamento dos blocos espaços-temporais, eram atribuídas a determinadas práticas e determinados espaços um sentido classificatório que acabava por operar com noções aproximativas, mesmo que indiretamente. Eram instituídas novas distinções tanto dentro dos próprios espaços quanto das práticas neles efetuadas (processos de reterritorialização). De modo a ilustrar tal interpretação, ao final do tópico sobre o Parque da Lajinha, apresento uma tabela na qual procuro resumir todas essas informações.

O Parque da Lajinha

Assim como no Parque do Museu Mariano Procópio, no Parque da Lajinha também era possível discriminar zonas de atuações para as diversas modalidades de interações homoe-róticas. Dentro de toda a região de *pegação*, o fundo do parque e algumas trilhas adjacentes, havia subáreas mais ou menos delimitadas para a realização das primeiras investidas, para a masturbação e o sexo oral e, finalmente, para o coito anal. Abaixo, seguem algumas destas identificações:

Primeiros contatos → Na estrada que margeia o lago ao fundo há uma subida que leva tanto a duas trilhas paralelas a esta estrada quanto a uma outra que, posteriormente, desemboca na parte superior da cachoeira esquerda e na mata mais fechada. Pois bem, esta subida, que poderíamos identificar como *porta de entrada* para o território de *pegação* era utilizada como local estratégico para os contatos iniciais. A partir dela, é possível vislumbrar quase todo o parque, por isso, era muito comum ver homens por ali, sentados ou de pé, observando toda a movimentação na parte frontal do parque, nas estradas laterais em torno do lago, na estrada logo abaixo e nas trilhas adjacentes. Nesta entrada, tanto os que lá já estivessem quanto aqueles que estivessem chegando poderiam trocar os primeiros olhares sem levantar maiores suspeitas para os demais transeuntes.

Estes primeiros contatos podiam ter sua continuidade nas trilhas que irradiam a partir daquela subida. O desfecho do processo de paquera nos parques não costumava ser tão imediato como nos banheiros. No caso do Parque da Lajinha, era comum ver vários homens circulando de um lado a outro pelas trilhas paralelas à estrada que margeia o fundo do lago. Esta era uma forma de avaliar mais demoradamente os pretendentes ao mesmo tempo em

que se aventava a possibilidade de alguém mais interessante despontar no horizonte. A mesma coisa ocorria na trilha que desemboca na parte superior da cachoeira esquerda.

Ao longo de toda essa área que eu descrevi, as interações mais comuns eram as que envolviam os primeiros contatos, mesclando-se as técnicas corporais de paquera e as conversas iniciais. Uma vez estabelecido o acordo (se vai “rolar” ou não, o que vai “rolar”), os envolvidos se dirigiam para outras áreas de modo a realizar aquilo que tinham combinado.

Masturbação e sexo oral → Seguindo para o lado esquerdo através da trilha iniciada na *porta de entrada* da região de *pegação* atingem-se a parte superior da cachoeira esquerda e uma encruzilhada. Retornando para a direita a partir desta última, tem-se uma picada que adentra a mata fechada e que se prolonga por muitos e muitos metros. De quando em quando, é possível cruzar com um tronco de árvore tombado no meio do caminho, e à medida que se avança, o acesso vai ficando cada vez mais difícil, pois que a mata tende a ser mais densa e apresentar maior número de vegetais de porte médio. Transpostos alguns obstáculos (plantas com espinhos, túneis sob a vegetação, etc.) e caminhando ainda mais para dentro da mata fechada, atingem-se algumas clareiras, já bastante afastadas do ponto inicial de subida. Voltaremos a elas posteriormente.

Para a realização do sexo oral e da masturbação não era preciso ir tão longe. Já no início desta trilha e nas suas imediações (pequenas clareiras, reentrâncias na mata), geralmente a partir do primeiro tronco atravessado no caminho, aqueles que procuravam tais modalidades sentiam-se suficientemente abrigados para realizá-las. Evidentemente, um ou outro voyeur podia aparecer, mas como estas interações não são consideradas estritamente “privadas”, isso não gerava a suspensão das relações. Por vezes, era até possível que o voyeur tomasse parte na “brincadeira”. Além do mais, por ser caminho de passagem para as clareiras mais afastadas, não era possível obter um grau máximo de privacidade nessas imediações, pois a qualquer momento um casal podia subir ou descer por ali.⁸³

Sexo anal → Se a área voltada para a masturbação e o sexo oral se estendia desde o primeiro até o terceiro ou quarto troncos atravessados na trilha, aquela na qual ocorriam as relações anais se encontrava muito mais afastada, em clareiras maiores e de acesso mais difícil.

⁸³ Certa vez, ao descer por essa trilha, fui convidado a participar de uma masturbação coletiva que envolvia oito homens.

“Se você quer vê alguém dando, tem que atravessar toda a trilha e ir até o fundo da mata, pois geralmente os caras não querem ser incomodados e, cê sabe, cada coisa é uma coisa, cada coisa tem o seu lugar” (Paládio, 34 anos).

Esta fala mostra claramente que havia um ordenamento espaço-funcional dentro da região de *pegação* do parque, com as interações tidas como as mais veladas acontecendo nos locais mais afastados.

Não quero com isso dizer que os limites entre cada um desses zoneamentos não pudessem ser rompidos, como se não houvesse certa flexibilidade nos usos. Portanto, no Parque da Lajinha, de vez em quando era possível observar alguém “chupar” ou ser “chupado” nas trilhas paralelas à estrada que margeia o lago ao fundo, assim como, no Parque do Museu Mariano Procópio, vez por outra homens praticando coito anal o faziam antes mesmo do beco junto ao muro voltado para a Avenida Brasil, mas isso não era a regra. Sendo assim, pode-se situar determinadas práticas em alguns pontos mais ou menos localizados tanto em função de sua frequência de ocorrência quanto através das escolhas e motivações dos sujeitos (*“dar sem ser visto e incomodado”*). Logo, o quadro da próxima página pretende ser menos uma fotografia imutável da realidade do campo do que um modelo aproximativo que torna inteligível aquilo que foi observado em suas características mais marcantes.

TABELA ASSOCIATIVA ENTRE ESPAÇOS E PRÁTICAS NOS PARQUES⁸⁴

ATIVIDADES					
Com caráter menos velado		Com caráter intermediário		Com caráter mais velado	
Interações iniciais (paquera visual e gestual; primeiras aproximações corporais)		Masturbação e sexo oral		Sexo anal	
					
Entrada da Rua D. Pedro II e trilhas abertas.	“Porta de entrada” da região de “pegação” e trilhas adjacentes.	Região mediana da floresta e clareira.	Parte inicial da trilha e imediações.	Beco junto ao muro da Av. Brasil e muro do quartel.	Clareiras mais afastadas.
PMMP ⁸⁵	PL	PMMP	PL	PMMP	PL
Localizações mais visíveis		Localizações intermediárias		Localizações mais recônditas	
ZONEAMENTO					

A *pegação* nos parques: aproximações bem e mal sucedidas

O modo pelo qual eu optei por apresentar os espaços de *pegação* em Juiz de Fora tem por princípio organizativo demonstrar que, indo-se dos banheiros até a sauna do Clube Salamandra, observa-se uma gradativa queda no grau de anonimato de seus frequentadores e um aumento na utilização da discursividade oral no estabelecimento dos primeiros contatos. Esta manutenção do anonimato está relacionada às próprias condições de sociabilidade dos espaços e às técnicas empregadas para a sua operacionalização. Sendo assim, eu venho procurando evidenciar também que havia uma primazia, embora não excludente, dos gestos sobre as palavras na hora de se iniciar as interações. Até aqui, vimos que este era um atributo dos banheiros e, em certa medida, do Cine São Luiz, apesar de que, neste último lugar, algumas conversas podiam emergir quando do fim da *transa* ou quando “se pegava o mesmo cara” pela segunda ou terceira vez. Ainda assim, em se tratando do cinema, con-

⁸⁴ Como se pôde notar nas descrições dos banheiros e do Cine São Luiz, nestes locais também apareciam certos princípios de organização dos espaços em torno das diferentes práticas. Neles, por exemplo, o sexo anal sempre ocorria nas cabines dos sanitários. No capítulo 6, veremos que essas lógicas de espacialização se relacionam também com o que poderíamos chamar de uma organização da transgressão.

⁸⁵ PMMP - Parque do Museu Mariano Procópio; PL – Parque da Lajinha.

versar não significava necessariamente se expor, fornecendo nome e endereço. Muitos dos homens com quem conversei, e dos quais pude acessar informações como idade, estado civil e ocupação, por exemplo, sequer me disseram um nome, ainda que pudesse ser falso.

Nos casos do Parque do Museu Mariano Procópio e do Parque da Lajinha, neste quesito (gestos *versus* discursividade oral), já encontramos outra configuração. Aqui, as duas técnicas de paquera se mesclam e, diferentemente dos ambientes retratados até agora, era comum que os homens fizessem uso da palavra antes de dar início a uma interação. Para ilustrar tal característica, incorporei ao presente texto uma série de informações que recolhi ao longo das visitas que empreendi a esses locais. Das diversas experiências que mantive com diferentes homens, apesar das peculiaridades de cada uma (cada caso é um caso), procurei reter as impressões mais freqüentes e interessantes, de modo a ilustrar de forma clara como ocorriam as interações ao mesmo tempo em que teço comentários sobre as mesmas. É importante ressaltar ainda que a aparente pobreza de detalhes neste empreendimento descritivo se deve ao fato de que, muito do que eu poderia tomar como característico dos parques já foi trabalhado nas descrições anteriores, porque lá também apareciam (os gestos, sobretudo). Deste modo, o que se encontrará nas próximas linhas são relatos que enfatizam as idiossincrasias caras aos parques.

Tomo como exemplos os primeiros encontros que tive com um jovem médico, Germânio, de 26 anos, e com um empresário, Rutênio, de 42, ambos no Parque da Lajinha. Neles, eu me posiciono como alguém que também estivesse ou poderia estar procurando *pegação*.

No caso envolvendo o empresário, o propósito do relato é ilustrar alguns aspectos de uma aproximação mal sucedida. Em suas conversas iniciais, os homens até chegavam a se “conhecer”, no sentido de exporem para o outro as suas expectativas para o encontro, mas, por fatores os mais diversificados, acabavam não interagindo sexualmente.⁸⁶ Nos parques, muitas vezes não se tratava de despistar apenas os “de fora”, os que não faziam *pegação*, mas também, abordadores indesejados ou mesmo potenciais parceiros que, se numa distância maior pareciam bons partidos, uma vez próximos acabavam por não despertar desejo

⁸⁶ Os critérios para essa recusa ao outro eram muito variados. Cito apenas alguns a título ilustrativo e de modo bastante simplificado: um sujeito é abordado por outro, mas está interessado num terceiro; os dois envolvidos possuem as mesmas preferências (ambos são ativos ou passivos); na distância a aparência do pretendente é uma e na proximidade é outra; o sujeito não trouxe preservativo para o sexo anal; o pretendente possui um pênis demasiado grande ou demasiado pequeno; entram ainda cheiro, cor da pele, comportamento afeminado ou não, etc.

algum. A técnica que empreendi para afastar Rutênio de mim foi dizer-lhe que eu possuía um namorado.

Já o caso de Germânio exemplifica uma interação bem sucedida, e aí não importa o que “rolou”, desde que os limites e os alcances pré-definidos da interação tenham sido obedecidos. No caso de uma modificação de última hora (do sexo oral combinado passa-se para sexo anal, por exemplo), era importante para a continuidade da interação que o desejo repentino de mudança de rumo partisse de ambas as partes, ou que então, que a investida de um fosse apreciada pelo outro. No relato envolvendo Germânio, procuro dar destaque ao papel da fala nos contatos iniciais.

Em relação às diferenças de disposição geográfica entre os dois parques aqui abordados, acredito que, assim como no caso de generalização dos banheiros através dos exemplos da Biblioteca Municipal e do Mercado Municipal, não haverá prejuízo para a compreensão da funcionalidade da *pegação* em ambos. Tanto um quanto o outro são espaços similares do ponto de vista das estratégias de apropriação (desterritorialização e reterritorialização) e aproximação interpessoal, assim como de seus princípios de zoneamento, aspecto já discutido. Passo, portanto, às descrições.

Despistando Rutênio

A primeira vez que o vi foi no ano de 2006, numa tarde no Parque da Lajinha, quando para lá me dirigi a fim de me encontrar com um informante. Embora tenha tal relato registrado, lembro-me exatamente da maneira pela qual nos esbarramos. Como eu tivesse chegado mais cedo que o horário marcado, dirigi-me, como de costume, para o fundo. O tempo não estava muito quente, mas ainda assim era possível caminhar trajando bermuda e camiseta sem maiores dificuldades. Assim que eu comecei a subir a trilha principal no fundo do parque rumo ao território de *pegação*, notei vindo em minha direção um homem sem camisa, trajando um short bem curto e com óculos escuros. Era Rutênio que, ao passar por mim, fez questão de demonstrar que estava sem cuecas, apertando ainda mais o short contra o corpo de modo a explicitar o volume de seu pênis. Até aí, nada demais, afinal de contas, eu adentrara um território cuja razão de funcionalidade não me era estranha e, a bem da verdade, era atrás dos movimentos subterrâneos que eu estava atrás.

Passei por ele diretamente, sem emitir qualquer sinal de retorno ou mesmo olhar para trás. Segui para junto da cachoeira e lá permaneci por um tempo até que ele voltou e se aproximou de mim. Sem pestanejar, expôs o pênis em “meia-bomba” enquanto passava a língua por sobre os lábios. Eu fiquei a lhe encarar por alguns instantes, para ver como as coisas se desenvolveriam. Rutênio se aproximou ainda mais de mim e num movimento repentino passou a mão nas minhas nádegas.⁸⁷ Eu retruquei com um gesto brusco de recusa, afastando-me e dando a entender, por meio desta ação, que aquela não era a minha praia. Ele se mostrou um pouco receoso e como eu não esboçasse nenhum tipo de repreensão falada, deu início à conversa mínima que pode anteceder as interações sexuais ali no parque.

— *Desculpe perguntar, mas você está aqui sozinho? Está procurando alguma coisa?*

— Não — respondi. — Estou aqui aguardando um amigo, só isso.

Com esta resposta eu queria deixar claro que não estava interessado em ter nada com ele. Mas ele insistiu na cortesia, pois não parava de acariciar o pênis já bastante rijo. Disse-me que eu era bastante bonito e que, por conta disso, caso não pudesse ter nada comigo, ficaria extremamente frustrado. Eu, de minha parte, tentei despistar ao afirmar que possuía já um namorado, e que estava ali única e exclusivamente para matar o tempo até que meu amigo chegasse. Explico o porquê de dizer que eu tinha um namorado.

No universo da *pegação* em particular, mas até mesmo no universo *gay* em geral, quando um homem se mostra interessado por outro homem, é comum que à resposta de recusa ele intente descobrir se você é solteiro ou se possui um namorado. Se você for ou se disser solteiro, o pretendente pode se sentir mais a vontade e continuar a investida, seja por meio de tímidos convites para bater um papo e se conhecerem melhor, seja para fazer alguma “brincadeira”⁸⁸ num ponto qualquer. Por outro lado, a constatação de que você já é comprometido inibe um pouco a atuação do investidor. Ainda que você esteja num território reconhecidamente homoerótico, principalmente de *pegação*, é sempre possível que você esteja ali por acaso, e não em função das possibilidades de interação homoerótica.

⁸⁷ Confesso que apesar de ter conversado com Rutênio em mais outras duas ocasiões, além desta, inclusive expondo para ele as minhas reais intenções naquele lugar enquanto pesquisador, e dele ter extraído informações interessantes, nutri por ele grande antipatia, principalmente, pela sua insistência em me assediar e pelos modos os quais ele fazia isso.

⁸⁸ Explico o sentido atribuído a este termo pelos “nativos” mais a frente.

Esta é também uma estratégia (descobrir se o objeto de desejo é comprometido ou não) para saber se ele curte ou não a *pegação*, se ele está dissimulando ou se, de fato, está ali por conta de outro motivo que não o da “caça”. Mas existe um porém nisto tudo, e o porém reside justo no sexo do parceiro anunciado: dizer que tem um namorado ou uma namorada pode fazer muita diferença. Vejamos.

Eu comecei a notar isso quando rechaçava as investidas que recebia, quer fossem no campo ou no cotidiano mesmo, ora me dizendo comprometido com uma garota, ora me dizendo comprometido com um rapaz. Quando eu dizia estar comprometido com um homem, eu notei que a insistência das investidas caía sensivelmente. E isto se deve a um pequeno fato: quando um homem se diz comprometido com outro homem, e se encontra em meio a um local de interações homoeróticas ou simplesmente homosociais, a sua recusa à investida pode ser interpretada como uma decisão potencialmente “segura”. Não porque o comprometimento em si seja algo que vá, de fato, impedir uma possível interação extraconjugal. Aqui, vale menos o estado comprometido em si do que a constatação de que você, assim como o seu cortejador, tem um mesmo tipo de desejo erótico: a atração por pessoas do mesmo sexo. Sendo desta forma, estar comprometido com um rapaz implica numa maior segurança na sua orientação sexual e, por extensão, no seu relacionamento. Você já sabe o que quer, gosta de *transar* homens e, logo, não apresenta maiores dúvidas sobre o que quer ou não quer. Não pretendo com isso dizer que o simples fato de você se dizer atrelado a um relacionamento com outra pessoa, sobretudo do sexo masculino, implique numa fidelidade já dada, como se a traição não encontrasse chance de aí se instalar, ou que o assédio finde definitivamente. Procuro demonstrar apenas, e espero que isto fique mais claro quando eu me referir à possibilidade de se estar namorando uma menina, que há diferenças de intensidade na repercussão quando se diz estar envolvido com alguém do sexo masculino ou do sexo feminino.

Ao dizer aos meus interlocutores, diante de suas investidas, que eu possuía uma namorada, isto não implicava, necessariamente, numa queda da intensidade pela qual eles continuavam a me cortejar. E pelo que pude apreender ao longo de todo esse tempo em campo, isto era devido ao fato de que, possuir uma namorada (ou esposa), mas estar num ambiente homoerótico, poderia dar a entender que você não estava seguro de si, de suas inclinações sexuais. Logo, para o investidor, abre-se a possibilidade de, por meio de persuasões mais incisivas, acabar por mostrar-lhe que, no fundo, você ainda não se decidiu por algo que é

praticamente já dado: mais cedo ou mais tarde você cederá às suas inclinações homoeróticas. E por que isso? Ora, uma das coisas mais comuns no meio *gay* é o fato de se considerar que aquele que exibe uma namorada, esposa ou companheira e ao mesmo tempo circula clandestinamente ou não pelos ambientes homoeróticos, o faz ou porque finge uma pose “heterossexual” ou porque, no fundo, não está seguro de si, de sua sexualidade. Não me era pouco incomum ouvir de meus próprios amigos assumidamente *gays* que o fato de eu me envolver com garotas era apenas um recurso retardatário para que a minha vocação “homossexual” fosse de fato assumida⁸⁹. Deste modo, ao comunicar a um cortejador o fato de eu estar comprometido com uma mulher, na grande maioria das vezes continuava recebendo suas investidas. É como se eu desse a entender a eles que eu ainda não era um *cara* bem resolvido (ou que estava fazendo pose) e que, para me resolver (no sentido de assumir minhas inclinações homoeróticas), bastava-me apenas experimentar aquilo que no fundo eu desejava, mas, não obstante um motivo qualquer, fingia não sentir.

Voltando ao meu primeiro encontro com Rutênio, naquele momento ele pareceu se convencer de que, efetivamente, eu não estava interessado em ter qualquer tipo de relação com ele. Deste modo, virou suas costas e se foi, embora não sem antes fazer um gesto com o seu pênis de modo a me transmitir a idéia de que eu havia perdido uma coisa muito boa⁹⁰. Mais tarde, vi-o subir a trilha principal da *pegação* com um rapaz aparentemente mais jovem que ele.

⁸⁹ Talvez um estudo mais aprofundado sobre a questão da “bissexualidade” fosse interessante para demonstrar como, no universo *gay* em geral, as categorias “hetero”, “homo” e “bissexual” são tomadas de modo a essencializar as inclinações eróticas das pessoas. No caso específico da “bissexualidade”, não é raro ouvir queixas daqueles que assim se auto-identificam de que são marginalizados pelos *gays* ou “homossexuais” assumidos, visto que, neste universo, esta seria uma orientação inexistente e, em certa medida, até mesmo mal vista, já que subentende ou uma insegurança sobre si mesmo ou uma dissimulação de sua própria sexualidade. Em um artigo, Lago (1999), assinalou o caráter marginal da “bissexualidade”, além de ela ser uma condição considerada mais como uma variação da “homossexualidade” do que uma extensão do desejo “heterossexual”.

⁹⁰ O gesto consistiu em segurar o pênis com uma força mais incisiva e balançá-lo para cima e para baixo. Este é um sinal de que a “pica” do cara é imperdível e que, provavelmente, ele é ativo nas relações sexuais. Convidado por ele, em outras ocasiões, para acompanhá-lo em suas incursões sexuais, em todas elas presenciei-o desempenhar o papel ativo.

“Me pegando” com Germânio

Foi numa tarde de 2005 que observei Germânio pela primeira vez⁹¹. Ele estava a correr ao redor do lago, trajando short e tênis esportivos, e camisa branca. Neste dia, eu estava no fundo do parque junto com Tungstênio, que logo se mostrou interessado pelo rapaz. Tungstênio me afirmou que pelos olhares que ele vinha nos lançando provavelmente estava procurando alguma coisa. Esperei então que o rapaz desse mais uma volta e quando se aproximou da cachoeira esquerda, meu informante pediu que eu fosse ao encontro dele tentar algum contato. Como quem não quer nada eu me aproximei, andando bem devagar. Ele estava parado diante do lago e seu short não dava sinais de excitação⁹². Lancei-lhe olhares diretos e subi pela trilha da cachoeira. Logo em seguida ele veio atrás. Parei bem em frente à queda d’água aguardando a sua aproximação. Ele chegou bem perto de mim e como na maior parte das interações que ocorre em ambientes desse tipo, o início do contato foi marcado por frases que devem demonstrar interesse e desinteresse ao mesmo tempo. Interesse porque toda aproximação naquela região do parque pode resultar em algum tipo de relação erótica, indo desde o simples exibicionismo até o coito anal. Tudo vai depender do modo pelo qual o abordado reage diante da investida. E desinteresse porque a investida, mesmo sendo recíproca, não pode ser direta, pois nunca se sabe, de fato, ao menos no primeiro contato, quem se está abordando. As coisas devem ficar no ar, devem ser implícitas, postas nas entrelinhas. Poder-se-ia mesmo falar de um *interesse desinteressado*, pautado numa dissimulação inicial que, com o andar ou não da carruagem, poderá tomar ares mais explícitos, com um convite mais direto, desde que haja um grau mínimo de “intimidade” entre ambos.

Diálogo:

— *E aí, passeando?*

— Sim, respondi — E você, de bobeira?

⁹¹ Reforço que nesta época eu já estava realizando as incursões aos pontos de *pegação* com o intuito de colher informações para a minha monografia de bacharelado na UFJF. Logo, as informações aqui disponibilizadas foram registradas em caderno de campo.

⁹² Um dos modos de se saber previamente que um homem está “procurando alguma coisa” enquanto caminha pelos parques é notar se há um volume considerável em seu short, calça ou bermuda. Se ele está excitado, ainda que não olhe diretamente para você, é sinal de que é um potencial investimento. No sentido contrário, andar excitado (e mostrar tal estado) nas imediações da área de *pegação* é fornecer um sinal claro de que você quer interagir homoeroticamente com outros homens.

— *É, mais ou menos. Quer dizer, tô fazendo um cooper pra manter a forma. Você vem sempre aqui?*

Respondi que não. À minha resposta seguiu-se um período de silêncio, que foi quebrado pelo próprio Germânio:

— *Mas e aí, está arrumando alguma coisa?* — ele me perguntou sorrindo.

Pronto, este é sem dúvida um sinal, pois dadas as circunstâncias, esta pergunta é indicativa de um interesse para além de um mero bate-papo sobre a paisagem. Estar “arrumando alguma coisa”, ou “procurando alguma coisa” significa que se pode estar atrás de alguma “brincadeira”, algum tipo de jogo sexual. O sim geralmente vem implicado numa resposta evasiva, pois faz parte do processo de dissimulação, de interesse desinteressado. Nos contatos iniciais nos quais ocorre discursividade oral é comum que tanto as interrogações quanto as respostas sejam formuladas de modo vago, evasivo, indicador e despistador ao mesmo tempo. Ao longo de todo esse período que empreendi incursões nos locais de *pegajão* nos quais havia uso da palavra nos momentos iniciais em Juiz de Fora, pude observar um conjunto mais ou menos comum de frases de aproximação que dissimulam o interesse:

Perguntas	Respostas
§ “E aí, tá de bobeira?”	§ “Sei lá”
§ “E aí, tá arrumando alguma coisa?”	§ “Sei lá, pode ser”.
§ “Vem sempre aqui?”	§ “Não muito”
§ “Apreciando o movimento?”	§ “Talvez”
§ “Procurando alguma coisa?” (essa é a mais direta)	§ “Tô só de passagem
	§ “Nada, tô de bobeira”

A ausência de um objetivo definido para o fato de se estar ali pode se mostrar (e na maior parte das vezes o é), na verdade, uma abertura para ocorrências “não previstas”. Algo do tipo: “Vim aqui passear, mas se *rolar* alguma coisa, melhor”. Este despiste inicial, mais comum em locais públicos como o Parque da Lajinha e o Parque do Museu Mariano Procópio, também servia a dois outros propósitos: manter o anonimato e despachar o aborda-

dor caso não se simpatizasse com ele ou se nutrisse a esperança de obter um parceiro melhor.⁹³

Voltando ao meu encontro com Germânio, dei-lhe como resposta uma evasiva: “Sei lá, pode ser”. Com isto, estava aberta definitivamente a porta para que nos lançássemos a uma interação mais próxima. Pude notar que, instantaneamente ele se pôs a acariciar o pênis por cima do short, ali mesmo enquanto olhava para mim. Em função disso, falhei-lhe de Tungstênio, que havia se interessado por ele e propus um jogo a três. Queria ver até onde uma situação dessa natureza poderia chegar. Ele recuou. Só estava interessado em mim. Insisti, mas ele se mostrou reticente. Pedi-lhe então um tempo e voltei para falar com meu informante, que me deu carta branca para continuar o encontro. A esta altura Tungstênio já havia se interessado por um *cara* que vira cruzando a trilha superior.

Voltei para onde estava Germânio e juntos e em silêncio adentramos a trilha que se envereda para a mata no fundo do parque. Caminhamos até mais ou menos o segundo tronco caído e quando lá chegamos, ficamos a nos observar. Ninguém por perto. Hesitei em lhe falar, logo de imediato, da minha condição de pesquisador. Enquanto me perguntava o que eu gostava de fazer, ele veio se aproximando de mim, colocando a mão no meu tórax por cima da camisa e roçando o nariz no meu pescoço. Como eu não reagia, ele insistiu na pergunta e recostou seus lábios sobre os meus. Virei o rosto afirmando que eu só curtia uma *brincadeira*.⁹⁴

⁹³ Uma interação inicial não resultava necessariamente num algo a mais, como nós vimos. Nos parques, a procura podia ser um pouco mais demorada, assim como no cinema pornô, pois nunca se sabia quem poderia irromper no horizonte (um homem mais atraente). Por isso, era comum eu ver homens que tinham conversado não interagirem sexualmente e se lançarem a novas pesquisas. Quando “a coisa já não dava mais”, ou seja, quando não havia muitos parceiros para escolher, então eles voltavam a se procurar. É preciso assinalar também que a busca por parceiros novos e diferentes é uma constante nesses ambientes. Conversei com sujeitos que asseveravam ter tido interações homoeróticas com mais de cinco ou seis parceiros distintos num mês, com essa contagem variando de acordo com a maior ou menor assiduidade com que eles iam aos parques. “Pegar” homens repetidos podia até não ser um mau negócio (dependendo da experiência, é claro), mas deixava muito a desejar diante das chances de novas experimentações proporcionadas por um parceiro desconhecido.

⁹⁴ Nos momentos iniciais, passar a mão em determinadas regiões do corpo do outro é uma estratégia pela qual se verifica suas possíveis aptidões. Nem todos os homens, nestes locais, estão dispostos a receber ou dar carícias em partes que não as genitais. É importante perceber tais limites através dos toques, porque eles dão a entender que o envolvimento será o mais sexual possível, já que muitos sujeitos associam abraços, carícias, e principalmente o beijo, a um tipo de envolvimento que ultrapassa a *pegação*, ou então, a um comprometimento de sua masculinidade. Do mesmo modo, tanto as conversas quanto os toques iniciais servem para estabelecer um acordo entre as partes do que eles poderão fazer juntos (masturbação recíproca ou não, sexo oral, sexo anal).

O termo *brincadeira* geralmente corresponde ao que poderíamos chamar numa *transa*, de preliminares. Na maior parte das vezes, ela está associada à masturbação, recíproca ou não, à felação, também recíproca ou não, e à *portinha*.⁹⁵ Dizer que se está afim de uma *brincadeira* não impede que, com o desenvolvimento do jogo erótico, outras modalidades venham ocorrer. Tudo vai depender do modo pelo qual cada parceiro se comporta mediante as investidas que sofre. São os gestos, assim como as palavras, que indicam os caminhos que podem ou não ser percorridos. A *brincadeira* funciona como uma ante-sala, caso fôssemos pensar em termos espaciais. Ela serve ainda para marcar posições na relação sexual, em especial para os que se auto-intitulam heterossexuais e ativos, e que querem passar uma imagem viril, de homem com H maiúsculo. Com este tipo de afirmação (“*estou afim só de uma brincadeira*”), tais sujeitos podem deixar claro que estão ali para ser “chupados” e masturbados por outrem e, sendo assim, quase sempre não tomam iniciativas no jogo erótico, deixando a cargo do passivo os movimentos e iniciativas. É como se o “bofe” dissesse: “Isso pode; isso não pode”.⁹⁶

⁹⁵ A *portinha*, ou *fazer portinha*, consiste num jogo sexual no qual um dos parceiros esfrega, como se fizesse uso de um pincel, o pênis na entrada do ânus do outro (eles podem variar as posições), evitando-se a penetração total — o limite para introdução é a glândula (cabeça, como é chamada). Optar pela *portinha* pode significar uma imersão maior na mata. Por ser sempre realizada sem o uso do preservativo, ela é reconhecida como uma prática de risco (ainda que em menor grau) para o contágio do vírus HIV, embora muitos homens admitam não fazer questão de se proteger quando a praticam. O medo de contaminação se mistura ao medo de ceder ao prazer proporcionado pela *brincadeira*, e pode ser sintetizado nessa frase de Molibdênio: “*A portinha é um perigo porque você sabe, o cara pode forçar a entrada e com o prazer, você acaba aceitando mais que a cabecinha. Daí pra contaminação é um pulo. Vou fazer o teste e depois disso não faço mais portinha sem camisinha*”. Para uma abordagem interessante sobre os riscos de contágio pelo HIV a partir de práticas desprotegidas, ver Rios (2003).

⁹⁶ O termo “bofe”, no meio “homossexual” ou gay, é empregado para designar os homens que apesar de manterem relações sexuais constantes ou eventuais com outros homens, procuram exibir uma imagem “heterossexual”, personificada nas amizades que mantêm, no comportamento masculinizado, nas roupas que vestem e até mesmo no uso de expressões preconceituosas contra aqueles que eles consideram “viados” ou “homossexuais”. No Cine São Luiz, eu observei um rapaz de uns 18 ou 19 anos, extremamente belo, que era reconhecido por alguns sujeitos, como “o bofinho”. Não tive acesso a ele, mas pude observar como se comportava. Ele entrava rapidamente para a sala de exibição e procurava as fileiras do meio. Muitos homens, principalmente os idosos, lançavam-lhe olhares e gestos de aproximação, mas ele os rechaçava exibindo uma cara fechada. Ficava assim, sozinho, por um longo período, e sem sacar o pênis para fora. Quando finalmente alguém lhe agradava, ele consentia com a cabeça que o pretendente se sentasse junto dele, e conforme esse agisse, ia-lhe, por meio de gestos, mostrando o que podia ou não podia fazer (não permitia que lhe tocassem o tórax e nem o pescoço). Os homens podiam masturbá-lo ou fazer sexo oral ativo nele. Quando esta última modalidade ocorria, era comum vê-lo tratar com violência o “chupador”, forçando-o através da cabeça e sussurrando palavras como “viado, bicha, puta, mulherzinha”. Uma vez chegado ao gozo, ele afastava o parceiro com gestos bruscos, recolhia o pênis e saía do cinema com a mesma rapidez com que entrava. Sobre as identidades sexuais envolvendo os sexos biológicos (masculino e feminino) e sociais (homem e bicha) com base na dicotomia ativo/passivo nas relações homoeróticas masculinas no Brasil, ver Fry (1982), Fry & MacRae (1985). Para um quadro de relações mais igualitárias, ver Guimarães (2004).

Neste jogo de marcação de fronteiras, do que por enquanto pode, do que poderá ou não, a *brincadeira* pode ser simplesmente mesmo uma brincadeira, nada mais. Nem tudo é coito anal e ao se brincar, pode-se se resguardar para uma interação mais *quente* futuramente.

Voltando ao meu encontro com Germânio, ao afirmar que eu só gostava de uma *brincadeira*, dei a entender ao meu parceiro que, pelo menos inicialmente, nós só tocaríamos uma punheta.⁹⁷ Eu poderia ser mais explícito ainda, e dizer que gostava de ficar só olhando, afinal, como bem me disse outro informante no Museu Mariano Procópio, “*nesses lugares dá de tudo, inclusive gente maluca que não gosta de fazer nada, só de ficar olhando a gente meter*”. Isso me resguardaria mais ainda das investidas dele, mas não o fiz por achar a oportunidade ímpar. Ele então arriou o short e enquanto apertava as minhas pernas com uma das mãos, masturbava-se com a outra. Isso deve ter durado menos que dois minutos, pois ele ejaculou quase que imediatamente. Durante esse curto espaço de tempo, a única pergunta que pude fazer foi se ele era casado, pois notara que portava uma aliança na mão direita. Ele me disse que aquilo não tinha importância.⁹⁸

Assim que ejaculou, Germânio sacou um pequeno maço de lenços de papel que trazia no bolso, o que demonstra que viera até ali muito provavelmente preparado para alguma ocorrência sexual. Limpou-se, e como eu não demonstrasse qualquer interesse em me masturbar ou ejacular, chamou-me simpaticamente para descermos juntos a trilha de volta. Ao indagar sobre a minha idade e a minha ocupação (26 anos e estudante universitário), Germânio se mostrou mais receptivo a uma conversa informal, ainda que as informações que me forneceu neste primeiro encontro tenham sido mínimas. Expus-lhe meus reais interesses (a pesquisa) naquela aproximação prontamente se colocou à disposição para me responder algumas perguntas. Contou-me ser médico formado pela UFJF, casado há pouco tempo e possuir 26 anos. Notei que sua presteza em conversar comigo era devida menos a uma inclinação voluntária para responder minhas questões nada convencionais do que o interesse de ter “algo a mais” comigo (ter um caso, namorar). Eu o encontrei, posteriormente, mais duas vezes, oportunidades nas quais pude entrevistá-lo. Neste dia de nosso primeiro encontro, fizemos como costuma ser de praxe quando os parceiros findam uma interação no Parque da Lajinha, ou mesmo no Parque do Museu Mariano Procópio: a partir de um dado ponto do caminho de volta, cada um segue sozinho. Separamo-nos próximos

⁹⁷ Termo coloquial para masturbação.

⁹⁸ No capítulo 7 voltarei a esse assunto.

ao bambuzal, afim de não levantar suspeitas. Ele foi à frente enquanto eu lamentava não ter obtido mais nenhuma informação interessante.

Sobre encontros repetidos e a manutenção do anonimato

As descrições que forneci aqui enfatizam mais os aspectos dos primeiros encontros, quando dois homens desconhecidos um para o outro se deparassem pela primeira vez, quer estivessem nos parques, nos banheiros ou mesmo no Cine São Luiz. Eu estava a falar de estratégias que, num certo ponto, funcionam como estratégias de sondagem (“será que ele é, será que ele quer”?) — como transformar um espaço de uso coletivo num território de *pegação* ao mesmo tempo em que se trava um contato inicial com um possível parceiro. Mas alguém poderia indagar: e quando dois homens que já houvessem interagido voltassem a se encontrar nesses espaços, como funcionaria a coisa? As aproximações ficariam mais fáceis? Haveria uma abertura maior para que o grau de anonimato diminuísse, mesmo quando se soubesse de longa data, das preferências de um eventual parceiro, quer fosse num banheiro público ou num parque? Tentarei responder a estas questões de modo sucinto.

Apesar de haver sempre um alto coeficiente de ineditismo nos pontos de *pegação* de Juiz de Fora, ainda assim era possível reconhecer alguns rostos conhecidos. Havia aqueles que apareciam eventualmente nestes espaços e aqueles que o faziam com maior assiduidade. Seja como for, volta e meia homens que já tivessem “se pegado” ao menos uma vez acabavam por se reencontrar e, em muitos casos, chegavam a ficar juntos novamente, afinal das contas, dependendo da movimentação, nem sempre havia a possibilidade de experimentar novas aventuras amorosas.

Nos casos em que isso acontecia, o reconhecimento prévio de que o outro fazia *pegação* não implicava, necessariamente, numa transposição imediata das técnicas de aproximação e de despiste. Sabia-se apenas “que o cara curtia o lance”, que ele transava homens, ou mesmo quais as suas preferências em termos de sexo (se gostava de sexo oral ou não; se era ativo, passivo ou versátil, se era um voyeur), mas não se ele estava disposto a um novo encontro. Além de quê, como apontei neste capítulo, a preferência inicial era sempre por alguma novidade, a não ser que o sujeito já “prego” fosse interessante o suficiente para um

flashback.⁹⁹ Por isso, apesar de relativamente facilitadas, estas re-interações não significavam uma maior abertura para que os sujeitos falassem de si para os outros. Tive muita sorte em, ao expor as razões de minha estadia naqueles ambientes, ter obtido informações de ordem particular e íntima.

Ao interagir novamente, os homens não davam a entender, pelo menos ali dentro dos pontos de *pegação*, para os demais, que já se conheciam. Eu, assim como outros, o sabia em função de minhas reiteradas visitas a esses lugares, mas quem os visse pela primeira vez, talvez não supusesse que já se tratava de um segundo ou terceiro encontro. É importante assinalar a esta altura, que os pontos de *pegação* não eram universos autocontidos, como se cada um dos espaços estivesse isolado dos demais e de todo o plano inclusivo. Ou mesmo que não havia circulação de sujeitos de um ponto ao outro. Mas que um engano, propor tal interpretação seria uma falácia.¹⁰⁰

O que se deve ter em mente é que as descrições e reflexões aqui efetuadas procuraram ressaltar os aspectos mais marcantes de cada um deles, ou, para simplificarmos, as regras, e não as exceções ou possibilidades mínimas. Assim sendo, que se não imagine que num primeiro ou num quinto encontro não pudesse emergir, por exemplo, uma amizade alhures aos limites físicos e sociais dos parques e banheiros, tal qual ocorrera comigo mesmo e com o primeiro rapaz a me assediar nessas circunstâncias; que namoros duradouros não pudessem florescer em tais ambientes e que conversas animadas entre dois amigos não pudessem ocorrer à porta de banheiros. Nada disso era impossível! Mas, reitero, não era o usual. É como costuma falar um amigo meu, *gay* assumido e amante da literatura: “*Para*

⁹⁹ Ser bom o suficiente para um revival no universo da *pegação* envolve uma série de pontos. O primeiro aspecto aludido pelos homens com os quais tive oportunidade de conversar no campo foi o fato de o sujeito apresentar um comportamento discreto, tanto no que toca a não ser afeminado quanto no que se refere a evitar a exposição pública de suas incursões e de seus parceiros no universo da *pegação*. O segundo dizia respeito a um bom desempenho sexual e, nesse quesito, ser versátil (não se importar de ser ativo e passivo nas relações) era algo extremamente valorizado. O terceiro, e não menos importante, dizia respeito à estética. É evidente que os mais jovens e em melhor forma corporal tinham maior procura, mas seria enganoso supor que num universo quase desprovido de galãs, a beleza padronizada das telenovelas fosse apenas a única coisa a contar neste quesito. Por isso a valorização de atributos menos visíveis, como o tamanho do pênis e a anatomia do ânus (ser mais apertado ou mais largo, ser quente ou frio, etc.). O termo *flashback* é bastante utilizado para se referir a um reencontro, quer seja namoro ou *pegação*. Algo do tipo: uma amiga confessa à outra: “Sabe quem eu encontrei ontem no baile? Meu ex, o Ricardo. Não deu outra, rolou um *flashback*”.

¹⁰⁰ Mais uma vez invoco aqui a pertinência da etnografia de Sívori (2005), em especial a parte dedicada ao *yiro*, caracterizado pela circulação de indivíduos interessados em relações homoeróticas anônimas nos espaços públicos da cidade de Rosario, Argentina.

cada cem crianças que não se masturbam meu querido, haverá sempre pelo menos uma entregue, e graças a Deus, ao hábito solitário”.

Retornando a uma de nossas questões, algo que é difícil de explicitar é como a manutenção do anonimato operava de forma efetiva sem que, por analogia, suas regras estivessem impressas num acordo ou algo parecido. Tratava-se mesmo de uma atmosfera, tal qual eu descrevi ao final da etnografia sobre o Cine São Luiz. Uma espécie de pacto marcado pelo olhar — eu não conto de você e você não conta de mim. Mesmo Tungstênio, por exemplo, que possuía um conhecimento relativo dos frequentadores do Cine São Luiz, (*“aquele ali é casado e mora no bairro X, o vi por lá com a esposa e os filhos voltando da feira; aquele outro trabalha no supermercado tal; o outro é pedreiro...”*), não sabia me dizer, com precisão, dados mais substanciais sobre todos os homens com os quais tinha tido relações sexuais por mais de duas ou três vezes. Quem eram eles, de fato?

“Sobre determinadas coisas, só sabe quem é amigo, e não quem você pega ou quem te pega. Você sabe, mas não sabe dele, e ele sabe, mas não sabe de você. No fundo, todo mundo evita saber, porque saber pode ser o mesmo que contar” (Cádmio, 23 anos).

Cádmio tinha toda a razão quando me falou isso. Sua fala é exemplar de muito do que experimentei ao longo de todas essas visitas que empreendi nos pontos de *pegação* de Juiz de Fora. Mesmo quando percorrendo tais espaços para o bacharelado e mais recentemente para o mestrado, já na condição de pesquisador, havia algo que me impelia, a, por exemplo, desviar o olhar de alguém que eu já houvesse ao menos observado de longe (ou mesmo entrevistado) nos locais de *pegação*, e isso não só por uma motivação ética profissional. Havia também uma espécie de respeito ao anonimato do outro vinculado à proteção, desnecessária, é verdade, da minha invisibilidade. Sobre isso mencionarei ainda outro caso ilustrativo.

Em minha última visita a Juiz de Fora, ao retornar tarde da noite de um festival de cinema, eu me deparei com alguns amigos bem próximos na esquina do calçadão da Rua Halfeld com a Avenida Rio Branco. Qual não foi a minha surpresa ao constatar que, entre eles, estava um rapaz que, apesar de nunca ter conversado comigo, eu observara ao longo de anos nos pontos de *pegação* (banheiros do Mercado Municipal e da Biblioteca Murilo

Mendes, Cine São Luiz). Nossos olhares se cruzaram e a identificação mútua foi imediata. Cumprimentamo-nos como se nunca tivéssemos nos visto e, para azar meu, meus amigos começaram a contar-lhe, ali mesmo, de minha pesquisa para o mestrado. O rapaz acompanhava toda a discussão como se aquilo fosse novidade para ele (ao menos as razões de minhas incursões e a minha condição de pesquisador). Eu, do meu lado, procurava dar evasivas e puxar outros assuntos para não gerar qualquer constrangimento a ele. Mas o fato é estava em jogo não só o anonimato do rapaz em relação a mim, mas o meu em relação a ele, apesar da minha “legitimidade” enquanto pesquisador. Naquele momento, assim como na segunda vez em que nos encontramos sob as mesmas circunstâncias, eu senti que havia um consenso de que nós estávamos atados um ao outro enquanto freqüentadores dos pontos de *pegação*, mesmo por razões diferentes. E de que, em função disso, o silêncio era o melhor mecanismo para que o nosso anonimato fosse preservado, apesar dele ter sido parcial e indiretamente desvelado pelas nossas amizades em comum.

Um Adendo — Deu no jornal: na “*pegação* tem prostituição”

Em junho de 2005, o principal jornal impresso da cidade publicava uma matéria cuja chamada de capa era: “Prostituição Masculina no Parque do Museu: *Tribuna* passou quatro dias no local e constatou encontros só de homens”¹⁰¹. Abaixo, lia-se o seguinte texto:

O Parque do Museu Mariano Procópio está sendo usado como ponto de prostituição masculina e também de exploração sexual de adolescentes. Durante quatro dias, a **Tribuna** permaneceu no local e acompanhou a movimentação de homens de idades variadas que negociam o programa em público e concretizam o ato sexual em meio aos mais de 70 mil metros quadrados de área do parque. Os locais foram fotografados e mapeados. Em um dos momentos, um adolescente foi encontrado praticando sexo com um adulto. Preservativos indicam a trilha de encontros, enquanto velas derretidas apontam para a possibilidade de uso da área também à noite. O diretor do museu, Francisco Antônio de Mello Reis, foi procurado pelo jornal e disse que esta é a primeira denúncia oficial sobre a situação.

¹⁰¹ Jornal *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 26 e 27.06.2005. Reportagem de Daniela Arbex.

Enfatizando a idéia de prostituição masculina, a repórter responsável pela matéria assinalava os aspectos negativos da transformação de determinadas áreas do parque em territórios de prostituição. Sua grande “preocupação” era com a exploração sexual infanto-juvenil que, concomitantemente às ações de vandalismo, contribuía para a deturpação da função histórico-social do Museu. Na reportagem, trechos referentes ao flagrante de um garoto de treze anos que “começava a vestir a roupa enquanto o adulto que estava com ele deixava a área sem pressa”, aos rastros de preservativos usados nas “zonas do ‘sexo’”, à depredação de cercas impeditivas a determinados locais e ao assédio sofrido por meninos que entrassem ali sozinhos. Havia ainda um pequeno croqui de toda a área do parque no qual era indicada, por meio de setas e fotografias, a “realidade” descoberta pelo jornal. Depoimentos de moradores da Rua D. Pedro II, uma das vias de acesso ao local, descreviam a movimentação e demonstravam sua indignação, alertando para o fato de que “garoto que entra lá sozinho é assediado” ¹⁰².

A constatação ainda rendeu mais uma matéria na edição do dia seguinte, quando foi anunciada uma medida de combate à “exploração sexual de adolescentes e a prostituição masculina no Parque do Museu Mariano Procópio” ¹⁰³ por meio do reforço da segurança no local e da conscientização dos frequentadores. Estas ações seriam realizadas a partir de um esforço conjunto entre a direção do Museu, a Polícia Militar e o Movimento Gay de Minas (MGM).

Confesso que a primeira coisa que me veio à cabeça quando me deparei com a matéria foi: “onde eu estava que não vi uma coisa dessas!”. Por esta época, eu já havia decidido fazer meu bacharelado no curso de Ciências Sociais da UFJF sobre o circuito *gay* juizforano, explorando as particularidades de cada um dos lados (os ambientes de *pegação* e os espaços publicamente reconhecidos como GLS) de modo a empreender uma análise comparativa entre eles. Sendo desta maneira, não só vinha me lançando já há algum tempo a uma observação mais direcionada destes espaços como, bem ou mal, anterior a esta escolha, eu já circulava pelos locais. A idéia de prostituição masculina no Museu e de aliciação de menores em suas dependências me tomou de surpresa, porque, ao longo de todos aqueles anos, eu jamais houvera presenciado, tomado parte, ou ainda ouvido menção, de transações

¹⁰² Idem.

¹⁰³ “Museu terá vigias para coibir prostituição” — *Jornal Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 28.06.2005.

comerciais quer fossem ali, quer fossem em outros pontos de *pegação*, como o Parque da Lajinha e até mesmo o Cine São Luiz.

Não vou negar que durante todo este tempo não percebi a presença de menores de idade (adolescentes entre 15 e 17 anos) tanto nos banheiros quanto nos parques. Seria um testemunho falso de minha parte. Não eram muitos e, a bem da verdade, eles sempre me pareceram à vontade em tais ambientes. Na pesquisa, cheguei a conhecer um rapaz de 15 anos que, residente em Matias Barbosa, mas fazendo curso de informática em Juiz de Fora, escolheu o horário da noite propositalmente para, antes de ir à aula, passar pelo banheiro do Mercado Municipal para fazer *pegação*. Os rapazes apareciam nesses locais, mas a quadro que eu observava estava muito distante daquele apresentado pelo jornal.

O primeiro ponto a ser questionado é a própria idéia de ocorrência de prostituição masculina no parque do Museu Mariano Procópio. Era do conhecimento de todos que a zona de meretrício da cidade ficava situada na parte baixa de sua região central, abrangendo uma área que se estendia desde as confluências entre a Avenida Getúlio Vargas e a Rua São Sebastião até a Rua Francisco Bernardino, muitas vezes atingindo a linha férrea¹⁰⁴. Poder-se-ia citar ainda a própria área do extinto Terreirão do Samba e mesmo alguns pontos da Avenida Brasil. Nesta última, eram encontradas mulheres e travestis. Quanto aos homens (ou michês), jamais os vi, mas também não posso afirmar sua inexistência. De todo modo, há uma grande diferença entre esta área de prostituição e os pontos de *pegação* que eu estudei. Nestes últimos, as interações não envolviam o pagamento de dinheiro e, portanto, serviços prestados. *Pegação* não é o mesmo que prostituição. E não se trata aqui de estabelecer uma relação hierárquica entre ambas, como se a primeira fosse menos “pior” do que a segunda por não envolver pagamentos em espécie pelo desfrute de um corpo, ou de alguma parte dele. Trata-se apenas de formas de interações sócio-sexuais diferenciadas¹⁰⁵.

¹⁰⁴ A região central de Juiz de Fora é comumente dividida em duas bandas. A parte alta se estende da Avenida Getúlio Vargas até a Rua Olegário Maciel, embora esta parte seja referenciada com mais frequência como indo até a Avenida Barão do Rio Branco. Já a parte baixa vai desde a Av. Getúlio Vargas até a Av. Sete de Setembro, alcançando parte do bairro de Costa Carvalho, ainda que este epíteto seja mais usado para os limites até a Rua Francisco Bernardino, que beira a linha férrea. Assim, é muito comum que os moradores da cidade se refiram à localização aproximada de um dado estabelecimento como estando na Halfeld parte alta ou parte baixa, por exemplo.

¹⁰⁵ De modo algum estou negando haver um aspecto cruel por detrás da prostituição. Os travestis de Hélio Silva (1993) não tinham lá os seus sonhos de estudar e trabalhar, mas sem ter de abrir mão de sua condição trans? O que e quem, de fato, os impedia de seguir adiante? Perlongher (1987) identificou a condição econômica como o fator mais forte a levar os meninos a se prostituir. Isso porque era a partir da miséria que o mi-

Na Lapa de Silva (1993; 1996), assim como no cinema pornô de Vale (2000), os travestis se prostituíam, o mesmo acontecendo com os michês retratados por Perlongher (1987) na região central de São Paulo. No âmbito da prostituição existe uma operação de expropriação/confiscação do corpo que procura igualar a soma a ser paga/cobrada e o pedaço de corpo a ser comprado (ou alugado) /vendido. Esta é uma equivalência inicial que, posteriormente, desdobrar-se-á numa multiplicidade de acordos que versarão tanto sobre os detalhes de cada membro envolvido como pelas peculiaridades de cada movimento ínfimo (Perlongher, 1987). A *pegação* não está submetida a esta dimensão contratual da prostituição. Nos locais que pesquisei em Juiz de Fora, os homens se “pegavam”, como eles mesmo diziam. No lugar da relação comercial, uma interação gratuita que exige num acordo mútuo entre ambas as partes, a manutenção do anonimato, ou do segredo estratégico entre amigos, tal qual ocorria na sauna do Clube Salamandra. Os prostitutas não aparecem em minha etnografia não porque eu os tenha elidido, mas porque eles simplesmente não estavam nos locais que visitei, ou então não se revelaram para mim, ao contrário do que asseverara o jornal.

O segundo ponto a ser considerado, e o mais grave, por sinal, diz respeito à suposta aliciação de menores nas dependências do parque em questão. Seriam eles realmente assediados, vítimas impotentes diante de táticas sedutoras de homens mais velhos que se aproveitariam de sua ingenuidade e de sua condição sócio-econômica menos favorecida? Ora, a exploração sexual de crianças é uma nossa velha conhecida, e como bem assinalam Green e Polito (2006: 36) ao tocar no assunto, “desde o século XIX as formas radicalmente excludentes da sociedade brasileira lançam à margem de tudo (saúde, educação, trabalho) milhões de seres humanos, que viveram e vivem em situação de miséria absoluta”. Por isso a pertinência da indignação de Clarice Lispector, extraída de sua biografia empreendida por Lícia Manzo (2001):

Fui no carro de uma amiga a Duque de Caxias (...)Vi a violência guardada desta terra que já foi de martírios. Passei pelo mangue e sabia que as ruas transversais eram das prostitutas e achei terrível a prostituição. (...)

chê encontrava legitimação para as suas práticas. Sobre o aspecto infernal da prostituição, ver *Baixio das Bestas* (2007), filme de Cláudio Assis. Um lado idílico deste mesmo assunto aparece rapidamente em *O Quarto dos Generais* [*La Chambre des Officiers*] (2001), de François Dupeyron.

Nunca vou esquecer. (...) Até morrer nunca mais pisarei nesta terra maldita onde crianças são defloradas como flores esmagadas.

Ou de Renato Russo, em “Clarisse” (1997), ao abordar a questão da violência sexual contra mulheres:

De quando em quando é um novo tratamento // Mas o mundo continua sempre o mesmo // O medo de voltar pra casa à noite // Os homens que se esfregam nojentos // No caminho de ida e volta da escola // A falta de esperança e o tormento // De saber que nada é justo e pouco é certo // (...) A violência e a injustiça que existe // Contra todas as meninas e mulheres // Um mundo onde a verdade é o avesso // E a alegria já não tem mais endereço // Clarisse está trancada em seu quarto // Com seus discos e seus livros, seu cansaço

Se “não existe beleza na miséria” (Russo, 1991), se a miséria é ela mesma uma das responsáveis pela miséria dos corpos na prostituição, do mesmo modo que “a AIDS é apenas o pior nome da morte” (Silva, 1993: 90), ainda assim eu não poderia associar a presença eventual de jovens menores de idade nos locais de *pegação* a um mercado de exploração sexual infantil nos moldes propostos pela matéria jornalística. Isto porque, primeiro, como eu já afirmei, a *pegação* difere da prostituição e, no caso de Juiz de Fora, suas áreas eram bem delimitadas. O Parque do Museu Mariano Procópio era um ponto de *pegação*, e não de prostituição masculina. Segundo porque a questão do abuso sexual (repugnante em todas as suas variantes), neste caso, deveria ser pensada de forma mais cuidadosa antes de ser tomada como um dado intrínseco das relações estabelecidas entre homens mais velhos e menores em geral, e nos pontos de *pegação* em particular. E terceiro porque ao conversar com alguns desses garotos, descobri que mesmo os moradores de bairros periféricos, não eram necessariamente miseráveis a ponto de ter de se submeter à prestação de serviços sexuais para obter alguma renda, fosse para o que fosse (sustento familiar, diversão, aquisição de drogas ilícitas, essas coisas todas que nós sabemos). Eles não só estudavam e/ ou trabalhavam simplesmente. Alguns até estudavam em cursinhos pré-vestibulares particulares no centro da cidade.¹⁰⁶

¹⁰⁶ A condição sócio-econômica pode não ser o único fator por detrás da prostituição, mas ela é, sem sombra de dúvidas, extremamente significativa.

Voltando à questão do assédio sexual, por diversas vezes, sobretudo no Parque do Museu Mariano Procópio, ali mesmo na área próxima à R. D. Pedro II, em minhas conversas com os sujeitos, não foram poucas às vezes em que eles se queixaram do assédio de alguns garotos. Eu mesmo fui procurado de modo insistente em várias vezes por rapazes que não aparentavam ter mais do que 15, 16 anos. Em geral, eles eram muito mais afoitos do que os mais velhos. A fala de um homem que eu entrevistava no parque do museu em 2004, por ocasião da aproximação de um garoto de uns 16 anos, exemplifica o outro lado da moeda. Embora ele tentasse afastá-lo por meio de xingamentos enquanto me convidava a nos afastar, o menino insistia em nos seguir. Perguntei-lhe o motivo de tamanha apreensão:

“Então você não sabe? Esses moleques são uma praga. Eles vêm aqui e ficam dando em cima de você a todo custo. Se acontecer qualquer coisa, quem acaba se ferrando é você. Já fui parar na delegacia de Santa Terezinha por causa do filho de um vizinho meu. O moleque vivia me seduzindo, e quando eu finalmente dei mole, o filho-da-puta me denunciou pra polícia. E o pior é que sou casado. Menor é um perigo cara, um perigo. E eles volta e meia aparecem aqui, porque o que eles querem é o que todo mundo quer. E se você faz alguma coisa que eles não gostam, eles dão um jeito de te ferrar” (Bário, 35 anos).

No ano anterior, conheci dois rapazes (ambos menores de idade) que estavam de prontidão na entrada da Rua D. Pedro II. Sentados na calçada, um brincava com o celular enquanto o outro observava a movimentação. O observador acabou por me apresentar o outro rapaz que, uma vez a sós comigo, deu-me algumas pistas do que eles tinham vindo fazer ali e dos interesses de seu amigo:

“A Rubídio não é bem vista. Eu sei que ela é minha amiga, mas ela é do tipo que nunca vai poder entrar no Muzik. Lá não é o ambiente dela, porque ela é uma bichinha pão com ovo, e o povo do Muzik é nariz empinado mesmo. Por isso ela vai na Stand Up. E ela também faz muita pegação. E o povo não gosta. Eu já vi ela fazer cada coisa... Até soldado daqui ela já fez. Eu só fico dando cobertura. Uma vez ela me fez subir até a Olegário Maciel só pra chupar um cara no portão da casa dele de noite. Foi o ó!”¹⁰⁷

¹⁰⁷ Note-se que o emissor se refere ao amigo no feminino. A idéia de bicha pintosa, assim como a de bicha pão com ovo, pode ser compreendida como uma tentativa de identificar certos sujeitos a partir das roupas que vestem e de seu comportamento. A bicha pintosa também pode ser entendida como aquele gay que apresenta um comportamento demasiado efeminado e que se veste de modo a passar quase que claramente a sua orien-

Posteriormente, foi o próprio Rubídio quem confirmou as informações do amigo: “*Eu venho aqui pra fazer pegação, pra **tombar** os caras. Você sabe o que é isso? Por que outro motivo eu viria aqui*”? Anos mais tarde, quando da denúncia feita pelo jornal *Tribuna de Minas*, na mesma semana dos escândalos eu encontrei Rubídio sentado numa das mesas do Espaço Unibanco Palace junto com outros amigos, dos quais eu já conhecia alguns. Procurei saber deles se tinham conhecimento da matéria e se sim, o que tinham achado. Foi quando eu percebi que não havia dado a devida atenção ao que Rubídio me perguntara no dia de nosso primeiro encontro. Ele foi o primeiro a se manifestar: “*Ih menino, eu amei. Achei aquilo tudo lá maravilhoso. Sabe por quê? Por que eu vou sempre lá e não levei culpa nenhuma. Ainda saí protegida*”. O rapaz que estava ao seu lado complementou: “*Ela gostou mesmo. Eles fizeram parecer que a Rubídio é a vítima, quando a gente sabe que ela não é. Ela vai lá pra **tombar** os homens, e isso ninguém falou*”. “Como assim **tombar** os homens?”, perguntei. Rubídio respondeu:

“Eu vou lá pra tomar o homem dos outros. Tombar é tomar o homem dos outros. Funciona assim. Eu entro no parque e vejo que você vai ficar com outro cara, aí eu chego perto e fico atentando ele até que ele desiste de você e fica comigo. Como lá só dá velho mesmo, é claro que eles vão me preferir”.

“E essa história de que lá rola pagamento de dinheiro, prostituição? Rola mesmo?”, perguntei. Rubídio tomou novamente a palavra:

“É mentira, tudo mentira deles. Quer dizer, pelo menos eu nunca vi ninguém pagando ou recebendo dinheiro lá. E tem mais, eles disseram isso aí porque eles não podem dizer que é a gente que procura o negócio né. Não pode dizer que menor de idade vai lá atrás de uma chupeta. Eu vou mesmo. O babado lá é forte meu filho. Fortíssimo!”.

Como se pode notar, a presença de menores de idade nos locais de *pegação* em Juiz de Fora parecia estar muito mais para uma procura espontânea desses garotos pelo sexo facilitado do que para uma suposta aliciação por parte dos adultos. A presença de rapazes com

tação sexual. Não obstante esta aproximação com a concepção de bicha pão com ovo, o que diferencia um conceito do outro é que, a pintosa, além de não ser necessariamente pobre como aquela, supostamente tem bom gosto para se vestir.

aparência juvenil nesses locais acabava por gerar, na maioria das vezes, uma atmosfera de apreensão e irritação concomitantes, pois eles podiam pôr a perder toda a engrenagem de despiste erigida para o funcionamento velado dos encontros. Não quero com isso negar que o frescor corporal dos mancebos não despertasse os desejos mais recônditos de muitos dos homens adultos. Pelo contrário. A tentação acabava por contribuir ainda mais para o estado apreensivo dos mais velhos, pois o “fruto proibido” estava ali, bem diante deles, mas não devia ser provado ou sequer tocado. Pelo menos ali. E por saberem disso, os garotos se tornavam ainda mais incisivos em suas investidas.

Talvez fosse interessante um estudo neste sentido, quer dizer, pôr em evidência, por meio de critérios cuidadosos, de que maneira as experiências sexuais, cada vez mais precoces, tomam lugar no cotidiano de muitas crianças e adolescentes¹⁰⁸. Se por um lado está explícito que o abuso sexual é um fato real e que merece a atenção de todos, por outro, e creio que não menos visível também, está o fato de que muitos menores procuram sexo por conta própria. Daqueles que pude entrevistar com profundidade, quase todos tiveram relações “homo (sexuais)” antes dos 18 anos, muitos deles ainda crianças. Nenhum deles referiu-se a tais experiências como sendo de abuso ou algo do tipo. Iniciados por vontade própria, não é incomum que eles admitirem terem tido desejos eróticos por tios, primos mais velhos, vizinhos, amigos de escola ainda na infância, muitas vezes imaginando e mesmo engendrando situações nas quais pudessem ter ao menos um contato superficial com os mesmos. E se o sentimento de culpa emerge, é menos pelo desejo de fazer sexo em si em tenra idade do que pelo desejo sexual por um homem. Ouvi muitas histórias destes primeiros contatos sexuais, algumas mais comedidas, outras não (não tive interesse em registrá-las), mas muitos destes testemunhos não estão nem um pouco distantes daquele escrito por Capadócio Maluco no texto *O Menino do Gouveia*, publicado na revista pornográfica *Rio Nu* em 1914 e citado em *Frescos Trópicos* (2006) que, segundo Green e Polito, talvez tenha sido a primeira história pornográfica homoerótica brasileira. Em suas linhas, um rapaz rememora os tempos de criança quando, desejoso do esposo de sua tia, imaginava-se sendo “comido” por este e ficava a vigiar o casal em suas intimidades no quarto por meio de buracos feitos por ele mesmo na porta do recinto. Transcrevo algumas passagens:

¹⁰⁸ Não foram poucos os casos em que, ao longo de todo o ano de 2005, como estagiário da Prefeitura de Juiz de Fora, cadastrei famílias para o Programa Bolsa Família do Governo Federal nas quais meninas com menos de 15 anos eram mães e/ou estavam grávidas. Em uma oportunidade particular, pude visitar um domicílio no qual a mãe (que já possuía três filhos) e a filha de treze anos tinham dado a luz naquela mesma semana. O pai do filho da menina era um vizinho ao lado, e possuía 14 anos.

Quando cheguei aos meus treze para quatorze anos, em que todos os rapazes têm uma curiosidade enorme em ver uma mulher nua, ou pelo menos um pedaço de coxa (...), eu andava a espreitar a ocasião em que algum criado, ou mesmo meu tio, ia mijar, para deliciar-me com o espetáculo de um caralho de homem. (...) Entretanto, o que mais aguçava a minha curiosidade e me dava um desejo insofrível, era poder ver a porra de meu tio. (...) O meu único pensamento era poder apreciar ereto o membro viril de titio. (...) Oh! Céus! Então pude ver, com toda a dureza que uma tesão completa lhe dava, os vinte e cinco centímetros de nervo com que a Natureza o brindara [segue a descrição do ato sexual entre os tios]. (...) Não quis ou não pude assistir ao resto da cena. Eu tinha uma sensação esquisita no cu, parecia que as pregas latejavam. Mais tarde vim a saber que isso era tesão na bunda (pp. 38-41)¹⁰⁹.

Sobre a consumação do ato (quase sempre o mais novo sendo passivo), caso não tenha havido tentativa de estupro ou algo do gênero, as lembranças geralmente eram positivas e não envolviam ressentimentos para com o parceiro mais velho, mesmo quando penetrados por eles.

O problema com toda esta discussão, que é por demais delicada, é que ela nos remete a um dos quatro domínios do saber-poder instaurado no século XIX pela *scientia sexualis* através do dispositivo de sexualidade de que nos fala Foucault (1988): a pedagogização do sexo da criança — o controle da criança masturbadora¹¹⁰. Quase todas as crianças praticam ou estão suscetíveis a praticar alguma atividade erótica, por isso é preciso policiar esse germe sexual, ao mesmo tempo natural e antinatural (Foucault, idem). A sexualidade na criança não é negada, mas por ser ela mesma um gládio, um de seus lados (a vontade própria) é cuidadosamente monitorado, pois ele tanto denuncia a existência de uma sexualidade periférica (no sentido atribuído por Foucault) quanto, em sua própria evidenciação, aca-

¹⁰⁹ Um de meus informantes, Molibdênio, fez-me um relato parecido com o do trecho descrito, descrevendo-me como fora penetrado já aos 8 anos de idade e a satisfação que experimentara com isso. Em muitas das histórias de vida coletadas por Sel (1987) aparecem casos nos quais os entrevistados afirmavam ter se iniciado sexualmente com homens mais velhos e de seu próprio núcleo familiar.

¹¹⁰ Os outros três domínios são: histerização do corpo da mulher; socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso. Um retrato, ainda que enviesado pelas orientações médicas e psiquiátricas do século XIX, da existência de jogos de sedução (homo) eróticos entre crianças e adolescentes pode ser vislumbrado em *O Ateneu*, lançado por Raul Pompéia em 1888. Ainda que a crítica literária ignore este fato, o tema central do livro é justo como os meninos de um internato travavam relações de poder e hierarquia entre si por meio da troca de favores sexuais. Toda uma sexualidade que devia ser monitorada pelos profissionais do estabelecimento (Pedagogia).

ba por expor a criança aos riscos oferecidos pelos adultos. Em palavras resumidas, a questão é saber aonde começam e terminam o desejo e as intenções próprias na criança e no adolescente, e aqui poderíamos invocar um conjunto extenso de variáveis, e onde se introduz, muitas vezes de modo perverso, o abuso dos adultos. Os limites são tênues, como podemos ver, e eu certamente não saberia identificar com precisão num universo social extremamente fragmentado como o nosso, onde termina uma coisa e começa a outra. No que compete ao meu estudo etnográfico, levando-se em conta os anos de observação e as conversas e os contatos que eu mantive, a idéia de prostituição masculina nos pontos de *pegada* em Juiz de Fora não se verifica. Pelo menos até a redação desta dissertação. Neste sentido, a avaliação do envolvimento sexual entre jovens menores de idade e homens adultos me parece ir muito mais além do que a mera proposição de que os segundos forçariam os primeiros a fazer o que talvez não quisessem. Assim como Rubídio, outros garotos queriam. E muito.

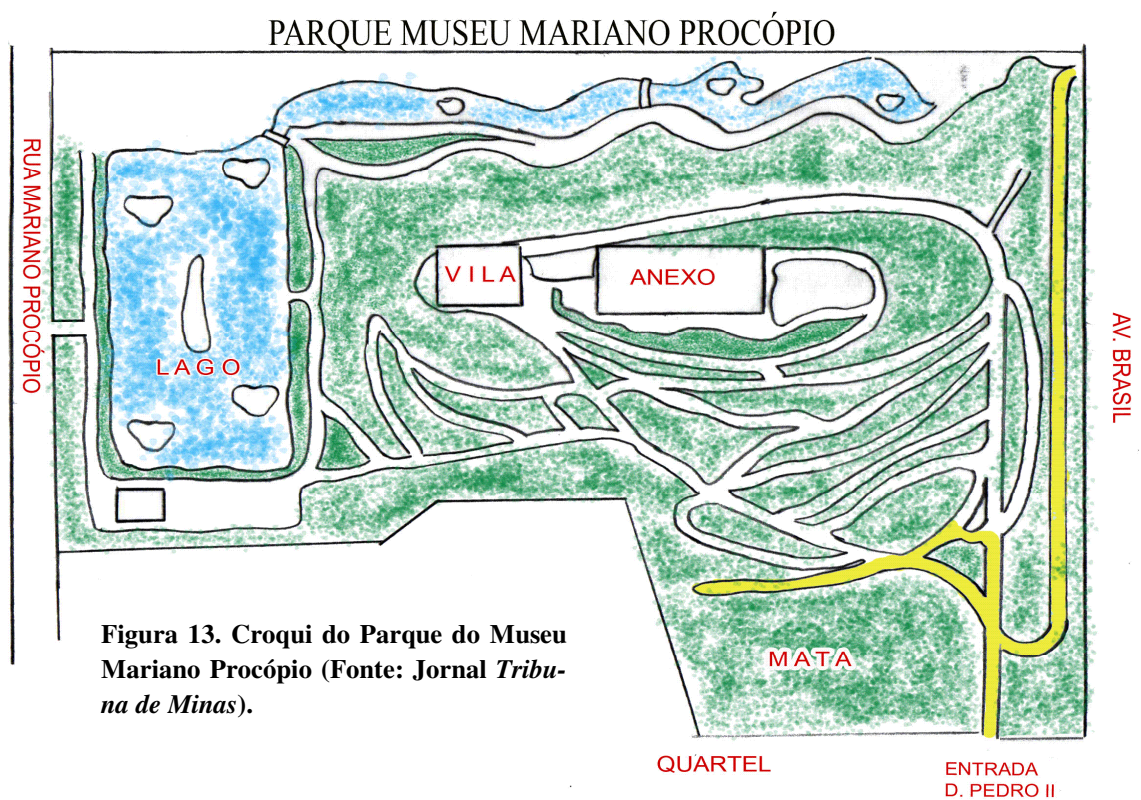




Figura 15. Alameda principal do Parque Mariano Procópio em direção ao museu (Foto: Tribuna de Minas)



Figura 16. “Porta de entrada” do território de *pegação* nos fundos do Parque da Lajinha (Foto: Verlan Neto)

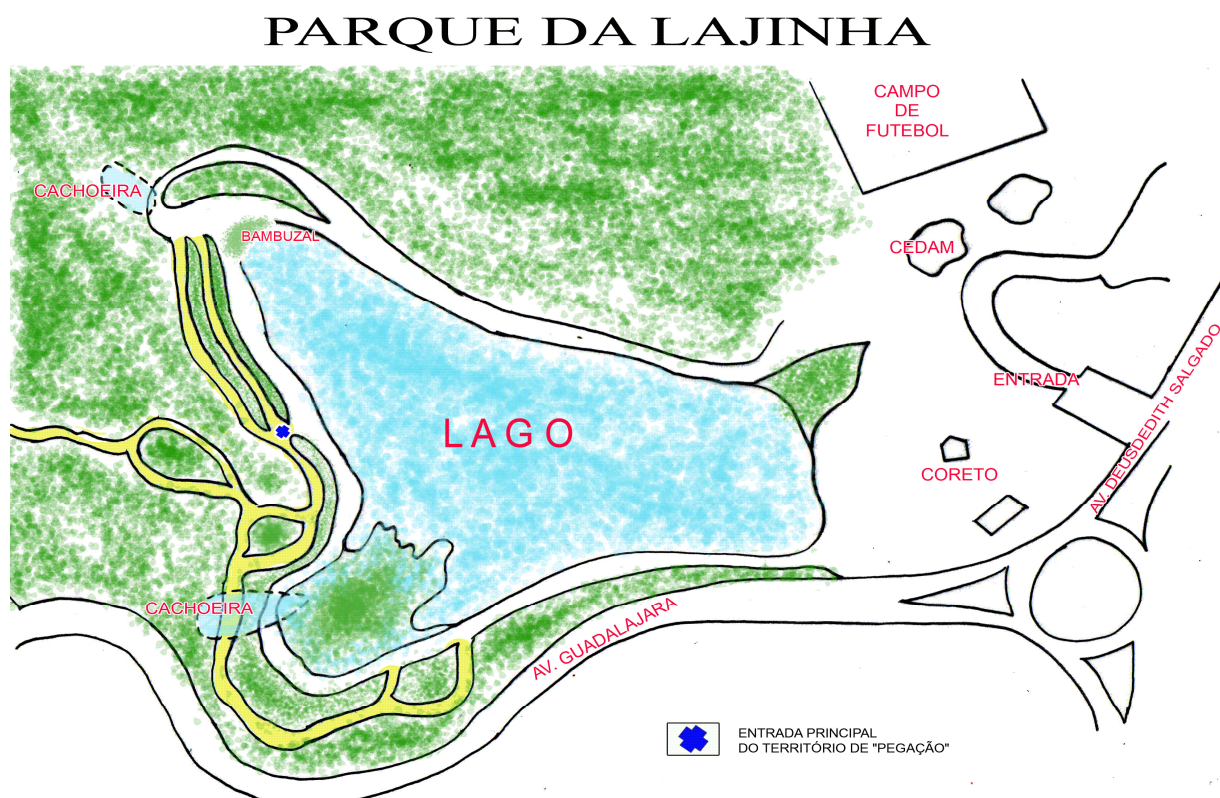


Figura 17. Croqui do Parque da Lajinha com base em foto via satélite



Figura 18. Acesso à trilha principal de *pegação* no Parque da Lajinha (Foto: Verlan Neto)



Figura 19. Visão do fundo do Parque da Lajinha. O quadrado azul assinala a “Porta de entrada” do território de *pegação* (Foto: Verlan Neto)



Figura 20. Clareira com vestígios materiais de *pegação* - Parque da Lajinha (Foto: Verlan Neto)

CAPÍTULO 5

A SAUNA DO CLUBE SALAMANDRA

Para começar: sauna *versus* sauna

A sauna que por hora descrevo não pode ser tomada como uma sauna gay. Em verdade, Juiz de Fora possui uma sauna voltada para o público “homossexual”, localizada numa das principais ruas do centro da cidade. Num primeiro momento, eu até me interessei em frequentá-la com o propósito de fazer pesquisa de campo, mas com as modificações operadas no meu projeto investigativo inicial, não faria sentido incluí-la no rol de pontos de *pegação* que eu vinha estudando. Não que ela não seja procurada com tal intento. Informações advindas de diversos informantes frequentadores me diziam justamente o contrário. Mas a minha decisão de não visitá-la se assenta no fato de esta sauna ser um espaço reconhecidamente gay, sobretudo, para a sociedade inclusiva. Logo, eu não poderia encontrar ali os aspectos que vinha procurando nos espaços usados para *pegação* de forma clandestina, como os banheiros, o cinema pornô e os parques da Lajinha e do Museu Mariano Procópio.

A opção pela sauna do Salamandra se adéqua, portanto, aos propósitos desta dissertação: realizar uma etnografia dos espaços de uso coletivo que eram apropriados para *pegação*, mas que não reconhecidamente voltados para o público GLS ou GLBTS. Deste modo, assim como nos demais espaços até agora retratados, a *pegação* nesta sauna apresenta um caráter eminentemente transgressor, pois fazia operar numa de suas dependências toda uma transformação (desterritorialização e reterritorialização) — o quarto que deveria servir para descanso, com suas longas cadeiras de piscina se transformava, semanalmente, num quarto de encontros homoeróticos “velados”, bem ao lado da sala do massagista.

Eu fiquei sabendo deste *ponto de pegação* no ano passado por intermédio de um dos meus informantes, Molibdênio, frequentador assíduo não só da sauna, mas de quase todos os outros pontos.¹¹¹ Ele não só me forneceu informações detalhadas de como as coisas aconteciam neste ambiente como também me convidou a conhecê-lo e a participar de uma das reuniões. E foi o que eu fiz por duas vezes. Logo na minha primeira visita encontrei Molibdênio, e ele me pediu para não contar aos seus amigos de minha pesquisa, algo do qual

¹¹¹ Outro informante, Tungstênio, também chegou a mencionar a ocorrência de *pegação* na sauna do Salamandra, mas como nunca tivesse ido ao local, segundo ele, só poderia me fornecer informações terceirizadas, corridas pela cidade à boca miúda.

ele se encarregaria posteriormente, pois isso poderia atrapalhar o funcionamento das interações num primeiro momento. Penso que esta foi uma decisão acertada, pois em função das peculiaridades deste ponto, eu acabei interagindo mais quase como um partícipe de tais encontros. Não obstante o que presenciei, muito das informações que apresento aqui já haviam me sido relatadas por Molibdênio, desde a descrição física do espaço até o funcionamento dos encontros. O que me coube no trabalho de campo foi sentir na pele o que de antemão eu já sabia, ou, em outras palavras, exercitar o estar lá.

Eu já havia ido a esta sauna algumas vezes com meu pai no final da adolescência, quando nossa família era sócia do clube que a abriga. Por essa época, eu jamais notei qualquer movimento “suspeito” em seu interior. Os homens circulavam nus ou enrolados em toalhas pelas dependências e até onde me vai a memória, lembro apenas de um rapaz que me cortejou quando meu pai me deixou a sós com ele na sauna a vapor, mas ele o fez em moldes bem distantes daqueles que eu vim observando. Para mim, tratou-se apenas de um fato isolado e, mesmo após ter-me iniciado nos mistérios da *pegação*, jamais associei aquele espaço a atividades desta natureza. Mesmo porque, segundo as informações de Molibdênio, este é um fenômeno mais ou menos recente por ali.

Com o intuito de tornar este capítulo um pouco diferente dos demais, eu escolhi organizá-lo por meio de tópicos separados, de modo a explorar em cada um deles os aspectos mais interessantes, tendo por base aquilo que observei e aquilo que Molibdênio me passou em suas entrevistas. Ao final, faço um pequeno relato de uma das minhas visitas, quando participei de um encontro. Vamos aos tópicos.

O espaço físico geral

A sauna se localiza num pequeno prédio de dois andares no interior do clube. No primeiro pavimento estão situados, além das saunas a vapor e a seco, um vestiário, um banheiro coletivo para tomar banho, uma cantina, a sala de recepção, pequenos outros banheiros com chuveiros e um grande salão com televisão e cadeiras de descanso. Neste pavimento permanecem os “heterossexuais”, ou, ao menos, os homens que vão ali para desfrutar dos serviços prestados pela estrutura. Eles ficam conversando entre si, passando de um recinto ao outro, bebendo, barbeando-se, assistindo televisão ou lendo jornais.

Já o segundo pavimento abriga a sala do massagista, uma grande dependência com mesa de sinuca, uma sala de televisão, dois banheiros que, segundo Molibdênio, permanecem trancados por motivos óbvios, outra sala com apenas cadeiras e mesas e também um pequeno quarto de descanso (ao lado da sala do massagista), que é justamente onde ocorriam as interações homoeróticas.

De todas estas dependências no andar superior, as únicas duas que apresentam maior privacidade são a sala do massagista e o quarto de descanso. Ambas, além de portas, possuem janelas internas que são recobertas por persianas negras fechadas. As outras salas são bastante amplas e a partir de cada uma delas é possível ver as demais, pois todas possuem janelas de vidro transparente voltadas para o interior do prédio.

A sala do massagista e as massagens

Situada bem em frente à escada que liga os dois andares, a sala do massagista faz divisão com o quarto de descanso e, por incrível que pareça, o que separa os dois ambientes é uma janela vedada de vidro transparente, no meio da parede, também recoberta por uma persiana negra. No interior do recinto, uma maca, uma bancada com os apetrechos utilizados pelo massagista, e um rádio.

As massagens são marcadas na recepção embaixo. Um senhor, responsável por recepcionar os frequentadores e pelos demais quesitos para o funcionamento da sauna, anota os nomes dos requerentes em uma folha e lhes informa quantas pessoas ainda há antes de elas serem atendidas. Isso permite que se tenha uma noção mais ou menos exata de quanto tempo se aguardará até que o massagista desça e o chame pelo nome. A sessão custa R\$10,00 e tem duração de uns 30 a 40 minutos.

Não é necessário aqui fazer uma descrição de todo o processo de massagem, mas algo que me chamou bastante a atenção quando lá estive é que o massagista jamais (pelo menos até onde se sabe) mexe na persiana que recobre a janela que divide sua sala do quarto de descanso. Este é um detalhe interessante porque a persiana está voltada para a sala de massagem, e não para o outro recinto. Ao longo de todo o processo, o rádio fica ligado (é impossível saber o que se passa do lado de fora), e quando não há ninguém para ser atendido, o massagista permanece sentado na recepção.

As saunas

Como eu disse, há uma sauna a vapor e outra a seco. Assim como nas dependências do andar superior, entre uma e outra, na parede divisória, encontra-se uma grande janela de vidro transparente, o que permite que os freqüentadores de ambos os lados possam observar uns aos outros num e noutro lugar. Quando eu ia lá com meu pai, esta janela era inexistente e, conforme me informou Molibdênio, sua implantação fez com que ficasse impossível qualquer azaração (paquera) no interior da sala a vapor.

A circulação nas duas é razoável. A sauna a vapor é, na verdade, um comprido corredor em cujas laterais se encontram bancadas nas quais os homens se sentam ou se deitam. Em seu interior há também um chuveiro para aqueles que, assim como eu, não suportam permanecer muito tempo sem se molhar. Não cheguei a entrar na sauna a seco, mas pelo que pude observar, uma de suas atrações era o espelho, diante do qual os homens se revezavam para fazer suas barbas.

A sauna úmida pareceu-me bastante estratégica para que as primeiras interações ocorressem caso não houvesse a tal janela. Isto porque com a baixa visibilidade proporcionada pelo vapor, sobretudo nos fundos, não seria difícil ao menos expor para outrem os sinais iniciais de paquera: um pênis em “meia-bomba” sob a toalha, olhares desejosos, gestos com as mãos e a cabeça, entre outros. Além de que, havia breves momentos nos quais a sauna permanecia praticamente deserta e a porta, feita de alumínio, possuía apenas uma janela mínima de acrílico fosco que estava sempre embaçada.¹¹² Mas a verdade é que, mesmo a partir da segunda vez que lá estive, ao cruzar com os sujeitos com os quais havia interagido antes, não percebi qualquer movimento “suspeito”. Seria extremamente arriscado devido à grande janela. Molibdênio me informou que ele e seus amigos preferiam se portar como os demais freqüentadores, conversando, fazendo sauna, permanecendo certo tempo no andar inferior, para que, uma vez dado o horário de subirem, não levantassem

¹¹² Meu irmão e minha cunhada relataram-me que, certa vez, ao entrarem na sauna mista de um clube do qual são sócios, depararam-se com uma cena senão estimulante, ao menos inusitada. Com a baixa visibilidade proporcionada pelo excesso de vapor, ela, sem querer, sentou em cima de um casal que, completamente nu, *transava* silenciosamente num dos cantos do recinto. O que mais os perturbou foi o fato de a sauna não estar vazia.

maiores suspeitas.¹¹³ Com efeito, foi o que observei e, no caso aqui relatado, parece-me que não fazer uso das estratégias iniciais de paquera se mostrou, para eles, como a melhor estratégia de despiste. Mesmo porque, como se verá a seguir, aqui todos (ou quase todos) eram conhecidos, o que dispensaria apresentações.

O quarto de descanso

O quarto de descanso deve ter uns 4m² ou mais. No seu interior, seis cadeiras compridas de repouso, feitas de plástico, destas que se encontram nas beiras de piscinas de clubes, compõem o mobiliário. Voltado para uma pequena rua há um basculante protegido por uma tela de arame firmemente atrelada à parede. Esta tela dificulta o descarte dos preservativos utilizados que, por isso mesmo, acabam por ficar expostos ali no basculante. Como veremos num outro momento, este era um fator gerador de conflito entre os freqüentadores dos encontros.

A persiana negra protege o interior do quarto da visão exterior e, como técnica de despiste, os homens nunca fechavam a porta por completo. Era através das frestas que eles vigiavam a movimentação do lado de fora (sempre tinha um a vigiar) e o panorama que se tem dali chega a alcançar até mesmo o final da escada de acesso ao segundo pavimento.

Há ainda um dado que eu considero formidável na composição do quarto. Nas aberturas proporcionadas pela barra da persiana eram estrategicamente escondidos preservativos que, eventualmente, poderiam ser utilizados nas relações sexuais. A não ser que se limpe detalhadamente a persiana, o que me pareceu não ser feito, os preservativos ali escondidos jamais serão descobertos. Isto porque além do posicionamento estratégico nas aberturas, eram introduzidos pacotes de cor escura, o que auxilia na camuflagem.

Os freqüentadores da *pegação*

O que mais me chamou a atenção neste ponto de *pegação* é que, diferentemente dos demais, nele o coeficiente de anonimato era extremamente baixo ou quase inexistente. Na sauna do Salamandra, aqueles que participavam da *pegação* tinham laços de proximidade

¹¹³ Na verdade, como se verá no próximo capítulo, não se trata apenas de não levantar suspeitas, mas de não fazer transparecer de modo explícito o que, implicitamente, transparece daquilo que eles faziam no quarto de descanso.

para além daquele quarto. Tratava-se de um grupo de amigos que se encontravam ali uma vez por semana para pôr o papo em dia, fazer sauna e massagem, relaxar e, como me disse Molibdênio, *foder*.

Meu informante já havia mencionado esta característica em nossas conversas. Quando se remetia aos homens com os quais tinha relações sexuais na sauna, fazia-o de modo a deixar transparecer que eram todos seus amigos: “*Esse meu amigo de que eu te falei, ☼☼☼... Então eu liguei pro ☼☼☼ e perguntei se ele ia aparecer na sauna naquela semana... A mulher de ☼☼☼ me disse que ele tinha ido pro clube... Peguei esse meu amigo de que te falei*”. Como se pode notar, estamos distantes daquele quadro característico dos banheiros, ambientes nos quais as interações eram mais fugazes e as técnicas corporais suplantavam a discursividade oral.

O termo “amigo” pode até soar demasiado forte, mas o que pude depreender das falas de Molibdênio e dos freqüentadores quando de minha visita ao estabelecimento, é que aqueles que iam à sauna com o intuito de fazer *pegação* sabiam se referir uns aos outros por seus nomes próprios. Eles sabiam onde cada um morava, o que fazia e algumas outras coisas mais de seu cotidiano, além de deixarem transparecer que se conheciam já há um tempo razoável. Eu mesmo, quando lá estive, se não precisei me identificar como pesquisador da primeira vez, acabei por revelar meu nome, bairro onde residia, idade, grau de instrução, preferências musicais e pessoais e até deixei meu endereço do MSN com um dos homens. A impressão que tive é a de que eu havia ingressado em uma espécie de clube fechado.

O grupo se mostrou composto em sua grande maioria por homens casados ou comprometidos (com outros homens, por exemplo) e o tipo físico predominante era o urso (Molibdênio já havia me falado sobre isso).¹¹⁴ A faixa etária era de homens mais velhos, e como eram todos conhecidos, as “novidades” (um participante novo) apareciam por intermédio de alguém que as levassem para lá. É sempre um que leva o outro, fazendo com que o grupo cresça. Pelo que pude perceber, com o tempo, o anonimato inicial vai dando lugar a uma sociabilidade mais abrangente. Os envolvidos acabavam por criar laços que extrapolavam as peripécias sexuais que experimentavam. Em nossas conversas, Molibdênio mencionou as brincadeiras que faziam entre si quando se encontravam, algumas das quais pude obser-

¹¹⁴ Em termos “nativos”, o urso pode ser identificado sob dois aspectos. No que concerne ao físico, em geral eles são gordos ou fortes, não necessariamente obesos e musculosos, respectivamente, e peludos. Muitos usam barbas ou cavanhaque. No quesito comportamento são extremamente másculos, o que não implica em machismo ou algo do gênero, muitas vezes observado nos “bofes”.

var: na sala de bilhar eles ficavam passando os tacos nas nádegas uns dos outros, no quarto de descanso, piadas “maldosas” eram trocadas até que tudo começasse. Nas palavras de meu informante, “*uma sacanagem gostosa, você tá entendendo*”?

Os encontros ocorriam sempre em um dia da semana (pois a sauna não funciona todos os dias e há dias dedicados apenas às mulheres) e, embora o espaço abrisse às 16h, era só a partir das 18 horas que começava o “movimento”. Os integrantes do grupo chegavam aos poucos, e assim como os demais freqüentadores, iam fazer sua sauna, conversar um pouco, beber cerveja, ler o jornal, barbear-se, etc. A partir de um dado momento, aos poucos um por um ia subindo, de modo a não levantar maiores suspeitas.

Vê-se, portanto, que se trata de uma composição humana diferente daquela observada nos outros espaços. Aqui nós temos um grupo mais ou menos específico que se reconhece não apenas em função de suas intenções homoeróticas, mas também, a partir de uma série de fatores outros que permitem que o anonimato entre eles seja praticamente dispensável. Por isso, a presença de alguém desconhecido, como foi o meu caso na primeira vez, gera curiosidade e apreensão ao mesmo tempo. Até que este alguém seja identificado, as interações sexuais não serão iniciadas. A busca pelo inédito, pelo diferente, não era o mote principal que atraía os homens até aquele quarto. A presença de um sujeito que jamais fora visto ali, ou seja, de uma “*carne nova*”, até podia ter o seu poder de atração (dependendo do homem, evidentemente), mas não detinha o mesmo status que nos outros *pontos de pegação*, onde a busca por uma grande quantidade de parceiros e experiências diferenciadas parecia arrebatá-los os “pegadores”. Em se tratando desta sauna, e da especificidade de seus freqüentadores, pareceu-me, tanto pelo que observei, quanto pela descrição enfática de Molibdênio, que o “lance” ali era mesmo “curtir” alguém que já se conhecia.¹¹⁵

Um sujeito desconhecido que adentrasse o quarto poderia tanto ser uma “novidade” quanto uma ameaça. Neste último caso, as interações seriam suspensas até segunda ordem, afinal de contas, o quarto não era um quarto de *pegação*, mas antes, um quarto de descanso. Ele se transformava num quarto de *pegação*, assim como os outros locais que etnografei, a partir das experiências dos sujeitos. Um homem que aparecesse e não demonstrasse clara-

¹¹⁵ Molibdênio, em nossas conversas, explicou-me que ali, na sauna do Salamandra, ele e seus amigos podiam encontrar entre si o que, no plano de suas inclinações homoeróticas, eles apreciavam: sujeitos não efeminados, com vida profissional e pessoal/conjugal estabilizada, mais velhos (maduros), discretos, fortes e peludos (ursos).

mente a que veio geraria sentimentos de insegurança e desconfiança. “*O cara pode dar com a língua nos dentes, estar ali para ver e depois chamar os funcionários*”, disse-me Molibdênio em uma de nossas conversas.

A *pegação* que é orgia

As interações sexuais não começavam imediatamente, mesmo quando havia um contingente razoável de interessados no quarto de descanso. Geralmente os homens que se reuniam no quarto se reclinavam nas cadeiras e por um período razoável de tempo punham-se a conversar sobre os mais diversos assuntos. Neste ínterim, ninguém parecia assediar ninguém e o clima de camaradagem imperava. Os temas iam desde alguns fatos importantes ocorridos na cidade até alguns assuntos de ordem mais particular, como o trabalho. Narrativas sobre envolvimento sexuais amorosos próprios e de terceiros também apareciam.

Mas este bate-papo inicial também servia a outro propósito: esperar o momento mais oportuno para o início das interações sexuais. O ideal era aguardar escurecer, de modo que a visibilidade de fora para dentro do quarto ficasse comprometida, ao mesmo tempo em que, no sentido inverso, pudesse-se ter uma visão privilegiada da área exterior. Além de que, era preferível manter as relações no escuro, com mais intimidade.¹¹⁶

Estruturadas as condições de existência para o início da *pegação*, resta saber como ela funcionava nesta sauna. O que lhe tornaria particular em relação a tudo o que eu descrevi até aqui? Ora, um dos pontos mais importantes a ser ressaltado é que neste caso, uma vez iniciada a orgia, termo utilizado pelo próprio Molibdênio, no desenrolar da situação chegava-se a um ponto em que “*ninguém é de ninguém*”. Cada um escolhia o(s) seu(s) parceiro(s) inicial (ais) e começava a interagir com ele(s), mas, quando se chegava numa espécie de clímax, todos (ou pelo menos quase todos), interagiam de alguma forma, cujo desfecho poderia ser um verdadeiro gozo coletivo. Molibdênio, que disse já ter feito sexo ali com 8 homens ao mesmo tempo, deu-me a descrição do que costumava ocorrer por lá:

¹¹⁶ Na primeira vez em que lá estive, ao final da *pegação*, Molibdênio reclamou comigo de um rapaz que acendera a lâmpada momentaneamente para ver como estavam as coisas. Isso o deixou profundamente irritado.

*“É aquele negócio, o pessoal que frequenta sabe quem sobe. O pessoal que sobe, sabe quem faz. Você tá entendendo? Quando um começa, o outro tá ali, o outro também tá e começa. Aí é aquele negócio, não tem que vigiar lá? Todo mundo faz junto ali e começa. Um vai trocando e vai trocando e vira uma orgia generalizada. Agora, tem uma coisa: nem todo mundo transa com penetração. Você tá entendendo?”*¹¹⁷.

Com base nestas informações preliminares, passo a uma pequena descrição de minha primeira estadia neste *ponto de pegação*.¹¹⁸

Um dia na sauna

Quando finalmente pude ir à sauna para observações diretas e, quem sabe, arregimentar mais alguns informantes, eu já não dispunha de tanto tempo para permanecer em Juiz de Fora — no máximo duas ou três semanas. Nesta minha última oportunidade, eu estava disposto a ir não só ao clube, mas também, a uma danceteria que abria a pouco e que vinha despertando certo frenesi no circuito *gay* juizforano justo por apresentar shows de rapazes despidos. Como os acontecimentos em ambos os espaços eram semanais, eu teria no máximo três chances de examiná-los. Muito pouco, se comparado aos longos períodos (anos) em que vim observando outros pontos *de pegação* na cidade. Mas ainda assim pude visitar cada um dos espaços em duas oportunidades e mais uma vez em função do recorte etnográfico que adotei, acabei por incluir nesta dissertação, apenas o caso “sauna”.

As duas vezes em que lá estive não foram diferentes umas das outras. Portanto, mais uma vez é possível resumir numa só descrição os aspectos observados.

Como eu queria aproveitar ao máximo as escassas oportunidades, dirigi-me ao clube cerca de 40 minutos após a abertura da sauna no dia informado por Molibdênio para os encontros sexuais. Lá chegando me senti um pouco inseguro. Primeiro porque a atmosfera do lugar me pareceu bastante diferente de tudo o que eu houvera vislumbrado até então. Eu não

¹¹⁷ Ao se referir à sauna do Salamandra, Tungstênio mencionou ter escutado que o melhor daquele *ponto de pegação* era que nele ocorriam verdadeiras orgias: “*uma putaria generalizada e maravilhosa, eu imagino*”.

¹¹⁸ Como se pode notar há uma menor riqueza de detalhes e reflexões sobre a sauna. Isto se deve ao fato de que só pude visitá-la no segundo semestre do ano passado e, mesmo assim, neste período, ainda assim não pude fazê-lo de um modo mais aprofundado porque permaneci enfermo por um longo período de tempo. De todo modo, se há algo de rico aqui, este algo é devido à presteza com que Molibdênio se dispôs a me auxiliar, muitas vezes revelando-me aspectos íntimos de sua vida. A ele sou extremamente grato pela gentileza e confiança.

conseguia perceber qualquer emissão de sinais de paquera e/ou despiste entre os homens que lá estavam. Segundo porque eu não conseguia encontrar a escada de acesso ao segundo andar, e perguntar ao recepcionista de sua existência me parecia um tanto quanto arriscado, já que eu lhe falara que aquela era a minha primeira vez na sauna.

Guardei minhas coisas no armário, tomei uma chuveirada e me dirigi imediatamente para a sauna a vapor. Minha ânsia de ver “alguma coisa” era tanta que por vezes eu tinha de me policiar quanto aos olhares indiscretos que lançava ao redor. Eu realmente estava dando na “pinta”.

Posteriormente, passei a me revezar entre um ambiente e outro. Alguns homens, em rodas de amigos, muitos deles completamente nus, conversavam espalhados pela grande sala de acesso às duas saunas. Alguns dormiam nas cadeiras, enquanto outros, liam seus jornais ou simplesmente assistiam televisão. Nas saunas, tanto úmida quanto seca, uma sociabilidade para lá de entusiasmada. Os homens conversavam sobre diversos assuntos e contavam piadas. Através deste quadro inicial, eu jamais poderia identificar alguns dos homens de que me falara Molibdênio. Além de quê, desde que chegara, eu não recebera qualquer olhar convidativo, o que me permitiria seguir pistas até o que me interessava. Cheguei mesmo a imaginar que estava no lugar errado e que minha visita tinha sido em vão. Apesar do desânimo, pelo horário, eu também sabia que onde quer que fosse a *pegação*, ela ainda não havia começado. Segundo as informações de meu informante, era necessário esperar escurecer. Mas o problema principal continuava o mesmo: saber onde ficava o quarto de descanso.

Numa de minhas saídas da sauna observei um senhor subir uma escada que até então eu não tinha notado. Era ainda dia. Supus que ali estivesse o meu acesso ao que estava procurando. Esperei algum tempo e perguntei ao funcionário da recepção se eu poderia conhecer o andar superior, ao que ele me respondeu afirmativamente, convidando-me a ficar a vontade. Subi as escadas e pelas descrições feitas por Molibdênio não tardei a encontrar o referido quarto. A porta estava aberta e em seu interior, três homens se encontravam deitados: um estava com os olhos fechados enquanto os outros dois conversavam.

Minha entrada no recinto não gerou qualquer alteração na cena, exceto pela troca de alguns cumprimentos banais. A primeira coisa que reparei ao entrar e me deitar numa das cadeiras foi o basculante de que me falara Molibdênio, mas não tive coragem de ir até lá ver se en-

contrava os preservativos usados que ele mencionara. Não havia outros vestígios indicativos de que ali ocorressem interações sexuais, como manchas nas paredes ou mesmo nas cadeiras. Tudo muito limpo, tudo muito asseado. Tudo fora dos padrões daquilo que eu conhecia. Fiquei ali por algum tempo ouvindo a conversa alheia e assim como no andar inferior, nada dava a transparecer que qualquer um daqueles homens estivesse ali para *pegação*. Como ainda era cedo e a luz do dia se fazia presente no quarto, resolvi descer e permanecer mais um tempo na sauna, pelo menos até escurecer.

Um pouco mais de tempo se passou até que eu vi Molibdênio subir as escadas. Não sei como não nos esbarramos ali embaixo, pois como ele mesmo me afirmara, ele, assim como os demais componentes do grupo, não subia para o quarto imediatamente à sua entrada. Esperei alguns minutos e subi novamente. Encontrei-o deitado numa das cadeiras enquanto conversava com os demais presentes. Cumprimentamo-nos e por intermédio dele pude me sentir mais a vontade diante dos outros três sujeitos que lá estavam. Mais alguns minutos transcorreram e chegaram mais dois amigos dele, e que eu já havia visto na sauna lá embaixo. Agora estávamos em número de sete.

Como eu não conhecia ninguém, não tinha como participar da conversa estabelecida. Supus que talvez todos eles estivessem ali com o mesmo propósito de Molibdênio, mas assim mesmo continuava não havendo qualquer sinal indicativo de que isso fosse verdade. Ainda era dia e Molibdênio me chamou para conhecer as demais dependências daquele andar. Este nosso pequeno *tour* era, na verdade, um pretexto para que ele pudesse conversar a sós comigo.

Molibdênio me informou que as interações sexuais só iriam começar quando a luz do dia caísse, pois esta era uma estratégia chave para manter os encontros mais encobertos. Até aí tudo bem. O problema é que havia outro impeditivo para que toda a engrenagem funcionasse: eu!

Por ser uma pessoa estranha ao grupo e ainda não ter sido apresentado formalmente por ele, eu estava a gerar desconfiança nos demais presentes que, segundo ele, estavam ali para o encontro semanal. Ele me advertiu de que se eu não me mostrasse receptivo à sociabilidade do grupo, muito provavelmente nada ocorreria. A questão que se levantou então foi: mas o que eu deveria fazer? Como me comportar?

O primeiro de seus pedidos foi que eu não me identificasse como pesquisador, pelo menos naquele primeiro momento. Segundo ele, isto talvez desestruturasse todo o funcionamento previsto para o dia. Além de quê, esta seria uma oportunidade de eu observar “as coisas como elas eram”. O melhor, portanto, seria eu me portar como alguém interessado na “coisa”. Em um momento posterior, ele se encarregaria de contar a alguns os reais motivos de minha presença ali. Mas se assim o fosse, como eu poderia acessar outros homens de modo a arregimentar maiores informações? Molibdênio se propôs a me dar todas as informações necessárias tanto antes quanto após o encontro, desde que eu não as utilizasse de modo a identificar seus amigos. Posteriormente, ele mesmo os convidaria a participar mais abertamente da pesquisa. Nada mais justo, evidentemente.

Ora, portar-me como alguém interessado na “coisa” não implicava, necessariamente, em interagir com alguém ou, para sermos mais diretos, *transar* com um daqueles homens? Adverti meu informante de que não estava interessado em fazer sexo com ninguém e que se isso fosse uma condição intransponível para a realização do meu trabalho, então eu me absteria por completo de realizá-la. Foi quando ele me disse que um de seus amigos estava interessado em mim e que, se eu quisesse, poderia interagir com ele dentro dos limites que eu mesmo estipulasse. Ele se encarregaria de passar ao pretendente as minhas condições. Aceitei e ele fez conforme o combinado.

Retornamos para o quarto e a conversa continuava bastante animada. Molibdênio me levou até o basculante para me mostrar os preservativos presos na grade. Reclamou mais uma vez do fato. E como uma estratégia despistada de me inserir no grupo, pôs-se a conversar abertamente com os demais sobre suas experiências extraconjugais. Isso gerou certo sentimento de segurança neles, pois ao verem que eu não esboçava nenhuma expressão de surpresa ou repreensão, além de ser conhecido de Molibdênio, passaram a expor algumas de suas peripécias também. Procurei ouvir mais do que falar, mas volta e meia um dos homens me dirigia a palavra, o que muito contribuiu para um maior relaxamento de minha parte.

Sentado ao meu lado na cadeira junto à janela interna, meu “pretendente” puxou conversa comigo e ficamos a conversar sobre os mais diversos assuntos por algum tempo. A esta altura a luminosidade exterior tinha cedido às primeiras sombras da noite e quando dei por mim, Molibdênio já estava beijando e abraçando um de seus amigos no canto do quarto. O

sujeito ao meu lado deu seus primeiros sinais de excitação e eu senti que havia chegado o momento de minha “iniciação”, pois todos os demais presentes estavam envolvidos em alguma interação sexual.

Não será necessário aqui pormenorizar o que presenciei nos momentos subseqüentes porque isto é o que menos tem importância. Acrescento apenas a esta descrição que, assim como havia me informado Molibdênio, a partir de um dado momento houve uma verdadeira reorganização da cena. Começou-se por uma contínua troca de casais até se chegar a um quadro no qual já não era mais possível discriminar quem estava com quem, pois quase todos os indivíduos estavam envolvidos num só aglomerado sexual até que cada um ejaculasse. Conforme havia me confidenciado Molibdênio, à medida que a sensação de prazer aumentasse, os homens começavam a procurar uns aos outros de forma mais ou menos desordenada a fim de que, ao final, fosse obtido um gozo coletivo. A idéia é de que ele ultrapasse as sensações limitadas proporcionadas por uma satisfação a dois ou a três. E assim o foi.¹¹⁹ Quanto ao meu “parceiro”, afirmo apenas que ele cumpriu seu trato no acordo.

Uma vez finalizada a orgia, aqueles que realizaram coito anal se dirigiram ao basculante para jogar fora os preservativos usados, enquanto os demais se limpavam com suas respectivas toalhas. Ainda permanecemos um tempo no quarto, desta vez com a lâmpada acesa, para que alguns pudessem se recompor (aguardar a excitação dos órgãos sexuais se desfazer). Assim como na saída do Cine São Luiz, os partícipes não desceram todos juntos, mas aos poucos, em direção ao vestiário, com algumas duplas formadas enquanto seus componentes conversavam animadamente. Lá embaixo ninguém se mostrou surpreso com nossa presença repentina e pelo que pude notar, os sujeitos com os quais estive até então também não se mostraram nem um pouco acanhados em encarar os demais freqüentadores. Em seus

¹¹⁹ A sensação que tive ao vislumbrar tal cena foi a mesma experimentada quando entrei pela primeira vez no *dark room* da boate a que me propus visitar. O *dark room*, presente em algumas danceterias, consiste num pequeno cômodo, muitas vezes sem janela, mergulhado numa escuridão tamanha que só é possível pressentir a presença de outrem através dos sentidos que não a visão. Muito procurado para relações sexuais rápidas e anônimas, a tônica destes ambientes é proporcionar aos seus usuários uma sensação de liberdade sexual e social plena: faz-se de tudo e com todos. Ali, assim como no quarto de descanso da sauna etnografada, ninguém é de ninguém. São mãos, bocas, órgãos sexuais e outras partes do corpo vindas dos mais diferentes pontos que se procuram desordenadamente. Nada de palavras, apenas o percorrer dos corpos uns sobre os outros na ânsia de contatar tantos apêndices e orifícios quantos puderem ser encontrados. E se você entra sozinho, muito provavelmente, ao sair, será incapaz de identificar com quem interagiu ali dentro.

rostos não havia qualquer semblante que denunciasse preocupação ou mesmo expressasse o que tínhamos acabado de fazer.

Algumas considerações sobre a orgia na sauna

A sociabilidade descrita por Molibdênio e por mim observada na sauna do Salamandra Clube, como se pôde depreender ao longo de toda a sua descrição, apresenta um caráter distintivo das formas operadas nos demais espaços etnografados. Se nos demais ambientes o resguardo do anonimato era um fator importante para que a *pegação* ocorresse, aqui ela sequer aparece, ou aparece de forma muito pálida. Não se tratava daquela rede de “conhecidos desconhecidos” com os quais se cruzava nos banheiros e nos parques, por exemplo, mas de um grupo de indivíduos que se reconheciam alhures às fronteiras do espaço físico e social da sauna.

Não se tratava, por conseguinte, de uma *pegação* em moldes fugazes como nos outros pontos, porque aqui a sociabilidade não implicava somente em interações sexuais. Havia todo um conjunto de partilhamento de informações que ultrapassam o plano (homo) erótico: os homens conversavam entre si falando de suas vidas particulares nos mais diversos aspectos e chamavam-se pelos nomes uns dos outros. Poderíamos mesmo falar que no caso da sauna, o anonimato não era um fator inerente à *pegação*, pelo contrário, ele se mostrava como um dado desestabilizador ou, ao menos, retardatário para ela. Enquanto não se sabe a que veio, e quem é o novo freqüentador do quarto, “os trabalhos” não são iniciados. E isto ficou claro para mim tanto nas falas de Molibdênio como quando lá estive. Se meu informante não me apresentasse aos demais indivíduos, muito provavelmente as interações sexuais não fossem iniciadas.

Também na sauna não havia o emprego sistemático das técnicas de paquera e de despiste nos moldes observados nos outros *pontos de pegação*. Por se tratar de um encontro já previamente definido entre todos os que se conheciam, e como os parceiros procurados estavam no interior do círculo de amizade, não era imperativo sair à “caça” por “novidades” nas demais dependências do estabelecimento. Talvez a paquera pudesse ser levada a cabo no interior da sauna a vapor (e mesmo algumas modalidades de interação, como a mastur-

bação e a felação), mas como vimos, a implantação da janela de vidro entre esta e a sauna a seco mostrava-se como um item impeditivo para tal.¹²⁰

Outro dado relevante para a comparação entre o tipo de sociabilidade engendrada na sauna e aqueles característicos dos demais espaços de *pegação*, é que aqui, um único território servia de local para todas as modalidades sexuais. Com efeito, é possível imaginar que a natureza singular do espaço físico (apenas um cômodo usado para todo e qualquer tipo de relação sexual) guarda estreita ligação com tal disposição: não havia possibilidade de uma maior separação entre as modalidades com maior visibilidade (masturbação, felação) e as mais íntimas (coito anal). A partir do momento em que as atividades sexuais começavam cada casal se lançava à interação que mais lhe apetecia sem se importar com o fato de os demais estarem lhe observando, até chegar o momento em que todos se procuravam, de modo a chegar ao gozo coletivo.

O gozo coletivo é outro dado diferencial da *pegação* na sauna. Se nos demais espaços etnografados havia certa reserva para com o número de partícipes num jogo sexual (em geral, a não ser nos casos excepcionais de masturbação coletiva, o que se tinha eram duplas ou trios), aqui, quanto maior o número de envolvidos, melhor. Sobre este ponto, penso que o fato de todos aqueles homens se conhecerem de outras esferas sociais responde, em parte, por tal quadro. Eles não se encontravam na sauna por acaso, faziam-no a partir de agendamentos prévios, marcando o dia e o horário. E estes encontros semanais serviam para a satisfação de um desejo comum a todos eles: relacionar-se sexualmente com outros homens em grupo.

Em resumo, podemos identificar num plano mais geral, na sociabilidade erótica da sauna do Salamandra Clube, os seguintes aspectos: o coeficiente de anonimato era bastante baixo; as interações eram bastante demoradas (porque não envolviam apenas as relações sexuais, mas também a conversa antes e após a orgia); um menor uso de técnicas corporais; e uma maior ênfase na discursividade oral.

¹²⁰ Uma falha de minha investigação foi não ter perguntado a Molibdênio se os encontros semanais já eram anteriores à colocação da referida janela. No caso de uma resposta afirmativa, talvez fosse possível saber (ou inferir) que sua colocação fora uma medida de retaliação silenciosa contra uma possível *pegação* já na própria sauna a vapor. De todo modo, no capítulo seguinte, nós veremos como os encontros sexuais semanais não pareciam ser de todo desconhecidos dos funcionários da referida sauna, embora eles parecessem fazer vista grossa à sua existência.

CAPÍTULO 6

A ORGANIZAÇÃO DA TRANSGRESSÃO

O porquê da noção de transgressão

Nas descrições realizadas na primeira parte desta dissertação, foi enfatizada a constituição dos blocos espaços-temporais de *pegação* em seus aspectos mais objetivos. Procurei mostrar como a apropriação de espaços de uso coletivo com vistas à *pegação* em Juiz de Fora se fazia operar por meio tanto das intenções dos sujeitos quanto pelas estratégias que eles utilizavam para concretizá-las. Daí minha insistência em relatar as estratégias de paquera e de despiste, muitas vezes enfatizando as minúcias das técnicas corporais nos moldes propostos por Marcel Mauss (2003). É que, se num primeiro momento eu considerava possível dissociar as duas coisas, pretendendo elaborar capítulos distintos para a apropriação dos espaços e para as técnicas corporais, ao me lançar à redação etnográfica acabei por me convencer de que a existência da primeira se assentava justo nos usos das segundas. A constituição efetiva dos blocos de espaço-tempo só era possível porque aqueles que se lançavam a tal intento sabiam fazer um uso adequado das técnicas, de modo a obter parceiros sexuais. Em suma: uma coisa dependia da outra.

Só que este era o aspecto primeiro, ou mais exterior ainda, da sociabilidade dos pontos de *pegação*, quer dizer, como eles eram formados, construídos no espaço e no tempo a partir do uso sistemático de um conjunto de códigos e estratégias mais ou menos partilhados pelos interessados neste tipo de sociabilidade. Mas, uma vez constituídos os blocos espaços-temporais, em conjunção com os processos de desterritorialização (Deleuze & Guattari, 1996), como eles se sustentariam na sua duração? Eu já adiantei em alguns momentos que estas desterritorializações não eram movimentos puros de transformação de um espaço de uso coletivo com uma utilidade pré-determinada em ambientes mistos de atividades “prescritas” e “não prescritas”. Havia um algo a mais, e esse algo a mais estava relacionado ao ordenamento “moral” e funcional dos pontos de *pegação*, assunto deste capítulo. Com efeito, a apropriação dos espaços de uso coletivo para *pegação* não só era realizada de forma sistematizada como sua continuidade e seu funcionamento interno, também o eram.

Sei que para alguns, ao identificar tais processos de apropriação e as práticas neles efetuadas como transgressões nos moldes propostos por Bataille (1980), eu poderia incorrer no

risco de uma apropriação conceitual indevida. Sua noção de transgressão está relacionada (não somente) à idéia de erotismo cunhada por ele mesmo e que, por seu turno, apenas para ficarmos no seu aspecto mais evidente, diz respeito, praticamente, ao desejo “heterossexual”. Ora, o objeto de desejo enfatizado por este autor, e que por isso mesmo é responsável pelo erotismo e pela sua condição transgressora, é o sexo oposto.¹²¹ E sendo desta forma, alguém poderia perguntar se seria possível utilizar algumas de suas proposições dentro de um trabalho que investiga relações nas quais o que está em jogo é o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Braz (2006:20), por exemplo, afirma que “Bataille introduz o erotismo dentro da matriz heterossexual, impossibilitando que se pense o erótico fora da heteronormatividade”.¹²² Mas a despeito desta constatação, em parte pertinente, o que me levou a recorrer a tal autor para pensar a idéia de transgressão foram os aspectos mais gerais de sua proposição.

A transgressão em Bataille não está circunscrita apenas às relações eróticas entre pessoas de sexos distintos, mas antes, a uma plêiade de objetos — ela se estende do casamento ao assassinio, da orgia à religião, da vida à morte. Poder-se-ia mesmo dizer que a transgressão em Bataille é condição da própria existência, pois para ele, não há regra proibitiva que não possa ser transgredida (1980: 57). Desta forma, não são necessários maiores malabarismos intelectuais para constatar que a atração por pessoas do mesmo sexo ainda é vista por grande parte da sociedade inclusiva nacional como uma transgressão em vários domínios: natural (a natureza fez o homem e a mulher e eles se completam, união muitas vezes pautada na idéia de reprodução), moral (o indivíduo com inclinações homoeróticas pretende

¹²¹ Para Bataille, tanto a mulher pode ser objeto de desejo de um homem quanto um homem pode ser objeto de desejo de uma mulher. Não obstante a veracidade relativa deste raciocínio, segundo ele, o que mais ocorre é o homem procurar pela mulher. As mulheres despertam o desejo dos homens e o fazem de modo como se fossem elas mesmas o objeto deste desejo. Sendo assim, as mulheres, numa posição passiva, oferecem-se ao homem como objetos. A conjunção então é obtida pela oferta que a mulher faz de si mesma (atitude passiva) e pela violência desejante do homem (atitude ativa). Mesmo a mulher nua, próxima do estado de fusão, e, portanto, anunciadora da convulsão erótica que está por vir, ainda assim é um objeto, o que pode ser distinguido do erotismo em si mesmo, já que, enquanto fusão e supressão dos limites, este último pode ser entendido no significado que atribui a um objeto de desejo.

¹²² Bataille faz uma associação entre masculino/ativo/penetrador e entre feminino/passivo/penetrado, e toma estas associações como universais e naturalizadas, o que sabemos não ser verdade por intermédio de estudos antropológicos em diferentes sociedades e épocas. No caso apresentado por Braz, relações sadomasoquistas entre homens que se identificam como machos, estas associações não são suficientes para explicá-lo justo porque os indivíduos que se lançam a tais interações valorizam certa concepção de masculinidade. Este mesmo autor chega a falar de alguns espaços em São Paulo nos quais o acesso só é permitido a aqueles comprovadamente machos, ou seja, mesmo para ser penetrado nesses ambientes, um homem deve ter evidenciado em grau máximo suas características masculinas. Uma visão estereotipada desta perspectiva aparecia claramente num quadro de um programa humorístico televisivo da década passada, no qual um *gay* bastante masculinizado afirmava em voz alta: “macho que é macho é macho até debaixo de outro macho”.

ser uma coisa que não é; o homoerotismo é um problema de falta de caráter); religioso (envolver-se afetivo-sexualmente com pessoas do mesmo sexo é ir contra as leis de Deus) e outros mais. Partindo-se dos indivíduos com inclinações homoeróticas, não é bastante incomum também que muitos deles se sintam verdadeiros transgressores em função de seus desejos internos e dos modos pelos quais eles satisfazem esses desejos. E por se sentirem transgressores, eles sabem a que tipos de sanções podem estar sujeitos pelo simples fato de se sentirem atraídos por pessoas do mesmo sexo. Molibdênio, por exemplo, mostrou-se temerário pelo futuro do filho caso este venha a ser “homossexual” justo por saber, por experiência própria, a que juízos ele estaria sujeito:

“No caso cara, eu não teria preconceito com ele [o menino]. É igual eu falei com você uma vez, o meu preconceito é contra o preconceito. Então, é assim, não existe você falar assim ‘Ah! Eu sou homossexual, eu sou feliz, não tem sofrimento, não tem preconceito, que é tudo tranqüilo’. Mentira. Não é assim. Então, devido aos problemas, aos riscos, tudo o que pode acontecer, eu peço a Deus que não seja, que ele seja hetero. Porque é complicado tudo o que a gente passa hoje. Afora isso, se rolar eu vou amar o meu filho da mesma forma”.

A despeito da força explicativa da idéia de transgressão, é sempre possível relativizá-la assim como as próprias regras proibitivas, afinal, o que pode ser proibido num ponto do tempo e do espaço pode não sê-lo em outro. Se no Brasil é proibido praticar atos sexuais em locais públicos — o atentado ao pudor, (logo, cometê-los em tais ambientes seria uma transgressão da proibição), acaba de ser noticiado que na Holanda foi liberada a prática de sexo em seus parques públicos no período da noite. Sendo assim, naquele país só haverá transgressão se um casal fizer sexo na relva em plena luz do dia. Mas este é apenas o aspecto legal da coisa, pois ainda que permitida por lei, essa liberalização não significa, necessariamente, um consenso entre a população. Ainda que liberados legalmente, atos sexuais em espaços de uso coletivo e público podem continuar sendo vistos pelas pessoas como transgressões, já que a implementação de uma lei não corresponde diretamente a um consenso entre a população.¹²³

¹²³ Algo semelhante parece acontecer em Juiz de Fora, que possui uma lei que “Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual” (Lei municipal nº 9791 de 12 de maio de 2000, popularmente conhecida por Lei Rosa). Do ponto de vista legal, um homem andar de mãos dadas pelo calçadão com seu namorado não significa uma transgressão. Já do ponto de vista

Uma transgressão nunca é uma transgressão em si mesma, mas em relação a. Por isso percebo, muito particularmente, as interações homoeróticas como transgressões. Não no sentido pejorativo, mas no seu sentido desafiador. O homoerotismo (bem como todas as outras formas de sexualidade periféricas) desafia toda uma normatividade que, desde o século XIX, no Ocidente, vem tentando reduzi-lo a uma anormalidade, a uma imoralidade ou mesmo a uma patologia biopsicológica, ainda que levemos em conta algumas transformações positivas ocorridas ao longo do tempo a este respeito.¹²⁴ No caso da *pegação* em Juiz de Fora, o exercício desta forma de sexualidade periférica era uma transgressão em relação ao que postula grande parte da sociedade inclusiva (as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo ainda é condenável) e em relação ao próprio universo *gay*, onde muitos indivíduos vêm na promiscuidade um sinal de degradação moral e física, ou como uma contribuição eficaz para a posição marginal dos “homossexuais” perante a sociedade. Por fim, estas transgressões eram efetuadas por meio de outra transgressão: a utilização de determinados espaços de uso coletivo para finalidades não pré-determinadas.

Não é meu propósito aqui retomar este aspecto de forma pormenorizada, já discutido no capítulo 1. Teci esta pequena incursão reflexiva apenas para demonstrar os motivos teóricos que me levaram a trazer para dentro deste trabalho a noção de transgressão proposta por Bataille, para mim, bastante proveitosa.

Há ainda um último aspecto na noção de transgressão desenvolvida por este autor que se mostrou útil para a compreensão do funcionamento dos espaços de *pegação* que eu visitei: a idéia de que a maioria das transgressões é realizada sob determinadas regras. Para Bataille, a transgressão não é uma pura e simples negação da proibição (ou das limitações). O que ela faz é ultrapassá-la e completá-la.¹²⁵ E para tanto, faz uso de regras, de prescrições.¹²⁶

moral e religioso, para a bancada evangélica na câmara de vereadores, o homoerotismo é sim, uma transgressão, dos desígnios de Deus e uma afronta à família (“heterossexual” e monogâmica, naturalmente).

¹²⁴ Para Mott (2006), em se tratando do Brasil, a violência incidente sobre os indivíduos com inclinação homoerótica, em geral, tem sua razão de ser exatamente no puro e simples preconceito (aversão) a esta orientação sexual. Para ele, os crimes cometidos contra homossexuais são piores do que aqueles engendrados contra outras minorias sociais, reflexo de todo um contexto nacional que manifesta seus preconceitos das mais variadas formas.

¹²⁵ Para Bataille, o corolário “a proibição existe para ser violada”, por exemplo, torna inteligível o fato de a proibição do assassinio ser universal e, ao mesmo tempo, realizarmos guerras. A guerra não existiria sem a

Ignorando o fato de eu também conhecer o Cine São Luiz, um informante que eu obtivera no Parque do Museu Mariano Procópio quis me adiantar que por lá existiam algumas regras de etiqueta a serem observadas, ainda mais por causa das funcionárias que ficavam na entrada. Que eu não pensasse, por se tratar de um cinema pornô, que lá fosse uma “Sodomia e Gomorra”, “*com todo mundo trepando nas poltronas, no chão, nos corredores, em cima do palco...*” Nada disso. Assim como ali no Museu, no Cine São Luiz também havia alcances e limites de uso para cada área.

“Olha só, lá não é uma zona não cara. Apesar de ser um ponto de pegação, os caras têm respeito. Ninguém vai ficar gozando e metendo em tudo o que é lugar. Você tá me entendendo? É como aqui no museu. Você está sendo muito malvado comigo, porque é bonito pra caralho, tá vendo que eu tô excitado e tá dizendo que não vai fazer nada comigo. Mas se por um acaso você resolver mudar de idéia, a gente não vai poder fazer nada aqui não. A gente vai ter que ir ali pro cantinho do muro [que divide o parque do quartel] pra eu te mostrar o que é prazer. E você já deve saber disso porque você não tem cara de bobo. Lá no São Luiz é a mesma coisa. Se o cara quer dar ou comer, ele sabe que tem que ir pro banheiro, porque se ele se... Como eu posso te dizer? Se ele se exceder, vai pegar mal pra ele” (Ródio, 50 anos).

É este último aspecto que pretendo trabalhar neste capítulo. Por meio de curtos exemplos etnográficos, pretendo demonstrar que a *pegação* nas suas mais diversas manifestações, se encarada como uma transgressão nos moldes relacionais aqui propostos, ao menos nos locais onde visitei, era sempre realizada sob determinadas regras. Se para a constituição dos blocos espaços-temporais era necessário o uso de estratégias as mais variadas, a continuidade de sua existência estava subordinada, ainda que não de forma absoluta, a princípios de ordenação caros a cada um dos espaços. Princípios estes que operavam não apenas um recorte dos espaços em função das práticas, mas também, do que podia e não podia ser feito aqui ou ali, na trilha imediata do parque ou nas clareiras mais recônditas, no mictório ou na cabine sanitária, na sala de exibição ou no banheiro do cinema.

proibição. Ela é uma forma de violência organizada. Por isso, a transgressão da proibição é a própria força exercida de modo organizado, realizada por um ser suscetível de razão (p. 57).

¹²⁶ É importante lembrar novamente que Bataille não ignora a existência de transgressões indefinidas, mas, para ele, estas são excepcionais.

Escolhi como exemplos três locais: o Cine São Luiz, a sauna do Salamandra Clube e um banheiro procurado para *pegação* num bairro de subúrbio da cidade do Rio de Janeiro, por considerá-lo um caso extremo de apropriação de um espaço de uso coletivo para interações homoeróticas. Passo às descrições.

Um ânus é penetrado no cinema

No dia em que entrevistei o Senhor Xenônio, funcionário aposentado da empresa que administrava o Cine São Luiz, insinuei que ali talvez fosse um ponto estratégico para encontros eróticos, sexuais. Em sua resposta, o simpático senhor foi categórico ao me afirmar que não ocorriam relações sexuais nas dependências do cinema, e que se alguém fosse pego em tal situação seria convidado a se retirar:

“O pessoal que vem aqui não amola não. É muito tranqüilo. Nunca tivemos problemas com eles. Além do mais, tem gente que vem aqui todo dia, bate papo, faz amizade. Eles vêm assistir o filme deles e pronto. Agora, o que eles fazem lá dentro eu não sei, mas aqui não pode ter sexo. Sempre tem um funcionário indo lá, mas o pessoal não gosta, reclama. E eles não estão entrando aqui para ir num motel. Se tiver alguma coisa, o lanterninha vai lá, dá em cima, chama a atenção do sujeito e pede pra ele sair. Agora, a gente não pode ficar indo lá toda hora. É como eu te falei: o povo reclama”.

Mas as possibilidades da vida são sempre surpreendentes. Nesse mesmo dia, logo após a nossa conversa, eu presenciei uma cena que, até então, neste tempo todo em que vim freqüentando o estabelecimento, jamais houvera visto: coito anal na sala de exibição.

Esta modalidade sexual, que se caracteriza pela interação máxima em termos da explicitação dos corpos, sempre teve o seu local de ocorrência restrito às cabines do banheiro. Pelo que pude observar ao longo dos anos, regras implícitas (como uma espécie de gás que paira no ar), deixavam claros os limites e alcances de cada área do cinema. Não que a ocorrência de coito anal na sala de exibição padecesse de certa ameaça de retaliação explícita por parte dos demais freqüentadores.¹²⁷ Não se trata disso, e tanto não o é, que os homens que

¹²⁷ Por isso mesmo acredito que a idéia de transgressão em Bataille não anula a proposição foucaultiana de que na moderna sociedade Ocidental tenham sido criados dispositivos de sexualidade que, para além de uma repressão, prezariam por uma incitação a se falar de sexo publicamente ao mesmo tempo em que eram formulados princípios de normatização das práticas. A proibição não se restringe à uma repressão por si mesma,

protagonizaram a cena não foram alvo de represálias ou interferências abertas. Mas, e é este “mas” que nos clarifica as engrenagens do funcionamento daquele ambiente, pude observar naquela tarde muitos olhares espantados em direção ao casal, além de burburinhos e comentários por quase toda a sala. O referido casal tinha transgredido uma regra cara à própria transgressão: fazer sexo anal onde não devia, ou seja, na sala de exibição.

Não havia nenhum cartaz, documento, ou algo parecido, que explicitasse que a realização de coito anal era proibida no local onde eles o realizaram. Mas então, qual seria o porquê dos olhares e comentários acusatórios de que foram alvos? Poderíamos pensar no título de um texto de Marcel Mauss (1979), *A Expressão Obrigatória de Sentimentos*. Ou numa quebra de etiqueta, tal como se diz quando alguém pergunta se o uso de determinada roupa num dado ambiente ou numa dada situação é inconveniente: “Olha, poder pode, mas não pega bem”.

Depreende-se disto que mesmo em um lugar destinado à *pegação*, a encontros sexuais explícitos, e que num primeiro momento apareceria como desprovido de ordenação interna ao seu funcionamento, existiam algumas regras de etiqueta que deviam ser observadas. Eu mesmo me assustei, no sentido de estar diante de uma novidade, quando vi os dois homens se levantarem de seus respectivos lugares, dirigirem-se para o corredor lateral esquerdo, arriar suas calças e iniciarem o coito ali mesmo. Havia algo de “irregular” naquilo tudo, mas recordo mais uma vez que o que estava em jogo ali não era o ato sexual em si (coito anal), mas o local no qual ele estava ocorrendo. Ou melhor, dizendo, a “incompatibilidade” entre esta modalidade sexual e o ambiente “inadequado”.

Tudo bem que a cena de coito anal na sala de exibição fora um acontecimento extraordinário, mas os funcionários do estabelecimento não saberiam da existência de outras modalidades sexuais ali dentro, ou mesmo nas dependências do banheiro? Eles não suspeitariam da movimentação intensa de homens da sala de exibição para o banheiro e vice-versa? E de seu principal motivo? Acredito que sim, do mesmo modo que Molibdênio me afirmou que os funcionários da sauna sabiam, ou ao menos desconfiavam, do que eles e seus amigos faziam no quarto de descanso. É que a transgressão é sempre admitida sob a condição de

mas antes, acaba por fornecer ela mesma possibilidades para ser ultrapassada e complementada (transgressão), nem que seja por meio de princípios normativos, tal qual ocorria nos espaços por mim percorridos.

não ser conhecida (Bataille, 1980).¹²⁸ No Cine São Luiz, uma medida tomada pelos funcionários deu a entender que eles possuíam certo conhecimento da existência de *pegação* ali dentro, sobretudo, no banheiro.

No grande hall de entrada do estabelecimento, que era enorme, entre a sala da gerência e o banheiro, foi colocado um biombo. Em nossa conversa, pedi ao Senhor Xenônio que me falasse do assunto. Ao me responder, ele deixou escapar a real intenção daquela medida: *“O alambrado serve mais para proteger os olhos dos trabalhadores, para não ficar vendo o que acontece lá dentro”*. “E o que acontece lá dentro?”, perguntei. Ele apenas riu.

Quando comecei a freqüentar o Cine São Luiz, o biombo protegendo o banheiro inexistia e era nítido como isso inibia, de alguma forma, a movimentação ali dentro. O banheiro dispunha de duas cabines com aquelas portas antigas de madeira que têm uma janelinha na sua parte central superior. Ora, uma dessas cabines ficava na direção direta da porta da sala da gerência. E como o banheiro não possuísse porta de entrada, o seu uso era reduzido dada a visibilidade do local. A utilização das cabines para fins sexuais prescindia de uma estratégia que consistia na colocação da camisa de um dos parceiros nas portas. Ela ia ali pelos seguintes motivos: a) Conferia maior estabilidade no fechamento da porta; b) Servia para tapar o buraco da portinhola sem tampa e; c) Funcionava como um sinal de que dois homens (ou mais) estavam fazendo sexo ali dentro. Este não era um sinal reconhecido apenas pelos que praticavam a *pegação*, mas pelos funcionários do cinema, tanto que muitos homens evitavam utilizar a cabine direita, aquela de frente para a sala da direção, para não chamar a atenção.

Quando não havia o biombo, colocar uma camisa ali ficava muito descarado e, nessa época, a irmã do Seu Xenônio reclamava dos “abusos”.¹²⁹ Com a colocação da divisória, ambos os lados ganharam. Os funcionários não tinham mais que ver, mesmo quando não o

¹²⁸ Perguntei a um funcionário do Parque da Lajinha se a administração tinha conhecimento dos encontros sexuais em suas dependências. *“A administração tem conhecimento sim, mas não apresenta uma atuação adequada em função da educação das pessoas. As pessoas interpretam o local como fundo de quintal deles, como se aqui pudessem fazer o que fazem em suas casas. (...) Se ao menos eles recolhessem os preservativos usados e as embalagens... Mas não! Um grupo de estudantes do curso de Turismo esteve aqui para realizar uma pesquisa e ficou impressionado com a quantidade de camisinhas encontradas lá no fundo do parque. Chegaram mesmo a fazer uma brincadeira, dizendo que o Parque da Lajinha apresenta uma nova espécie de árvore frutífera: pé de camisinha”*.

¹²⁹ Ela não ia até lá ou enviava outro funcionário para fazer a reclamação. Sua atitude consistia em falar em voz alta e de modo indireto, quando ia atender ao telefone em sua sala, que era preciso mais comedimento, que as portas da cabine não podiam ter camisas penduradas.

queriam, as cabines ocupadas por dois homens ou mais, informação comumente obtida tanto pela presença de camisas nas portas como pelo número de pés observados por debaixo destas, voltados para a mesma direção. Com a colocação deste biombo, é como se o problema não existisse mais, assim como na sala de exibição. O que ocorria ali dentro não era da alçada deles. Por outro lado, os frequentadores ganharam maior privacidade. Não só para ocupar as duas cabines, mas também para circular com maior liberdade pelo banheiro, masturbando-se ou, simplesmente, observando os outros se masturbar. Penso mesmo que a implementação desta medida favoreceu ainda mais o aumento de homens circulando pelo banheiro, pois foi aberta também a possibilidade de se ficar parado ali na porta, observando tudo e todos. O pequeno espaço virou um ponto estratégico a partir do qual se poderia tanto observar o que ocorria no interior do banheiro quanto acompanhar a entrada de novos visitantes na sala de exibição. E isso tudo sem ser visto, principalmente, pelos transeuntes na rua e pelos recém ingressos no cinema.

“Acho que você está certo, quer dizer, não é por ser um lugar de pegação que as coisas precisam ser escrachadas. Ali no cinema todo mundo sabe mais ou menos até onde pode ir. Se se quer fazer alguma coisa mais profunda, então deve se dirigir para as cabines e ficar lá com as portas fechadas. Agora, uma vez lá dentro, não importa quantos sejam, tudo é permitido. Com a colocação da madeira as coisas ficaram mais facilitadas, porque a preocupação com os funcionários ali em frente diminuiu. Não que alguma vez eles tenham chamado a atenção de alguém. Nunca vi eles fazerem isso e, pra te ser sincero, eles fazem é vista grossa mesmo. Vai me dizer que eles não sabem o que acontece ali dentro, quando eles vão limpar o banheiro? Agora, para poder continuar usufruindo o ambiente os homens se comportam, fazem as coisas com discrição. Por isso que você não vê os homens montando uns nos outros lá na sala” (Telúrio, 23 anos).

Uma cortina de camisinhas no quarto de descanso

A sauna do Clube Salamandra também pode ser tomada como um exemplo claro de que a transgressão era realizada de forma organizada e de que a sua admissão era dada sob a condição de não ser “conhecida”. Ao perguntar a Molibdênio sobre o relacionamento do grupo que ali fazia *pegação* semanalmente com os demais frequentadores e com os funcionários, ele me forneceu a seguinte resposta, contando o caso de um homem que fora convidado a se retirar da sauna por ficar excitado:

“A relação é excelente. Ninguém malha, ninguém pega no pé, você tá entendendo? O pessoal finge aquela coisa assim sabe... Ah! Tão lá em cima. Ninguém comenta o que está acontecendo lá em cima. É aquela coisa assim ‘light’, tranqüilo. Mas tem lá as suas exceções. O que aconteceu ali, o cara ficou de pau duro na sauna e foi convidado a se retirar. Mandaram o cara embora”.

Sobre este ocorrido, Molibdênio deu sua opinião:

“Tem uma onda lá agora de freqüentar policial civil e delegado. Olha só que responsabilidade que tem ali dentro. Então assim, a sauna tem que ter uma regra né. Não é pra acontecer isso aqui ué. Aqui não é ambiente pra isso, não é uma sauna gay! Então, nesse ponto eles são enérgicos. Se pegar eles põe pra fora”.

Mas se a sauna deveria possuir uma regra capaz de coibir os excessos da transgressão, ela mesma também não poderia abrir mão da inconveniência da presença dos indivíduos que faziam *pegação*, uma vez que era a presença deles que garantia o retorno financeiro para que a estrutura permanecesse funcionando. Isto porque, segundo Molibdênio, não eram os sócios que freqüentavam a sauna fora dos finais de semana os principais responsáveis pelos seus lucros, mas sim os não-sócios, que pagavam no preço do ingresso (R\$10,00) o dobro do valor cobrado daqueles que possuem carteirinha (R\$5,00). Deste modo, os funcionários da sauna fariam vista grossa ao que ocorria no quarto de descanso justo por sabermos que, uma vez proibida a utilização velada do espaço para os encontros homoeróticos, até mesmo seus empregos estariam sob ameaça. Trata-se de uma troca, em certa medida, pois de um lado os próprios participantes das orgias se encarregariam de criar as regras de funcionamento dos encontros de modo a não forçar os funcionários a terem que tomar uma atitude drástica (a sua expulsão), enquanto, por outro, os funcionários fingiriam não saber do que acontecia para ter a clientela mantida e, por extensão, o retorno financeiro.¹³⁰

¹³⁰ Eu perguntei a Molibdênio sobre os “vestígios materiais” (esperma no chão, camisinhas no basculante) no quarto de descanso, pois eles denunciariam o que ocorria ali dentro. Ele foi categórico ao afirmar que justo por isso acreditava que os funcionários tinham conhecimento dos encontros semanais, já que até mesmo os preservativos usados deixados no basculante eram retirados.

Molibdênio e alguns dos demais freqüentadores dos encontros faziam questão de “fazer as coisas no sapatinho”, de modo a não despertar a desconfiança dos outros freqüentadores e, com isso, os funcionários se verem obrigados a finalmente “ver o que eles não queriam, ou não podiam ver”. Era preciso que as coisas fossem feitas da maneira mais organizada possível, pois o menor deslize poderia pôr tudo a perder. Por isso a tentativa de fazer com que todos os partícipes tomassem parte na organização destas medidas, como no caso do descarte de preservativos usados na única janela do quarto.

“Inclusive, deu uma brigaiada danada, porque tem uma janela que dá pro lado do Terreirão, entendeu? E o pessoal que usa camisinha lá em cima... A janela é assim muito assim coladinha, não passa camisinha ali. Então se você forçar a grade, ela passa, e o pessoal deixa as camisinhas acumular tudo ali. Entendeu? Aí cara, é complicado. Porque os caras vão ver e vai acabar dando problema. Mas você acredita que a vista grossa é tão grande que eles vão lá e limpam as camisinhas? E não falam nada, você tá entendendo”?

Além da questão das camisinhas, outros pontos importantes eram seguidos por eles para que, a partir de um mínimo de senso e responsabilidade, os encontros fossem mais bem organizados. Não ejacular sobre as cadeiras de descanso e nas paredes eram alguns deles, pois isso evitaria que estas ficassem manchadas. Durante as relações sexuais, nada de ficar acendendo a lâmpada. Isso não só poderia chamar a atenção de quem estivesse do lado de fora como geraria desconforto para outros participantes. Também havia a orientação de que os homens direcionassem seus jatos ejaculatórios, dentro do possível, para os cantos, no chão. Com isso, o piso do quarto não só ficaria livre de poças de esperma mais evidentes como, por estarem mais escondidas, elas talvez nem fossem descobertas. É que com o passar do tempo o sêmem tende a se liquefazer.

A *pegação* que desafia

Optei por inserir um espaço não localizado em Juiz de Fora neste trabalho por considerá-lo um exemplo nítido de um ponto de *pegação* extremamente organizado. No banheiro do terminal rodoviário de Campo Grande, bairro do Rio de Janeiro, e que hoje se encontra fechado por motivos que não tive a oportunidade de averiguar, a *pegação* parecia literalmente institucionalizada, e seus próprios freqüentadores lançavam mão de mecanismos que

permitiam um funcionamento mais ou menos harmônico do espaço. Quando eu digo que lá a *pegação* parecia estar institucionalizada, é porque muitos dos que dela participavam não se sentiam constrangidos com a presença de homens que entrassem no banheiro única e exclusivamente para realizar suas necessidades fisiológicas.¹³¹

O banheiro possuía um mictório único e inteiriço com cerca de 2 metros de comprimento protegido por uma parede que o separava das pias e da área de entrada. Em frente a ele ficavam quatro cabines particulares com assentos sanitários (Ver figura 5, p. 70). O movimento ali era bastante intenso o dia todo¹³² e era extremamente comum se deparar com dois, três, ou até mais homens se masturbando no mictório. Sem contar aqueles que ficavam nas cabines e os que permaneciam sentados na bancada na área das pias, observando toda a movimentação pelos espelhos. Em horários de pico (manhã cedo e final da tarde), era possível que estivessem se masturbando uns ao lado dos outros, no mictório, oito homens ou mais. E mesmo quando o espaço era escasso, era possível que os sujeitos se apertassem mais ainda de modo a caber algum outro participante.

O que quero enfatizar aqui é que a roleta, que deveria funcionar como agente inibidor, tal qual ocorrera em Juiz de Fora, de fato não o era. Do mesmo modo, a entrada de alguém que não estivesse interessado em *pegação* em quase nada influenciaria sobre o que ocorria. Se alguém entrasse no banheiro e encontrasse todas as cabines ocupadas e o mictório tomado de homens se masturbando, só lhe restariam três alternativas: 1) urinar nas calças; 2) aguardar vagar uma cabine ou alguém gozar e/ou sair do mictório; 3) desistir e procurar outro lugar. Se a opção número dois ocorresse, a presença deste alguém no mictório, com quatro homens em cada lado seu se masturbando, digamos, não faria com que os demais interrompessem as masturbações, inclusive as recíprocas. E reclamar, xingar, ameaçar os masturbadores de nada adiantaria. O sujeito poderia, no máximo, resmungar sozinho.

¹³¹ Para acessar o banheiro era necessário pagar uma determinada taxa, mas mesmo a presença de um cobrador em sua entrada não inibia a *pegação* em seu interior, o que o diferenciava substancialmente dos banheiros de Juiz de Fora. Apenas a presença de menores de idade ou do zelador era capaz de fazer com que ao menos as interações no mictório fossem momentaneamente suspensas. Encontrei características semelhantes nos banheiros do terminal rodoviário Menezes Cortes (Castelo) e da Central do Brasil, também na capital fluminense.

¹³² O trocador me informou que passavam cerca de 400 pessoas por dia ali. Se tomarmos esse número e o dividirmos por dois, em se tratando dos dois sexos, teremos uma média de duzentos homens freqüentando aquele espaço diariamente.

Certa vez, numa manhã, um homem entrou no banheiro e se indignou com outros cinco que estavam se masturbando no mictório. Ele começou a xingá-los e ameaçou chamar a polícia, cujo posto fica na própria rodoviária. Do meio dos masturbadores saiu um rapaz extremamente belo, sem camisa, com a bermuda arriada e segurando o pênis rijo, em direção ao reclamante. Apontou-lhe o dedo no rosto e exclamou:

“Meu amigo, se não tá satisfeito com o que vê, pode dar o fora. Esse banheiro aqui é pra quem quer gozar. Isso aqui é lugá de gozá, de pegação. Se reclamar mais a gente te enfia a porrada. Já viu o tamanho da minha vara? Ninguém aqui vai impedir a gente de tocar uma. Tamo conversando?”.¹³³

Toda essa narrativa a qual me reportei, usando um caso extremo, é para exemplificar mais uma vez como os locais de *pegação* possuem mecanismos próprios, partilhados por seus freqüentadores, que dizem o que é e o que não é permitido fazer ali, e se são, em que situações. No caso específico do banheiro de Campo Grande, as atividades eram sempre suspensas quando entrava uma criança no recinto, como eu já o disse, ou quando o zelador tinha que limpar o local. Mesmo neste último ponto, era provável que alguns homens que estivessem se masturbando no momento em que a limpeza era iniciada ficassem sentados na bancada até que ela terminasse. Alguns fumavam, enquanto outros lavavam inúmeras vezes suas mãos até poderem retornar ao mictório. Também observei os próprios masturbadores lançarem mão das garrafas de água sanitária para lavar o mictório quando este apresentava uma quantidade grande de esperma no seu interior. Deste modo, explicou-me o sujeito que me acompanhara até a linha férrea, não deixavam para o zelador *“uma sujeira que ele não tinha que limpar”*.

¹³³ De todas as minhas tentativas de obter alguém que conversasse comigo neste banheiro, apenas uma se concretizou, mas, mesmo assim, parcialmente. Um homem havia se proposto a falar e marcamos um encontro. No dia e horário marcado, nossa entrevista teve de ser suspensa, pois ele me convidou para ir até a linha férrea para ver o corpo de um jovem assassinado na noite anterior. Pelo estado do cadáver e pela conversa alheia, tudo dava a entender que o motivo do assassinato era a orientação sexual do rapaz. Muito provavelmente ele fora seduzido no banheiro da rodoviária e, ao se encaminhar com seu “parceiro” para a linha férrea, fora morto. Segundo o homem que me acompanhou até o local, o rapaz morto era bem “rodado” no banheiro. O medo de ser vítima de alguém que se fizesse passar por interessado em fazer *pegação* que não os “conhecidos” sempre gerou medo nos freqüentadores dos espaços de Juiz de Fora. Sobre este assunto, Perlongher (1987) mostrou como as relações envolvendo clientes e michês em São Paulo possuíam uma dimensão perigosa: perigo de assalto, violência física, etc.

Mas e quais seriam as regras de funcionamento do banheiro de Campo Grande? Ora, esfregações, coito anal e exhibições mais ousadas deveriam ser realizadas nas cabines, e não na área onde se encontrava o mictório. Por diversas vezes presenciei os mais afoitos terem chamadas suas atenções porque passaram do ponto. Nunca com palavras ríspidas ou retaliações, é verdade, mas convidados a conter seus impulsos libidinosos. Se, por exemplo, dois homens comesçassem a se sarrar ali mesmo, no mictório, com um esfregando seu pênis (mesmo guardado sob a calça) nas nádegas do outro (também vestido), ser-lhes-ia pedido calma, paciência, para que fossem para uma das cabines. Tudo de forma pacífica e tranqüila. Mesmo os beijos na boca e as fungadas no pescoço pediam um local mais reservado: a cabine ou outro qualquer (muitas vezes a linha férrea próxima).

Isto poderia nos levar a crer que os constrangimentos do alhures (o risco de alguém chegar e flagrar a cena) seriam os reais responsáveis por essas tomadas de decisão, por essas medidas preventivas. Talvez até fossem, mas em parte. Como vimos, os freqüentadores que não iam a este banheiro com o intuito de interações sexuais não desempenhavam o papel inibidor que poderiam, mesmo que indiretamente. A presença de crianças sim funcionava nesse sentido. Sendo deste modo, o que poderia e o que não poderia ser feito na área do mictório dizia respeito menos à presença de “estranhos” à *pegação* e possíveis retaliações do que a um sentimento comum compartilhado pelos participantes. Se o banheiro em geral, e a área do mictório em particular, eram locais para determinadas manifestações de erotismo e, porque não, de sexo explícito, nem tudo podia ser explicitado. Havia todo um senso que alocava as modalidades de interação sexual em lugares específicos e adequados. Mesmo porque poderíamos nos perguntar sobre o que era e o que não era sexo nesses ambientes.

A masturbação, recíproca ou não, bem como a felação, podiam ser considerados atos sexuais? Se sim, a partir do ponto de vista de quem? Será que estes tipos de interações eróticas para aqueles que freqüentavam o banheiro eram, de fato, atos sexuais? O ato sexual corresponderia à penetração anal ela mesma? Voltamos aqui a um ponto desenvolvido anteriormente nesta dissertação, tendo em vista o uso constante dos termos *pegação* e *brincadeira* por parte dos freqüentadores. Grosso modo, transar, trepar e fazer sexo são termos associados à penetração. Mesmo o sexo oral, cujo nome denota um tipo de ato sexual penetrativo, encaixava-se, nesse universo da *pegação*, mais no rol das *brincadeiras*, das *brincadeiras* levadas a cabo em áreas com menor visibilidade.

Ora, o ato sexual, ou ato sexual completo, no qual um homem chega a penetrar o outro, pertenceria a um universo mais íntimo e, como tal, exigiria locais mais reservados para a sua execução: no banheiro de campo Grande, as cabines, no Cine São Luiz, em Juiz de Fora, as cabines do banheiro. E mesmo no Parque da Lajinha, no qual o ambiente era mais aberto, eram escolhidas as trilhas mais afastadas e com vegetação mais densa, como já vimos.¹³⁴ Já as *brincadeiras* ocorreriam com maior facilidade nos ambientes intermediários, menos escondidos. Talvez pelo fato mesmo de elas serem *brincadeiras*, e não oferecerem um “atentado” maior ao pudor.

¹³⁴ Observei esse mesmo tipo de configuração nos cinemas pornôns que visitei no Rio de Janeiro, com exceção de um situado na Cinelândia. De todo modo, citar espaços estrangeiros a Juiz de Fora serve de constatação de que os modos pelos quais a sexualidade é experimentada apresentam variações geográficas, históricas e culturais que escapam a qualquer tentativa de reducionismos caricaturais, ou modelos explicativos universais.

CAPÍTULO 7

DE MOTIVAÇÕES E ESSÊNCIAS

Introdução

Antes de qualquer coisa, devo rememorar aqui um aspecto importante já tratado na introdução desta dissertação. Quando me decidi por estudar os espaços de homossociabilidade em Juiz de Fora, meu intuito era traçar uma análise comparativa na qual eu pudesse assinalar as diferenças entre aqueles reconhecidamente GLS e aqueles procurados para *pegação*, mas que não eram necessariamente reconhecidos como voltados para um “público” homoerótico. Por esta época, e até a defesa do meu projeto de qualificação no mestrado, um dos meus propósitos principais era, por meio deste estudo comparativo, corroborar os postulados teóricos das Ciências Humanas em geral, e da Antropologia em particular, de que, contrariamente ao que pressupunham as ciências ditas naturais, como a Biologia, a Medicina e até mesmo a Psicanálise, não existiria uma essência “homossexual”. Em sentido último, o trabalho etnográfico adquiria para mim um caráter meramente instrumental. Ele seria executado de modo a confirmar uma hipótese levantada com base em tudo o que eu houvera lido até então: a de que a idéia de um universo “homossexual” homogêneo baseado em comportamentos natos não se verificaria na prática, conforme previam não apenas algumas teorias biológicas e psicológicas, mas também, o senso comum de um modo geral. O que estava em jogo para mim era confirmar que, no campo da sexualidade, os pressupostos construtivistas tinham maior poder explicativo do que aqueles preconizados pelos essencialistas.

Ora, um dos problemas centrais que apareceram em meu projeto de dissertação, e que fora muito bem identificado pela banca examinadora por ocasião de minha qualificação, é que eu havia cristalizado meu objeto de estudo para justamente proceder a um embate teórico que, não necessariamente contribuiria para a execução de minha pesquisa. Não faria sentido corroborar por meio de uma descrição etnográfica o que, evidentemente, já era dado, inclusive pela farta literatura que eu lera a respeito: o universo “homossexual” não era homogêneo. Talvez me fosse mais interessante explorar tal constatação de modo a evidenciar de que forma os sujeitos que freqüentavam os pontos de *pegação* em Juiz de Fora se apropriavam de determinados espaços para dar materialidade aos seus desejos por interações

homoeróticas. Com isso, a inventividade da vida se mostraria muito mais interessante do que qualquer tentativa de reduzir aqueles homens a sujeitos genética ou culturalmente determinados em função de sua sexualidade. Para chegar até eles, era preciso que eu mesmo alargasse meus horizontes e me desprendesse de determinadas amarras. E foi o que intentei fazer neste trabalho.

Não obstante tal reorientação de postura, ao longo do percurso eu acabei sendo assaltado por um dado empírico que, só recentemente, acabou por chamar minha atenção. Alhures aos muros da academia, muitos de meus informantes problematizavam seus desejos sexuais de modo a encontrar respostas definitivas para a sua ocorrência. O que, de fato, estaria por detrás de suas escolhas sexuais? Aliás, haveria escolha? Ou seriam eles dotados de uma natureza particular que os impeliria a buscar satisfação afetivo-sexual junto a pessoas do mesmo sexo? Se para alguns não havia qualquer necessidade de uma reflexão mais aprofundada sobre tais questões, para outros era justo o contrário. Encontrar uma solução para tais impasses poderia significar até mesmo o fim de muitas de suas inquietações e angústias.

Como num movimento de rotação, acabei retornando às “velhas” discussões entre essencialistas e construtivistas, só que, dessa vez, por intermédio de meus informantes. Se o meu tema de estudo não era mais a “homo (sexualidade)” em si (e acredito que nunca o tenha sido), e sim a constituição de blocos espaços-temporais de interações homoeróticas em locais não destinados para tal — a *pegação* —, o primeiro tema aparecia insistentemente nas falas dos indivíduos quando eu os indagava a respeito das motivações que os levavam a frequentar tais ambientes. Quando eu lhes perguntava sobre o porquê de estarem ali, ou se sabiam explicar os motivos que impeliam outros homens a circular pelos pontos de *pegação*, esperava receber respostas sociológicas, quer dizer, explicações que me remetessem a fatores de ordem social: preconceito sexual, relacionamento com a sociedade inclusiva, estado civil (o fato de alguns serem casados), fuga do controle da família, aspectos estéticos e geracionais, etc. Apesar disto, e para minha surpresa, eles me forneciam respostas “essencializadas”: havia neles uma “coisa”, uma força, uma essência que os regia e direcionava.¹³⁵ Várias vezes eu refiz as perguntas de modo a obter o que queria ouvir, mas em

¹³⁵ Como se depreenderá em algumas transcrições de falas, essa suposta essência tanto poderia ser a própria biologia quanto outras coisas mais, como os signos do Zodíaco.

muitas delas meu esforço fora inútil (felizmente). Não se tratava mais de eu fazer valer em campo minhas vontades, mas de me curvar aos problemas que ele me colocava.¹³⁶

Reconhecer a importância desta questão para os sujeitos me fez perceber também que ela se aliava, em alguns casos, a um forte componente emocional valorativo de si mesmos. Se para alguns, envolver-se com homens estava longe de se constituir num problema, para outros, isto era um verdadeiro motivo de angústia e tristeza. Em ambos os casos, a idéia de uma essência qualquer por detrás dos desejos homoeróticos era permeada por um sistema valorativo que conferia um caráter positivo, “neutro”, ou negativo ao seu exercício. Gostar de homens poderia tanto ser um problema ou uma maldição para alguns, como um dom para outros. Ou simplesmente não ser imediatamente problematizado.

São estes, portanto, os aspectos que pretendi retratar neste capítulo, com base nas falas dos homens que entrevistei ao longo da pesquisa. Mas antes de dar prosseguimento a esta tarefa, considero de suma importância realizar uma breve apresentação do que se tem convenido identificar como essencialismo e construtivismo nos estudos sobre sexualidade. Espero, com isso, situar as falas que ouvi em campo dentro de um quadro mais amplo de discussões teóricas, de modo a torná-las inteligíveis não só em seus aspectos idiossincráticos (discursos proferidos em uma determinada época e num determinado lugar), mas naquilo que elas possuem de próximo (ou não) ao que determinados campos da ciência defendem.

Essencialismo *versus* Construtivismo

Hoje são inúmeras as investigações que têm como objeto a sexualidade humana. Elas não têm parado de proliferar desde pelos menos o século XIX, marca registrada de um conjunto de sociedades que viu na *scientia sexualis* (Foucault, 1988) o modo por excelência para a extração de uma verdade do sexo, ou de uma verdade a partir dele. Grande parte destas investigações foi desenvolvida por disciplinas como a Biologia, a Medicina e a Psicanálise,

¹³⁶ Wolf (2003) afirmou que, com sorte, o antropólogo se deparará com acontecimentos que se caracterizam por alguma forte discrepância em relação ao delineamento inicial de sua pesquisa. Por isso, o antropólogo deve sempre se lembrar que as categorias que ele emprega são apenas ferramentas analíticas, e que os veredictos aos quais ele chega não são verdades eternas. Para este autor, não há qualquer demérito no fato de os antropólogos obterem apenas aproximações, e não verdades definitivas, o que só faz reforçar a idéia de que não há trabalho de campo sem teoria e vice-versa.

sob um viés essencialista, e ao longo das últimas décadas, vêm recebendo duras críticas dos cientistas sociais. De modo bastante pontual, é possível identificar o essencialismo tomando de empréstimo o que afirmam Heilborn e Brandão (1999: 9) a seu respeito:

Nas trincheiras do essencialismo, viceja a comunicação de que há algo inerente à natureza humana, inscrito nos corpos na forma de um instinto ou energia sexual que conduz as ações. A sexualidade ora restringe-se a um mecanismo fisiológico, a serviço da reprodução da espécie, ora a manifestação de uma pulsão de ordem psíquica que busca se extravasar¹³⁷.

Já o construtivismo questiona a universalidade desse instinto, afirmando que contextos culturais diferentes incidem sobre o comportamento das pessoas, proporcionando concepções diferenciadas acerca de sua identidade sexual. Sendo assim, mesmo no seio de uma mesma cultura ou sociedade, comportamentos e construções de identidade voltadas para o campo da sexualidade podem variar quando entrecruzados com outras dimensões da vida social: parentesco, gênero, classe, faixa etária, escolaridade, etnia, entre outras. Segundo Carole Vance (1995), as perspectivas construtivistas sobre a sexualidade ainda poderiam ser divididas em duas orientações. A primeira delas seria o modelo da influência cultural, no qual a sexualidade é compreendida como universal e biologicamente determinada, um substrato sobre o qual a cultura age conformando o impulso sexual. Já a segunda perspectiva, que poderia ser chamada propriamente de construtivista, advoga que a cultura é a modeladora por excelência das práticas e identidades sexuais. Logo, não existiria uma universalidade da sexualidade.

Loyola (1999) também identifica duas tendências no construtivismo. Uma tendência construtivista autonomista, que desfaz a relação sexo/ reprodução e elege todas as formas de vivência sexual a um lugar de destaque; e a construtivista relacional, que confere uma autonomia relativa à sexualidade em função dos domínios aos quais está historicamente ligada. Nesse caso, procura separar sexualidade e gênero em sistemas autônomos, repensando

¹³⁷ Talvez seja ilustrativo lembrar o romance naturalista *O Bom Crioulo*, de autoria de Adolfo Caminha e publicado em fins do século XIX, no qual o homoerotismo é tematizado pela primeira vez na Literatura brasileira. Neste livro, o fenômeno é encarado como uma pulsão psíquica e as personagens são descritas enquanto tipos psicológicos. A despeito da força literária da obra, percebe-se o caráter essencialista no modo pelo qual o tema é tratado e como o discurso ali proferido se coaduna com o que Foucault (1988) chamou de *scientia sexualis*, característico de um momento histórico de nossa sociedade ocidental.

a relação entre eles. É importante ressaltar que, a despeito das diferenças internas ao próprio construtivismo, seus representantes conferem à obra de Michel Foucault um papel fundamental na desmistificação de um suposto caráter universal da sexualidade. Com efeito, em *História da Sexualidade Vol. I* (1988) o filósofo francês mostra como se constituíram dispositivos de sexualidade nas sociedades ocidentais nos últimos três séculos. Tais dispositivos, para além de uma repressão, prezariam por uma incitação a se falar de sexo publicamente ao mesmo tempo em que eram formulados princípios de normatização das práticas.¹³⁸

A despeito da pertinência dos estudos construtivistas, que puseram em xeque toda uma tradição de estudos médicos, biológicos e psiquiátricos que advogavam a favor de uma visão patológica dos desejos não-heterossexuais e não-reprodutivos, sobretudo ao longo de quase todo o século passado, alguns trabalhos nas referidas áreas essencialistas vêm demonstrando um interesse cada vez maior em se aproximar das Ciências Sociais como forma de complementar aquilo que vêm “descobrir” em suas investigações de laboratório. Há hoje certa proliferação de estudos genéticos, neurológicos e psicológicos que, apesar de postularem um substrato orgânico para a existência dos desejos sexuais, quaisquer que sejam suas orientações, ainda assim não lhe conferem um papel determinante sobre a sexualidade. Para muitos cientistas, a sexualidade (ou sexualidades), humana só poderá ser desvendada caso sejam levadas em conta as intrincadas ligações entre fatores psíquicos, biológicos e ambientais (culturais). Sendo assim, segundo tal tendência, se não faz mais qualquer sentido falar numa suposta natureza sexual determinante, baseada seja no que for (genes, feromônios, estruturas psíquicas), também não há qualquer mérito explicativo em se defender um construtivismo exacerbado, como pretendem muitos cientistas sociais. Entre uma ponta e outra, o que importa é o que está no meio, em constante interação. Além de quê, os estudos mais recentes nas áreas de Genética e Neurobiologia, por exemplo, têm procurado identificar matrizes orgânicas para as diversas orientações sexuais, justo porque seus propositores acreditam que, deste modo, acabarão por contribuir para a *construção* de

¹³⁸ Nos dois volumes subsequentes deste mesmo empreendimento, Foucault (1985; 1994) nos remete à Antiguidade Clássica Grega e aos dois primeiros séculos da Era Cristã, realizando um excelente apanhado histórico das transformações ocorridas no pensamento de então a respeito do sexo. No que se refere especificamente ao amor entre homens, Foucault (1985; 1994) chama a atenção para o fato de que entre os gregos não havia uma “homossexualidade” no sentido atribuído hoje, ou seja, tanto o amor pelas mulheres quanto o amor pelos rapazes provinham de um mesmo ponto: o amor por tudo o que é belo. Sobre o homoerotismo na Roma Antiga, ver Veyne (1985).

um olhar menos preconceituoso sobre as formas de sexualidade que não a “heterossexual” reprodutiva, como é o caso do homoerotismo¹³⁹.

A Natureza não reina sozinha. De fato, é possível optar pelo comportamento heterossexual, contra a preferência biológica ou a favor dela. Nesse caso a família e a sociedade exercem um papel importante. Mas o cérebro é capaz de fazer melhor; pode até mudar crenças, teorias e preconceitos, felizmente. Se 100% da população têm preferência sexual inata e biologicamente determinada, somos todos iguais nesse quesito — mesmo que o cérebro da maioria responda a feromônios do sexo oposto. Tentar mudá-la é como insistir que uma pessoa troque a cor da pele, torne-se menos alta ou mude a cor dos olhos. É inútil, inviável e injusto (Herculano-Houtzel, 2006: 51 – grifo meu)

Neurocientista, Herculano-Houzel defende a idéia de que há uma origem biológica para a inclinação homoerótica. Suas pressuposições se baseiam em estudos publicados pela Academia Norte Americana de Ciências que investigaram a conformação cerebral de homens e mulheres de diferentes orientações sexuais mediante o estímulo de determinados feromônios (Savic *et al*, em 2005; e Berglund *et al*, em 2006). Segundo tais estudos, cérebros de homens “heterossexuais” e mulheres “homossexuais” responderiam de forma similar tanto à exposição ao feromônio feminino EST, derivado do hormônio estrogênio (ativação de determinadas regiões do hipotálamo) quanto ao feromônio masculino AND, derivado do hormônio testosterona (não-ativação das mesmas áreas ativadas pelo feromônio feminino). Algo similar ocorreria nos cérebros de homens “homossexuais” e mulheres “heterossexuais”. A detecção destes feromônios se daria, num primeiro momento, através de um pequeno órgão situado nas vias respiratórias superiores, o órgão vomeronasal, que se distingue do epitélio olfativo justo por sua capacidade de captar os feromônios, que são inodoros. Este órgão vomeronasal seria formado ainda no útero, por meio de ações conjuntas de fatores genéticos e hormonais.

¹³⁹ É importante notar que a idéia de uma natureza homoerótica comprovada cientificamente também vem recebendo o apoio de associações e ativistas gays. No ano passado, na Itália, uma campanha institucional contra a discriminação sexual que mostrava a imagem de um recém-nascido portando uma pulseira de identificação onde se lia “homossexual” recebeu o apoio de associações de homossexuais. Isto porque, em sua faceta mais política, alguns pesquisadores orientados pelo essencialismo têm procurado aventar que nenhuma orientação sexual pode ser compreendida como uma patologia, pois em se tratando de evolução biológica, o que teríamos são variações.

Este me parece ser um exemplo claro de uma proposta essencialista para o fenômeno da sexualidade. Em todo caso, alguns trabalhos nesta área têm procurado salientar que acreditar na existência de pólos excludentes como “heterossexualidade” e “homossexualidade” não faz o menor sentido, mesmo se, de fato, uma matriz natural qualquer venha a ser encontrada para a sexualidade. O que teríamos seriam tendências dentro de um *continuum* que vai de um pólo ao outro, conforme asseverara Alfred Kinsey nos anos 1940 (Epstein, 2006). A natureza estaria por trás de nossas tendências, mas não de nossas escolhas efetivas.

Não é meu intento aqui retomar de forma extensiva tal discussão, no sentido de conferir um maior ou menor poder explicativo a cada uma das partes. Se por um lado as leituras antropológicas e de áreas próximas me revelaram o caráter sociologicamente construído da sexualidade e de seus atributos afins tanto no tempo (diacrônica e sincronicamente) quanto no espaço (diversas culturas e sociedades) ¹⁴⁰, procurar algumas fontes das ditas áreas essencialistas me fez perceber que ao conceder todo o poder explicativo à cultura, eu havia me fechado completamente para diálogos interessantes sobre o tema da sexualidade entre as duas vertentes. Os limites entre natureza e cultura, no que diz respeito ao comportamento humano, vinham sendo colocados pelos essencialistas como mais tênues do que se supunha.

Seja como for, nas próximas páginas eu procuro evidenciar, por meio de exemplos de falas de alguns de meus interlocutores, os modos pelos quais eles refletiam sobre sua condição de atraídos sexualmente por pessoas do mesmo sexo. Ver-se-á que para eles a idéia de uma essência qualquer, muitas vezes inominável (“*tem uma coisa dentro de mim*”), estava diretamente relacionada ao fato de freqüentarem os locais de *pegação*, ainda que os fatores sociológicos também fossem mencionados. Tendo por suporte comum a referência a essa base essencial para o homoerotismo, o que diferirá algumas colocações de outras será justamente a apreciação positiva ou negativa desta percepção particular. No caso de uma valorização negativa, veremos que ela estava assentada algumas vezes em sentimentos de angústia, tristeza, negação da condição homoerótica e até mesmo de desejos de mudança,

¹⁴⁰ E aqui eu destacaria o trabalho pioneiro de Margaret Mead publicado na década de 30, *Sexo e Temperamento*, no qual ela problematizou, através de incursões a diferentes povos da Nova Guiné, os papéis tradicionalmente atribuídos a homens e mulheres nas sociedades ocidentais. Ainda sobre o trabalho de Mead, ver Pollard (1993).

senão desta condição, ao menos da vida de *pegação* para uma parceria fixa com algum príncipe encantado.

Adianto que o propósito deste capítulo, ao tratar de tais questões, não é o de oferecer respostas aos dilemas colocados pelos sujeitos e tampouco asseverar, por exemplo, que ou a Biologia e a Psicologia ou a Antropologia estão mais aptas a respondê-las, cada qual baseada em seus respectivos exercícios de reflexão teórica e de verificação empírica — a investigação dos mecanismos naturais por meio de pesquisas em laboratório no caso das primeiras, e a averiguação dos componentes culturais através de trabalho de campo no caso da segunda. Acredito que na arena da especulação científica sobre os aspectos mais recônditos do desejo sexual dos homens há ainda bastante coisa a ser elucidada e que, com efeito, nela subsistem muitos interesses das mais diversas ordens: políticos, econômicos, religiosos, entre outros. Penso mesmo, de um modo bastante particular, que nenhum exercício investigativo sobre o assunto, tanto de orientação essencialista quanto construtivista, será capaz de fornecer respostas satisfatórias aos anseios particulares daqueles que são pesquisados a menos que desista de pretensões explicativas totalitárias em seus próprios termos, que muitas vezes refletem senão bairrismos acadêmicos, ao menos uma ligeira preguiça intelectual.

Não é pelo fato de não haver uma resposta única para esta questão, do ponto de vista científico, tanto teórico quanto prático, que eu poderia ignorar os modos pelos quais meus interlocutores a colocavam para si e, por extensão, para mim. Se não cabia a mim oferecer-lhes um caminho a seguir¹⁴¹, ou enganá-los com uma resposta definitiva inexistente, ao menos eu poderia ouvi-los e, por meio de meu trabalho, fazer saber a um público mais amplo, de suas proposições, dúvidas e angústias. Ou, em outras palavras, por meio de um trabalho etnográfico, alargar um discurso (localizado, evidentemente), sobre determinadas questões. Não ignoro, contudo, que muitas destas reflexões estão relacionadas aos postulados colocados pelas diversas áreas do conhecimento ao longo de anos, e que neste aspecto, os meios de comunicação vêm desempenhando um papel fundamental em sua distribuição massiva.¹⁴² A crença nos postulados da ciência, em quase todas as suas áreas de atuação,

¹⁴¹ Alguns de meus informantes, como Molibdênio, por exemplo, ao tomarem conhecimento do fato de eu também fazer graduação em Ciências Biológicas, intentaram obter de mim respostas para suas indagações, muitas vezes resumidas na seguinte frase interrogativa: “Por que eu sou assim”?

¹⁴² Em meados de 2005 um colega me procurou entusiasmado com a cópia de uma matéria publicada no jornal Folha de São Paulo na qual era anunciado o sucesso de um experimento científico que, por meio de manipulação genética, havia alterado o comportamento sexual de moscas (“*Gene alterado torna mosca ho-*

aliada a um acesso cada vez mais facilitado à informação generalizada, é um dado importante a ser considerado nos processos de assimilação de conhecimento pelo senso comum, e no caso do homoerotismo não é diferente. A todo o momento acabamos nos deparando com matérias publicadas nos veículos de comunicação de massa, que nos transmitem, muitas vezes de forma empobrecida, veredictos “científicos” que vão desde a qualidade dos alimentos que ingerimos até os modos pelos quais devemos nos comportar na cama, em relação à política e ao meio ambiente (Medicina, Sexologia, Ciência Política e Ecologia, respectivamente).¹⁴³

Destarte tudo isto, também não pode ser ignorado que para muitos destes homens que viam na sua inclinação homoerótica o desmando de uma força coercitiva sobre suas escolhas, muitas vezes radicada em seus próprios corpos, o que estava em jogo não era apenas a capacidade que eles tinham de refletir objetiva e racionalmente sobre sua condição. Era-lhes muito mais importante, em nossas conversas, exprimir (às vezes de modo bem sutil, como na expressão “*extravasar*”) aquilo que eles acreditavam sentir de uma forma particular, aquilo que, segundo eles, os definia enquanto homens interessados sexual e afetivamente por outros homens. Neste sentido, parece-me não ser possível emitir qualquer juízo acerca disto, uma vez que, não sendo eu o detentor de uma verdade, jamais lhes poderia afirmar que aquilo que julgavam ser proveniente de uma força oculta, na verdade não existia, e que seu desejo homoerótico não passava de uma construção histórica e cultural ou de uma real

mossexual”). Para ele, que enfrentava problemas familiares por conta de sua orientação homoerótica, a notícia significava um alento para suas angústias, principalmente ao destacar para mim a fala de Michael Weiss, um dos cientistas envolvidos no trabalho. Dizia o pesquisador: “Espero que ele [o resultado do estudo] tire a discussão sobre preferências sexuais da esfera da moralidade e a leve para a da ciência. Nunca escolhi ser heterossexual: simplesmente aconteceu. Mas os humanos são complicados. Com as moscas, podemos ver de forma simples e elegante como um gene influencia e determina o comportamento”. Poderíamos questionar muitas coisas na fala deste cientista, como a pretensa idéia de que a ciência está isenta de moralidade e a aproximação grosseira que ele faz entre seres humanos e moscas, mas o que nos interessa aqui é ver como uma simples notícia pode exercer uma poderosa influência sobre o senso comum, ainda mais se ela tiver o respaldo de algum especialista.

¹⁴³ Para Theys & Kalaora (1998:24), a presença maciça de *experts* (especialistas) nos meios de comunicação, embora não seja recente, tem se avultado nos últimos anos, e se caracteriza por dois traços em sua forma moderna: “sua mediação crescente e a importância determinante que tomam cada vez mais os cientistas” (tradução minha). Mais que publicamente reconhecida, sua aparição nos debates é algo já institucionalizado. E se há algum tempo as sociedades ocidentais repudiavam qualquer promiscuidade entre ciência e política, o especialista atual “macula” tal intento ao acumular ambigüidades, refutando o quadro paradigmático de Max Weber (2005), no qual haveria uma diferença clara entre o político e o cientista por vocação. Um quadro no qual essas duas esferas, ciência e política, jamais se misturariam, ou, pelo menos, não o deveriam fazer. Ainda para estes autores, a politização da ciência e a cientifização da política está extremamente explícita nas questões ambientais, constatação esta que poderíamos estender para outros domínios, como o da saúde, o da educação, o da própria sexualidade e até mesmo o do uso da tecnologia, dentre tantos outros.

força natural. Eu não poderia lhes dizer o que sentir, é verdade, mas poderia levar em consideração, tanto do ponto de vista antropológico quanto pessoal, aquilo que sentiam.

Procurei organizar as falas de modo a expor, primeiro, aquelas referentes aos aspectos mais objetivos e variados de suas motivações para freqüentarem locais de *pegação*, para, num segundo momento, voltar à questão da idéia de uma essência orientadora de seus desejos homoeróticos. Não obstante tal ordenamento é possível notar que uma coisa não está dissociada da outra e que se aqui elas aparecem em tópicos separados, isso se faz justo em função de um recorte arbitrário de modo a tornar inteligível o corpo textual.

Motivações para a *pegação* 1: relações multifatoriais

Nas vezes em que consegui algum contato mais prolongado com os freqüentadores dos pontos de *pegação* em Juiz de Fora, procurei sondar, como eu já o disse, os motivos que os levavam a freqüentar tais espaços. Neste intento, interessavam-me menos os seus desejos por interações homoeróticas do que a escolha por ambientes relativamente clandestinos — banheiros públicos, trilhas em meio a matagais de parques, o cinema pornô, escadarias de prédios comerciais e tantos outros. Eu queria não só entender o que os atraía na *pegação*, mas também, o porquê de ela se localizar em tais espaços.¹⁴⁴ Para tanto, era necessário reconhecer as motivações por detrás de tais escolhas.

Apesar das respostas mesclarem quase sempre um componente de ordem mais interior (a questão do desejo sexual visto ou não como um problema) com outros de ordem mais objetiva (fuga de determinados aparelhos de captura), sistematizá-las de modo a formar um quadro mais ou menos coerente tal qual eu pude fazer com os princípios de constituição e funcionamento dos espaços de *pegação* se mostrou uma tarefa praticamente impossível. Quem eram aqueles homens do ponto de vista de suas supostas “identidades sexuais” e o que os levava, do ponto de vista mais objetivo (sociológico) a estarem ali, nos locais etnografados? Confesso que chego a acreditar hoje que eles eram apenas possibilidades de vida, mesmo se levado em conta o fato de todos se sentirem atraídos sexualmente em maior

¹⁴⁴ Acredito que o porquê da *pegação* se localizar em tais espaços tenha sido respondido ao longo deste trabalho, sobretudo pelos entrevistados: o acesso facilitado às relações sexuais (mesmo episódicas) e a manutenção do anonimato, mesmo se levarmos em conta a sauna do Clube Salamandra, cujos encontros podiam até não se pautar num anonimato interno, mas preconizavam um pacto declarado de invisibilidade dos freqüentadores perante o alhures.

ou menor grau por outros homens. Para além deste último dado, qualquer tentativa de catalogação de minha parte não passaria de uma tentativa, com certeza frustrada, de registrá-los em fichas analíticas sem qualquer correspondência com a realidade empírica observada, com o agravante de esta ser uma pesquisa de profundidade em determinados aspectos. Meus interlocutores podiam ser qualquer coisa, estar ali por quaisquer motivos mais objetivos. Poderiam, inclusive, não ser aquilo que me diziam. Ou deixar de sê-los assim que me virassem as costas. Eles simplesmente podiam.

Por não se tratar de um estudo estatístico, e sim qualitativo, arrolei para esta seção algumas das respostas que considero interessantes. Rutênio (42 anos e casado), por exemplo, atribuía suas incursões ao Parque da Lajinha menos a uma vontade de fazer sexo especificamente com homens do que ao que eles tinham a oferecer (seus ânus), além da sensação de perigo que pairava no lugar:

“O cuzinho meu caro, eu não posso passar sem um cuzinho. Pra mim não importa se é cu de homem ou se é cu de mulher. Eu gosto é de comer cu, e como as mulheres quase nunca querem dar o seu cuzinho, eu venho aqui porque sei que tem uma porção de cuzinho dando sopa”.

Perguntei a ele se não haveria diferença em se praticar sexo anal com um homem e com uma mulher, ao que ele me respondeu que não. Insisti, então, em saber o porquê de ele ter escolhido justo o Parque da Lajinha para encontrar o que tanto queria. A explicação que me deu, ainda que não expusesse nesses termos, eram multifatoriais, quer dizer, concorriam não só para a estadia dele ali, mas de tantos outros homens, uma série de fatores que não poderiam ser tomados isoladamente, mesmo que cada um de meus entrevistados tocasse apenas num aspecto. Sendo assim, segundo Rutênio, ainda que um homem fosse ali apenas para “dar”, ou só para “comer” (como era o seu caso), só estes dados não explicavam o porquê deles estarem ali, já que poderiam “dar” ou “comer” em outros lugares, inclusive dentro de suas próprias casas, caso tivessem oportunidade. Para ele, um dos motivos mais fortes que concorriam para que determinados sujeitos percorressem as trilhas do parque era a sensação de perigo gratuito experimentada com tais movimentos:

“Vou começar por mim” ele falou. “Eu sou sincero, a única coisa que eu tenho pra reclamar da minha mulher é o fato de ela não me dar o cuzinho por nada deste mundo. Afora isso sou muito bem casado e pretendo ficar assim pro resto da minha vida. Logo, eu tenho que me virar pra conseguir saciar essa minha tara por cuzinhos. Mas eu te digo uma coisa, eu podia comer cuzinhos em outros lugares. Podia até mesmo pagar alguém, como quando eu vou a Belo Horizonte e lá tem uma porção de travestis querendo ser enrabados. Mas o meu lance não é pagar, que eu acho que senão perde a graça. O lance é você chegar num lugar, como esse aqui, onde você tem certeza de que vai encontrar gente que quer dar aquilo que você procura. E o melhor. De graça. E tem mais. Um lugar como esse aqui é muito atrativo pela sensação de perigo que ele te passa. Eu gosto de um perigo, dessa sensação de que, a qualquer momento, você vai ser pego fazendo uma coisa que não deve. E não sou só eu não, tem muito cara aqui que também gosta de correr perigo. Claro que ninguém quer ser pego, não é isso que eu to falando, senão eu dava o meu nome pra todo mundo com quem eu transo. O que vale mesmo é a sensação de perigo em si mesma, a adrenalina que te dá quando você tá montado no cara e de repente escuta uns passos no meio do mato. Pode ser outro cara procurando pegação, mas pode ser também um guarda, um funcionário, ou até mesmo alguém que tá só passeando”.

“Então você está me dizendo que, ao mesmo tempo em que os caras têm medo de serem pegos eles gostam de correr perigo?”, perguntei:

“É isso aí. Não dá pra você dizer que o cara vem aqui só porque gosta de dar o cu, ou porque ele não pode transar em outros lugares. Ou porque a mulher dele não pode saber. Pode ser isso tudo junto. Vou dar o meu exemplo de novo. Você sabe o que é voyeur? Pois é, eu gosto que os outros vejam quando eu tô comendo alguém, e aqui é o lugar ideal, porque todo mundo que vem aqui, de certa forma, é mesmo pervertido. Todo mundo quer é sexo, mas quer sexo de um jeito diferente do outro. Tem uns caras que vão mais lá pra cima pra não serem incomodados, mas têm outros, como eu, que gostam de ficar por aqui pra ver se aparece mais gente pra ver. Isso é a minha propaganda também, porque o cara vendo como eu como o rabo do outro com vontade, acaba ficando com vontade de me dar também. Eu sou um exibido e, vai me dizer que não, a minha rola não é de seduzir?”

O desejo de se exhibir ou de apenas ficar observando terceiros em interações sexuais aludido por Rutênio também se fez aparecer nos depoimentos de alguns outros homens, como naquela fala que transcrevi no capítulo 4, na qual um rapaz afirmara “dar” de tudo nos locais de *pegação*, inclusive homens que não gostavam de fazer sexo, apenas de ficar olhando os outros *transar*.

A possibilidade de se fazer sexo por sexo (a *sacanagem*), de forma imediata e facilitada, aliada à condição de anonimato, também apareceu em algumas falas como motivação para se ir aos pontos de *pegação*.

“Ah! Cara, eu venho aqui porque gosto mesmo de uma sacanagem. Eu gosto de meter, tenho que aproveitar o que Deus me deu [o tamanho descomunal do pênis]. Não tenho problema com família, porque não tenho, sou bem resolvido e quem quiser, vai ter. É isso. Nada demais” (Ródio, 50 anos).

“Eu procuro esse lugares por causa da facilidade. Como eu posso te dizer? Tem um pronto atendimento, você entende? No Terreirão do Samba, por exemplo, eu passo lá com a minha moto e sempre consigo alguma coisa. Já fui pego lá três vezes pela polícia. O Terreirão é um local muito promíscuo” (Molibdênio, 33 anos).

“Sexo anônimo. Não é? Acho que é por aí. Mas é engraçado, porque eu já conheci pessoas nesses ambientes de putaria que virou namoro. Mas acho que a primeira coisa que a gente busca é sexo. Sexo anônimo. Acho que as pessoas que vão nesses lugares vão atrás do sexo fácil. Lógico que pode ter uma sequência se você encontrar alguém interessante, mas normalmente é na intenção do sexo mesmo. Tipo: descarregar tensão” (Tungstênio, 38 anos).¹⁴⁵

É interessante observar como, para alguns, aquilo que seria impossível de se concretizar nos ambientes de *pegação*, como um relacionamento mais duradouro, para outros poderia, de fato, acontecer, como se depreende na fala de Tungstênio, apesar de ele mesmo considerar que a motivação primeira para se ir a tais espaços seja o sexo anônimo. Já Molibdênio via na promiscuidade inerente aos “homossexuais”, um fator impeditivo para se sentir motivado a ir aos locais de *pegação* em busca de um parceiro fixo:

“O gay, ele é basicamente o seguinte: primeiro você transa e depois pergunta o nome. Já uma mulher é mais difícil, entendeu? Por que a minha relação cresceu mais com homem do que com mulher? Eu lembro quando eu era adolescente pra você comer uma menina era difícil sim. Não era tão fácil como é hoje. Mesmo hoje não tá tão assim também não. (...) Com gay não cara. Você vai no Terreirão do Samba, se você tiver uma disposição, em dois minutos você está com as calças arriadas fazendo

¹⁴⁵ Nesta nossa última conversa, Tungstênio me confidenciou ter conhecido seu atual namorado, um fazendeiro casado, através de uma *pegação* no Cine São Luiz. “Pegaram-se” por duas vezes no cinema e depois trocaram os números de telefone. Após isso, já conheceram as famílias um do outro, tudo sob panos, evidentemente, e passaram a marcar encontros no apartamento da sogra, quando esta ia dormir na casa da filha.

*alguma coisa” (...)“Homem é bem promíscuo, e o homossexual não foge à regra. A diferença é que no ambiente homossexual, de pegação, a facilidade para encontrar sexo é muito maior, porque os caras são mais afoitos mesmo”.*¹⁴⁶

Ainda sobre a crença ou não crença na existência de possibilidades de se obter um namorado ou companheiro nos pontos de *pegação*, havia aqueles que se dirigiam a tais locais com o claro motivo de conseguir uma relação estável, enquanto outros já o faziam justo por não possuírem qualquer interesse em se atrelar (“amarrar”, no jargão usual) a alguém. Quando perguntei a Césio (40 anos), no Cine São Luiz, se ele tinha alguma idéia do porque de as pessoas freqüentarem os pontos de *pegação*, para ele, eram duas as razões explicativas. A primeira era o próprio tesão, a vontade de transar, de extravasar, de dar uma. E ali no Cine São Luiz, fazer isso não era nem um pouco difícil. A outra explicação era o anônimo, porque ali ninguém precisava dizer o nome, o que era muito importante não só para os que buscavam “privacidade”, mas também, e, sobretudo, para aqueles que eram casados. *“As pessoas vêm aqui para transar, não é para ver o filme não, que é de homem com mulher”. Aqui ninguém precisa saber o nome de ninguém. Aqui você vem e transa. Nada mais!”*

Mas se essa era uma resposta que tornava inteligível as escolhas dos demais freqüentadores, ele mesmo procurava algo além do sexo por sexo.

“Eu venho aqui por dois motivos: para extravasar e para arranjar um namorado. Eu mesmo já arrumei um há uns tempos atrás. Só que o cara era muito louco, além de morar longe e ser casado. Pedia pra eu ligar na hora que a mulher dele tava lá, essas coisas. Acabou. Não sou tão louco assim”.

Vê-se que num primeiro momento o cinema é um lugar apenas para fazer sexo, nada mais. Na ótica de Césio, as pessoas iam ali atrás de sexo. Mas por outro lado, em se tratando dele mesmo, era possível ir ao cinema pornô na esperança de encontrar um namorado, um parceiro fixo com o qual se pudesse estabelecer uma relação duradoura.

¹⁴⁶ No caso de Molibdênio, outro fator que o impedia de manter relacionamentos estáveis com homens era o fato de ser casado. Como ele não podia freqüentar espaços reconhecidamente GLS por conta desta sua condição, não acreditava que seria nos locais de *pegação* que ele acabaria por encontrar um parceiro contínuo. Logo, a principal motivação para se ir aos parques, aos banheiros, e mesmo à sauna que freqüentava semanalmente, era o sexo imediato e anônimo.

“Você acaba se cansando desse tipo de vida [a pegação], desse vazio que é só encontrar gente que só quer transar. Claro que você tem as suas necessidades do corpo, mas às vezes sinto falta de alguém com quem possa levar uma vida mais séria, a dois. E que me abrace no frio”.¹⁴⁷

O desejo de encontrar um namorado também fazia parte das expectativas de Irídio, um rapaz de 22 anos, quando ia ao Cine São Luiz:

“Eu não vou esconder isso de você, pode até ser bobeira, mas eu venho aqui porque tenho esperança de encontrar um namorado, alguém que se apaixone por mim. Alguém assim, bonito e atencioso que nem você”.

Já para Telúrio (23 anos), fazer *pegação* era uma alternativa que lhe permitia experimentar situações que não poderia caso estivesse comprometido com alguém. Ele simplesmente podia fazer o que gostava — envolver-se sexualmente com homens diferentes. Por isso não tinha qualquer interesse em encontrar um companheiro nos locais que freqüentava:

“Gosto de me envolver sexualmente com homens diferentes. Tem sido assim desde a faculdade e como sou formado em Filosofia, não me vejo tocado por qualquer constrangimento de ordem moral. Faço porque quero e porque a facilidade ali é bem maior. Minha família não sabe, ou se sabe, finge que não sabe. Antes de entrar pra faculdade eu sofria muito, mas agora... Como te dizer? Agora sinto que estou mais resolvido. Além do mais, e isso eu te falo com todas as palavras, essa é uma maneira de você vivenciar coisas que muitas vezes não poderia caso estivesse namorando ou casado, mesmo com um homem. Vou ao São Luiz por esses motivos. Preservo a minha identidade e faço o que gosto”.

Assim como Telúrio não se sentia constrangido moralmente por se relacionar com outros homens e fazer *pegação* em ambientes de uso coletivo, Háfnio (42 anos), apesar de ser casado, também não. Em comparação a Molibdênio, por exemplo, que também era casado, as facilidades para Háfnio eram maiores, pois ele vivenciava com sua esposa um casamento aberto. No dia de nossa conversa, sua esposa não sabia que ele estava no Parque da Lajinha naquele momento, mas sabia que ele se relacionava sexualmente com homens, assim

¹⁴⁷ Sobre a sensação de vazio remetida por muitos dos freqüentadores dos espaços anônimos de encontros homoeróticos, ver Pollak (1985; 1990) e Costa (1992).

como ela *transava* mulheres. Inclusive, ambos já haviam experimentado relações sexuais conjuntas ou com outros homens ou com outras mulheres. Por isso ele podia se dirigir sem maiores medos aos locais de *pegação* em busca daquilo que, de fato, como ele bem o disse, o motivava, os homens:

“Não, não tenho problema nenhum de estar aqui. Vim, e venho, porque também gosto de homens. Qual o problema com isso? Tenho a minha esposa, mas isso não me impede de querer me deitar com outros homens. Minha mulher sabe disso, nunca fiz questão de esconder isso dela. Ela também tem o seu lado homossexual, o seu lado masculino. Talvez ela só fique um pouco zangada hoje porque eu não a trouxe aqui”.

Se é verdade que em muitas das falas arroladas até aqui os motivos apontados pelos sujeitos faziam referência a aspectos pessoais e/ou particulares de suas vidas, como a própria idéia de uma tensão libidinosa que deve ser extravasada, não seria possível ignorar também que, em determinados casos, ia-se a estes espaços como forma de se escapar de alguns aparelhos de captura, como a sociedade inclusiva com seus veredictos preconceituosos, e o meio gay carregado de estereótipos:

“Eu nem sei te dizer direito porque eu venho aqui [Parque da Lajinha]. Acho que é porque não tenho um namorado. Se eu tivesse... Não sei. Nunca me perguntei sobre isso. Mas acho que é uma maneira de eu me esconder também. Tipo assim, a sociedade é muito preconceituosa, então a gente acaba tendo que fazer as coisas assim, escondido. É isso. (...) Faz pouco tempo que tô vindo aqui e não é sempre que apareço não. Mas te digo uma coisa: prefiro vir pra cá do que ficar por aí rebolando nessas boates. Não gosto mesmo. Às vezes vou a bares, mas eles não são gays, e eu sempre acabo conhecendo alguém. Outro dia mesmo conheci um menino lindo, de 14 anos.(...) Agora, aqui é mais difícil de você ter um namorado né, porque sendo uma cidade pequena, as pessoas acabam logo descobrindo. Eu procuro me reservar, cê tá entendendo”? (Paládio, 35 anos).

“É a minha única alternativa [Ir ao Cine São Luiz]. Aonde mais eu poderia me esconder dos preconceitos da sociedade, da minha família, dos meus amigos? Olhe pra mim, eu sou gordo, não sou bonito. Quem olharia pra mim numa danceteria, ou mesmo na rua? E se olhasse, eu teria coragem de corresponder? Eu acho que não. Eu sei que o pessoal vem aqui pra transar, mas um dia eu vou encontrar aqui alguém que seja que nem eu, que queira namorar. (...) Minha família não sabe e nem pode saber de mim. E eu não tenho forças pra lutar contra. Pelo menos sozinho.

É por isso que aproveito minhas vindas a Juiz de Fora pra vir aqui, pois sei que não serei reconhecido” (Iridio, 22 anos).

Para Ródio, embora não lhe fosse possível explicar corretamente o fato de alguns homens freqüentarem os espaços etnografados para *pegação*, uma coisa não podia ser ignorada: o preconceito da sociedade inclusiva. Para ele, os homens que iam ao Parque do Museu Mariano Procópio não se consideravam *gays*, apesar de aparecerem alguns meninos que não se importavam em “dar na pinta”. Logo, eles não se interessariam em freqüentar espaços reconhecidamente GLS, como bares e boates. Para ele, se a sociedade inclusiva fosse mais tolerante, provavelmente a freqüência ao parque diminuiria sensivelmente. Os sujeitos iriam namorar mais. Mas como não era permitido, apesar da existência da Lei Rosa, eles (os “pegadores”) tinham que se encontrar no meio do mato, como se fossem bichos. E mesmo ele, que gostava de uma sacanagem, também nutria um forte desejo de um dia poder passear de mãos dadas com um namorado pelo Parque Halfeld como uma pessoa “normal”.

Nas falas deste tópico, vimos como os motivos apontados pelos sujeitos para freqüentarem os pontos de *pegação*, ao menos em seus aspectos mais objetivos (o que, de modo algum, excluía referências a aspectos de ordem subjetiva), eram os mais diversos. Os homens com os quais tive oportunidade de conversar e/ou entrevistar falavam desde uma simples procura de sexo pelo sexo (*sacanagem*), em particular, anônimo, até a uma expectativa de encontrarem um parceiro fixo (namorado, companheiro). A variedade de respostas que eu obtive em campo me mostrou que longe de tentar explicá-las dentro de um quadro mais ou menos coerente, eu deveria me render ao fato de que elas mesmas falavam por si. Não era porque alguns indivíduos procuravam tais espaços de forma mais ou menos despreocupada, que todos os demais o faziam do mesmo modo; não era pelo fato de alguns homens casados não se sentirem traidores de suas esposas, que outros sentiam o mesmo. Apesar de todos terem uma noção mais ou menos exata de como deveriam funcionar as apropriações dos espaços e as interações, como o uso das técnicas corporais de paquera e de despiste, os limites e alcances de cada parte dos territórios instaurados por eles mesmos, longe de comporem um quadro homogêneo em suas motivações, em suas inclinações homoeróticas, eles eram irredutíveis em suas particularidades. Daí, muitas vezes, o intento de não se renderem aos enquadramentos tanto da sociedade inclusiva quanto do próprio meio *gay*.

Não obstante toda essa variabilidade havia algo de recorrente nas falas de alguns deles, e que me chamou a atenção: era o modo pelo qual eles se referiam ao desejo em si por pessoas do mesmo sexo, quer se auto-intitulassem homossexuais, bissexuais, heterossexuais, ou outro epíteto qualquer. Para muitos havia uma essência responsável por seus desejos homoeróticos, ou de outrem. Não retomarei aqui o que já foi explicitado no início deste capítulo a respeito deste ponto. Por hora, procurarei transpor para o papel, a partir do próximo tópico e por meio das falas de alguns indivíduos, como essa idéia de uma essência homoerótica, era vista por uns como algo positivo e, por outros, como algo negativo.¹⁴⁸

Motivações para a *pegação* 2: a essência que determina

Expressões como “*Tipo: descarregar tensão*” (Tungstênio), e “*Eu venho aqui por dois motivos: para extravasar e para arranjar um namorado*” (Césio), não eram incomuns de se ouvir em campo, mesmo nas conversas mais rápidas e de menor aprofundamento. Elas faziam referência, de um modo mais ou menos implícito, a uma idéia de que haveria algo a ser satisfeito, a uma necessidade do corpo a ser devidamente saciada. Até aí, nada demais, pois a vontade de fazer sexo, que se faz sentir por meio de determinadas alterações psíquicas e corporais, em nada se difere tanto naqueles que procuram parceiros do mesmo sexo quanto nos que buscam parceiros do sexo oposto. Procurar extravasar, descarregar tensão, ou mesmo a sensação de se “estar subindo pelas paredes” não é privilégio de “hetero” ou “homossexuais” e não guarda qualquer relação imediata com uma postura promíscua, ou algo que se lhe assemelhe. Cada um de nós sabe independentemente de suas preferências por homens ou mulheres (ou mesmo ambos, ou ainda por outras formas diferenciadas de seres), onde “a vontade de dar uma” mais aperta.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Reitero, novamente, que a concepção de uma essência não era algo presente na fala de TODOS os sujeitos com os quais conversei — certos homens sequer problematizavam seus desejos. Mas em muitos casos, ela estava presente, e nestes, quase sempre apareciam como motivações para se estar nos locais de *pegação* antes mesmo que as outras perspectivas fossem anunciadas. Não foram poucas às vezes em que tive de repetir duas ou três vezes as perguntas “por que você frequenta tais espaços?” e “o que você acha que leva alguns homens a frequentarem os pontos de *pegação*?”, afim de que os fatores mais sociológicos fossem contemplados.

¹⁴⁹ Um informante inicial em Juiz de Fora, mas que posteriormente desistiu de participar da pesquisa, várias vezes se mostrou indignado com o fato de o Movimento Gay de Minas - MGM apoiar as iniciativas do poder público de distribuir preservativos em todos os eventos *gays* na cidade. O que o incomodava era a idéia sistemática de que os “homossexuais” seriam promíscuos e os “heterossexuais” não, idéia esta materializada na distribuição dos preservativos. Para ele, isto significava o mesmo que atestar um caráter propagador de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) para os “homossexuais”. “*Por que eles não distribuem camisinhas*”

Havia algo mais nas falas desses sujeitos, nessas “coisas” que os revolviam por dentro. Não se tratava simplesmente de uma necessidade de fazer sexo, mas também, e com um peso consideravelmente maior de relevância para eles, do desejo afetivo-sexual por pessoas do mesmo sexo.

“Isso é uma questão de necessidade. Sair com homens é uma necessidade pra mim. Agora mesmo, deixei minha esposa na casa dos parentes e vim aqui pra ver se consigo saciar a necessidade. Claro que se, de repente, eu tiver mais sorte ainda e encontrar alguém que vale a pena continuar vendo, as coisas podem continuar de outro modo sem ser só sexo. Mas, no geral, é assim que funciona. Quando bate a vontade eu saio à procura. Depois, fico muito tempo sem procurar de novo” (Germânio).

Por isso, muitos deles viam-se como dotados de um desejo homoerótico nato, muitas vezes descoberto ainda na infância. Algo contra o qual eles não poderiam lutar.

*“Eu acredito que há uma coisa dentro de nós, homossexuais, que nos obriga a procurar por outros homens. Não é só uma questão de escolha, como muita gente diz e pensa. É de corpo, é de cheiro. Você passa na rua e ao olhar para um cara já sabe se ele é ou não é, mesmo se ele não te corresponde. É como se tivesse uma coisa que ligasse todos nós. Você nunca sentiu isso? Para mim, isso tá no corpo da gente, e desde que me lembro, já sabia que eu ia ser assim. Tudo é uma questão de coragem para se assumir o que se é”. **“E você, já se assumiu?”**, perguntei. “Sim, pra mim sim, eu sei que não vou mudar. Tenho tesão em homem, sempre tive e sempre vou ter. Só queria entender o porquê disso acontecer. Por que a gente nasce assim ou então desenvolve, você tá entendendo?” (Molibdênio)¹⁵⁰.*

“Eu me considero bissexual e te explico por que. Não acredito em nada disso, em educação, criação... Nada dessas coisas influi na sua escolha sexual. O que a cultura faz é fazer você pensar que o que sente é bom ou ruim, só isso. Agora, o sentir... Ih! Menino, isso é outra coisa. Eu acho mesmo que eles ainda vão achar um gene da homossexualidade, ou da bissexualidade, sei lá. A atração que você sente por uma pessoa funciona da mesma maneira que um órgão dentro de você: está lá, não dá pra fu-

nas festas hetero, como a Festa Country?”. Com esta fala, ele queria chamar a atenção para o fato de que, segundo ele, não seria necessário um olhar mais atento para se vislumbrar, nas festas “heterossexuais”, do que, principalmente as adolescentes, eram capazes de fazer. Dizia ele: *“Na sua pesquisa, as trilhas ainda estão cobertas de camisinhas, sinal de que o povo se protege. Agora, vai numa Festa Country da vida, ou mesmo particular, pra ver se eles não são às vezes mais promíscuos do que nós? E sem proteção hein!”*.

¹⁵⁰ As expressões entre aspas e negrito dizem respeito às minhas falas.

gir. Tem gente que pode até afirmar que é doença, mas eu acho perfeitamente natural, como ir no banheiro mijar. Você não acha?”(Háfio).

Nestas últimas três falas, o desejo por homens aparece como uma necessidade, como um imperativo a ser obedecido e contra o qual não se pode lutar, embora muitas vezes isso seja tentado. Este raciocínio não era privilégio de Germânio, Molibdênio e Háfio, e pude percebê-lo em outras oportunidades, quando os homens, especialmente os casados, atribuíram suas incursões ao universo da *pegação* a uma força que os impeliria para tal. Muitas vezes, contar para as esposas sobre este outro lado de suas vidas significava mais do que entregar o ouro, reconhecer a “traição” (o que não é o caso de Háfio, por exemplo). Significava revelar uma realidade a qual elas não seriam capazes de compreender, ou seja, não entenderiam que seus maridos faziam isso menos por uma transgressão moral do que por um desejo praticamente inato e incontornável, o de relacionar-se sexualmente com outros homens. Ou de que, em sua natureza íntima, eles eram bissexuais¹⁵¹. Além de quê, em muitos dos casos, e nos quais se pode incluir o de Germânio, este não era um desejo que se revelava cotidianamente, pois a intensidade com que ele se manifestava variava de um para outro. Alguns diziam procurar por homens todos os dias, enquanto outros se diziam capazes de permanecer meses sem o fazê-lo. Em todo caso, a condição dúbia nos relacionamentos conjugais poderia ser ou não um problema.¹⁵²

¹⁵¹ Molibdênio, por exemplo, contou-me ter alugado o filme *O Segredo de Brokeback Mountain* (2005), que narra a história de amor entre dois caubos norte-americanos, ambos casados, para assisti-lo com sua esposa. Com isso, ele esperava prepará-la para lhe contar que ele também gostava de homens. Seu intuito era fazer com que ela percebesse que a chamada de capa do DVD era uma verdade que se aplicava tanto a “homo” quanto a “heterossexuais”: *O amor é uma força da natureza*.

¹⁵² Em sua edição de novembro de 2007, a revista *G Magazine*, voltada para o segmento homoerótico, trouxe em seu conteúdo uma pequena matéria sobre homens casados que mantêm relacionamentos extraconjugais com outros homens (preferencialmente casados, pois não se identificam com o meio *gay*). Na reportagem, testemunhos de homens que afiançavam não contar para suas esposas seus desejos homoeróticos porque elas não os compreenderiam, mas que acreditavam que, num futuro próximo, o mundo caminharia para uma bissexualidade. A seguir, um pequeno trecho da matéria (frases em itálico indicam as falas dos entrevistados): “Às vezes sinto remorso por ter essa vontade e ser casado. Quando vejo TV e aparecem aqueles belos das novelas, fico louco! Nunca arrisquei nada e essa vontade, ao invés de diminuir, só aumenta, conta Adalberto. (...) Eu me casei amando minha esposa e não deixei de amá-la. Mas não tenho como deixar de resistir a um cara que me excite, admite Horácio. O lado bom é permitir experimentar diversas sensações e prazeres. O ‘lado ruim’ é privar-se de sua autenticidade, desabafa Beto, que chegou a ser descoberto pela esposa e prometeu não levar para frente. (...) Para o carioca Fernando ter uma vida mais sincera também é um grande desejo. A meu ver, o mundo está caminhando para uma bissexualidade. É incrível como tem caras que acabaram descobrindo que dois homens resulta numa gostosa brincadeira.

“Não acho que eu traia a minha esposa, mas também não gostaria de saber que ela faz o mesmo comigo. São coisas diferentes, você não acha? Não estou falando que os homens têm mais direito que as mulheres, não é isso. Só estou querendo dizer que quando eu procuro um homem, é porque preciso. Gosto de homem também, reconheço. Mas isso não faz de mim um gay. Não me considero um homossexual só porque transo pessoas do mesmo sexo de vez em quando. Quem não sai? Quem não tem desejo ou nunca teve?” (...) Também não tenho nenhum problema moral com isso. Não me sinto culpado quando pego o carro e dou um pulo até aqui. Eu venho mesmo pra correr, mas se tiver alguém interessante, por que não? Minha mulher não tem do que reclamar. E eu também não posso falar nada dela. Somos muito felizes e tudo o que ela precisa eu dou. Somos jovens ainda e não pensamos em ter filhos por enquanto. Isso fica pra outro momento. Por enquanto, o negócio é continuar trabalhando pra juntar dinheiro pra um futuro melhor. Com isso, o casamento vai continuando numa boa” (Germânio).

“Tenho que reconhecer que é uma traição mesmo. Mas é uma necessidade minha, uma necessidade da minha vida e eu... Se eu não fizer cara, eu vou entrar em depressão, eu vou ter um treco. Vou morrer rápido, entendeu? E... Bate remorso sim. Agora, quando ela me enche o saco, faço tudo com o máximo prazer. (...) Eu me acho mais perigoso quando eu estou afoito, mais carente. É desesperador aquele negócio. E chega nesse ponto. Chega mesmo, entendeu? E é aí que entra o qualquer um. Você tem um caráter seletivo, mas ele vai diminuindo na medida em que o desejo vai aumentando. Por isso, não se assuste se alguém falar que já pegou um mendigo, por exemplo. Não se assuste” (Molibdênio).

A princípio, a vida conjugal, no aspecto sexual, não era posta em questionamento. Muitos homens diziam-se satisfeitos com suas esposas e a queixa em termos de sexo, por vezes, recaía sobre o fato de elas se recusarem a fazer sexo anal, tal qual se depreende na fala de Rutênio, transcrita na página 172. É que, para alguns deles, no que toca aos prazeres sexuais, um homem pode proporcionar sensações que uma mulher não poderia, e vice-versa.

“No sexo, o cara me dá o que a minha esposa não pode, e beijar um homem não é a mesma coisa que beijar uma mulher. Agora, não dá pra você formar uma família com um homem. Isso realmente não dá. O cara não pode te dar um filho, você não pode ficar numa boa com ele, e sem contar que fazer sexo com mulher também é muito bom. (...) E além do mais, você sabe que a sociedade não é aberta pra isso. Ainda estamos longe de uma realidade como essa pra todos que quiserem formar uma família com alguém do mesmo sexo. E eu estou muito satisfeito com o meu casamento. (...) Normal ué [sexo com a esposa]! Por que não seria? Uma coisa não tem nada que ver com a outra. Homem é homem e mulher é mulher. É assim que funciona. Se eu transar com você aqui hoje e assim que chegar em casa minha esposa quiser ter relação, faço normalmente. Mesmo porque, isso seria um bom disfarce. (...) Durante esse tempo em que ele foi meu amante meu casamento funcionou muito bem.

Conseguimos um apartamento, eu consegui uma boa colocação e estamos felizes até hoje. Dou a ela tudo o que ela precisa: carinho, atenção, sustento, essas coisas todas. Não posso dizer que a amo, e ela sabe disso. Mas também ela sabe que é muito bem atendida, do mesmo jeito que sou (Germânio).¹⁵³

“De jeito nenhum, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Sou muito bem atendido [sexualmente pela esposa]. Mesmo quando sou ativo com um cara e trepo com ela, no mesmo dia, ela sai esfolada e saciada” (Molibdênio).

Os exemplos anteriores dizem respeito aos homens casados e aos modos pelos quais eles relacionavam seus desejos homoeróticos, suas incursões aos locais de *pegação* e a própria vida conjugal. Mas não era apenas entre eles que a idéia de uma essência do desejo vicejava. Nos tópicos que se seguem, ver-se-á que tanto os casados quanto os solteiros faziam referência a essa base última. Uma essência (biológica, psicológica, provinda de Deus, muitas vezes impossível de ser identificada ou até mesmo astrológica) do desejo homoerótico em si mesmo que pode irradiar para outras formas de comportamento, como a promiscuidade, a necessidade de traição conjugal, ou mesmo o sofrimento *per si*. Para alguns, sentir-se atraídos por homens era algo positivo, enquanto para outros não.

Antes de continuar, contudo, é preciso atentar para o fato de que a idéia de sentimentos positivos e negativos relacionados aos desejos homoeróticos experimentados deve ser tomada com cautela, para que não se pense que, para alguns desses homens, o simples fato de sentirem-se atraídos por pessoas do mesmo sexo era um problema em si mesmo. Para o desejo em si mesmo ser tido como algo positivo ou negativo, deveria, antes, articular-se com outras instâncias da vida, especialmente as sociais. Se o desejo por pessoas do mesmo sexo é mesmo inato, uma natureza da qual não se pode fugir, ele não é bom ou ruim em si mesmo. E tanto não o é porque, para alguns, por exemplo, apesar de todos os inconvenientes que essa suposta natureza possa trazer perante a sociedade, ainda assim ela é válida em seus próprios termos. Para certos homens com os quais conversei nesta pesquisa, muitas

¹⁵³ Germânio teve sua primeira relação sexual com um homem com um amigo de faculdade. Na época já estava noivo de sua esposa. Segundo me informou, a amizade foi cedendo espaço para uma intimidade cada vez maior entre os dois e, ao praticarem natação juntos na Universidade, notaram num e noutro o interesse pelo corpo do amigo. Apesar de comprometido com uma mulher, Germânio disse nunca ter experimentado qualquer sentimento ruim pelo fato de está-la “enganando” com outro homem. Ele e seu amigo foram descobrindo as coisas juntos e o fato de ambos serem bastante jovens fez com que no lugar do medo a curiosidade fizesse a diferença. “O que fez com que eu e meu amigo nos afastássemos não tem nada a ver com o nosso rolo, ou o meu casamento, ou algo relacionado. A gente se separou porque começamos a nos desentender em outros assuntos, principalmente profissionais. Foi isso!”

vezes viver numa espécie de felicidade clandestina não seria de todo ruim. O problema, portanto, não estaria no homoerotismo, mas no que as pessoas pensam e fazem dele (condenando-o, “exercendo-o” de forma “anormal”, outras tantas possibilidades que enumerá-las fica quase impossível).

Adiante, procurei separar algumas falas problematizando a questão do desejo sexual entre homens, apresentadas em dois conjuntos. No primeiro deles estão aquelas com uma visão positiva sobre o tema, enquanto no segundo se encontram as com um viés negativo.

Cátodo

Motivo de orgulho para alguns, de tristeza para outros, a vontade de se relacionar afetiva e sexualmente com pessoas do mesmo sexo era considerada por muitos sujeitos como radicada neles mesmos. Pelo que pude depreender de um modo geral, o desejo homoerótico só passa a ser um problema na medida em que ele é vivenciado de forma negativa, o que, evidentemente, é devido a fatores externos e internos aos sujeitos. Nem todos os enxergavam sob tal prisma. Havia aqueles que, apesar de crerem na existência de uma essência, não viam maiores problemas nela.

“Acho que a gente já nasce assim, quer dizer, o desejo por homens. Considero isso perfeitamente natural. O que ocorre é que cada um descobre num dado momento da sua vida. Eu descobri isso com aquele meu amigo da faculdade de que te falei. Até então, eu nem sabia o que era isso. Fui lá, experimentei e gostei. Sem medo, sem culpa e sem remorso. Ao mesmo tempo, continuei o meu noivado. Também nunca pensei em ter que fazer uma escolha, em ter que decidir com quem ficar. Cada um dos lados me oferece uma coisa que a outra não pode” (Germânio).

Háfnio, que não também não via qualquer problema no fato de ser casado e ao mesmo tempo ter relações extraconjugais com outros homens, via a essência da “homossexualidade” (assim como da “bissexualidade” e da “heterossexualidade”) como algo positivo. Para ele, os homens que se sentiam atraídos por outros homens, mas evitavam fazê-lo, evitavam-no justo pelas limitações impostas pela sociedade. Não havia nada de antinatural no desejo homoerótico. Sua condenação social e cultural é que se mostrava como um empenho contra a natureza. Transcrevo alguns trechos de nossa conversa no Parque da Lajinha sobre o assunto. Perguntei a ele:

“Mas se [o desejo] é uma coisa da qual as pessoas não podem fugir, por que muitas evitam fazer?” *“Porque a sociedade impõe valores, por isso. É a sociedade que te diz se você deve transar com homens ou mulheres, te diz o que ela considera normal. Agora, outra coisa é a natureza e a atração por pessoas do mesmo sexo, ou por pessoas do sexo oposto, isso é uma coisa da natureza. Você tá me entendendo? O cara pode até não procurar outros homens pra transar por medo, por vários fatores, porque a religião diz que não, a sociedade... Mas ele sabe o que sente desde criança, e sabe que nunca poderá fugir disso”.* **“Então você acha que já nasceu com esse desejo por homens e por mulheres?”** *“Claro que sim. Ninguém vira alguma coisa no sexo. Você nasce e daí, pode descobrir mais cedo ou mais tarde do que gosta. Existe uma preferência, mas essa preferência não é uma escolha, é uma imposição do corpo. Queria saber te explicar melhor”.* **E você prefere o quê?** *“Olha, vou ser bem sincero agora. Você é muito bonito. Sério mesmo. E eu não tenho problema nenhum em dizer que se eu estiver deitado na cama com você e com a minha mulher eu vou preferir você. Gosto mais de homem mesmo, mas não deixo de gostar de mulher”.* **Mas então você é ou não é bissexual?** *“Eu sou bissexual, mas dentro dessa minha bissexualidade eu gosto mais de homens, só isso. Satisfeito? Minha mulher ia gostar de te conhecer”.*

Atitudes de resistência, ou mesmo de contra-ataque, perante as discriminações da sociedade inclusiva, da família, dos preceitos religiosos, entre tantas outras, pode subverter a concepção de que a condição homoerótica é algo ruim. Ela se torna uma vantagem perante aqueles que não nasceram com ela e, por certas vezes, chega a ser compreendida como propiciadora de determinados dons, como a sensibilidade para as artes em geral. Apesar de única e universal, a essência “homossexual” é encarada sob um prisma positivo e diferenciador. Abaixo, o trecho de uma entrevista de Renato Russo cedida a um tablóide musical carioca, e, posteriormente, a fala de um dos informantes solteiros da pesquisa.

Eu não quero mais fazer ativismo gay. Na minha cabeça, eu decidi, muito humildemente, que quem precisa de ajuda são os heterossexuais. É só a minha opinião, pelo amor de Deus! Meu novo mote é: "No dia em que os heteros pintarem algo como a Capela Sistina, o mundo terá um pouco mais de paz". E também: "O que seria do mundo se não tivesse viado?". Porque a gente não teria nem Disneylândia, nem Broadway, nem Hollywood... E nem Beatles! Mas a gente acaba sempre se virando. Agora, os heteros: guerras, igrejas, controle da sexualidade e das emoções etc. O rock'n'roll fala disso; a partir dos anos 60 ele entrou em outras questões que a gente pode trabalhar. (Russo, 1996, apud Assad, 2000: 121)

“Engraçado, sempre me vi como gay mesmo. Quando a minha sexualidade começou a aflorar começou a aflorar a homossexualidade. Desde que eu comecei a ter desejos eu comecei a ter por homens. E acho que eu consegui ser sempre muito esclarecido, porque com 17 anos eu tive quase um parceiro fixo. (...) Eu acho que todos nós viemos com algo pré-determinado. Tudo o que você vai ter que ser. Como eu vou te explicar? Eu acho que consigo enxergar os lados negativos da minha heterossexualidade, sabe? Eu consigo, eu me vejo! Acho que se eu fosse hetero eu seria totalmente intransigente, totalmente grosseirão. Eu acho que o fato de eu ser gay isso me ajuda demais. Eu ia ser muito bronco, eu ia ser muito preconceituoso. Você imagina eu podendo... Se houvesse campo pra aflorar isso, esse preconceito todo. Eu sendo gay e preconceituoso não combina com o meu jeito. Acho que há alguns traços que todos os gays têm: são mais criativos, são mais delicados e são mais sensíveis. Eu me vejo muito sensível e muito criativo. E acho que a gente tem que se superar, porque não adianta você ser bom, você tem que ser o melhor. O melhor engenheiro. Porque onde eu estiver trabalhando vai virar alguém e dizer ‘ah! É gay’. ‘É bom, mas é gay’! (...) Já imaginou gay sem bom gosto? Se mata”!(Cádmio, 23 anos)

Diante da assertiva de Cádmio, de que ele era naturalmente “homossexual” e de que isto era algo positivo e diferenciador em sua vida, indaguei-lhe sobre seu posicionamento caso lhe fosse concedida a oportunidade de se decidir sobre tal aspecto. Ainda assim ele seria “homossexual”? *“Seria. Porque eu acho que é um dom. Eu sei que é estranho eu falar isso, mas é. É uma provação. Você vai saber passar por esse teste? (...) Eu sou este e ponto. Estou muito feliz com minha situação. “Então você vê sua inclinação homoerótica como algo positivo”? “Totalmente, totalmente. Muito glamour, charme e sedução”.*

Mais ou menos exacerbada em seus aspectos positivos, esta essência que subjaz ao homoe-rotismo, não diz respeito apenas ao que se sente e ao que se pensa sobre si. Vimos nas falas de alguns homens que ainda que se desconheça sua real natureza (ela é uma “coisa” que se sente, ou, como muitas vezes me falou Molibdênio, *“ela é o mistério do homossexual”*, e que precisa ser extravasada), ela parece estar presente em tantos quantos homens nutram desejos por outros homens.

“Não sei ao certo, mas acredito que assim como eu, eles vêm [fazer pegação] motivados por um desejo interno de ter relações com outros homens. Um desejo que eu acho natural, que pode até não acontecer com todo mundo, mas que em quem acontece, faz com que procure saciar. Agora, se for pra pensar em termos de oferta e procura mesmo, acho que a grande maioria que vem aqui, no Parque da Lajinha, é porque faz isso escondido, procura se esconder da sociedade. Já notei que a grande maioria dos homens que vêm aqui é casada, porque estão sempre com aliança no dedo, e velhos. Aqui vem muito velho. Por isso que digo que

*encontrar alguém por aqui é muita sorte. Eu não fico com eles e, tirando você, aqui, só fiquei com um cara mais ou menos da minha idade”. “**Tudo bem, mas esse desejo do qual você falou de onde você acha que ele vem? Olha, pra ser bem sincero, eu acho que ele vem de dentro do nosso corpo mesmo, acho que ainda não dá pra explicar direito. Se é genética, se é hormônio, eu não sei, mas que está lá está**” (Germânio).*

Molibdênio costumava-me dizer que acreditava que alhures aos limites dos espaços de *pegação* (já que neles nós teríamos códigos específicos de explicitação implícita dos desejos) era possível reconhecer um “homossexual” apenas pelo olhar, mesmo sem nunca tê-lo visto antes e independentemente do contexto do encontro e dos sinais exteriores como roupa, impostação da voz, comportamento, etc., Assim como ele, muitos outros também acreditavam nisso. Conversando não só com os sujeitos da *pegação*, mas também com conhecidos assumidamente *gays* que não o faziam, invariavelmente era comum que eles se remetessem a esse tipo de constatação, e que pode ser resumida na seguinte fala: “*Não tem jeito, você passa na rua e olha pro sujeito, mesmo sem ele te olhar e você já sabe: ele é. Ih meu filho, mais de 90% de chance de acertar. Agora, isso é uma coisa que se sente, e não que se explica*” (Rubídio, 17 anos).

Ânodo

Também crentes na existência de uma essência diretriz dos desejos homoeróticos, alguns outros homens tinham sobre ela uma opinião menos positiva (a grande maioria). Viam-na, por exemplo, como um fator indissociável da promiscuidade entre aqueles que faziam *pegação*. A vontade de ter relações sexuais com o maior número de parceiros possível podia ser o lado perverso da condição homoerótica. Uma das reflexões “nativas” a respeito deste assunto e que eu considero extremamente interessante me foi posta por um indivíduo que conheci através da internet. Para ele, o que estava por detrás da *pegação*, em termos de psicologia humana, era certa influência dos astros, mais especificamente do signo de Escorpião.

Por sugestão de um indivíduo que conheci em 2006, no Cine São Luiz, eu criei um perfil verdadeiro no sítio eletrônico de relacionamentos eróticos *Disponível* para ver se obtinha mais e melhor acesso a informantes que, por ventura, quisessem participar da pesquisa. Neste perfil, que criei sob a alcunha de Verlan Veneno e no qual expus uma foto de meu rosto, coloquei alguns dados pessoais sobre mim mesmo e disponibilizei informações sobre

as minhas reais intenções naquele sítio. Deste modo, deixei claro que procurava contatos com outros homens que se relacionavam sexualmente com homens para arregimentar dados para a minha dissertação. Foi por intermédio deste sítio eletrônico que acabei conhecendo Nióbio (39 anos), com o qual tive oportunidade de conversar em três ocasiões através do programa de mensagens instantâneas pela internet, popularmente conhecido como MSN.¹⁵⁴

Freqüentador da sauna gay da cidade, para Nióbio todas as pessoas que se envolviam em situações de *pegação* estariam sob a influência, direta ou indireta, do signo de Escorpião. Este signo agiria sobre um impulso psicológico último correspondente aos desejos homoe-róticos. Seu posicionamento sobre o assunto possuía um viés extremamente negativo, pois para ele as interações ocorridas neste âmbito não traziam felicidade e possuíam certo grau de incompletude, na medida em que geravam mais frustrações do que realizações propriamente ditas. Abaixo segue o trecho de uma de nossas conversas, no qual ele explicita sua teoria¹⁵⁵:

(...)

Nióbio diz:

Hum... Eu sou tão curioso quanto vc. Vc fez faculdade de que? Filosofia?

Verlan diz:

Fiz Ciências Sociais na UFJF.

Nióbio diz:

Ah... Legal... Eu fiz Filosofia e algumas disciplinas em Ciências Sociais. Hoje, estudo DIREITO. E leio muito sobre Psicologia... Também sou pesquisador da psicologia humana.... Vamos nos falando que eu tenho umas coisas legais a acrescentar...

¹⁵⁴ Como o *Disponível* possuísse um *link* específico para Juiz de Fora, imaginei que criar um perfil em sua página em muito facilitaria o meu acesso aos sujeitos que procuravam outros homens para *transar*, quer fosse freqüentando os locais físicos de *pegação*, quer fosse pela marcação de encontros via internet mesmo. Seja como for, a idéia me pareceu pertinente porque me permitiria dar continuidade ao trabalho de coleta de dados mesmo não estando em Juiz de Fora. Ao mesmo tempo supus que, como a maior parte dos perfis disponibilizados nos sítios de relacionamentos desta natureza não expõe a identidade de seus usuários, a não ser que eles o queiram, talvez o acesso a essas pessoas fosse mais simples. A internet funcionaria como um agente facilitador, principalmente para aqueles que quisessem manter o anonimato e falar de si, ou sobre os pontos de encontro na cidade. Mas se a idéia de colocar um classificado na internet parecia realmente muito boa, a sua implementação se mostrou justamente o contrário. Isso porque ao longo do período que permaneci com o perfil ativo na página (mais de um ano e meio), o máximo que pude acumular foram um sem número de cantadas e de fotos de pênis e atos sexuais os mais diversos. Eu poderia mesmo abrir uma pequena exposição fotográfica de pênis eretos, cuja última contribuição, advinda de um rapaz que se dizia ter 18 anos e estar no exército, foi, no mínimo, inusitada. Ele me enviou uma foto de seu pênis excitado abraçado por um bichinho de pelúcia.

¹⁵⁵ Por questões estéticas, optei por reproduzir no corpo textual o formato salvo no programa MSN, alterando apenas o tipo e o tamanho da fonte, e o espaçamento entre as linhas.

Verlan diz:

E me diga uma coisa. Que “tipo de gente” vc acha que frequenta esses lugares?

Nióbio diz:

Hum.... Não tem classe social.... Pobre, rico. Isso é verdade. O que iguala todos eles é a vontade pelo sexo... A vontade da putaria... A vontade do sexo imundo.... Do sexo que vem do sub-mundo. A vontade do sexo eventual... A vontade do sexo com alguém desconhecido, novo. A vontade do novo. A vontade do sexo com o proibido. A vontade de sentir a emoção, isso lhes trás vitalidade... É uma ansiedade que eles sentem.... E eles buscam sempre essa ansiedade... Geralmente não trás satisfação esses encontros... É tudo muito mal feito, rápido e sem vínculo..... Não trás satisfação, mas trás emoção.... São pessoas que têm vício. São viciadas em sexo. Pensam em sexo o tempo todo e deixam de fazer coisas da sua vida para se dedicar ao sexo.... São viciadas. É o lado negro da homossexualidade. Eu pesquiso muito também lá na sauna [sauna gay da cidade]... Eu acabei fazendo amizade com eles... E eles me acham engraçado pelo tanto que eu pergunto....

Verlan diz:

E vc acha que há uma base psicológica para esse tipo de comportamento?

Nióbio diz:

Sim. Há uma base psicológica sim. Minha pesquisa vai além do que vc imagina...

Verlan diz:

Fale-me sobre ela. Se quiser, é claro.

Nióbio diz:

Seria legal vc me procurar em Juiz de Fora, e eu te levo na sauna e te explico minhas teorias.

Verlan diz:

Pode ser. Eu só vou a JF em julho, pois estou no período de provas aqui.

Nióbio diz:

Minhas teorias vão além.... Eu faço uma pesquisa de "signos"... Eu busco saber o que tem nessa base psicológica dessas pessoas homossexuais viciadas em sexo... E descobri uma coisa comum entre elas: o signo, as influências do signo de escorpião. Não necessariamente a pessoa é do signo de escorpião, mas,... Ela tem influências em planetas que regem o seu lado emotivo, a sensualidade... Etc.

Verlan diz:

Interessante. Então vc junta essas duas coisas?

Nióbio diz:

Tenho muito a te falar...

Verlan diz:

Que legal

Nióbio diz:

Sim.

Verlan diz:

Tem mesmo

Nióbio diz:

Quando eu fui à sauna... Eu cheguei lá e pensei: meu Deus..... Isso aqui é a cova do escorpião... É o habitat do escorpião... É o meio em que ele vive.... O escorpião.... Conversa vai, conversa vem... E descobri que o dono da sauna é do signo de escorpião... É loucura isso... Só eu mesmo prá acreditar nisso... Mas... Tou te falando a verdade. Eu pesquiso isso... Se é verdade mesmo ou não... Mas, que há coincidência, há sim.

Verlan diz:

Bom, as coincidências são sempre um indício.

Nióbio diz:

Pois é...

Verlan diz:

E me diga uma coisa...

Nióbio diz:

Na verdade eu não sou escorpião.

(...)

Nióbio não era do signo de Escorpião (era, assim como eu, de Aquário, o que, segundo ele, seria responsável pela nossa sede de conhecimento), mas acreditava que aqueles que faziam *pegação* tinham sua orientação homoerótica desorientada pela influência deste signo. De certo modo, mesmo se considerarmos que em Astrologia os astros apenas têm influência sobre os acontecimentos (dizem que a ação de Plutão em determinadas casas do Zodíaco no mapa astral de uma pessoa pode ser devastadora), o mesmo não pode ser dito no que compete aos caracteres psicológicos dos seres humanos. Quase nada entendo de Astrologia, mas até onde sei, em termos astrológicos, basta nos lançarmos a uma investigação mais aprofundada sobre o signo de uma determinada pessoa e chegaremos, grosso modo, ao seu “motivo de ser”: “essa emotividade toda que ela tem vem de Peixes”; “sendo assim tão perfeccionista, não poderia ser diferente, é do signo de Virgem”.

Não é meu intuito pôr ou não em xeque a veracidade destas suposições. Em termos antropológicos, a Astrologia pode ser entendida como uma dentre tantas outras formas de problematizar e interpretar o mundo, assim como a própria ciência.¹⁵⁶ Do mesmo modo que o fato de os piro considerarem seus corpos diferentes dos corpos dos habitantes de Lima (Peru) poderia não ser uma teoria biológica equivocada, e sim, uma idéia não-biológica de corpo (Viveiros de Castro, 2002), é possível que a crença na influência dos astros sobre as características psicológicas das pessoas seja apenas uma visão não-científica da coisa. Seja como for, o que importa aqui é como os sujeitos sentiam (e refletiam sobre) o homoerotismo, atribuindo-lhe uma causa última e inescapável, não importando de que natureza ela fosse feita.

Se a promiscuidade é o “*lado negro da homossexualidade*”, como asseverara Nióbio, este é apenas um de seus lados negativos. O desejo homoerótico enquanto essência também

¹⁵⁶ É preciso reconhecer que a Astronomia tem sua origem na Astrologia.

pode ser entendido como a causa primeira dos infortúnios que se experimenta, reconhecido quase como uma maldição. Emerge de sua constatação, a partir de experiências particulares e daquelas experimentadas por outrem, todo um sentimento de culpa de se “ser o que se é”. O entrecruzamento entre o desejo por pessoas do mesmo sexo (vivenciado ou não) e outras ocorrências pode agravar ainda mais este sentimento de culpa, como no caso da infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, o HIV.

Em seu estudo sobre o impacto da epidemia de AIDS entre os homossexuais na França em fins da década de 1980, Pollak (1990) assinalou que o medo da doença entre indivíduos com esta orientação (sobretudo, os “enrustidos”¹⁵⁷) repousava no temor maior de que a sua orientação sexual fosse descoberta. A doença potencializaria os riscos de eles serem atacado pela sociedade inclusiva justo por vivenciarem uma sexualidade nada ortodoxa. Por outro lado, uma vez diagnosticados como portadores do vírus, estes sujeitos se viam envolvidos por um interrogatório que investigava o seu comportamento sexual. Ao mesmo tempo, poderiam ser levados a discriminar a si mesmos tanto pela aquisição do achaque, quanto por suas preferências sexuais, muitas vezes vendo nestas últimas a razão de terem sido contaminados.¹⁵⁸

O HIV é apenas um dos problemas que podem potencializar ainda mais o valor negativo atribuído ao homoerotismo por parte daqueles que o sentem e experimentam. As relações as mais diversas, nos mais diversos círculos sociais (família, trabalho, escola, religião, amizade) acabam por contribuir, dependendo de sua maior ou menor abertura para o fenômeno, para que os sujeitos vejam suas inclinações homoeróticas como motivo de tristeza, apreensão, vergonha e angústia. Um problema que muitas vezes reside neles mesmos e contra o qual, se pudessem, lutariam, de modo a extirpá-lo. “*Pratico o homossexualismo desde pequeno, é uma coisa da qual não dá pra fugir. Se eu pudesse deixava de ser homossexual, só por causa da minha família*” (Molibdênio).

¹⁵⁷ Termo empregado no meio *gay* para se referir a aqueles que, apesar de sentirem-se atraídos sexualmente por pessoas do mesmo sexo, não assumem tal condição para si, e nem para os demais.

¹⁵⁸ É importante lembrar que no início da epidemia de AIDS, nos anos 80, a idéia de grupo de risco propagandeada pelos órgãos estatais, meios de comunicação de massa e a própria comunidade científica, se remetia massivamente aos homens que faziam sexo com homens. Para uma interessante recapitulação do tema, ver Bastos (2006). Recentemente, o Governo Federal, através do Ministério da Saúde e do Programa nacional de DST/AIDS vem engendrando campanhas de conscientização sexual voltadas especificamente para “homossexuais” e travestis.

“Eu me considero homossexual mesmo, sei que não tem jeito. Eu tento disfarçar de todo modo pra minha família, mas isso me custa muito caro. Eu vivo praticamente sozinho, não tenho amigos. (...) Minha família não sabe e nem pode saber de mim. E eu não tenho forças pra lutar contra isso [homoerotismo]. Pelo menos sozinho. É por isso que aproveito minhas vindas a Juiz de Fora pra vir aqui [Cine São Luiz], pois sei que não serei reconhecido” (Iridio, 22 anos).

Em algumas entrevistas mais demoradas, ou mesmo nas conversas informais, alguns indivíduos fizeram de nossas conversas oportunidades de desabafo de suas angústias e medos. Molibdênio, por exemplo, na primeira vez em que nos encontramos, quando informado do fato de eu também estudar Biologia, quis saber a minha opinião sobre a razão de algumas pessoas se sentirem atraídas por outras do mesmo sexo. Chegou a formular-me uma questão desconcertante: *“Por que eu sou assim”?* A Biologia teria a resposta?¹⁵⁹

Confesso que fiquei sem ter o que dizer, afinal, pois de nada adiantaria falar-lhe de investigações genéticas e hormonais, de estudos de neurociência comparando cérebros de “homossexuais” e “heterossexuais”. O mais importante talvez, e foi o que me pareceu naquele momento, fosse extrair dele mesmo o que sentia a respeito desta questão. Menos do que oferecer uma resposta (e eu jamais poderia fazê-lo, quer fosse eu partidário ou não das proposições da Biologia sobre o assunto), e que, necessariamente, ele esperava ser baseada em postulados científicos inquestionáveis (o que sei ser impossível), eu deveria avançar por outro caminho. Procurar, a partir de um diálogo entre nós dois, descobrir qual o significado, para ele, desta “força” que o impelia para a busca de prazer com outros homens.¹⁶⁰

¹⁵⁹ Minha condição de estudante de Ciências Biológicas não tinha qualquer importância para mim no que se refere ao trabalho de campo, mesmo porque, eu iniciara esta nova graduação muito recentemente (2007). Logo, este foi um dado que procurei omitir para aqueles com quem conversei com o intuito de arregimentar dados para a pesquisa no ano passado. Os que souberam, como Molibdênio, souberam por intermédio de terceiros. Mas é notável como muitos de meus amigos e conhecidos, “homossexuais” ou não, e que já sabiam de meus interesses de pesquisa desde a graduação em Ciências Sociais, ao saberem de minha nova graduação em Ciências Biológicas, passaram a me indagar sobre a possibilidade de uma resposta biológica para os comportamentos sexuais: *“E aí, tem ou não tem uma coisa por trás do sexo?”*. Quem deveria responder? O estudante de Biologia ou o antropólogo? Eles queriam o aprendiz de Biologia. Não pensei duas vezes, bandeiei-me para o lado das bactérias assexuadas!

¹⁶⁰ Ao responder a um crítico de seu trabalho junto aos travestis porque não os orientou quanto à operação de mudança de sexo, Silva (1996: 78) afirmou que o trabalho do etnógrafo não é dar conselhos. “Aconselhar aqui significaria positivar um rico amálgama de possibilidade de exercer no interior da ciência o controle do significado em detrimento das amplas perspectivas abertas para a consciência de que todo e qualquer resíduo humano é essencialmente polissêmico”.

“Pra mim é um defeito, entendeu? Por causa de todo esse problema que eu tenho cara, de querer fazer, de querer sair e não poder sair”. Perguntei se sua resposta estava relacionada ao fato único de ele ser “homossexual” ou se era devida a causas mais objetivas, como o preconceito da sociedade inclusiva.

“As duas coisas. Por quê? Primeiro, porque eu vou decepcionar, no caso, meus pais, possivelmente minha esposa. Se eu não fosse casado, tudo bem, mas aí teria toda a parte da família, entendeu? Então é complicado, não sou hipócrita nesse ponto. Você tá entendendo? E assim... Falar que eu enfrentaria a sociedade, eu estou mentindo pra você. Eu posso falar que não devo nada a ninguém, igual eu vejo o pessoal famoso falando na televisão, todo mundo fala lá do fulano que deu, dos artistas da Globo, me incomoda. Eu se pudesse ser hetero e não ter problema nenhum seria perfeito”.

Molibdênio e Irídio são apenas os dois que mais se puseram a falar, de forma franca, de seus infortúnios causados pelo homoerotismo que sentiam. O primeiro porque viu em nossas longas conversas uma possibilidade de desabafo, confiando-me muitas passagens de sua vida particular. O segundo porque, apesar de nosso breve contato (apenas um encontro no Cine São Luiz), viu materializar-se em mim, num contato fugaz, a figura de seu tão sonhado príncipe encantado. Mas eles não foram os únicos a demonstrar certa apreensão quanto à sua própria condição homoerótica. Por vezes, bastava-me fazer-lhes apenas uma questão para ter acesso a tais formulações: “Se pudesse ser, você seria”? Não foram poucas as vezes em que recebi um “não” como resposta. Conhecidos e desconhecidos que de alguma forma passaram por este trabalho, dando seu testemunho quer fosse numa entrevista registrada, quer fosse num simples bate-papo num ponto de ônibus, mas que por motivos os mais variados optaram por não aparecer, também tinham lá os seus queixumes, suas angústias.

Nos pontos de *pegação* pelos quais transitei ao longo de todos esses anos presenciei muitas cenas, pornográficas ou não, do mesmo modo que ouvi relatos os mais variados. Se havia aqueles que acreditavam numa essência para seus desejos, havia aqueles para os quais esta era uma questão inexistente. Simplesmente não problematizavam suas incursões aos locais de *pegação* ou as motivações que os levavam até lá. Mas para os que acreditavam este era um dado importante porque era parte integrante de suas motivações. O desejo em si mesmo se articulava com outros fatores e neste emaranhado de motivações, havia ainda aqueles

que viam sob um prisma positivo a “natureza” de que eram feitos, enquanto outros já a enxergavam como um problema.

Como eu disse no início deste capítulo, não me caberia dizer aos que acreditavam se estavam certos ou errados em suas convicções. Não era este o meu propósito, mesmo porque, eles não acreditavam numa essência homoerótica por acreditar, eles a sentiam. E se a sentiam, é porque, de algum modo, ela existia. O máximo que me caberia na condição de antropólogo seria tomá-la tanto como um dado relevante para a minha pesquisa como uma possibilidade explicativa real do homoerotismo e das motivações dos homens para irem aos locais de *pegação*.

Deste modo, fazer *pegação*, estar nos espaços de *pegação*, envolvia desde micro técnicas de paquera e de despiste (piscar um olho no espelho // amarrar um calçado inúmeras vezes) até motivações as mais “esdrúxulas” (gostar de um cuzinho). O sexo nesses locais poderia ser só sexo (a *sacanagem*) ou uma tentativa de se “*arranjar um namorado*”. Homens de diversas cores, de diversas idades e ocupações, casados ou não, e com as mais diversas intenções, acabaram por criar, para si mesmos, um universo particular que senão isento de influências exteriores, ao menos poderia ser tido como uma reinvenção do que traziam de fora (a transgressão). Verdadeiros blocos espaços-temporais que mexiam com as coisas e os seres, alterando prescrições objetivas e intenções subjetivas. Blocos esses cuja dimensão a mais profunda, a da duração da existência nos seres, o tempo concreto das intensidades vividas, aqui invocando Bergson novamente, eu pude apenas entreolhar através daquilo que me foi dito.

“Eu acredito que eu seja assim desde que eu nasci. Eu já nasci homossexual, já vim pro mundo com esse fardo. Você não sente o mesmo? Não sente que isso é uma coisa que nasce com a gente? Ah! Por Deus, se eu pudesse escolher eu não teria isso dentro de mim, eu ia arrancar cada parte dessa coisa que me faz diferente dos outros. Mas ao mesmo tempo é como seu eu não tivesse forças pra lutar. Lutar contra o mundo e lutar contra a homossexualidade. É mais forte que eu. E é por isso que eu venho aqui. Sou um sonhador também, e um dia vou encontrar alguém assim que nem você, um verdadeiro príncipe encantado” (Íridio).

Com efeito, poderíamos tomar as falas arroladas neste último capítulo como pronunciamentos também inseridos no seio de blocos espaços-temporais. Não só por conta do exercício da *pegação* em determinados ambientes, numa alteração mútua dos espaços, do tem-

po, e do seres através das experiências, mas sobremaneira, da própria pesquisa. Isso porque a pesquisa mesma, enquanto constituída de eventos localizados no tempo e no espaço (observações, participações e entrevistas), se fez operar através da instituição de verdadeiros blocos de espaço-tempo. Os locais de *pegação* não eram só locais de *pegação*, mas por acréscimo, locais de realização de uma determinada atividade: a pesquisa de campo. Pelo menos enquanto ela durou, em termos de sua continuidade (os anos transcorridos) e de suas pontualidades (os momentos passados em determinados ambientes).

Nas vezes em que partilhamos momentos em comum, a despeito dos interesses de cada um, eu e meus interlocutores, muito provavelmente, trocamos experiências que, em maior ou menor escala, muito possivelmente impactaram, de algum modo, uns e outros. Quem sabe mesmo, longe de possuírem respostas prévias para as minhas indagações, os homens com os quais conversei tiveram de refletir sobre elas ali mesmo, nos momentos de conversa e entrevista? Em contrapartida, determinadas colocações me obrigaram, inexoravelmente, a refletir não só sobre o encaminhamento do trabalho, mas, por extensão, sobre o que eu pensava (e penso) sobre determinados assuntos.

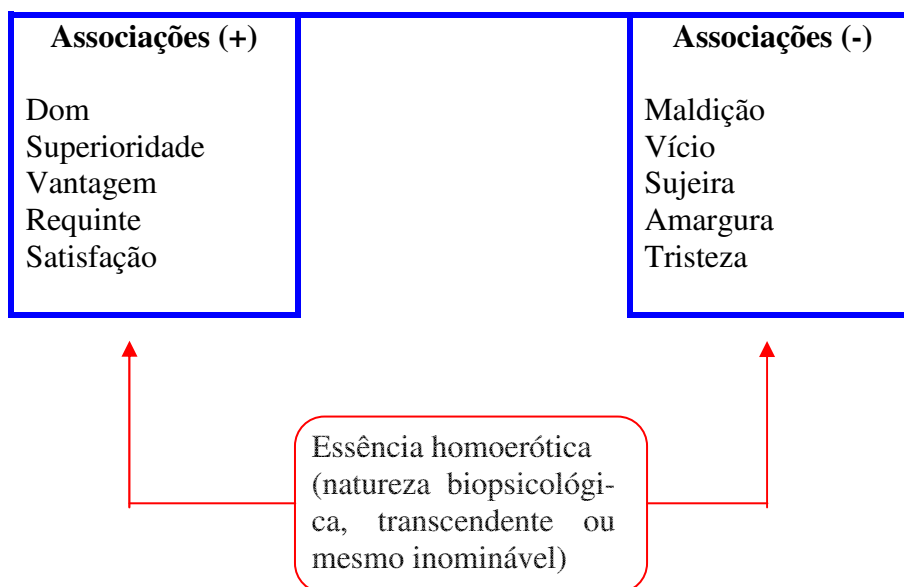
Volto, então, à idéia de que as falas que compõe este capítulo (assim como todas as experiências ocorridas durante o trabalho de campo e que foram descritas ao longo de toda a dissertação) podem ser situadas dentro de blocos espaços-temporais. Vivências e falas localizadas é verdade, mas que, de modo algum, inviabilizam a possibilidade de ultrapassagem de seus limites espaciais e temporais (no sentido físico do termo). Não só por conta de sua pertinência enquanto mapeamento de um dado fenômeno sociológico, que com o tempo pode se mostrar fugaz ou perene, localizado ou mais geral. Acrescento a esta dimensão outra, da mais alta importância: o das experiências subjetivas, capazes de promover transformações no pensamento. Os pensamentos de muitos destes homens pode ter se alterado, o que, para mim, não seria nenhum espanto. Para tanto, as correlações entre estrutura e mudança continuarão desafiando os cientistas sociais.

Abaixo, seguem-se duas tabelas nas quais procurei resumir os aspectos mais recorrentes nas falas dos informantes sobre suas incursões aos locais de *pegação*.

QUADRO 1 – MOTIVAÇÕES MULTIFATORIAIS

Aspectos mais particulares	Aspectos mais gerais (sociológicos)
• Apreço pelo sexo anal • Busca pela sensação de perigo • Desejo de exibição • Desejo de sacanagem gratuita • Procura por um parceiro fixo • Procura por experiências diversificadas	• Estado civil (casamento) • Fuga dos aparelhos de captura (preconceitos da sociedade inclusiva, família, estereotipagens do mundo <i>gay</i>) • Não enquadramento em identidades sexuais estanques (não-identidade)

QUADRO 2 – ASPECTOS ASSOCIADOS A UMA SUPOSTA ESSÊNCIA HOMO-ERÓTICA



CONCLUSÃO

Último minuto: o “inusitado” e algumas possibilidades investigativas em Juiz de Fora

No momento em que dei por finalizado meu trabalho de campo para me lançar à confecção desta dissertação, Juiz de Fora se viu tomada por um embate público entre representantes de segmentos evangélicos e defensores locais dos direitos GLBT. No dia 18 de setembro de 2007 seria votado na Câmara municipal o projeto de lei que incluiria no calendário oficial da cidade o Rainbow Fest, a Parada do Orgulho e da Cidadania GLBT, e o Miss Brasil Gay. Seria, mas não foi. Naquele mesmo dia, a Prefeitura de Juiz de Fora, pressionada e ameaçada pela bancada evangélica com a negação de apoio a outros projetos em tramitação, retirou, antes mesmo da sessão, a mensagem que incluiria tais festejos, sob a alegação de “avaliação técnica”. A sessão de votação foi substituída por uma sessão de Tribuna Livre concedida ao Conselho de Pastores de Juiz de Fora (Compas), cujos representantes teriam se manifestado de modo agressivo contra a implementação do projeto por considerarem anticristãos os comportamentos de *gays* e *lésbicas*.

As falas dos pastores que pediram a palavra na Tribuna Livre foram reproduzidas pelos jornais da cidade e o que se assistiu a partir de então foi o embate público mencionado no início do parágrafo anterior. De um lado, os evangélicos asseveravam que "*gays e lésbicas banalizam a sexualidade e promovem a decadência da família*", e que "*eles estão protegidos pela lei para cometer tais pecados*".¹⁶¹ Do outro lado, o Movimento Gay de Minas (MGM), através de seu sítio eletrônico na Internet, chamava a atenção para o fato de que o ocorrido na Câmara feria decisivamente os direitos humanos dos homossexuais e a soberania do Plenário da Câmara Municipal¹⁶².

Ao longo de pouco mais de um mês, a discussão envolvendo evangélicos e defensores dos direitos GLBT pareceu tomar conta da cidade. Nos órgãos de imprensa, foram feitas referências quase diárias à animosidade de seus representantes, com muitos pareceres de am-

¹⁶¹ Pastor Aloízio Penido, presidente do Compas e representante da Igreja Batista. Jornal *Tribuna de Minas*, Juiz de Fora, 19 de setembro de 2007.

¹⁶² Fonte: sítio eletrônico do MGM: www.mgm.org.br (Acessado em 26.11.2007)

bos os lados, como se depreende a partir das cartas de alguns leitores do jornal *Tribuna de Minas*:

Foi com apreensão e incredulidade que li neste jornal a reportagem citada acima. Vivemos, ainda, em um país laico e não creio ser atribuição destes pastores que não representam grande parte da população brasileira usar a Câmara para estes fins. Existem muitos outros problemas, estes sim, que interessam a todos nós e os quais não são discutidos verdadeiramente. Quando um pastor foi acusado de encomendar a morte de outro, eles não vieram a público nos dar satisfação ou dizer como anda o processo. Nós, brasileiros, que procuramos nos informar em outras fontes que não às oficiais, precisamos dizer “não” à ingerência religiosa nas nossas vidas. Assim começou o nazismo. Um dia, prenderam os “gays”, depois os negros, os ciganos etc. e deu no que deu. A bancada evangélica deveria preocupar-se com o seu nível de atuação parlamentar, que é péssimo.¹⁶³

Não se trata apenas de uma questão de moralidade, e tão pouco contra a homofobia, e sim de seguir os preceitos bíblicos em que na palavra de Deus diz: “Com varão (homem) não te deitarás, como se fosse mulher: abominação é” (Levítico 18:22). Pois quem comete tal coisa abominação faz ao Senhor, e dos tais não é o Reino dos Céus. Entretanto, Deus pela sua infinita misericórdia concede o arrependimento e perdão por tais fatos, afim de que se torne nova criatura em Cristo Jesus.¹⁶⁴

A Constituição do Brasil dá o pleno direito da livre manifestação de pensamento e de opiniões. Sem ofender, podemos discordar de qualquer posição das pessoas. Eu discordo da prática gay, por isso, oro para que os gays abandonem as práticas que adotam e se voltem para Deus, Criador de machos e de fêmeas, conforme o registro da Escritura Sagrada, abraços.¹⁶⁵

No dia 1º de outubro o presidente do MGM, através do sítio eletrônico da entidade, proferiu uma resposta à fala do presidente da Ordem dos Pastores Batistas do Brasil. No artigo intitulado *Falta Moral aos Evangélicos*, ele expunha o quadro opressivo pelo qual os indivíduos com inclinações homoeróticas vinham passando no país, ao mesmo tempo em que

¹⁶³ Jornal *Tribuna de Minas*, 20 de setembro de 2007.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Jornal *Tribuna de Minas*, 28 de setembro de 2007.

asseverava a incapacidade moral de os evangélicos proferirem qualquer julgamento justo pelo fato de manterem em seus quadros institucionais “ladrões, estupradores e pedófilos”, além de outros atributos mais. A seguir, trechos do artigo:

O discurso anti-homossexuais promovido por pastores como você tem legitimado e justificado a violência contra nós, em nome do seu deus. Temos sido covardemente julgados por vocês, que não possuem moral suficiente para nos condenar. Temos sido o alvo preferido de religiosos que não conseguem sequer evitar que o demônio entre em seus templos e corrompa seus seguidores. Estamos sendo julgados e condenados por igrejas em cujos quadros dirigentes encontramos ladrões, estupradores, pedófilos, traficantes de drogas, trambiqueiros, charlatões e toda a corja de aproveitadores a quem não restou outro golpe senão tapear a população ingênua e desesperançosa que precisa acreditar em milagres para sobreviver. // (...) Hipócritas, pregam a abstinência, mas os jornais noticiam seu envolvimento em orgias com suas obreiras; pregam a fidelidade, mas são incapazes de se manterem fiéis as suas parceiras e estão sempre metidos em escândalos que passam pela violência sexual contra as mulheres, quando não atingem crianças, em casos escabrosos de pedofilia. Pregam a virgindade pré-matrimonial, mas estão sempre envolvidos em relações clandestinas com suas ovelhas não-castas. Defendem a família e são incapazes de manter a sua.

Em meio ao fervor dos acontecimentos, uma nova audiência pública foi marcada para o dia 17 de outubro, e como era de se esperar, mais agressões foram trocadas entre as partes envolvidas. Até onde se sabe o projeto que previa a inclusão das festividades GLBT no calendário oficial do município não foi votada e isto, em grande parte, devido ao peso político da bancada evangélica na Câmara.

Não pude estar presente em nenhuma das duas sessões e o máximo que consegui foi acompanhar o debate através das versões *on line* dos órgãos de imprensa da cidade, do sítio eletrônico do MGM e de informações advindas de amigos meus que lá residiam. Ao fazer isso, duas coisas me chamaram a atenção.

A primeira delas é que, em certa medida, ainda não podemos considerar a “questão homossexual” como resolvida em nosso país. Se Green (2006:15) tem razão ao afirmar que “um garoto que chegou à adolescência em meados dos anos 1990 não é capaz de imaginar o que significaria assumir a sua homossexualidade até a época em que nasceu”, Mott (2006) também está certo ao chamar a atenção para o fato de, no Brasil, um indivíduo com orien-

tação homoerótica ser assassinado a cada dois dias em função da intolerância e do preconceito. Em se tratando de Juiz de Fora, cidade reconhecida nacionalmente como uma das principais dentro do circuito GLBT nacional, e detentora de uma lei contrária a discriminação dos “homossexuais”, o veto à inclusão das festividades *gays* ao seu calendário oficial de acontecimentos no ano em que só a Parada do Orgulho e da Cidadania GLBT reuniu 100 mil pessoas nas ruas chama bastante a atenção. O discurso incitador à discriminação por parte dos evangélicos pode até não representar toda a sociedade juizforana, mas faz parecer que, assim como ocorre com o racismo, o preconceito contra determinados segmentos da sociedade ainda se faz operar de modo silencioso até que lhe seja dada oportunidade de se manifestar de modo mais portentoso. A “capital *gay* do país” estaria longe de ser um paraíso idílico para o exercício pleno de um homoerotismo?¹⁶⁶.

Se a bancada evangélica fez da votação do projeto de inclusão das festividades GLBT no calendário oficial da cidade uma ferramenta para destilar seus preconceitos contra toda forma de sexualidade não heteroerótica e monogâmica, fazendo valer seu poderio político na cidade, aqueles que optaram por enfrentá-los chamaram a atenção para um dado de extrema relevância. Mais do que proferir veredictos preconceituosos, a bancada evangélica na Câmara, ao apoiar o Compas, estaria inserindo no domínio laico da política suas convicções religiosas. Não é meu intuito aqui discorrer sobre o assunto, mesmo porque, esta é uma dimensão distante de minhas pretensões investigativas nesta dissertação. E como veio à tona apenas recentemente, não seria coerente de minha parte lançar-me à sua análise ainda sob o impacto do calor dos acontecimentos. Mas creio que tal constatação não deixa de ter validade se considerarmos que o fenômeno do trânsito religioso na esfera política vem merecendo uma atenção mais acurada por parte dos cientistas sociais. Longe de vivermos sob a “tutela” de um Estado completamente laico conforme propõe a Constituição de 1988, observamos continuamente uma interferência política cada vez maior de determinados segmentos religiosos em vários assuntos caros ao país, como a legalização ou não do aborto e as pesquisas com células embrionárias. O caso de Juiz de Fora é apenas uma ilustração

¹⁶⁶ O MGM assegura que a semana GLBT em Juiz de Fora (Rainbow Fest) é o maior fórum brasileiro de debates sobre o homoerotismo, o maior evento turístico do município, e possui a maior parada gay do interior do Brasil. Ele é realizado em Juiz de Fora desde 1998, e se propõe a ser um evento político e cultural, na medida em que coloca em debate questões relacionadas ao homoerotismo. Direitos civis, educação, militância, saúde pública, entre outros temas, são colocados em pauta de modo a contribuir de forma positiva para a cidadania GLBT. Hoje, a semana GLBT abarca, além das festas e fóruns de discussões, a Parada da Cidadania e do Orgulho GLBT, existente desde 2003, e o Miss Gay Brasil, que é realizado em Juiz de Fora desde 1976. Fonte: sítio eletrônico do MGM: www.mgm.org.mg.br (Acessado em 26.11.2007).

daquilo que Leila Amaral (2003) já havia identificado na cultura popular de consumo: em se tratando de religião, os estudos não podem mais operar com a velha dicotomia proposta por Durkheim de que o sagrado e o profano não se misturam. Talvez nunca tenham deixado de caminhar juntos. O embate entre evangélicos e simpatizantes da causa gay em Juiz de Fora mostrou que política, religião e sexualidade não só se misturam como são capazes de, a partir desta mistura, revelar quadros no quais encontramos religiões propositalmente “profanadas” pela política, agentes políticos supostamente investidos de poderes “sagrados” e morais, e minorias sexuais acossadas pelo puro preconceito, embora também não menos preconceituosas.

Minha idéia ao trazer tais acontecimentos para o final desta dissertação é o de apontar, no que concerne aos aspectos sociais do homoerotismo, algumas possibilidades investigativas em Juiz de Fora que não foram por mim contempladas. Com efeito, durante todo esse tempo em que pesquisei os locais de *pegação* da cidade, observei outros potenciais objetos de estudo que, muito provavelmente, poderiam render pesquisas interessantes para aqueles que se interessarem. Adianto sucintamente algumas delas.

Um aspecto particular de Juiz de Fora, e que poderia ser pesquisado, é o fato de ela sediar, há mais de 30 anos, o concurso nacional Miss Gay. Como uma cidade do interior de Minas Gerais, a despeito do seu desenvolvimento urbano e econômico em comparação com outros municípios¹⁶⁷ foi capaz de se tornar a sede anual de um evento cuja natureza, por si só, poderia ser alvo de oposições? Penso que uma análise diacrônica que conjugue o desenvolvimento da cidade, seu posicionamento geográfico estratégico entre três grandes capitais (São Paulo, Belo Horizonte e Rio de Janeiro), e os primórdios da visibilidade *gay* em seu território, poderia oferecer não só um apanhado histórico das transformações experimentadas por Juiz de Fora no que se refere ao homoerotismo, mas também, um quadro explicativo para o que encontramos hoje.

Por extensão, a criação e promulgação de uma lei voltada especificamente para os direitos GLBT em âmbito municipal também poderia ser investigado tendo em vista o que escrevi no parágrafo anterior, bem como o cenário atual. Seria a Lei Rosa, de fato, um reflexo da visão que a sociedade juizforana como um todo possui do homoerotismo? Esta me parece ser uma questão interessante para uma abordagem mais quantitativa, por exemplo, e que

¹⁶⁷ Em termos de importância econômica, política e social, Juiz de Fora só fica atrás da capital mineira, Belo Horizonte.

num momento posterior, a partir dela, poderia levar ao aprofundamento de outras interrogações. Neste sentido, seria proveitoso comparar os discursos daqueles que se consideram pertencentes às minorias sexuais e os demais segmentos da população na cidade, de modo a se obter um quadro analítico de como vêm se desenvolvendo a visibilidade e o exercício da cidadania, em Juiz de Fora, no que toca as diferentes preferências sexuais dos indivíduos.

É fato ainda que, hoje, a Semana GLBT se apresenta como a maior atração turística da cidade, tanto pelo contingente de visitantes que atrai quanto pela movimentação da economia local. Geralmente, em meados de agosto, Juiz de Fora passa por um processo de transformação tal que, ao se andar pela sua região central, tem-se a impressão de que a tolerância para com a diversidade sexual é uma das marcas de seus cidadãos. Nas semanas que antecedem a Semana já é possível ver uma intensa movimentação nos estabelecimentos comerciais para receber os visitantes, com faixas coloridas dando-lhes as boas vindas. No dia da Parada da Cidadania e do Orgulho GLBT, famílias inteiras acorrem para o Parque Halfeld, a Avenida Rio Branco e o calçadão durante todo o dia, no coração da cidade, para ver de perto os *gays*, os travestis e as *lésbicas* desfilando de forma irreverente seus ousados estilos de ser e se vestir. Não obstante tal constatação, um estudo poderia mostrar se tal receptividade e afabilidade se traduzem, de fato, numa conscientização e respeito efetivos pelos direitos GLBT ou se, num patamar mais profundo, o que está em jogo é apenas o ganho econômico (e político, evidentemente) que se pode ter com tal postura. Ou ambas as coisas.¹⁶⁸

Outro potencial de pesquisa no que se refere ao homoerotismo em Juiz de Fora é a rede de estabelecimentos voltados para o público GLBT, ou que poderíamos chamar de um “circuito *gay*” caracterizado por tipos de sociabilidade mais ou menos específicos. Nos últimos anos houve uma expansão considerável destes estabelecimentos, indo-se desde simples cafés a boates. Pode ser que isto represente não apenas a expansão de um mercado específico, mas também, uma profusão maior de indivíduos que não vêm maiores problemas para freqüentar tais ambientes, mesmo em uma cidade de médio porte, onde a maior parte das opções de lazer se localiza na região central. Por outro lado, é necessário levar em con-

¹⁶⁸ Numa palestra informal sobre diversidade sexual proferida na UFJF em 2005, se não me engano, uma psicóloga que atendia no MGM defendeu a idéia de que não havia qualquer problema com o fato de uma maior aceitabilidade das minorias sexuais perante a sociedade inclusiva ser obtida a partir da expansão do mercado GLBT. Diante de tal assertiva, alguns militantes se mostraram incomodados com a proposição de uma cidadania obtida “através do bolso”, ou seja, comprada.

ta também que Juiz de Fora, além de possuir um significativo número de instituições de ensino superior (UFJF e várias particulares), é um pólo econômico regional, de modo que atrai estudantes de diversas regiões do país e trabalhadores de cidades menores e vizinhas. No caso específico dos estudantes, muitos deles vão morar sozinhos ou na companhia de amigos (formando as conhecidas repúblicas), oportunidade na qual o distanciamento das redes familiares e sociais de origem favorece a emergência de uma sociabilidade homoerótica mais livre de olhares inquiridores. Seguindo este raciocínio, pode ser mesmo que a fama de capital *gay* e de tolerância em relação à diversidade sexual do município seja vista, num primeiro momento, como um atrativo para esses indivíduos, a despeito das dificuldades experimentadas, posteriormente, no cotidiano, o que, em parte, não seria radicalmente diferente do que se vê no restante do país¹⁶⁹. É preciso observar ainda, que uma investigação sobre tal quadro não poderia levar em conta apenas a dimensão das facilidades de exercício da orientação sexual, mas sim, outros fatores conjugados, como as opções de estudo, trabalho, lazer e bem-estar social encontrados no município que, como qualquer cidade de médio porte, também possui deficiências nestes quesitos, dado o inchaço urbano.

Ainda em se tratando dos estabelecimentos voltados especificamente para o segmento GLBT, a formação de “nichos” específicos seria um fenômeno atraente para uma investigação antropológica. Afirmando isto com base nas minhas incursões a estes estabelecimentos quando do meu propósito inicial de pesquisa. Naquela época, e também mais recentemente, pude notar que a apreciação de determinados espaços e de seus freqüentadores era baseada, por exemplo, em estereótipos sobre a aparência (estética), o comportamento (ser afeiminado ou não) e a classe social (bichas pobres *versus* classe média) dos indivíduos. Trata-se de uma constelação de atributos entrecruzados que, apesar da variedade apresentada, possuía um denominador que acredito ser comum: o preconceito. Ou, ao menos, a tentativa de construir rotulações antitéticas do ponto de vista relacional, onde, por meio de discursos e atitudes, punha-se em funcionamento uma máquina abstrata de rotação, sistema muro branco – buraco negro (Deleuze & Guattari, 1996), cuja atuação se volta para a destruição de qualquer possibilidade de polivalência em prol de constituições binárias.

¹⁶⁹ Em conversa sobre minha pesquisa com um professor universitário do Nordeste, *gay* assumido, este me afirmou que o que mais chamou sua atenção nas vezes em que esteve no Rio de Janeiro foi o modo pelo qual os “homossexuais” eram discriminados. Uma realidade que, segundo ele, estava distante daquela propagandeada e na qual os cariocas aparecem como substancialmente abertos à diversidade.

A cada instante, a máquina rejeita rostos não-conformes ou com ares suspeitos. Mas somente em certo nível de escolha. Pois será necessário produzir sucessivamente desvios padrão de desviação para tudo aquilo que escapa às correlações biunívocas, e instaurar relações binárias entre o que é aceito em uma primeira escolha e o que não é tolerado em uma segunda, em uma terceira, etc. O muro branco não pára de crescer, ao mesmo tempo que o buraco negro funciona várias vezes. A professora ficou louca; mas a loucura é um rosto conforme de enésima escolha (entretanto, não o último, visto que existem ainda rostos de loucos não-conformes à loucura tal como supomos que ela deva ser). Ah, não é nem um homem nem uma mulher, é um travesti: a relação binária se estabelece entre o "não" de primeira categoria e um "sim" de categoria seguinte que tanto pode marcar uma tolerância sob certas condições quanto indicar um inimigo que é necessário abater a qualquer preço. De qualquer modo, você foi reconhecido, a máquina abstrata inscreveu você no conjunto de seu quadriculado (pp. 40-41).

Sob tal lógica, se para muitos indivíduos havia uma grande diferença entre ambientes hetero e homossexuais, não só com base nas respectivas orientações sexuais de seus públicos, mas em outros atributos mais, havia a necessidade de distinguir, entre os segundos, os voltados para um público mais “ralé, feio e promíscuo” daqueles procurados por um público “mais seleta, de boa aparência e bem comportado”. Operava-se com uma diferenciação valorativa entre os *boys* (*gays* não efeminados, vestidos como “homens”, geralmente estudantes universitários) e as *pintosas* (*gays* afeminados, mal vestidos, promíscuos e de baixa escolaridade), freqüentadores das duas principais casas noturnas voltadas para o segmento GLBT. Numa, localizada na parte alta do centro da cidade, o grosso dos freqüentadores eram os *boys*, ao passo que, na outra, localizada numa parte menos nobre da região central, freqüentavam as *pintosas* e os travestis.¹⁷⁰ O aparecimento de uma terceira boate, dessa vez localizada numa área mais desvalorizada ainda da cidade, acentuou a troca de farpas entre seus respectivos freqüentadores, já que suas principais atrações eram shows de travestis e rapazes pelados. A ela caberia um público extraído das *pintosas*, as *bichas pão-com-ovo*, “pobres, feias, muito afeminadas, promíscuas e mal amadas”. Um de meus informantes se referia a elas como “as marronzinhas que descem o morro”.

Seja como for, de um modo geral, havia certa animosidade entre os freqüentadores de cada espaço. Para os que se consideravam “*gays* normais” (não afeminados), aqueles que se

¹⁷⁰ Na hora de se referirem às casas noturnas GLBT da cidade, alguns indivíduos viam na existência ou não do *dark room* um dado importante para caracterizá-las como freqüentadas por *gays* promíscuos ou não.

aventuravam tanto em espaços públicos de *pegação* quanto os freqüentadores de boates com *dark room* eram “*gays* anômalos”, “feios, afeminados, mal amados e promíscuos”, verdadeiras “bichas” que ameaçavam a visibilidade positiva dos “homossexuais”. Já para aqueles que se consideravam bichas, em oposição aos *boys*, viam-nos como uma deturpação do ideário *gay*, como “gente de nariz em pé e fingida” que pretendiam passar uma imagem não correspondente à realidade, pois tudo o que queriam, na verdade e por debaixo dos panos, “era uma oportunidade para chupar um pau”.¹⁷¹

Últimas considerações

Nesta conclusão, elenquei alguns possíveis objetos de investigação em Juiz de Fora correlatos ao meu trabalho como forma de evidenciar alguns pontos que eu mesmo não pude desenvolver por vários motivos, mas que mesmo assim chamaram minha atenção e que considero interessantes. Daí minha intenção de fazer desta conclusão não um apanhado sucinto de tudo o que foi discutido nesta dissertação, mas uma oportunidade de evidenciar o potencial da cidade no que se refere aos estudos sobre o homoerotismo em sua dimensão sociológica. Para aqueles que se interessarem, fica aqui o convite.

Sobre o meu trabalho, gostaria de acrescentar apenas, a guisa de conclusão, que em suas páginas apresentei um relato daquilo que muitos poderiam adjetivar como opróbrio, como pertencente às profundezas da degenerescência moral e que, por isso mesmo, deveria ser senão limado, ao menos contido em seus limites “subterrâneos” espaciais e morais. Para mim, do ponto de vista analítico, não há objetos de estudo mais dignos do que outros. O que há são possibilidades investigativas. A *pegação* se me mostrou bastante interessante porque revelou a terceira margem daquilo que ainda permanece sob os ataques da intransigência e da normatização: o homoerotismo. Não apenas o desejo em si, mas também, os homens (e mulheres, ainda que elas não tenham sido incluídas neste estudo) que o experimentam e o vivenciam. Esta clandestinidade, apreciada por uns, ou vista como única possibilidade de fuga para outros de meus interlocutores, mostrou possuir suas porções de be-

¹⁷¹ Pude notar, em várias conversas nesses estabelecimentos, ou mesmo fora deles, que a idéia de uma “homossexualidade” normal ou anormal era invocada com base em opiniões próprias e sentimentos de pertença a um grupo tanto para uma qualificação de si quanto para a apreciação de outrem. Também tomei ciência, embora não tenha presenciado, da existência de embates corporais, nas ruas, entre os freqüentadores das diferentes danceterias.

leza e miséria, de gozo (aqui com sentidos dúbios) e de angústias. Qualquer semelhança com a “vida real” não é mera coincidência. A *pegação* é tão vida quanto a castidade “santa”. E no recôndito de sua existência social, percebi que se entrecruzam teias que mesclam desejos libidinosos, inventividade, discursos os mais variados e movimentos de fuga, entre tantas outras. Que não se tome estes homens como espécimes limitados a qualquer fração que seja deles mesmos. Lição antropológica: nenhum de nós é redutível a uma de suas dimensões.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leila. 2003. Deus é pop: sobre a radicalidade do trânsito religioso na cultura popular do consumo. In: SIEPIERSKI, Paulo. GIL, Benedito M. (org.). **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. P. 97-109.
- ARBEX, Daniela. Parque do museu vira ponto de prostituição masculina. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 26 e 27 de junho de 2005. Geral, p. 3.
- _____. Prostituição em parque do museu será combatida. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 28 de junho de 2005. Geral, p. 3.
- ASSAD, Simone. 2000. **Renato Russo de A a Z: as idéias do líder da Legião Urbana**. Campo Grande: Letra Livre.
- AUDIÊNCIA acirra confronto entre evangélicos e gays. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 18 de outubro de 2007. Geral, p. 3.
- BASTOS, Francisco Inácio. 2006. **AIDS na terceira década**. Rio de Janeiro: Fiocruz (Temas em Saúde).
- BATAILLE, Georges. 1980 [1957]. **O erotismo: o proibido e a transgressão**. 2 ed. Tradução de João Bernard da Costa. Lisboa: Moraes Editores.
- BERGLUND, Hans et al. 2006. Brain response to putative pheromones in lesbian women. *PNAS*, v. 103, n. 21. pp. 8269-8274.
- BERGSON, Henri. 1996. La perception du changement. In: **La pensée et le mouvant: essais et conférences**. Paris: Quadrige; Presses Universitaires de France. pp. 143-176.
- BRAGA, Oswaldo. 2007. **Falta moral aos evangélicos**. Disponível em: www.mgm.org.mg.br (Acessado em 26.11.2007)
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. 2006. Macho *versus* macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. In: 30º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 24 a 28 de outubro. **Anais do 30º encontro anual da ANPOCS**. Caxambu: ANPOCS. 1 CD-ROM.
- CÂMARA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA. Lei municipal nº 9791 de 12 de maio de 2000. Versão *on line*: <http://isal.camarajf.mg.gov.br>
- CAMINHA, Adolfo. 1983 [1895]. **Bom-crioulo**. São Paulo: Ática. (Série Bom Livro).
- CLIFFORD, James. 1998. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: Antropologia e Literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. P. 17-62.
- COELHO, Jonas Gonçalves. 2004. Ser do tempo em Bergson. *Interface – Comunicação, saúde, educação*. v.8, n.15. pp. 233-246.
- COSTA, Jurandir Freire. 1992. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

DA MATTA, Roberto. 1978. O ofício de etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, E. de O (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 23-35.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1995 [1980]. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** volume 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34.

_____. 1996 [1980]. Micropolítica e segmentaridade. In: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolmir. Rio de Janeiro: 34.

DIVISÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL DA PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. 2002. **Guia dos bens tombados de Juiz de Fora**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura.

_____. Processo de tombamento nº 3.650 de 1982 (Museu Mariano Procópio).

_____. Processo de tombamento nº 04462 de 1997 (Cine São Luiz).

EPSTEIN, Robert. 2006. Ser ou não ser. *Mente e Cérebro – Scientific American*, ano XIV, n. 165. Tradução de Demétrio Toledo. pp. 40 – 45.

FOOTE-WHITE, William. 1980 [1943]. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba (Sel., Int. e Ver. Téc.). **Desvendando máscaras sociais**. Tradução de Cláudia Menezes. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora. pp. 77-85.

FOUCAULT, Michel. 1985 [1984]. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 246p

_____. 1988. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 11 ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.

_____. 1994 [1984]. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 7 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal. 221p.

FRY, Peter. 1982. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 87-115.

_____. 1982. Homossexualidade masculina e cultos afro-brasileiros. In: **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 54-86.

FRY, Peter. MaCRAE, Edward. 1985. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Abril Cultural (Coleção primeiros passos).

GEERTZ, Clifford. 1989. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC. Pp. 13-41.

GIDE, André. s/d [1911]. **Córidon**. 2 ed. Tradução de Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

GONÇALVES, Joana. **Cine São Luiz: só fachada**. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 10 de julho de 2007. Caderno Dois, p. 1.

- GREEN, James N. 2000 [1999]. **Além do carnaval:** a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Trad. Cristina Filho e Cássio Arantes Leite. São Paulo: UNESP.
- GREEN, James N.; POLITO, Ronald. 2006. **Frescos Trópicos:** fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (187-1980). Rio de Janeiro: José Olympio. (Baú de Histórias).
- GUIMARÃES, Carmem Dora. 2004 [1977]. **O homossexual visto por entendidos.** Rio de Janeiro: Garamond.
- HEILBORN, Maria Luiza. BRANDÃO, Elaine Reis. 1999. Ciências Sociais e sexualidade. In: **Sexualidade:** o olhar das ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 7-17.
- HERCULANO-HOUZEL, Suzana. 2006. O cérebro homossexual. *Mente e Cérebro – Scientific American*, ano XIV, n. 165. pp. 46-51.
- IMAGEM de bebê em campanha de defesa de homossexuais gera polêmica na Itália. **Yahoo Notícias:** <http://www.yahoo.com.br/notícias> Acessado em 24 de outubro de 2007.
- LAGO, Regina Ferro do. 1999. Bissexualidade masculina: uma identidade negociada? In: HEILBORN, Maria Luiza (org). **Sexualidade:** o olhar das ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 157-174.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1997. A ciência do concreto. In: **O pensamento selvagem.** 2 ed. Campinas: Papirus. pp. 15-49.
- LOYOLA, Maria Andréa. 1999. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza (org). **Sexualidade:** o olhar das ciências Sociais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. p. 31-39.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. 1984. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 2002. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *RBCS*, vol. 17, n. 49. pp. 11-29.
- MANZO, Lícia. 2001. **Era uma vez eu:** a não-ficção na obra de Clarice Lispector. Juiz de Fora: UFJF.
- MAUSS, Marcel. 1974. Morfologia social. In: **Sociologia e Antropologia:** volume II. Tradução de Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: EPU; Edusp. 235-331.
- _____. 1979. A expressão obrigatória de sentimentos. In: FERNANDES, Florestan. Mauss. São Paulo: Ática.
- _____. 2003 [1934/1935]. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. pp. 399-422.
- MEAD, Margaret. 1969 [1935]. **Sexo e temperamento.** São Paulo: Perspectiva.
- MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. 1985. **Quando a rua vira casa:** apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3 ed. rev. e atualizada. São Paulo: Projeto.

MENDES, Marise Pimentel. 2006. **Normas técnicas de trabalhos de conclusão de curso e de dissertações de mestrado da Faculdade de Comunicação da UFJF**. Revisão e formatação de Nilson Assunção Alvarenga. Juiz de Fora: UFJF.

MOTT, Luis. 2006. **Homo-afetividade e direitos humanos**. *Estudos feministas*, Florianópolis, 14 (2). Maio/agosto. pp. 509-521.

NA CÂMARA, parada gay gera protestos. **Panorama**, Juiz de Fora, 18 de outubro de 2007. Política, p. 3.

OBRA no Cine São Luiz é interrompida. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 11 de julho de 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. 2000 [1998]. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2 ed. São Paulo: Unesp; Paralelo 15. pp. 17-35.

PASTORES fazem cruzada contra gays na câmara. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 19 de setembro de 2007. Política, p. 2.

PEIRANO, Mariza G. S. 1999. **A alteridade em contexto**: a antropologia como ciência social no Brasil. *Série Antropologia* – 255. Brasília.

_____. 2008. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, v. vol. 2, p. versão 2.0, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Haroldo; SILVA, Wagner. 2007. Lado bi: exemplo de bissexualidade na prática, homens casados com mulheres contam como buscam e administram seus desejos homo. **G Magazine**, Ano 10, Ed. 122. pp. 52-56.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo Perlongher. 1987. O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo. 2 ed. São Paulo: Brasiliense.

PÉTONNET, Colette. 1982. L'observation flottante. L'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*, Vol. 22, n. 4. pp. 37-47.

PISCITELLI, Adriana. GREGORI, Maria Filomena. CARRARA, Sérgio. 2004. Apresentação: sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. In: **Sexualidade e saberes**: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond. P. 9-35.

POLLACK, Michael. 1990 [1988]. **Os homossexuais e a AIDS**: sociologia de uma epidemia. Tradução de Paula Rosas. São Paulo: Estação Liberdade.

_____. 1985[1982]. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). **Sexualidades ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense. pp. 55-76.

POLLARD, Michael. 1993 [1992]. **Margaret Mead**. Tradução de Mônica Manir. São Paulo: Globo.

POMPÉIA, Raul. 1997 [1888]. **O ateneu**. Rio de Janeiro: Klick.

RIOS, Luís Felipe. 2003. Parcerias e práticas sexuais de jovens homossexuais no Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, 19 (sup. 2). Rio de Janeiro. P. 223-232.

ROSENTHAL, Elisabeth. Gene alterado torna mosca homossexual: mudança em 'edição' de sequência de DNA em experimento fez fêmeas se comportarem como macho e vice-versa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 de junho de 2005. Folha Ciência, p. A 22.

ROSSETTI, Regina. 2001. Bergson e a natureza temporal da vida psíquica. *Psicologia: reflexão e crítica*, 14(3). pp. 617-623.

RUSO, Renato. 1991. L'âge d'or. In: URBANA, Legião. V. Rio de Janeiro: EMI. 01 cd, faixa 09.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. 2003. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: Anna Blume.

SARAMAGO, José. 1995. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. Das Letras.

SAVIC, I et al. 2005. Brain response to putative pheromones in homosexual men. *PNAS*, vol. 102, nº 20. pp. 7356-7361.

SEL, Teresa Adada. 1987. **Identidade homossexual e normas sociais**: histórias de vida. Florianópolis: UFSC.

SILVA, Hélio R. S. 1993. **Travesti**: a invenção do feminino. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

_____. 1996. **Certas cariocas**: Travestis e vida de rua no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; Prefeitura.

SILVA, José Fábio Barbosa da. 2005 [1960]. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP. pp. 41-212.

SÍVORI, Horacio Federico. 2005. **Locas, chongos y gays**. Sociabilidad homosexual masculina durante la década de 1990. Buenos Aires: Antropofagia.

THEYS, Jacques; KALAORA, Bernard. 1998 [1992]. Quand la science réinvente l'environnement. In: **La terre outragée**. Paris: Ed. Multimedia. pp. 3-40.

TRAJANO, Marco. 2007. **Uma vela para Deus e outra para o Diabo**. Disponível em: www.mgm.org.mg.br (Acessado em 26.11.2007).

TRIBUNA DE MINAS, 10 de julho de 2007.

_____, 12 de julho de 2007.

_____, 19 de setembro de 2007.

_____, 20 de setembro de 2007.

_____, 28 de setembro de 2007.

VALE, Alexandre Fleming Câmara Vale. 2000. **No escurinho do cinema**: cenas de um público implícito. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará.

VANCE, Carole S. 1995. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *PHYSIS — Revista de Saúde Coletiva*, vol. 5, número 1. pp. 7-31.

VELHO, Gilberto (org.). 1977 [1974]. **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar.

_____. 1981. Observando o familiar. In: **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 121-32.

VEYNE, Paul. 1985. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, Philippe. BÉJIN, André. (org) **Sexualidades ocidentais**: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade. Trad. Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense. pp. 39-49.

VILLA-LOBOS; RUSSO, Renato; BONFÁ, Marcelo. 1997. Clarisse. In: URBANA, Legião. **Uma outra estação**. Rio de Janeiro: EMI. 01 cd, faixa 06.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. O nativo relativo. In: **MANA**, n. 8, vol. 1. p. 113-48.

WEBER, Max. 2005. **Ciência e política**: duas vocações. Tradução de Jean Melville. São Paulo: Martin Claret.

WOLF, Eric R. 2003. Trabalho de campo e teoria. In: **Antropologia e poder**. Organizado por Bela Feldman-Bianco e Gustavo Lins Ribeiro. Tradução de Pedro Maia Soares. Brasília: Editora da UNB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Editora da Unicamp. pp. 345-359.

APÊNDICE

PLANILHA DE DADOS GERAIS DOS ENTREVISTADOS¹⁷²

Planilha de dados gerais																				
Nº	Nome	Idade	1ª Exper. Homos.	Est. Civil	"Identidade"			Tipo			Mora com			Preferências				Local da entrevista		
					Homo.	Heter.	Bi.	At.	Pas.	Dupl.	Fam.	Só	Caso	Idade	Comportamento	Aparência	Tipo			
1	Cs	40	17	solteiro			X			X	X			[25; 40]	não-efeminado	boa	ativo	Cine São Luiz		
2	He	20/30	-	solteiro		X												Parque da Lajinha		
3	Be	43	14	solteiro			X		X		X			todas	indiferente	indiferente	ativo	Parque da Lajinha		
4	Ge	26	18	casado		X					X			[20; 30]	não-efeminado	boa	passivo	Parque da Lajinha		
5	Rb	17	14	solteiro	X				X		X			todas	não-efeminado	indiferente	ativo	Museu M. Procópio		
6	Nb	39	16	solteiro	X					X			X		não-efeminado	boa	versátil	Museu M. Procópio		
7	Xe	89	-	casado		X					X							Cine São Luiz		
8	Mo	33	8	casado			X			X	X			[30;50]	não-efeminado	indiferente	ativo	Casa		
9	Ru	42	12	casado		X		X			X			todas	indiferente	indiferente	passivo	Parque da Lajinha		
10	Rh	50	15	solteiro		X		X				X		[20;30]	não-efeminado	boa	passivo	Museu M. Procópio		
11	Pd	35	16	solteiro			X		X		X			[20;40]	indiferente	indiferente	ativo	Parque da Lajinha		
12	Cd	23	17	solteiro	X					X		X			indiferente	boa		Casa		
13	Te	23	13	solteiro			X			X				todas	indiferente	indiferente	versátil	Cine S. Luiz/Pq Laj.		
14	Ba	35	16	casado		X		X							não-efeminado	indiferente	passivo	Museu M. Procópio		
15	W	38	17	solteiro	X					X	X			todas	não-efeminado	boa	versátil	Casa		
16	Hf	42	17	casado			X			X	X			[25;40]	não-efeminado	boa	versátil	Parque da Lajinha		
17	Ir	22	22	solteiro	X				X		X			[20;30]	não-efeminado	boa	ativo	Cine São Luiz		

¹⁷² Dados em vermelho se referem a indivíduos que não faziam *pegação*.

ANEXO

LEI ROSA

[\[CMJF - Câmara Municipal de Juiz de Fora\]](#) [\[iS@L\]](#)

iS@L

Sistema de Acompanhamento Legislativo

Norma: LEI 09791 2000 **Data de Publicação:** 13/05/2000 **Origem:** Legislativo

Ementa: Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual.

Indexação: DETERMINAÇÃO, AÇÃO, MUNICÍPIO, DISCRIMINAÇÃO, ORIENTAÇÃO, SEXO, HOMOSSEXUAL, SANÇÃO, MULTA, SUSPENSÃO, ALVARÁ

Catálogo: DIREITOS HUMANOS

Lei nº 9791 - de 12 de maio de 2000.

Dispõe sobre a ação do Município no combate às práticas discriminatórias, em seu território, por orientação sexual.

A Câmara Municipal de Juiz de Fora aprova e eu sanciono a seguinte Lei:

Art.1º - Será punida, no Município de Juiz de Fora, nos termos do art.1º, incisos II e III, art.3º, inciso IV e art.5º, incisos X e XLI, da Constituição Federal e do art.114 da Lei Orgânica Municipal, toda e qualquer manifestação atentatória ou discriminatória praticada contra qualquer cidadão homossexual (masculino ou feminino), bissexual ou transgênero.

Art.2º - Consideram-se atos atentatórios e discriminatórios aos direitos individuais e coletivos dos cidadãos homossexuais, bissexuais e transgêneros, dentre outros:

I - submeter o cidadão homossexual, bissexual ou transgênero a qualquer tipo de ação violenta, constrangedora, intimidatória ou vexatória, de ordem moral, ética, filosófica ou psicológica;

II - submeter o cidadão homossexual, bissexual ou transgênero a qualquer tipo de ação violenta com o emprego de agressão física;

III - proibir o cidadão homossexual, bissexual ou transgênero de ingressar ou permanecer em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado;

IV - praticar atendimento selecionado que não esteja devidamente determinado em Lei;

V - preterir, sobre-taxar ou impedir a hospedagem em hotéis, motéis, pensões ou similares;

VI - preterir, sobre-taxar ou impedir a locação, aquisição, arrendamento ou empréstimo de bens móveis ou imóveis de qualquer finalidade;

VII - praticar o empregador, ou o seu preposto, atos de demissão direta ou indireta em função da orientação sexual do empregado;

VIII - Inibir ou proibir a admissão e o acesso profissional em qualquer estabelecimento público ou privado em função da orientação sexual do profissional.

IX - proibir a livre expressão e manifestação de afetividade do cidadão homossexual, bissexual ou transgênero, sendo estas expressões e manifestações permitidas aos demais cidadãos.

Art.3º - São passíveis de punição o cidadão, inclusive os detentores de função pública, civil ou militar, e toda e qualquer organização social ou empresa, sejam elas detentoras de personalidade física ou jurídica, com ou sem fins lucrativos, de caráter privado ou público, instaladas no município, que intentaram contra o que dispõe essa Lei.

Art.4º - A prática dos atos discriminatórios a que se refere esta Lei será apurada em processo administrativo, que terá início mediante:

I - reclamação do ofendido;

II - ato ou ofício de autoridade competente.

Art.5º - O cidadão homossexual, bissexual ou transgênero que for vítima dos atos discriminatórios mencionados no art.1º desta Lei poderá apresentar sua denúncia pessoalmente ou por carta, telegrama, telex, via internet ou fax ao órgão municipal competente e/ ou Organizações Não-Governamentais que lutam pela cidadania e Direitos Humanos.

§ 1º - A denúncia deverá ser fundamentada através da descrição do fato ou ato discriminatório, seguido da identificação de quem fez a denúncia, garantindo-se, na forma da Lei, o direito de sigilo.

§ 2º - Recebida a denúncia, competirá à Secretaria Municipal de Atividades Urbanas a lavratura do auto de infração.

Art.6º - O auto de infração a que se refere o artigo anterior deverá ser impresso, numerado em série, preenchido de forma clara e precisa, sem emendas, rasuras ou entrelinhas, e conterá as seguintes informações:

I - local, data e hora da lavratura;

II - nome, endereço e qualificação do autuado;

III - a descrição do fato ou ato constitutivo da infração;

IV - o dispositivo legal infringido;

V - a notificação para apresentação de defesa no prazo de 10 (dez) dias;

VI - a identificação do agente autuante, contendo sua assinatura, cargo ou função e o número da matrícula;

VII - a assinatura do autuado.

§ 1º - A assinatura do autuado no auto de infração constitui notificação, para efeito do disposto no inciso V deste artigo, devendo, na contagem do prazo, ser excluído o dia primeiro dia útil se cair em feriado, se cair em feriado, sábado ou domingos.

§ 2º - Se o autuado recusar-se a assinar o auto de infração, o agente autuante consignará o fato no próprio documento, remetendo-o, via postal ao autuado, com aviso de recebimento ou do outro procedimento equivalente, que valerá como notificação.

§ 3º - Quando o infrator não puder ser notificado pessoalmente ou por via postal será feita a notificação por edital divulgado na imprensa oficial do município.

Art.7º - O autuado poderá apresentar defesa, no prazo de 10 (dez) dias, contados da notificação, indicando as razões de fato e de direito que fundamentaram sua impugnação e as provas que pretende produzir.

Art.8º - Decorrido o prazo mencionado no artigo anterior, com ou sem impugnação, os autos serão remetidos à Secretaria Municipal de Negócios Jurídicos, que determinará as diligências cabíveis e as provas a serem produzidas, podendo requisitar, do autuado e de quaisquer entidades públicas ou particulares, as informações e os documentos imprescindíveis à elucidação e decisão do caso.

Art.9º - Caberá à Secretaria Municipal de Negócios Jurídicos, após apreciar a defesa apresentada pelo autuado, o julgamento do processo administrativo.

Parágrafo único - A decisão administrativa deverá conter o relatório dos fatos, os fundamentos de fato e de direito e o dispositivo infringido.

Art.10 - Julgado o processo, o autuado será intimado da decisão no prazo de 05 (cinco) dias.

§ 1º - Da decisão condenatória, caberá recurso, em última instância, com efeito suspensivo, ao Prefeito Municipal, no prazo de 10 (dez) dias, contados da intimação da decisão.

Art.11 - As penalidades impostas aos que praticarem atos de discriminação, por qualquer dos motivos elencados no artigo 2º desta Lei, ou qualquer outro que seja atentatório aos direitos e garantias fundamentais da pessoa humana, serão as seguintes, aplicadas progressivamente da maneira a seguir:

I - advertência;

II - multa de 1.000 (um mil) UFIRs;

III - multa de 3.000 (três mil) UFIRs, em caso de reincidência;

IV - suspensão do alvará de funcionamento por 30 (trinta) dias;

V - cassação do alvará de licença e funcionamento.

§ 1º - As penas mencionadas nos incisos II, III, IV e V, deste artigo, não se aplicam aos órgãos e empresas públicas, cujos responsáveis serão punidos na forma do Estatuto dos Servidores Públicos Municipais.

§ 2º - A capacidade econômica do estabelecimento infrator poderá ser levada em consideração na aplicação das penalidades ora estabelecidas.

§ 3º - Os valores das multas previstas nos incisos II e III deste artigo poderão ser elevados em até 10 (dez)

vezes quando for verificado que, em razão do porte do estabelecimento, resultarão inócuos.

§ 4º - Quando for imposta a pena prevista no inciso V supra, deverá ser comunicado, imediatamente, o órgão expedidor do respectivo alvará de funcionamento, a quem compete cassá-lo;

§ 5º - Em caso de ação ser praticada por pessoa física, o Poder Público, através do órgão competente, imediatamente oferecerá denúncia ao Ministério Público.

Art.12 - Aos servidores públicos municipais, no exercício de suas funções e/ou em repartição pública que, por ação ou omissão, deixarem de cumprir os dispositivos da presente Lei, serão aplicadas as penalidades cabíveis nos termos do Estatuto dos Servidores Públicos Municipais.

Art.13 - O conhecimento de situação que afronte as garantias previstas nesta lei, ou seja, quando ocorra qualquer tipo de discriminação contra o cidadão, acarretará independentemente de denúncia da vítima, a lavratura imediata de auto de infração, dando-se início ao competente processo administrativo, no qual será assegurada ampla defesa.

Art.14 - O Município criará o Centro de Referência para a Defesa e Valorização da Auto-Estima e Capacitação Profissional do Cidadão Homossexual, bissexual e transgênero, de forma a permitir a sua inserção com dignidade e respeito no ambiente social e o combate às ações de natureza homofóbicas.

Art.15 - Cópias desta Lei serão, obrigatoriamente, distribuídas pelo município e afixadas pelos estabelecimentos em locais de fácil leitura pelo público.

Art.16 - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço da Prefeitura de Juiz de Fora, 12 de maio de 2000.

a) TARCÍSIO DELGADO - Prefeito de Juiz de Fora.

a) GERALDO MAJELA GUEDES - Secretário Municipal de Administração.

[\[CMJF - Câmara Municipal de Juiz de Fora\]](#) [\[S@L\]](#)